



Da
Agromia
à **UFGD**

Edgard Jardim Rosa Junior



2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
GRANDE DOURADOS

Gestão 2015-2019

Reitora: Liane Maria Calarge

Vice-Reitor: Marcio Eduardo de Barros

EQUIPE EDUFGD

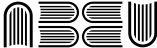
Coordenação editorial: Rodrigo Garófallo Garcia

Divisão de administração e finanças: Givaldo Ramos da Silva Filho e Rafael Todescato Cavalheiro

Divisão de editoração: Brainer de Castro Lacerda, Cynara Almeida Amaral, Maurício Lavarda do Nascimento, Raquel Correia de Oliveira,

Rosalina Dantas da Silva e Wanessa Gonçalves Silva

e-mail: editora@ufgd.edu.br

Editora filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

*A presente obra foi aprovada de acordo com
o Edital n. 01/2018/EDUFGD.*

CONSELHO EDITORIAL

Rodrigo Garófallo Garcia - Presidente,

Marcio Eduardo de Barros, Fabiano Coelho,

Clandio Favarini Ruviano, Gicelma da Fonseca

Chacarosqui Torchi, Rogério Silva Pereira e

Eliane Souza de Carvalho

Revisão e normalização bibliográfica:

Cynara Almeida Amaral e Raquel Correia de Oliveira

Projeto gráfico, diagramação e capa:

Maurício Lavarda do Nascimento

Fotografia da capa: Acervo da Faculdade de Ciências Agrárias - FCA/UFGD.

Impressão e acabamento: Triunfal Gráfica e

Editora - Assis - SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R788a Rosa Junior, Edgard Jardim.
Da agronomia à UFGD. / Edgard Jardim Rosa Junior. – Dourados, MS : Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
351 p.

ISBN: 9788581471792.

1. Curso de agronomia. 2. História da agronomia. 3. Agronomia da UFGD. I. Título.

CDD 23. ed.- 631

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

05	AGRADECIMENTOS
09	AS RAZÕES DO LIVRO
15	DO DESEJO E DA LUTA DA COMUNIDADE PELA “AGRONOMIA” ATÉ A CONSTRUÇÃO DOS SEUS PRÉDIOS
17	Contextualização da necessidade da “Agronomia” em Dourados: do início do processo de colonização até o final da década de 1950
30	A comunidade inicia sua luta pela Faculdade de Agronomia
61	DA CONSTRUÇÃO DE SEUS PRÉDIOS ATÉ A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE AGRONOMIA
61	A luta pela Faculdade de Agronomia continua
91	“Agronomia em Dourados: o ideal para o estado”
115	Das palavras à ação

Sumário interativo.

Clique no título desejado
para ser direcionado à
página indicada.

133	AS ADMINISTRAÇÕES E AS PESSOAS DA AGRONOMIA APÓS SUA IMPLANTAÇÃO
140	O Núcleo Experimental de Ciências Agrárias
175	Os departamentos de Agronomia e de Ciências Agrárias
189	As coordenações do curso de Agronomia
191	O Programa de Pós-Graduação em Agronomia
203	Fazenda Experimental de Ciências Agrárias (FAECA)
215	PROFESSORES, TÉCNICOS E ESTUDANTES E SUAS AÇÕES PELA AGRONOMIA
215	Os professores e técnicos administrativos do curso de Agronomia
235	Os estudantes da Agronomia e algumas de suas ações para o curso
278	O Programa de Educação Tutorial: PET/Agronomia
280	Empresa Júnior do curso de Agronomia
283	A CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (FCA) E DA UFGD
301	CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS
305	REFERÊNCIAS
317	APÊNDICE – Os formandos do curso de Agronomia da UEMT/UFMS/UFGD



AGRADECIMENTOS

Ao ex-prefeito de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira, pela fonte de material histórico e pelas entrevistas fornecidas.

Ao Instituto Memória, do Poder Legislativo do estado de Mato Grosso, pelo fornecimento de cópias de todas as leis e decretos solicitados.

Ao Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), pelo acesso à consulta e à disponibilização de materiais impressos e fotográficos.

Aos amigos Sultan Rasslan, ex-deputado estadual e ex-presidente da Câmara Municipal de Dourados e sua esposa, Prof.^a Irene Rasslan, ex-colega de trabalho, da área de História do Centro Universitário de Dourados (CEUD)/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), por entrevistas e materiais fornecidos.

Aos jornais *Diário MS*, *Jornal da Praça*, *Jornal da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Tribuna Liberal*, *Jornal do Comércio*, *Diário da Serra*, *Folha de Dourados*, *Diário de Cuiabá*, *Correio do Estado*, *Pan Rural*, *Folha de Londrina* e *O Panorama*, fontes

de reportagens históricas relativas ao curso de Agronomia, sem as quais esse relato histórico dificilmente teria sido explanado.

Ao jornal *O Progresso*, que, além de ser fonte de muito material histórico, cujas cópias me foram cedidas, possibilitou, por três momentos diferentes, a chance de fazer consultas em seus arquivos.

À Secretaria Acadêmica da UFGD, pelo fornecimento de cópias das atas de colação de grau dos formandos do curso de Agronomia.

Ao ex-colega de trabalho, 1º chefe do antigo Departamento de Agronomia e amigo Domingos Sávio de Souza e Silva, pelas lembranças reavivadas durante as entrevistas realizadas.

Ao ex-colega de trabalho e ex-diretor do CEUD, Prof. Dr. Lauro Chociai, pela entrevista e pelos materiais fornecidos.

À Prof.^a Dr.^a Maria Eugênia Carvalho do Amaral, ex-colega do antigo CEUD/UFMS, e à sua mãe, D. Neusa Carvalho do Amaral, pelo apoio prestado, via entrevistas e materiais fornecidos.

À ex-colega de trabalho do CEUD/UFMS, Prof.^a Dr.^a Lori Alice Gressler, pela entrevista concedida e pelo fornecimento de material histórico de grande valor, dentre os quais se destacou um vídeo gravado com o Prof. Celso Müller do Amaral, em 1988.

Ao ex-diretor do Centro Pedagógico de Dourados (CPD)/Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), Prof. Milton José de Paula, pela entrevista fornecida, assim como pelo encaminhamento de materiais históricos.

À Faculdade de Ciências Agrárias, pelo apoio e possibilidade de pesquisa em seus arquivos históricos.

Ao escritor Adilvo Mazzini, pela entrevista concedida e pelos materiais fornecidos.

Ao Centro Acadêmico de Agronomia, pelo fornecimento de materiais históricos da fase inicial do curso de Agronomia.

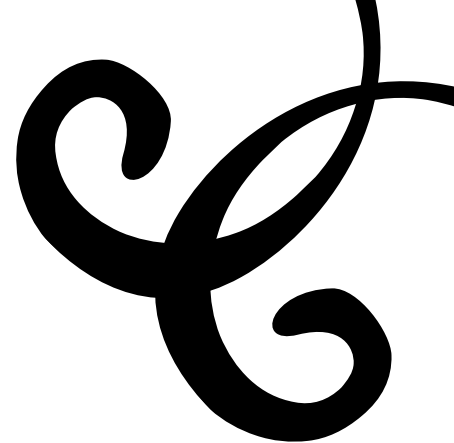
À ex-colega de trabalho do Departamento de Agronomia/Ciências Agrárias/Faculdade de Ciências Agrárias, Prof.^a Dr.^a Paula Pinheiro Padovese Peixoto, pelas sugestões fornecidas e a revisão textual.

À Editora da UFGD, representada pelo seu Coordenador, ex-colega de trabalho, Prof. Dr. Rodrigo Garófallo Garcia, pelo incentivo à impressão desse livro.

À Prof.^a Dr.^a Yara Brito Chaim Jardim Rosa (*in memoriam*), pelo apoio e incentivo dados à produção desse material histórico do povo douradense e de nossas vidas.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esse trabalho pudesse ser concluído.

AS RAZÕES DO LIVRO



A razão pela qual se pretendeu relatar a história do curso de Agronomia, da atual Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), se baseou no fato de que, mesmo sabendo que todos os anos no Brasil são criados e implantados muitos cursos superiores, dentre eles, muitos de Agronomia, essa história transcendeu os procedimentos que ocorrem no interior das universidades, em um ambiente puramente acadêmico.

O desejo de instituir um curso técnico na área de Agronomia para a chamada região da Grande Dourados-MS partiu da comunidade para a universidade que, por sinal, até aquele momento ainda nem existia. Vale ressaltar que essa “universidade”, não é a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e muito menos a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Estou me referindo à Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), em uma época em que o antigo estado de Mato Grosso ainda não tinha sido dividido, a qual, depois da divisão do estado, foi transformada em UFMS pelo governo federal.



O desejo e (por que não dizer?) a exigência da comunidade douradense e regional por uma Faculdade de Agronomia se estendeu por décadas, inicialmente motivada pela união e pela necessidade de pequenos produtores rurais.

A criação, e mais tarde a implantação, do curso de Agronomia, hoje da UFGD, tem uma intensa e longa história de luta de toda região da Grande Dourados que, em meados do século XX, abrangia grande parte do sul do antigo estado de Mato Grosso, sendo hoje o sul de Mato Grosso do Sul. Essa região é composta, nos dias atuais, por mais de trinta municípios, daí o termo região da “Grande Dourados”.

Essa luta, que se iniciou pouco depois da implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), pela ação inovadora do ex-presidente Getúlio Vargas, foi mais tarde capitaneada por políticos que a representavam. Estes tiveram a sensibilidade de perceber o desejo da comunidade regional e lutaram a favor deles.

A luta que os políticos de toda a região se empenharam em empreender e vencer partiu de dentro das casas dos cidadãos comuns e de reuniões patrocinadas inclusive por representantes da igreja católica que, em uma determinada época, chamou para si a responsabilidade de ensinar técnicas agrícolas aos colonos recém-assentados na Colônia Agrícola Nacional de Dourados. Oriundos de várias regiões do Brasil, especialmente do Nordeste, esses colonos eram carentes de conhecimentos agrícolas e das especificidades de nossos solos e clima. Esse anseio saiu dos recintos fechados e tomou conta dos palanques, das ruas e de mesas de reuniões de políticos regionais por anos, assim como das tribunas das câmaras legislativas: federal, estadual e municipal. Aquela foi uma luta “comprada” pelos representantes desse povo, homens que, na época, tinham um contato muito próximo com seu eleitorado e, portanto, o ouvia, o respeitava e eram levados a empenhar-se por seus interesses.

O pretenso enaltecimento que ora é realizado aos políticos dessa região não é gratuito, mas completamente merecido, uma vez que, além de atenderem aos desejos do povo de Dourados e região, tiveram que empreender uma grande luta contra políticos ligados à cidade de Campo Grande, que tinham o interesse específico de que a Faculdade de Agronomia de Dourados (como ela ficou conhecida naquela época) fosse implantada na cidade de Campo Grande, isso depois de mais de vinte anos de lutas do povo douradense.

Mesmo após a definição da implantação desse curso em Dourados, os políticos que tinham interesse que essa implantação ocorresse em Campo Grande, a maior cidade do sul do antigo estado de Mato Grosso, chegaram a postar na imprensa dessa cidade e na de Cuiabá que a implantação em Dourados somente ocorreu em função da intransigência e da truculência política utilizada pelos representantes do povo da região da Grande Dourados.

Na verdade, se houve intransigência daqueles que se empenharam em trazer para Dourados esse curso superior, foi no sentido de atender à população local. Com essas ações ficou claro que, além de grandes lutadores por essa “causa da comunidade regional”, os nossos políticos foram hábeis no exercício de fazer política, pois eles sempre foram minoria no contexto estadual.

Ainda em se tratando de intransigência, não se pode deixar de pontuar que ela realmente ocorreu, inclusive dentro da própria Universidade Estadual de Mato Grosso. Prova disso está no fato de que a Faculdade de Agronomia de Dourados foi criada por Lei em 1968, quase um ano antes da criação da própria UEMT, criada por Lei em 1969 e implantada em seguida. Então, como é possível um curso que foi criado antes da própria universidade, que teve a construção de um conjunto de

prédios no centro da cidade de Dourados, no final de 1971, ter sido implantado somente dez anos depois de sua criação oficial, ou seja, no final de 1978?

A ação dos políticos de Campo Grande era tamanha que esse fato ficou gravado na mente de muitos douradenses até os dias atuais. Prova disso é um comentário de Ferreira (2011) que, ao elaborar um artigo sobre o desejo de Dourados de que a ferrovia (outra luta dos políticos regionais da atualidade) passasse por aqui, escreveu a seguinte frase no decorrer de sua narrativa:

Quanto ao debate da ferrovia, o jogo só está começando, não é tarde ainda, mas temos que tomar cuidado, pois outrora políticos da capital quiseram tirar a nossa Faculdade de Agronomia que seria instalada em Dourados para implantá-la em Campo Grande. Sabem os senhores quem estava por trás? (FERREIRA, 2011).

O povo lutou pelo que queria e foi merecidamente agraciado com a criação/implantação desse curso, que, para a época, poderia ser considerada uma vitória muito saborosa.

É necessário que se ressalte ainda que, mesmo após a implantação, muita movimentação ocorreu para que a qualidade do ensino a ser ministrada para os estudantes fosse a melhor. Nesse caso os esforços ocorreram por parte dos professores e foram especialmente realizados pelos primeiros estudantes do curso, os quais, em um período de pós-revolução, tinham desejo intenso de serem participativos e se antepunham à ideia de que o curso, já em funcionamento em Dourados, fosse transferido para Campo Grande.

Não tenho dúvida de que os nossos primeiros estudantes foram os grandes responsáveis por quem somos e pelo que temos. Na verdade, esses ensinaram aos demais estudantes da UFMS a lutar pelos seus interesses.

Outro motivo que nos moveu a elaborar essa compilação histórica se baseia no fato de que os atores que participaram da luta pela criação, implantação e consolidação da Faculdade de Agronomia de Dourados, hoje sob a denominação de curso de Agronomia da Faculdade de Ciências Agrárias da UFGD, merecem ser lembrados pelas lutas que travaram e pelo suor que derramaram após a sua implantação.

Algumas pessoas ativas nesse processo já faleceram e não sabemos se receberam os devidos agradecimentos, até porque um muito obrigado dito oralmente também morre ao vento. É necessário registrar essa história para que os nossos filhos e netos possam saber o que foi feito, bem como entender as razões que fizeram esses “atores” agirem da forma como agiram. O que levou um governador, como foi o caso do Sr. José Garcia Neto, em final de mandato e sabendo que sua carreira política estava praticamente no fim, a tomar uma decisão em benefício de um povo com o qual nunca mais teria contato? Foi pelo bom censo ou um ato puramente político?

A terceira justificativa está centrada na oportunidade de oferecer conhecimento àqueles que mais tarde terão a oportunidade de vivenciar o ambiente do curso de Agronomia da UFGD, dos atos mais significativos que foram realizados para que ele pudesse ter sido implantado.

Por fim, e não menos importante, tem-se a quarta e última justificativa para se realizar esse registro histórico. Ela é embasada no fato de que é necessário deixar clara uma injustiça ocorrida no passado com a comunidade douradense. Não só esta, mas a comunidade da região da Grande Dourados, em função da luta empreendida para que aqui fosse implantada a Faculdade de Agronomia de Dourados, conseguiu um conjunto de edificações para abrigá-la, mas, a contragosto dessa mesma comunidade, políticos do estado de Mato Grosso transformaram esse conjunto de

edificações recém-construídas no Centro Pedagógico de Dourados (CPD), como *campus* da UEMT e mais tarde foi denominado de Centro Universitário de Dourados (CEUD), como *campus* da UFMS.

Se não fosse, portanto, pela Faculdade de Agronomia de Dourados, não se teriam construído os prédios onde se instalou o CPD/CEUD. Toda essa luta e estrutura inicial foi um chamariz para que se instalasse em Dourados o Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) e a Faculdade Anhanguera, ambas particulares, além da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), cuja sede é em Dourados. Em 2005, foi criada a UFGD, a partir do antigo CEUD, além de existir vários outros cursos superiores ligados a outras instituições de ensino.

Não tenho dúvida ao dizer que o ensino superior passou a ser, para essa região, um dos grandes pilares de sustentação de sua economia e apoio à outras atividades econômicas, dentre elas as ligadas, direta ou indiretamente, à agropecuária, ao comércio e imobiliárias.

DO DESEJO E DA LUTA DA COMUNIDADE PELA “AGRONOMIA” ATÉ A CONSTRUÇÃO DOS SEUS PRÉDIOS

O processo de criação de cursos superiores nos dias atuais, assim como o período de sua implantação e, mais tarde, sua consolidação, dentro de uma universidade federal brasileira, tem caráter puramente acadêmico e administrativo, sendo interno às instituições. Nesse contexto, não é raro observar demandas locais e/ou regionais, bem como considerar opiniões de entidades de classe. Desconheço, no entanto, nos meus 37 anos de ensino/administração superior, um processo tão longo e com tanto clamor público como foi o caso da criação e implantação do curso de Agronomia, hoje da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

É muito importante notar que o curso de Agronomia só foi implantado dez anos após sua criação, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), como parte integrante do Centro Pedagógico de Dourados (CPD). Mais tarde o CPD recebeu a denominação de Centro Universitário de Dourados (CEUD). Portanto, pelo menos na esfera oficial, esse curso seria um dos precursores históricos do ensino superior no atual estado de Mato Grosso do Sul.

Vale ressaltar que a UEMT foi criada ainda quando o estado de Mato Grosso era uno, ou seja, antes de sua divisão. Depois de implantada, a UEMT possuía, além de sua sede que era em Campo Grande, centros de ensino nas cidades de Aquidauana, Corumbá, Dourados, Rondonópolis e Três Lagoas.

Quando ficou conhecido como CEUD, já fazia parte da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que foi originada pela federalização da UEMT. Essa federalização ocorreu com a divisão do estado de Mato Grosso e criação de Mato Grosso do Sul, uma vez que Mato Grosso já tinha a sua Universidade Federal. Em 1996, com a alteração no Estatuto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para adequá-lo à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, o CEUD passou a ser denominado de *campus* de Dourados da UFMS.

Em 2005, o *campus* de Dourados, assim como todos os cursos nele existentes na época, passou a ser base da recém-criada UFGD. Até que tudo isso acontecesse muita história aconteceu e, da mesma forma que a comunidade douradense, muitos atores contribuíram para que o curso fosse efetivamente implantado em Dourados.

Faz-se necessário salientar que, embora se tenha hoje o curso de Agronomia na UFGD, desde que a comunidade regional verificou sua necessidade e por ele começou a lutar, muitos nomes lhe foram dados, alguns podendo ser lembrados, como: Faculdade de Agronomia, Escola de Agronomia, Escola Superior de Agronomia, Faculdade de Agronomia de Dourados, Faculdade de Técnicas da Agronomia, curso Agro Técnico e curso de Técnico de Agronomia. Seja qual for o nome que os habitantes dessa região lhe davam na época, desde que ele começou a ser requerido, o que eles desejavam era um curso que lhes desse apoio no trato da agricultura, que estava começando a emergir na região.

Contextualização da necessidade da “Agronomia” em Dourados: do início do processo de colonização até o final da década de 1950

Embora eu já tenha lido um relato impresso que considera a implantação da UFGD o evento mais importante para Dourados e região, não posso concordar. Embora seja o maior evento recente, é fruto de muitas ocorrências do passado e de uma conjuntura política momentânea, que ocorreu entre 2004 e 2005, em que houve um alinhamento político-partidário entre município, estado e federação, tornando possível uma luta antiga dos professores do antigo CEUD. Mais do que isso, a UFGD somente pode ser criada e implantada em função das boas peculiaridades econômicas, populacionais e sociais da região da Grande Dourados.

Em minha ótica, o fato mais importante que ocorreu na região da Grande Dourados foi a aceleração do processo da agropecuária, que por sua vez começou a emergir a partir da gestão do presidente Getúlio Vargas, com os trabalhos no programa Marcha para Oeste. A partir desse programa foi implantada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), que se tornou o evento de destaque em nossa região.

De acordo com Gressler e Swansson (1988) e História de Dourados (2000), o início de Dourados se deu pela fixação de ex-combatentes da guerra do Paraguai, pela vinda de gaúchos, em sua maioria fugitivos das consequências da Revolução Federalista ocorrida no Rio Grande do Sul entre 1893-1895, e pela presença da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), até Itahum. A NOB atraiu muitos paulistas entre 1904 e 1914.

A Companhia Mate Laranjeira chegou a ser um estado dentro do país, com concessão de terras de 5 milhões de hectares para explorar erva-mate nativa. Essa Companhia teve origem numa recompensa que o Governo Imperial deu a Thomas Laranjeira por seu auxílio na Guerra do Paraguai e teve sua primeira base em Concepción, no Paraguai. Em 1882 um decreto imperial consolidou a concessão.

Deve-se enfatizar, no entanto, que os problemas dessa região começaram muito antes disso e foram em grande parte decorrentes da guerra com o Paraguai, pois, de acordo com Gressler e Vasconcelos (2005), o que restou para o sul de Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul), foram fazendas destruídas, grandes áreas abandonadas, população dispersa e grave crise econômica.

Após o término da guerra, os antigos donos começaram a voltar às suas propriedades, no mesmo momento em que começou a entrar capital estrangeiro. Esse capital chegou a ocupar uma área aproximada de 4.582.610 hectares, criando-se verdadeiros impérios dentro do território brasileiro (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005). O ritmo de crescimento foi lento e um dos grandes empecilhos foi a própria Companhia Mate Laranjeira, que dificultava o estabelecimento de novos colonos.

Ao mesmo tempo em que se espalhava a notícia sobre as terras férteis, o seu processo de existência começou a ocorrer, nos idos de 1914, quando foi criado o Distrito de Paz de Dourados, vinculado a Ponta Porã. Mas já em três de setembro de 1915, via decreto n. 402, o governo estadual reservou 3.600 hectares de terras para o patrimônio de Dourados (AMARAL, 2005). Essa autora ainda ressalta que a

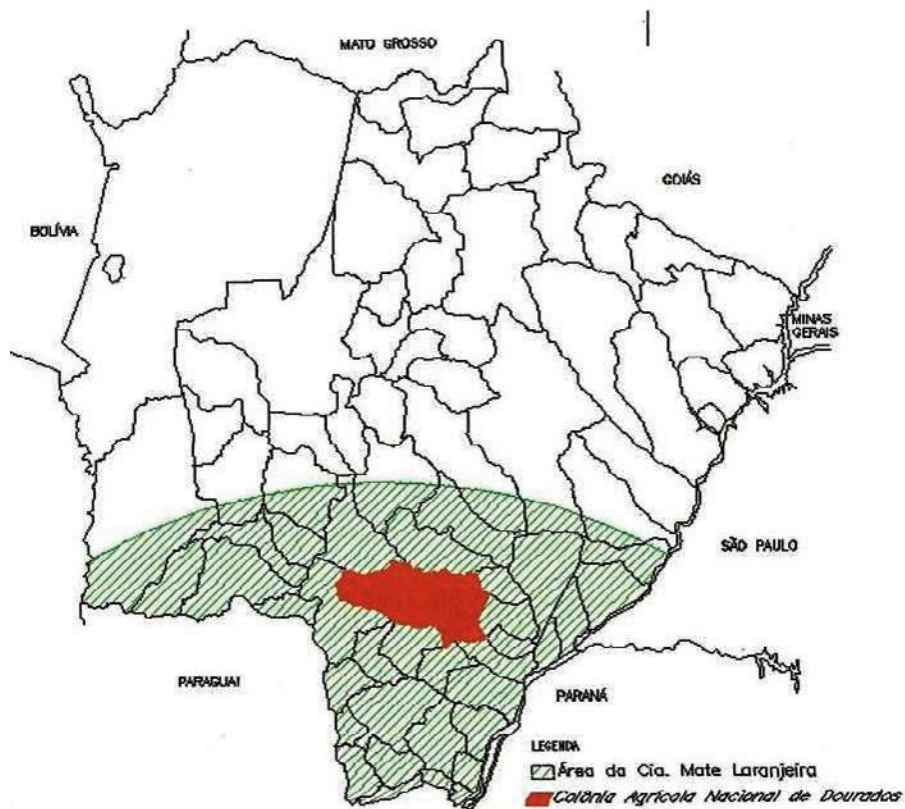
presença de colonos na região sempre enfrentou contratempos causados pela Companhia Mate Laranjeira, que, além de ter adquirido terras, arrendou 1 milhão de hectares do governo federal.

Para Gressler (2012), ainda antes de 1870, já existiam povoações espalhadas pelo território onde hoje se localiza Mato Grosso do Sul, como fortes militares para a proteção das fronteiras e das vias fluviais, pequenos vilarejos e fazendas extensivas de criação de bovinos, sendo que o domínio e a influência exercidos pela Companhia Mate Laranjeira (1870-1943) se estendiam a uma região de aproximadamente 5 milhões de hectares, cuja influência pode ser notada a seguir na Figura 1. Essa figura também localiza geograficamente a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), criada bem mais tarde, no governo de Getúlio Vargas.

Tentando facilitar a vida dos colonos, já em 1915, o governo de Mato Grosso garantiu a preferência de ocupação aos migrantes que estivessem estabelecidos antes de 1914.

Amaral (2005) aponta que, quando Dourados foi criado, em 1935, o presidente do Brasil era Getúlio Vargas, o qual lançou a Marcha para Oeste, programa que envolvia, além das questões econômicas, a unificação nacional por meio de um programa de colonização dirigida, pois 80% dos brasileiros viviam ou dependiam do setor rural naquela época.

Figura 1 - Área de influência da Companhia Mate Laranjeira.
Ao centro delimitações da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND).



Fonte: SMANIOTTO, 2007.

Como os problemas eram muito grandes, até o governo estadual da época tinha grandes preocupações com a grande área de terra praticamente desabitada e tinha, nos processos de colonização, um dos mais eficientes meios de integração e crescimento regional, como se verifica nas colocações de Gressler (2012). Esta autora explicitou que ainda em 1923, vinte anos antes da criação da CAND, o governador do Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa, havia reservado, por meio de Decreto, uma área de 50 mil hectares para reforma agrária e a teria desmembrado de Ponta Porã. O nome dado a esse projeto de assentamento foi Colônia Agrícola Municipal de Dourados, no entanto, ele somente foi implantado vinte anos mais tarde e originou o atual município de Itaporã.

Queiróz (2008), discorrendo sobre a história da implantação da CAND, pontuou que a preocupação do governo nacionalista era muito grande para com essa região, pois, além de grandes “espaços vazios”, ainda havia grande influência de paraguaios, inclusive com larga disseminação do idioma guarani.

Foi nessa época que o governo federal criou cinco novos territórios nacionais, dentre eles o de Ponta Porã (Figura 2), e organizou as Colônias Agrícolas, sendo então oficializada a CAND, pelo decreto Federal n. 5.941, de 28 de outubro de 1943, com área a ser demarcada não inferior a 300 mil hectares, onde os colonos teriam assistência médica, empréstimo de máquinas, de animais de carga e de insumos agrícolas. O colono que não cultivasse a terra ou que tivesse má conduta poderia perder a propriedade, que variava de 20 a 50 hectares (GRESSLER; SWENSSON, 1988). Os mesmos autores apontam que quando a primeira demarcação foi feita, encontraram uma área de 409 mil hectares, das quais 267 mil foram efetivamente destinados à CAND.

Figura 2 - Território Nacional de Ponta Porã, criado em 13 de setembro de 1943, pelo presidente Getúlio Vargas.



Fonte: GRESSLER; VASCONCELOS, 2005.

Com a criação da CAND, que teve como primeiro administrador o Sr. José Coutinho Aguirre, um objetivo secundário do governo federal era acabar com o monopólio exercido pela Companhia Mate Laranjeira (AMARAL, 2005).

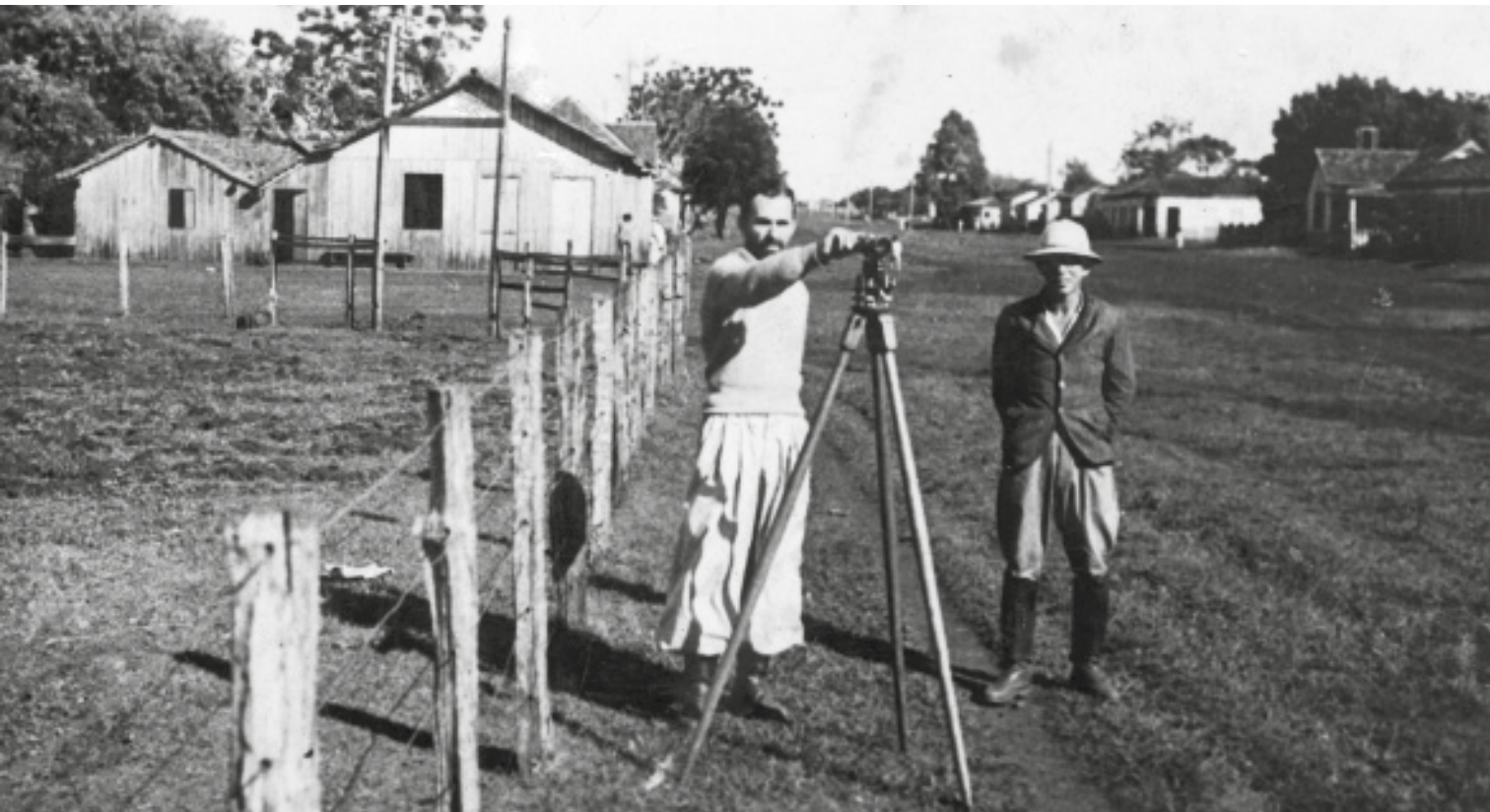
Embora criada em 28 de outubro de 1943, os primeiros colonos da CAND somente foram assentados no final da década de 1940. Aparentemente, o interesse do governo federal era ainda maior com essa implantação e buscava, inclusive, a formação de cooperativas de produção e comercialização de insumos e de produtos. A CAND era vista pela população local como uma promessa de proporcionar um grande desenvolvimento na agricultura e de ser exportadora de cereais a outros

centros consumidores, como Maracaju, Campo Grande e São Paulo. Em função disso, a imprensa regional insistia para que houvesse um tronco da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil até Dourados (AMARAL, 2005).

A pessoa, talvez a primeira, que verificou a necessidade de existir uma Faculdade de Agronomia para essa região foi justamente o primeiro administrador da CAND, de 1943 a 1950, o Sr. José Coutinho Aguirre, solicitando várias vezes, tanto em reuniões com assentados como com as lideranças locais. Além de ser administrador da CAND, ele era agrimensor, chegando a demarcar ruas de Dourados juntamente com o Sr. Vlademiro do Amaral, pai do Prof. Celso Müller do Amaral, que também era agrimensor e mais tarde viria a ser outro benemérito da Faculdade de Agronomia de Dourados, os quais podem ser observados na Figura 3.

Essa demanda do Sr. José Coutinho ocorreu por verificar, de forma direta e intensa, que os colonos, recém-assentados, necessitavam de apoio técnico, especialmente por terem sido assentados em uma região com solo e clima diferentes de suas regiões originais. Como as necessidades dos colonos eram grandes e em todas as áreas do conhecimento agrônomo, o Sr. José Coutinho enfatizava que somente com a implantação de uma Escola Agrícola, ou ainda melhor, uma Faculdade de Agronomia, se poderia salvar a situação local da CAND. Esse depoimento, fornecido pelo Prof. Celso Müller do Amaral em 1988, foi gravado em vídeo pela Prof.^a Dr.^a Lori Alice Gressler. Em outro momento dessa entrevista, o Prof. Celso Amaral ainda colocou que, por interferência política, o referido administrador da CAND foi mais tarde demitido e, a partir daí, a produção da agricultura local reduziu a praticamente zero.

Figura 3 - José Coutinho Aguirre e Vlademiro do Amaral demarcando uma rua de Dourados.



Fonte: Arquivo pessoal do ex-deputado estadual Celso Miller do Amaral.

Essas colocações podem também ser atestadas por uma carta que o Sr. José Coutinho Aguirre escreveu, nos idos de 1978, ao prefeito de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira, muitos anos depois de ter deixado aquela administração.

Depois dessas primeiras explicitações públicas a respeito de que somente com uma Faculdade de Agronomia para a região de Dourados a agricultura local teria sucesso e poderia ser competitiva, os políticos e a sociedade regional fizeram coro à defesa do então administrador da CAND e por toda a região se passou a acreditar e a defender a instalação dessa Faculdade em Dourados.

No entanto, além da falta de conhecimento técnico ainda se tinha, naquela época, carência de mão de obra e um comércio muito restrito e caro. Essa foi outra razão pela qual os governos, federal e estadual, apostaram e criaram, respectivamente a CAND e a Colônia Agrícola Municipal de Dourados.

Nesse ínterim, a Igreja Católica, sempre ativa junto aos mais carentes, também observando, e de forma muito próxima às condições de penúria dos recém-assentados da CAND, verificou que precisava auxiliá-los, ao mesmo tempo em que lhe abria uma oportunidade de seu crescimento, e essa ação foi se intensificando com o passar do tempo.

A partir da década de 1950, com o objetivo de ir ao encontro das aspirações das camadas mais populares, a Igreja Católica faz uma ofensiva em diversas frentes, principalmente após ter identificado seus concorrentes mais próximos, que eram o Protestantismo, o Espiritismo e a Maçonaria, que investiam em ações sociais. A partir desse momento, a Igreja Católica passou a se aproximar do Estado para poder ter liberdade nas ações e nos movimentos em torno de instituições de ensino, de saúde, de assistência social e, inclusive de apoio em práticas agrícolas (AMARAL, 2005).

Nessa mesma época se consolidavam as migrações com a vinda de milhares de pessoas que, motivadas pela “distribuição ou venda de terras localizadas, em sua maior parte na Zona da Mata, por intermédio do governo federal, estadual, municipal, ou grupos particulares”, destacando-se nordestinos, paulistas, paranaenses e mineiros, sempre desejosos de construir uma nova nação, passaram a comportar-se como uma nova frente povoadora (GRESSLER; SWENSSON, 1988, p. 81).

O grande problema sempre foi relativo à inexperiência dos migrantes que chegavam a Dourados, os quais, embora viessem para se dedicar ao trabalho agrícola como de fato ocorreu com a maioria deles, em sua maior parte, não tinham, na verdade, prática neste ramo trabalho ou vinham de regiões, especialmente do Nordeste brasileiro, com solo e clima completamente diferentes dos dessa região.

A falta de qualificação agrícola somada aos poucos conhecimentos sobre as peculiaridades do lugar, quer seja quanto ao solo ou ao clima, implicava em certa queda da produção, conforme publicado em matéria do jornal *O Progresso* de 10 de junho de 1951. Nessa matéria se apontava como um dos fatores negativos para os assentados, a falta de prática do agricultor de Dourados, que não usava os venenos adequados e acabava perdendo terreno, por não deixarem a distância correta entre as plantas (MENEZES, 2012). Essa autora ainda colocou que, com técnicas bastante simples, os colonos da CAND desenvolveram a pequena propriedade que explorava a policultura, cujos gêneros eram produzidos para a subsistência e principalmente para atender a demanda do mercado interno, se afastando da “agricultura de toco” ou rudimentar.

Nessa época, os palotinos, trabalhando na CAND, já atuavam inclusive na distribuição de sementes e começavam a cobrar o governo quanto às outras necessida-

des dos assentados, pois havia, além de falta de conhecimentos agrícolas essenciais, carência em assistência médica (AMARAL, 2005).

Essas ações foram intensificadas com a chegada, em 1956, do padre André Capelli, que tinha como objetivo principal a instalação de um internato para filhos de agricultores. Isso se concretizou em 1960, com a Escola de Iniciação Agrícola Dom Bosco, que funcionou até 1969, onde lhes eram repassadas noções sobre o plantio e a manutenção das lavouras, além de seu objetivo principal que era a alfabetização e o ensino religioso (AMARAL, 2005). Nessa escola, que, de acordo com Gressler (2012), era em regime de internato, o padre André Capelli era professor e diretor.

Em virtude da ênfase agrícola dada às atividades desenvolvidas pelos alunos, a Escola Salesiana Dom Bosco foi, por muitos anos, conhecida como Escola Agrícola do Padre André (GESSLER, 2012).

O grande interesse do padre André Capelli pela agricultura veio pelo fato de que ele, como órfão de guerra, havia sido interno numa escola agrícola na Itália e essa tradição e experiência agrícola fizeram dele um batalhador incansável para a criação da Escola Técnica Agrícola em Dourados, bem como de cursos superiores de agricultura, mantendo vários contatos com a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Região da Fronteira Sudoeste do País (SPVERFSP) com sede em Porto Alegre, cuja jurisdição, na época, abrangia o Mato Grosso (GRESSLER, 2012). Nesses contatos o seu objetivo era aumentar ainda mais o nível dos ensinamentos a serem fornecidos aos interessados.

O que ocorreu na prática foi que a Igreja, em função de inúmeras solicitações ao Estado, chamou para si o papel emergencial de repassar aos interessados conhecimentos básicos em agricultura. Isso porque ela já tinha observado a falta

de conhecimentos técnicos voltados à agricultura e que também estava atuando na distribuição de sementes e de utensílios agrícolas e no fornecimento de pequenas disseminações de conhecimentos (GRESSLER, 2012).

Gressler (2012), citando José de Melo e Silva em seu livro *Fronteiras Guaranis* — primeira publicação em 1939 e segunda edição em 2003 —, destacou que havia falta de experiência e de tradição agrícola na região na década de 1930. E a autora complementa que esta falta de preparo e a inexperiência dos migrantes (os novos proprietários) para uma adequada utilização das terras recém-doadas evidenciavam a necessidade de cursos voltados para a agricultura. Essas colocações, bem como os trabalhos desenvolvidos pela Igreja Católica nessa época, reforçavam a necessidade de cursos na área de agricultura, reivindicados originalmente, pelo primeiro administrador da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, Sr. Jorge Coutinho Aguirre.

Em um trecho de sua carta enviada em 1978 ao prefeito de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira, o Sr. José Coutinho relembra alguns fatos e ações ocorridos na época em que administrava a CAND, e comenta que foi essa a sua *prioridade*, dado os problemas e as dificuldades encontradas especialmente durante o período inicial de colonização, pois ele tinha o “lado agrícola”, vocação básica da região. Para tanto, também criou campos experimentais de trigo, arroz, centeio, milho, algodão, amendoim e cana-de-açúcar. Comenta ainda que “desaconselhava o cultivo do café”, em função de grandes geadas que ocorreram durante a década de 1950 (GRESSLER; SWANSSON, 1988).

Portanto, desde a década de 1940, a comunidade ou parte da comunidade de Dourados e região já solicitava um curso da área de Agricultura, sendo o processo iniciado, na prática, pelo padre André Capelli e pelas ações singelas, mas pioneiras, do primeiro administrador da CAND, Sr. José Coutinho Aguirre.

Muita coisa aconteceu a partir desse momento, pois, devido o desejo do povo de Dourados por um curso na área de agricultura, já começava a se verificar outros interesses específicos de pessoas ligadas a Campo Grande, que ainda era apenas uma cidade do interior do estado Mato Grosso.

Como mencionei anteriormente, a maioria das pessoas que no passado vieram para a região de Dourados-MS tinha como objetivo principal o trabalho nas terras. Por isso elas começaram a necessitar de conhecimentos técnicos cada vez mais específicos e de qualidade. Esse processo de povoamento foi grandemente acelerado com a criação, em épocas distintas, e com a efetiva implantação em 1943 das duas colônias: a Colônia Municipal de Dourados e a Colônia Agrícola Nacional de Dourados, esta criada por decreto federal e aquela por decreto estadual.

Essa necessidade de conhecimentos técnicos assumia, a cada ano que se passava, um empecilho cada vez maior para que os migrantes, que acabavam de se assentar nessa região, pudessem progredir no seu trato com a terra da forma mais eficiente possível e, a partir desse momento, a tônica era a solicitação de apoio técnico para que pudessem se tornar mais eficientes. Em função disso, lideranças dos assentados, com apoio da Igreja, Maçonaria e de políticos locais, começaram a solicitar a implantação do que começou a ser designado como Faculdade de Agronomia de Dourados.

Dessa forma, os leitores podem conhecer de modo mais abrangente como se iniciou a necessidade do povo do campo da região da Grande Dourados pela sua Faculdade de Agronomia.

Quando toda a comunidade de Dourados abraçou essa causa, começou um dos grandes problemas enfrentados pelas lideranças e pelos políticos regionais. Acontece

que alguns políticos ligados a Campo Grande gostaram da ideia de implantar uma faculdade nessa área do conhecimento e intentaram que ela fosse levada para aquela cidade. No entanto, após 30 anos que o povo da região da Grande Dourados começou a sonhar com a sua Faculdade de Agronomia, não iriam abrir mão desse desejo.

A comunidade inicia sua luta pela Faculdade de Agronomia

O interessante, desse momento em diante, são as muitas idas e vindas da Faculdade de Agronomia para Dourados ou para Campo Grande, em função das estratégias políticas daqueles que queriam atender suas bases, bem como, depois da criação da UEMT, do anseio de seus dirigentes ao apoiar a ideia que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Campo Grande. Por muito tempo lutaram para tentar obter o seu objetivo.

Em meados de 1960, o Prof. Celso Müller do Amaral, homem de origem no campo, mas atento às necessidades da comunidade, se propôs a ser o amplificador de tantas vozes que, no passado, ansiavam por uma Faculdade de Agronomia, como um mecanismo prático para aumentar a produtividade das culturas exploradas nas terras das colônias agrícolas, desejam aquela que seria o *embrião regional da agricultura empresarial dos dias de hoje*.

Embora algumas pessoas possam não concordar, creio que o fato mais importante para a região da Grande Dourados, antes mesmo de sua existência, foi a implantação da CAND e a Colônia Agrícola de Dourados. Naquela época, com esses dois grandes empreendimentos a região prosperou, especialmente em função da criação de muitos outros projetos decorrentes, como por exemplo, o curso de Agronomia e a própria UFGD.

Em entrevista fornecida à Prof.^a Dr.^a Lori Alice Gressler em 1988, o Prof. Celso Müller do Amaral disse que, por lecionar no Colégio Estadual Presidente Vargas, conseguiu motivar os seus alunos para as grandes causas de Dourados, sendo que a construção da Faculdade de Agronomia foi a maior delas. Essa sua luta pode ser confirmada em várias edições de *O Progresso*, como a do dia 10 de março 1963 e do dia 16 de setembro de 1964 (Figura 4). Nessa época, Celso Amaral era apenas professor, mas esse foi o início de sua carreira política, pois mais tarde viria a ser deputado estadual e vereador de Dourados e sempre teve como uma de suas bandeiras principais, a Faculdade de Agronomia em Dourados.

Figura 4 - Matéria que confirma a participação do Prof. Celso Amaral e sua luta pela Faculdade de Agronomia de Dourados.



Fonte: O PROGRESSO, 16 set. 1964.

Ficou marcada a grande persistência do Prof. Celso quanto a esse tema e ele não perdia uma oportunidade sequer para que a Faculdade de Agronomia tivesse o incentivo de ser implantada em Dourados. Em meados de 1964, por exemplo, ele não perdeu tempo ao saber que havia recursos vindos dos Estados Unidos para o Brasil, por meio do programa Aliança para o *Progresso*, o qual visava incrementar o desenvolvimento do Brasil e da América Latina como um todo, ao mesmo tempo em que buscava reduzir a presença do comunismo na América do Sul. Rapidamente motivou os seus alunos, assim como estudantes de outras escolas de Dourados que, em conjunto e sob a sua regência, escreveram um abaixo-assinado (Quadro 1), que foi entregue em mãos, na cidade de Campo Grande, ao embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Sr. Lincoln Gordon.

Se o objetivo desse abaixo-assinado tivesse sido realizado, a Faculdade de Agronomia de Dourados teria recebido a denominação de Madame Jackeline Kennedy.

Ainda em outubro de 1964, os deputados Weimar Torres, Alves Duarte e Vivaldi de Oliveira prometeram aos estudantes douradenses que seriam incluídos, no orçamento de MT para 1965, os recursos orçamentários para implantar em Dourados, a Faculdade de Agronomia e Veterinária (O PROGRESSO, 17 out. 1964). Nessa mesma edição, o jornal ainda colocou que o deputado estadual Wilson Barbosa Martins, fez uma importante promessa ao Prof. Celso Müller do Amaral: a de obter, do Posto Indígena de Dourados, uma área de 300ha para a implantação dessa Faculdade.

Quadro 1 - Abaixo-assinado que estudantes douradenses apresentaram ao embaixador Lincoln Gordon, em Campo Grande, por ocasião da audiência concedida à caravana estudantil em 06 jun. 1964.

Dourados (MT), 5 de junho de 1964.

Exmo. Sr.

Dr. Lincoln Gordon

Mui Digno Embaixador dos Estados Unidos da América do Norte no Brasil

Os abaixo assinados, estudantes dessa região, vem solicitar de V. Excia., os bons ofícios no sentido de fazer com que seja enquadrada no Plano da ALIANÇA PARA O PROGRESSO, uma Escola de Agronomia, na Zona de Dourados. A referida escola constitui não só uma velha aspiração dos estudantes, mas também uma necessidade imprescindível, considerando-se que:

a) A região de Dourados é constituída de excelentes terras próprias para agricultura,

b) É o maior município agrícola do Brasil, pois de seus 150.000 habitantes, mais de 70% vivem na zona rural, em pequenas propriedades. Haja vista que somente a Colônia Agrícola Nacional de Dourados possui cerca de 10.000 lotes, de onde já se originaram 4 municípios, além de outras empresas de colonização da região.

c) Todavia, a técnica agrícola regional, com exceção de pouquíssimas lavouras mecanizadas em algumas fazendas, é tão primitiva quanto a da idade da pedra.

d) A escola de Agronomia, além de formar agrônomos a nível universitário, irá orientar a agricultura regional, colocando-os dentro das modernas técnicas, melhorando e aumentando assim, a produção agrícola, além de elevar o nível social daqueles que vivem das atividades agropastoris. A Escola de Agronomia, através de seus técnicos, poderá orientar uma policultura e incentivar indústrias como usinas de açúcar, visto que a cana-de-açúcar aqui é produzida espetacularmente, indústria de óleos vegetais, indústrias vinícolas, uma vez que a uva se produz muito bem na região, e muitas, que com a evolução dos estudos e da técnica haverão de aparecer.

Considerando finalmente que, essa Escola não somente atenderá aos anseios da região, como também será um marco cultural que constitui uma das finalidades da ALIANÇA PARA O PROGRESSO, cujo programa de desenvolvimento sócio econômico é de autoria do inesquecível Presidente JOHN FITZGERAD KENNEDY, decidimos em homenagem a esse grande líder da democracia e da liberdade, denominar nossa Escola de “ESCOLA DE AGRONOMIA MADAME JACKELINE KENNEDY”.

E, esperando que nosso apelo não fique dependendo de injunções políticas, entregamos à V. Excia., Sr. Embaixador, o patrocínio dessa nossa causa, constituindo-o, nosso advogado, junto aos elaboradores do Plano da ALIANÇA PARA O PROGRESSO, e pedimos, outrossim, que V. Excia., até a ilustre Dama, a nossa homenagem para que ela, que tão patrioticamente soube inspirar seu augusto esposo na jornada heroica de servir a humanidade, seja a nossa maior e mais eficiente protetora.

A Comissão

Estudantes:

Glicério Adolfo Rojas – Presidente

Emar dos Santos Rodrigues – Vice Presidente

Sandra Rabello Motta – Secretário

Generosa Mattos Freitas – Tesoureiro

(Segue mais 844 assinaturas)

Fonte: O PROGRESSO, 14 jun. 1964.

Celso Amaral descreveu, na mesma entrevista fornecida à Prof.^a Dr.^a Lori Alice Gressler em 1988, que, em outra ocasião, a convite da Igreja Presbiteriana, recebeu um técnico da Companhia Burbank e solicitou um terreno para lá construir um curso Técnico em Agricultura, mas que esse projeto não foi adiante pela rejeição que, naquela ocasião, o povo brasileiro tinha por estrangeiros.

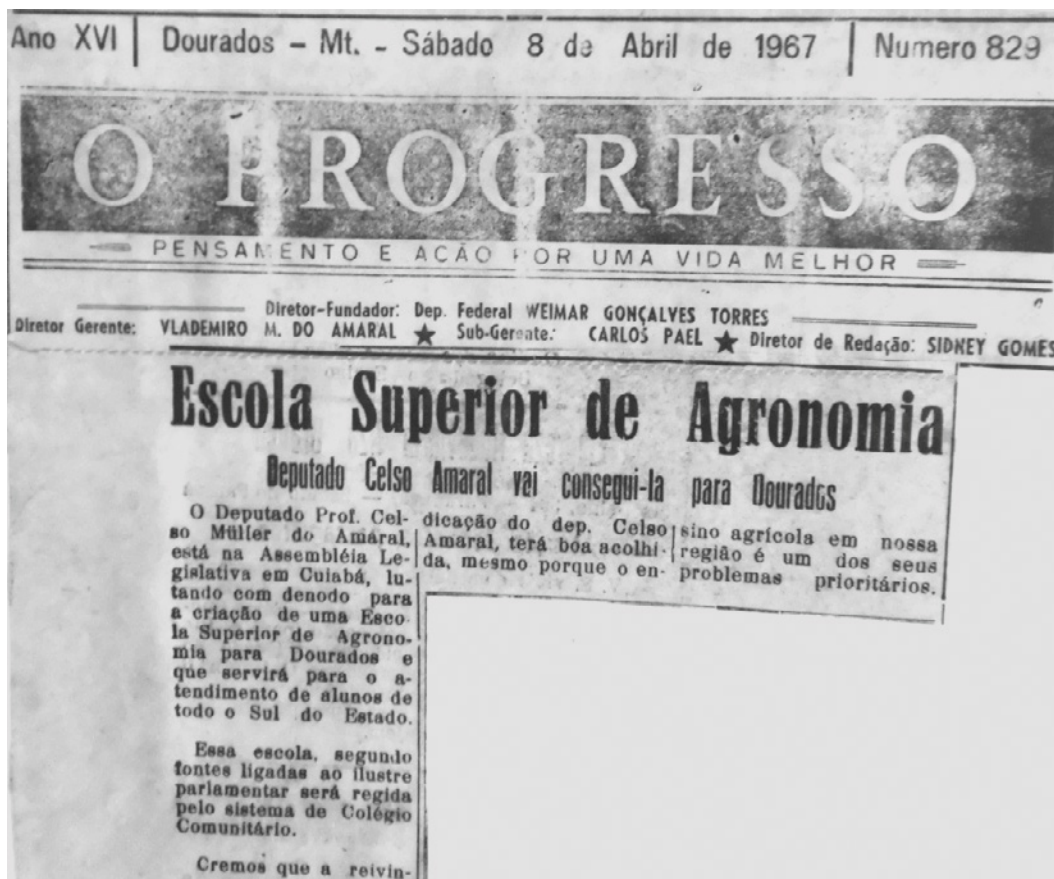
O interessante é que, à medida que uma porta era fechada, imediatamente em seguida a comunidade douradense e seus políticos, saíam em busca de outra possibilidade. A impressão que se tinha era que a implantação da tal “Faculdade de Agronomia” era uma questão de honra para todos os douradenses, e não apenas para povo ligado ao campo.

Precedendo a campanha para governo do estado de Mato Grosso, em fins de 1965, o Prof. Celso Amaral, já sendo deputado estadual nessa época, procurou o Sr. Lúdio Coelho, candidato a governador pelo seu partido, União Democrática Nacional (UDN), e solicitou apoio para instalar a Faculdade de Agronomia em Dourados. Em resposta, o candidato lhe disse que não poderia fazer tal promessa, de modo que o deputado Celso lhe pediu que pensasse no assunto até a manhã seguinte.

No dia seguinte, às sete horas, mais de 300 estudantes esperavam o candidato Lúdio Coelho que, de acordo com Celso Amaral, mudou de ideia e prometeu, caso eleito, instalar a Faculdade de Agronomia em Dourados. Não foi eleito e o problema, portanto, continuou.

Entre fins de março e início de abril de 1967, Celso Amaral, ainda na função de deputado estadual, deu mais um de seus passos para que a Faculdade de Agronomia fosse instalada em Dourados. Esse fato foi notícia em *O Progresso* de 08 de abril de 1967 (Figura 5).

Figura 5 - Notícia sobre uma solicitação do Deputado Estadual Celso Müller do Amaral sobre a implantação da Faculdade de Agronomia.



Fonte: O PROGRESSO, 08 abr. 1967.

Essa tentativa não deu em nada mais uma vez. Entretanto, essa última solicitação do deputado Celso Amaral fez com que o governador Pedro Pedrossian encaminhasse uma mensagem ao presidente da Assembleia Legislativa solicitando que fosse adicionada, no projeto de criação da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), a Faculdade de Agronomia e Veterinária em Dourados (Figura 6). Depois dessas ações, o deputado participou da solicitação para que fosse implantada também, a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT).

Mas inclusive essa mensagem do governador ao presidente da Assembleia Legislativa não teve resultados favoráveis. Aparentemente o governador já havia resolvido implantar a Faculdade em Campo Grande e aquela mensagem teria sido enviada apenas em consideração ao pedido do deputado Celso Amaral.

Pouco tempo depois, em 14 de abril de 1967, o Secretário Estadual de Educação, Prof. Wilson Rodrigues encaminhou um ofício ao governador do estado (Figura 7), sugerindo a criação da Faculdade de Agronomia em Dourados e a Faculdade de Veterinária em Campo Grande, assim como também fez algumas recomendações de ordem prática para bem atender essa demanda.

Para organizar a implantação da UEMT foi feito um projeto, no qual foram criadas todas as normas necessárias para sua implantação e, dentre elas, uma que determinava que uma Faculdade de Engenharia devesse ser construída em Campo Grande.

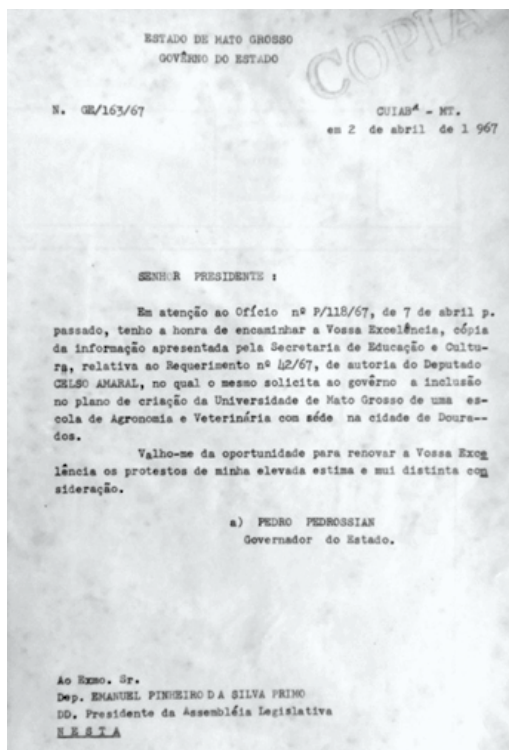
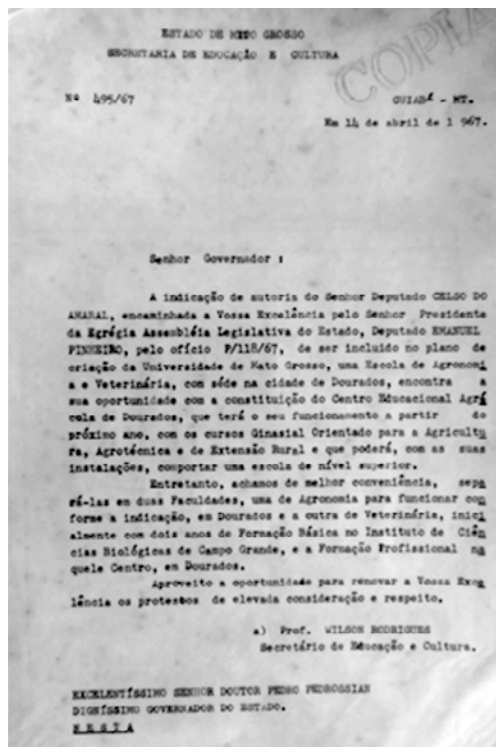


Figura 7 - Ofício do secretário estadual de educação ao governador do estado de Mato Grosso sugerindo, dentre outras coisas, que a Faculdade de Agronomia seja implantada em Dourados e a Faculdade de Veterinária, em Campo Grande.

Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Celso Amaral, 14 abr. 1967.

Figura 6 - Encaminhamento do governador de Mato Grosso ao presidente da Assembleia Legislativa, solicitando a inclusão da Faculdade de Agronomia e Veterinária, dentro do projeto de criação da UEMT.

Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Celso Amaral, 02 abr. 1967.



O deputado Celso Amaral ao ver esse documento, colocou que também deveria existir uma Faculdade de Agronomia em Dourados e que, portanto, deveria existir outro artigo na proposta de lei que instituía a UEMT. Esse artigo foi adicionado no documento que criava a UEMT, e foi aprovado pela Assembleia Legislativa do estado de Mato Grosso. Tal artigo, que incluía a Faculdade de Agronomia em Dourados foi, no entanto, vetado pelo então governador de Mato Grosso, Sr. Pedro Pedrossian.

Esse veto do Sr. governador aparentemente teve a ver com motivações políticas, já que havia um grande número de deputados ligados a Campo Grande que assim o desejavam. O veto ocorreu, portanto, em função de pressões dos deputados eleitos, em sua maioria, por Campo Grande e região, e que gostariam que todos os cursos de maior envergadura fossem implantados naquela cidade.

Após o governador ter vetado esse artigo — que implantaria a Faculdade de Agronomia em Dourados do escopo do projeto de criação da UEMT —, mais uma vez o deputado Celso Amaral saiu a campo para trabalhar e, de acordo com suas próprias palavras, a sua primeira ação foi procurar o líder da Assembleia Legislativa, que era o deputado Ivo Cersózimo, também de Dourados, e começaram a elaborar um movimento para derrubar o veto do governador.

Foi feito, então, um acordo com o partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que pleiteava um cargo na Assembleia e, com exceção de um voto desse partido, o veto do governador foi derrubado pela diferença de apenas um voto, entre todos os deputados votantes.

Por suas ações futuras, o governador, Sr. Pedro Pedrossian, mostrou que aparentemente não se esqueceria, por um longo tempo, desse seu veto que foi derrubado pela Assembleia Legislativa. Esse fato se entenderá mais tarde.

A lei, portanto, foi promulgada pelo presidente da Assembleia Legislativa do Mato Grosso (MT), o deputado douradense José Cerveira, sendo então criada a UEMT, a qual contemplava a Faculdade de Agronomia em Dourados. Aparentemente ações como essa calavam fundo em representantes de Campo Grande e região que, por muito tempo, não se dispuseram a esquecê-las e, portanto, causariam transtornos aos representantes de Dourados e região.

Jornais da época dão conta que o deputado Celso Amaral, embora tenha estado na oposição, considerando sua bandeira máxima na Assembleia Legislativa, que era a implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, se predispôs até a auxiliar o governo de MT, ou seja, a sair do partido de oposição, se esse lhe promettesse atender essa reivindicação. Mas, após sete meses, o deputado voltou a ser oposição, pelo fato do governador não ter cumprido sua promessa (FOLHA DE DOURADOS, 29 jun. 1968).

A cada novidade que acontecia no meio político do sul do estado de Mato Grosso sobre a Faculdade de Agronomia a imprensa sempre noticiava como foi o caso das reportagens, dentre outras, dos jornais *O Progresso*, de 20 de set. de 1967 e do *Jornal do Comércio*, de 19 de jul. de 1968. Nessas duas reportagens, se dava como certo, respectivamente, que a Faculdade de Agronomia seria implantada em 1968 e 1969 (Figura 8).

Figura 8 - Reportagens dos jornais que davam como certo que a Faculdade de Agronomia seria implantada em 1968 e outra, em 1969.



Fonte: O PROGRESSO, 20 set. 1967 (à esquerda). JORNAL DO COMERCIO, 19 jul. 1968 (à direita).

Nessa reportagem do jornal *O Progresso* estão relacionadas as especificações de um projeto de lei elaborado pelo deputado Celso Amaral, em que os artigos mais importantes, seriam:

Artigo 1º – Fica o Poder Executivo autorizado a criar a Faculdade de Agronomia na cidade de Dourados.

Parágrafo único – A Faculdade de que trata esse artigo, funcionará, provisoriamente, no Centro Educacional de Dourados.

Artigo 2º – Integrando a Faculdade de Agronomia de Dourados, fica o Poder Executivo obrigado a criar os seguintes cargos:

1 Diretor, padrão z6,

1 Vice – Diretor e

1 Secretário padrão P (O PROGRESSO, 20 set. 1967).

Pouco tempo depois, em visita a Fátima do Sul, o governador de Mato Grosso, Pedro Pedrossian, prometeu que em um curto espaço de tempo implantaria a Faculdade de Agronomia em Dourados, atendendo à solicitação do deputado Celso Amaral. Pouco depois, efetivamente já se noticiava essa tão esperada notícia, como foi o caso do publicado pela *Folha de Dourados*, aos 13 de julho de 1968.

Mais tarde, com as eleições municipais em processo, Celso Amaral candidatou-se e foi eleito vereador por Dourados. O engenheiro agrônomo José Elias Moreira foi eleito prefeito e dentre as principais promessas estava a luta pela Faculdade de Agronomia em Dourados, as ações em prol da causa da comunidade continuaram.

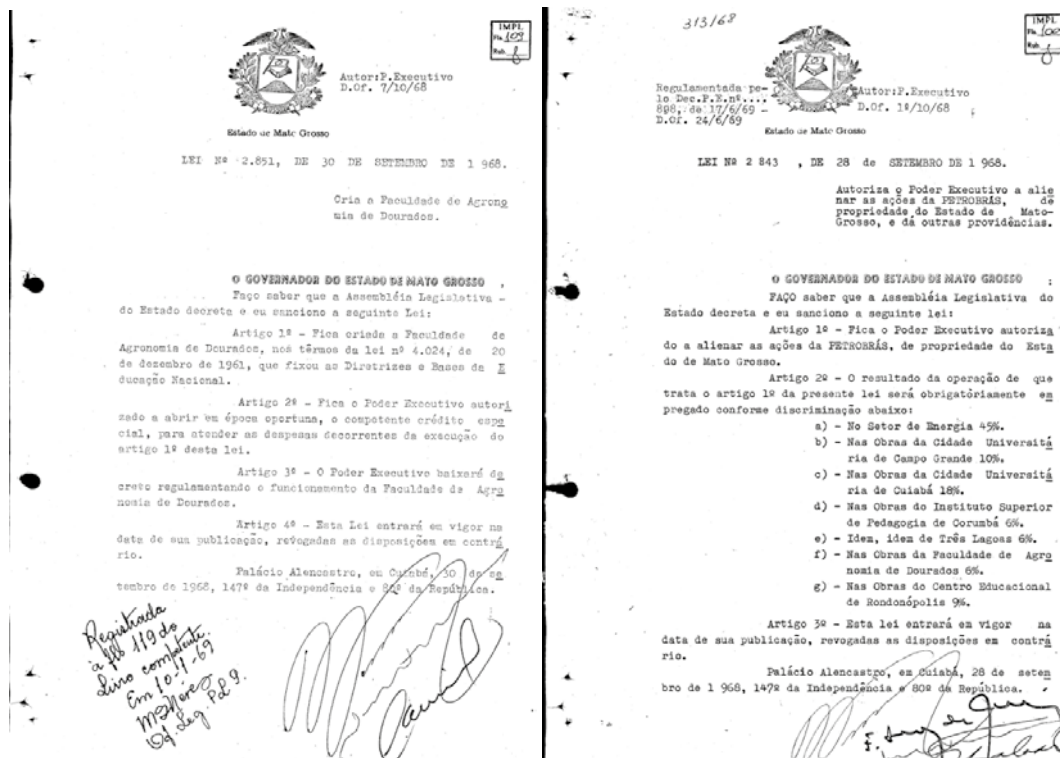
De fato, a Faculdade de Agronomia de Dourados foi efetivamente criada pela Lei n. 2.851 de 30 de setembro de 1968 (Figura 9), antes mesmo da criação da própria UEMT. Esse fato pode, para qualquer pessoa que entenda minimamente de política, fornecer a noção da intensidade da luta do povo de Dourados e região para que o evento ocorresse.

Os políticos douradenses eram muito organizados na época e, para não deixar que a falta de recursos atrapalhasse a criação da Faculdade de Agronomia, ou mesmo que a alegação dessa falta pudesse atrapalhar no seu intento, eles fizeram ações que culminaram, exatamente dois dias antes de ser votada a sua Lei de criação, para que ela pudesse ser aprovada sem problemas, aprovou-se outra Lei, essa garantindo recursos.

Essa última Lei, também aprovada na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, recebendo o n. 2.843, de 28 de setembro de 1968, autorizava o poder Executivo Governo do Estado de Mato Grosso a alienar ações da PETROBRAS para construir, dentre outras obras, a Faculdade de Agronomia de Dourados (Figura 9). Dessa forma, esses políticos garantiram recursos para que o processo de implantação se desse da melhor forma possível.

Em tempo, faz-se necessário frisar que, pela Lei n. 2.851, de 30 de setembro de 1968 (Figura 9), a Assembleia Legislativa de Mato Grosso aprovou, através de projeto proposto pelo executivo estadual, que a Faculdade de Agronomia seria implantada em Dourados e não o Centro Pedagógico de Dourados. Esse é um grande complemento de toda essa história que será colocado mais adiante.

Figura 9 - Lei n. 2.851, de 30 de setembro de 1968 que criava a Faculdade de Agronomia de Dourados e a Lei n. 2.843, de 28 de setembro de 1968, que autoriza o governo do estado de Mato Grosso a alienar ações da Petrobras para construir, dentre outras obras, a Faculdade de Agronomia em Dourados.



Fonte: MATO GROSSO, 1968a e 1968b. Documentos cedidos pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

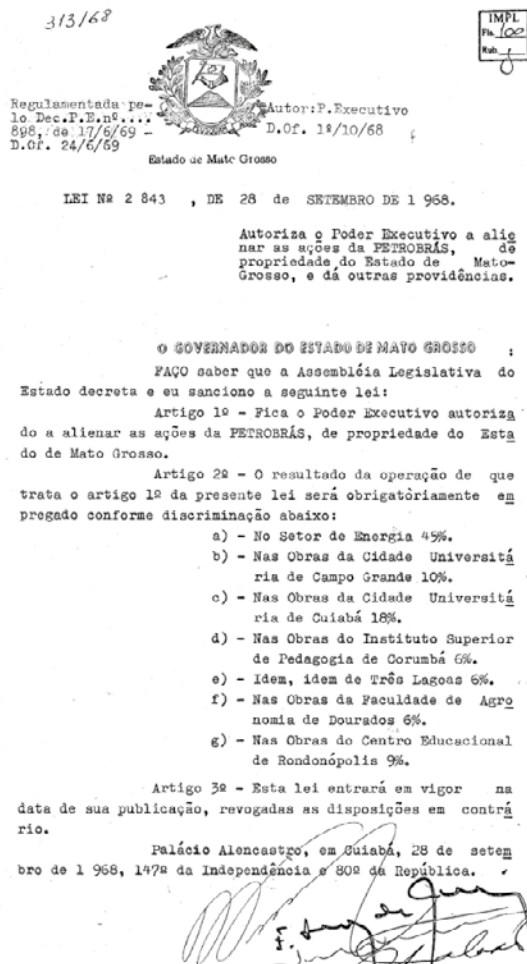
Mais à frente também será exposto que políticos, contrários a que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Dourados, também lutaram pelos quase 10 anos posteriores à lei de sua criação, para que ela fosse implantada em Campo Grande. O desejo e a luta desses políticos, ligados a Campo Grande, não era justa para com o povo da região da Grande Dourados, uma vez que a população dessa região lutava por esse curso desde o final da década de 1940.

A luta dos políticos ligados a Campo Grande somente sucumbiu por uma postura singular de outro governador no estado de Mato Grosso, o Sr. José Garcia Neto, fato que viria a ocorrer no final de 1977.

A Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT) somente seria criada pela Lei n. 2.947, de 16 de setembro de 1969 (Figura 10), sendo então implantada com sede em Campo Grande, através do Decreto n. 1.072, de 31 de janeiro de 1970 (Figura 11). Para o seu pleno funcionamento, o governo federal publicou ainda o Decreto n. 67.484, de 4 de novembro de 1970 (Figura 12).

Legalmente falando, a Faculdade de Agronomia foi criada, por Lei, 11 meses e meio antes da criação da própria Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT). O interessante, e que deve ser registrado, é que Dourados conseguiu os seus intentos mesmo considerando-se que, naquela época, as regiões de Corumbá e Três Lagoas eram mais importantes, econômica e politicamente. Isso tanto é verdade que somente se conseguiu o apoio do governador Pedro Pedrossian em função do grande clamor de líderes da região da Grande Dourados, sempre motivados pelo seu povo. Mais do que isso, os políticos da região de Dourados tinham a simpatia e o apoio dos políticos da região de Cuiabá, especialmente no final da década de 1970, período em que se discutia o processo da divisão do estado de Mato Grosso.

Figura 10 - Lei n. 2.947, de 16 de setembro de 1969, autorizando o Poder Executivo do estado de Mato Grosso, criar a Universidade Estadual de Mato Grosso.



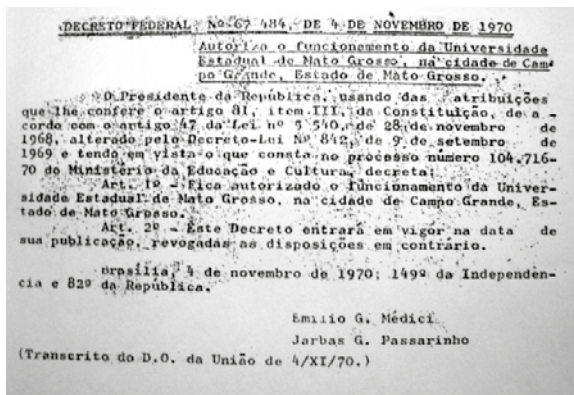
Fonte: MATO GROSSO, 1969. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Figura 11 - Decreto n. 1.072, de 31 de janeiro de 1970, que institui a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT).



Fonte: MATO GROSSO, 1970a. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Figura 12 - Decreto Federal n. 67.484, de 4 de novembro de 1970, que autoriza o funcionamento da UEMT, com sede em Campo Grande.

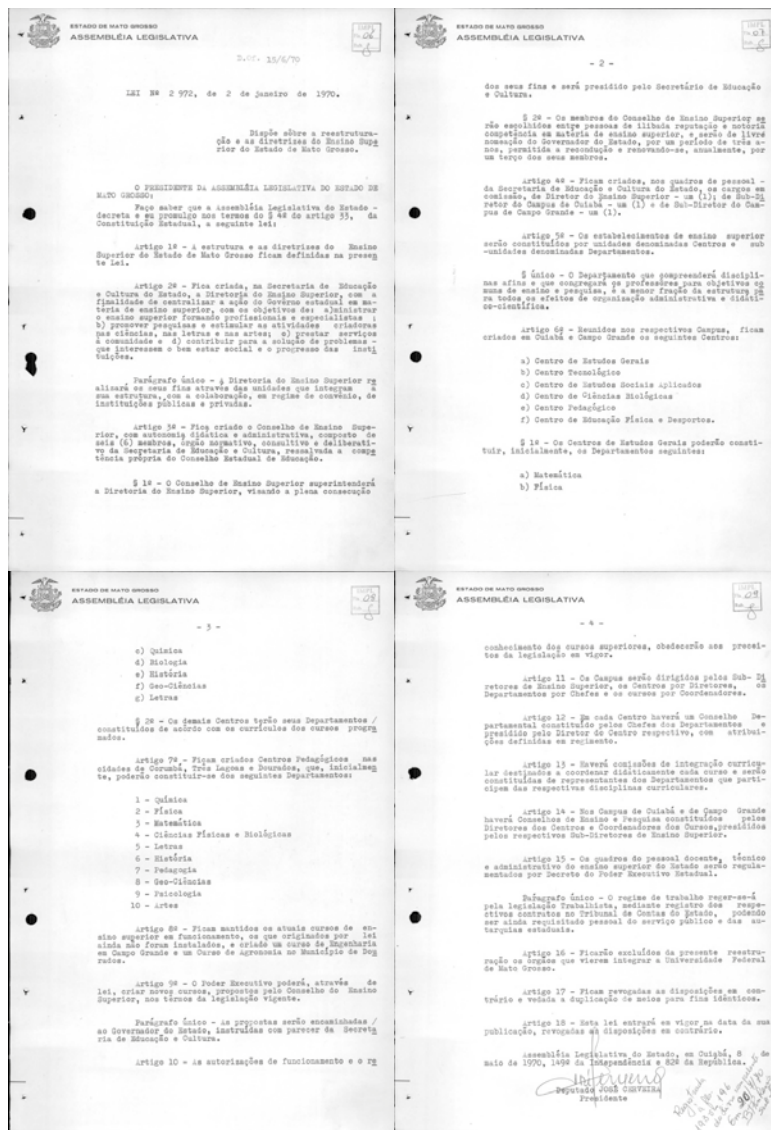


Fonte: BRASIL, 1970. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Tendo sido criada a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), faltava toda a legislação necessária para que ela pudesse funcionar de forma adequada e, para tanto, foi redigida e publicada a Lei n. 2.972, de 02 de janeiro de 1970 (Figura 13), que dispõe sobre a reestruturação e diretrizes do ensino superior no estado de Mato Grosso. Torna-se necessário observar que, na página n. 3, no art. 8º, fez-se questão de mencionar novamente que o curso de Agronomia seria implantado em Dourados. Essa insistência em se apregoar oficialmente que a Faculdade de Agronomia seria implantada em Dourados não era sem razão, uma vez que expressões como “forças ocultas”, “forças estranhas” ou a frase “o *peçoal de Campo Grande* não quer que Dourados tenha a sua Agronomia” eram muito ouvidas, naquela época.

Nesse ínterim inaugurou-se, em um terreno doado pelo Sr. Vlademiro Müller do Amaral (pai do Prof. Celso Müller do Amaral), em área central de Dourados, o conjunto de prédios propostos por lei, para que lá funcionasse a Faculdade de Agronomia. As construções foram edificadas na quadra localizada entre as ruas João Rosa Goes e Firmino Vieira de Mattos e entre as ruas Ivinhema e Olinda Pires de Almeida. Esse conjunto de edificações para abrigar apenas a Faculdade de Agronomia de Dourados pode ser observado pela Figura 14.

Figura 13 - Lei n. 2.972, de 02 de janeiro de 1970, que dispõe sobre a reestruturação e diretrizes do Ensino Superior do Estado de Mato Grosso.



Fonte: MATO GROSSO, 1970b. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.



Figura 14 - Construções inauguradas em 20 de dezembro de 1970, para que fosse implantada a Faculdade de Agronomia.

Fonte: Arquivo pessoal do ex-deputado estadual Sultan Rasslan, 1970.

Biazotto (2011) relembra a doação do terreno: uma quadra em um bairro recém-aberto em Dourados, doada pelo Sr. Wlademiro Müller do Amaral, para serem construídos especificamente os prédios para se instalar as dependências da Faculdade de Agronomia.

Os momentos que antecederam a inauguração propriamente dita dos prédios para implantação da faculdade se apresentam na Figura 15, de onde se pode visualizar, dentre outras autoridades presentes, o Prof. Milton José de Paula, que seria mais tarde o diretor do Centro Pedagógico de Dourados (CPD), em primeiro plano; o então reitor da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), Sr. João Pereira da Rosa; e, ao centro, o governador de Mato Grosso, Sr. Pedro Pedrossian.

Figura 15 - Momentos que antecederam a inauguração dos prédios onde se implantaria a Faculdade de Agronomia, em 20 de dezembro de 1970.



Fonte: Arquivos do Centro de Documentação Regional da UFGD.

Na verdade, quando da inauguração desse conjunto de prédios, já estava tudo certo, inclusive via determinações do governador, que a Faculdade de Agronomia não fosse implantada naquele momento, e sim o CPD.

Como a Faculdade de Agronomia não foi implantada, a inscrição que estava impressa em bronze na placa de inauguração do conjunto de prédios foi esmerilhada, pois foram implantados apenas os cursos de Letras e de Estudos Sociais, que começaram a funcionar em 1971. Esse foi outro, senão o maior choque, que os representantes da região da Grande Dourados, defensores da Faculdade de Agronomia de Dourados tiveram.

Em seguida (Figura 16) observa-se o hasteamento das bandeiras do Brasil, pelo governador de Mato Grosso, Sr. Pedro Pedrossian e, pelo reitor da UEMT, Sr. João Pereira da Rosa, durante os festejos de inauguração dos prédios onde funcionaria a Faculdade de Agronomia. Insistimos em fazer essa colocação apenas para bem caracterizar que todo aquele conjunto de prédios foi construído para abrigar apenas as dependências da Faculdade de Agronomia de Dourados.

Na Figura 16, podemos observar, com pouco esforço, que na placa comemorativa de inauguração, logo abaixo do desenho estilizado do estado de Mato Grosso, consta a inscrição Faculdade de Agronomia.

Apresentamos a Figura 17, adquirida através de escaneamento da fotografia original, já exposta na Figura 16. Trata-se de uma ampliação da placa de inauguração das obras entregues, em que realmente se pode ler, com clareza, que todas aquelas obras foram construídas para se implantar a Faculdade de Agronomia.

Figura 16 - Hasteamento das bandeiras do Brasil e do estado de Mato Grosso, durante os festejos de inauguração dos prédios edificados para abrigar a Faculdade de Agronomia, em 20 de dezembro de 1970.



Fonte: Arquivos do Centro de Documentação Regional da UFGD.



Figura 17 - Ampliação da placa de inauguração dos prédios onde deveria funcionar a Faculdade de Agronomia de Dourados, em 20 de dezembro de 1970.

Fonte: Arquivos do Centro de Documentação Regional de UFGD.

O desejo e a luta do povo da região da Grande Dourados, que se iniciou no final da década de 1940, enfim teria sido recompensada e a tão sonhada Faculdade de Agronomia seria instalada.

No entanto, a triste realidade para o povo de Dourados e região foi que, o mesmo governo que atendeu a lei aprovada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso, construindo as dependências para instalá-la, menos de dois meses depois dessa inauguração, implantou dois outros cursos superiores, menos o de Agronomia.

Confesso que foi essa placa, ou melhor, ela depois de ter sido alterada (Figura 18), com um grotesco processo de esmerilhamento que, a princípio, me fez pensar na possibilidade de escrever o presente material histórico.

Figura 18 - Placas de inauguração dos prédios da Faculdade de Agronomia, em que o nome da Faculdade de Agronomia aparece apagado (esmerilhado).



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior, 2008.

Tudo aconteceu quando, em 2008, a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) resolveu comemorar os 30 anos do curso de Agronomia e, por decisão da Comissão Organizadora, resolveu-se homenagear algumas pessoas ou entidades que tinham tido papel fundamental durante o processo inicial de implantação do curso e que até então não haviam sido lembradas.

Um dos homenageados foi o ex-prefeito de Dourados, Eng.º Agr.º Jossé Elias Moreira, que, no final de seu discurso de agradecimento, comentou que ainda deveria estar afixada na entrada dos prédios da UFGD uma placa comemorativa com os dizeres Faculdade de Agronomia.

Nessa mesma solenidade, outro homenageado foi o Prof. Milton José de Paula. O primeiro diretor do Centro Pedagógico de Dourados (CPD) confirmou o ocorrido e afirmou que foi ele, na qualidade de diretor do CPD, que mais tarde teria mandado apagar o nome da Faculdade de Agronomia da placa, pelo fato dela não ter sido implantada e por haver muitos questionamentos se realmente o curso de Agronomia era ministrado naquela instituição. Faz-se necessário ressaltar que o CPD foi a opção encontrada pelo governo do estado para não implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados.

De qualquer forma, logo após o término das comemorações dos 30 anos do curso de Agronomia, dirigi-me para entrada do antigo CEUD (ex-CPD) e lá constatee que as falas, tanto do ex-prefeito quanto do ex-diretor do CPD, procediam.

Essa constatação me chocou, uma vez que um fato dessa envergadura deveria ter sido sistematicamente divulgado nos anos subsequentes, mas nunca tinha sido exposto. E, mais do que isso, durante os primeiros anos de efetiva criação do curso de Agronomia nos sentíamos mal recebidos no contexto da administração central da

Universidade. Ou pior, aparentemente não queriam que a verdadeira história viesse a público. Passados cinco anos da comemoração dos 30 anos da Agronomia, eu fui convidado para realizar uma apresentação sobre o histórico do curso relatando os fatos ora explicitados. Fiz a tal apresentação mostrando o mais importante sobre o histórico e, mais uma vez, o tempo passou.

No início de 2014, ao entrar mais uma vez pela entrada principal do antigo CEUD (hoje Unidade I da UFGD), notei uma alteração nas placas apresentadas e constatei que elas tinham sido repintadas, dessa vez com alguma tinta especial que não possibilitava a constatação da retirada, por esmerilhamento, do termo Faculdade de Agronomia. Tirei uma nova fotografia, que pode ser observada pela Figura 19.

Figura 19 - Placa de inauguração dos prédios da Faculdade de Agronomia, onde não se observa mais que os dizeres: Faculdade de Agronomia, que foram esmerilhados.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior, 2014.

Por que será que apenas essa placa foi pintada novamente e não os prédios da UFGD, deixando de retratar parte da verdadeira história do curso de Agronomia e, portanto, a verdadeira história da própria UFGD?

O correto e o esperado a ser realizado por uma universidade brasileira é que deveria primar pela manutenção de sua história e pela história de seu povo e que, para homenagear a própria história deveria mandar inserir os termos originais e não mantê-los apagados. Deve ficar claro, mais uma vez, que foi para instalação da Faculdade de Agronomia que todos aqueles primeiros prédios foram construídos.

Na verdade, embora os prédios tenham sido construídos para acomodar a Faculdade de Agronomia e inaugurados em 20 de dezembro de 1970, apenas para abrigá-la, ela não foi implantada, mesmo já tendo sido criada pela Lei n. 2.851 de 30 de setembro de 1968.

Os motivos que levaram o governo do estado, que comandava a reitoria da UEMT, a não implantar, de forma tão repentina, a Faculdade de Agronomia, tão desejada pela população de Dourados, mesmo os seus prédios tendo sido recém-inaugurados, ainda não me estão claros, mas consegui obter possíveis justificativas, as quais foram:

1. Durante a solenidade de inauguração do prédio, foi entregue ao governador, por uma comissão de jovens douradenses, um memorial que solicitava o funcionamento do CPD (e não mais da Faculdade de Agronomia), já no ano seguinte. Dessa forma, o governador, Sr. Pedro Pedrossian, delegou ao então Delegado Regional de Educação e Cultura, Sr. Milton José de Paula, a incumbência de preparar os processos de

criação daqueles que seriam os dois primeiros cursos que seriam oferecidos pelo CPD, os quais seriam o curso de Letras e o de Estudos Sociais. Assim, já em fins de fevereiro de 1971, o Conselho Estadual de Educação autorizou o funcionamento e, a partir daí, os fatos se sucedem com grande rapidez: o edital para inscrições do vestibular foi lançado em 06 de março, com as inscrições entre os dias 15 e 20, e as provas nos dias 27 e 28 do mesmo mês. As aulas daqueles cursos tiveram início no dia 05 de abril de 1972.

2. Havia uma grande carência de professores para escolas e colégios de Dourados e região e, por isso, ao invés do curso de Agronomia, foram implantados, em 1971, os cursos de Letras e Estudos Sociais. Além dessa carência de professores, outra justificativa levantada foi que, dos professores existentes, a maioria não era qualificada para ministrar aulas no ensino básico. Informaram-me, mais tarde, como exemplo, que no ano de 1973, dos 226 professores em atuavam, 86,8% tinham o ensino de 1o grau incompleto.

3. O governador teria recebido um abaixo-assinado de professores de Dourados solicitando cursos da área pedagógica, e

4. Ao invés do curso de Agronomia, deveria ser implantado, nos moldes existentes em Três Lagoas e Corumbá, um centro pedagógico em Dourados.

Qualquer que tenha sido a razão da não implantação da Faculdade de Agronomia, que já tinha os seus prédios inclusive construídos, além de terem sido frustrados mais uma vez o sonho e a luta de quase trinta anos do povo da região da Grande Dourados, mostrou-se que uma injustiça prevaleceu. Como os políticos puderam se apropriar dos frutos daquele sonho, que foi a construção dos prédios, e causar tamanha desilusão em benefício de outro objetivo?

Da mesma forma que encontramos algumas possíveis razões defendidas por pessoas contrárias à implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, encontramos também possíveis explicações fornecidas por pessoas que sempre a defenderam e ficaram indignadas quando ela não foi implantada, sendo:

1. O governador não tinha ficado satisfeito com a quebra de seu veto pela Assembleia Legislativa do estado de Mato Grosso, quando da votação da criação da Faculdade de Agronomia em Dourados, e a implantação do CPD ao invés da Agronomia teria sido uma pequena “vingança”;
2. O governador havia recebido pressão de políticos ligados a Campo Grande para não implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados e sim naquela cidade;
3. Na prática, quem tem grande atuação política na universidade é o seu reitor, pois pode influir nos conselhos superiores da Universidade, onde, de fato, todas as ações são definidas. Essa última colocação pode ser justificada por Stein (2004a) e Maymone (1989), que transcreveram as

palavras do Prof. Kioshi Rachi, que foi diretor do CEUD (ex-CPD). Stein (2004b), por exemplo, coloca que o Prof. Kioshi disse:

O João Pereira sempre foi contra (Agronomia em Dourados), porque falava que toda estrutura estava em Campo Grande e tal, fez a maior força. Dourados, apesar da vocação agrícola, não tinha nenhuma infraestrutura, lá já tinha veterinária, laboratórios (que eles poderiam usar os laboratórios de lá), pela lógica seria lá, não é? (STEIN, 2004b, p. 136).

Seja por pressão política contrária à sua implantação em Dourados ou qualquer outra razão, a verdade é que a não implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados foi um duro golpe para a comunidade local e regional, que lutaram por ela desde o final da década de 1940.

DA CONSTRUÇÃO DOS SEUS PRÉDIOS ATÉ A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE AGRONOMIA

A luta pela Faculdade de Agronomia continua

Não tendo sido, de acordo com os desejos da comunidade douradense, implantada a Faculdade de Agronomia, mesmo com os prédios que para ela foram construídos, restou a todos aqueles que tinham se envolvido de alguma forma naquela luta, direta ou indiretamente, continuar, com mais afincos ainda, o trabalho anteriormente iniciado, ou seja, continuar a luta pela implantação dessa faculdade requerida pela comunidade há tanto tempo.

Após o “choque inicial” de se ter perdido, de uma só vez, tanto a Faculdade de Agronomia como todos os prédios que foram construídos para sua instalação, uma das primeiras ações pela retomada dos trabalhos em busca de um curso na área, sempre com a premissa de que ele era necessário para auxiliar os agricultores de toda a região sul de Mato Grosso, foi fazer uma indicação, por parte do deputado estadual Horácio Cerzósimo, na Assembleia Legislativa de Mato Grosso. Essa consistia na criação, em Dourados, de um curso de técnico agrícola (dito, na época, agro-técnico). Para essa indicação ele teria tido apoio do diretor do CPD, Milton José de Paula que encaminhou ao Reitor da UEMT, um documento para que fosse entregue ao governador do estado de Mato Grosso, a solicitação de implantação do curso de Agronomia em Dourados.

O Prof. Celso Amaral sempre dizia que era necessário ter cuidado com as “forças estranhas”, pois certamente agiriam, mais uma vez, contra os “interesses de Dourados” e região. Conhecedor da política e da politicagem do estado de Mato Grosso na época, a história mais uma vez lhe daria razão.

De qualquer forma, e não tendo sido morta a ideia de ter esse curso na área de Agronomia, os trabalhos de bastidores continuavam em vários níveis da comunidade, fossem eles pessoais, de grupos de pessoas interessadas ou de parte de políticos; no entanto, com pouco ou nenhum ganho prático.

Em 1975, o diretor do Centro Pedagógico de Dourados (CPD), Prof. Milton José de Paula, durante a instalação do governo de Mato Grosso, em Dourados, por quatro dias, enfatizou a importância do curso de Agronomia para a região. Nessa mesma reportagem, o governador de Mato Grosso, Sr. José Garcia Neto, disse que “Se o curso de Agronomia fosse instalado em Mato Grosso, seria em Dourados” e determinou à Direção do CPD que estudasse a viabilidade técnica para essa implantação (O PROGRESSO, 13 de nov. 1975). Talvez, pressionado por interesses específicos dentro da UEMT, que mais tarde iriam aflorar, o assunto não foi discutido por quase dois anos, pelo menos oficialmente.

Pelas colocações dos jornais da época, a forma de agir do governador José Garcia Neto começava a proporcionar melhorias nos ânimos dos douradenses em relação à sua Faculdade de Agronomia. Aparentemente ele era um político que mantinha o que havia prometido.

O tempo passou e foi somente em 1977 que novamente as solicitações da comunidade começaram a se intensificar e, em função disso, sentia-se maior a proximidade de implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados.

Figura 20 - Matérias em jornal que denunciavam o apoio e o trabalho do deputado Paulo Saldanha em prol da Faculdade de Agronomia em Dourados.



Fonte: O PROGRESSO, 16/05/1977; O PROGRESSO, 23/05/1977; O PROGRESSO, 03/06/1977.

Em março de 1977 houve debates pró-implantação da Faculdade de Agronomia da UEMT em Dourados, que contaram com a participação do deputado estadual Paulo Saldanha (Figura 20), que era presidente da Assembleia Legislativa de MT naquela época (O PROGRESSO, 31 mar. 1977 e 23 maio 1977). Esse parlamentar, talvez por ter seu eleitorado em Ponta Porã e adjacências, tornou-se um dos grandes defensores da implantação da faculdade em Dourados, ajudando o prefeito Eng.º Agr.º José Elias Moreira e outros líderes regionais nessa empreitada. Sendo presidente da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, ele conseguia facilmente o apoio dos deputados ligados à região de Cuiabá. Nesses debates era comum a participação, além de deputados estaduais, dos vereadores de Dourados e de entidades da sociedade civil organizada.

Com a retomada, de forma bastante intensificada, das discussões relativas à implantação do curso de Agronomia em Dourados, chegou-se ao acordo de que era fundamental apresentar um projeto para a implantação do curso e, a partir desse momento, fazer transcorrer os trâmites normais dentro do CEUD/UEMT.

O prefeito José Elias Moreira, com o apoio do diretor do CPD, Prof. Milton José de Paula, montou uma equipe de trabalho que, além de ter características técnicas, tinha conhecimento quanto aos meandros da legislação universitária. Esse grupo de pessoas foi escolhido dentre os melhores em suas áreas de conhecimento ou de ação, todos estavam entre membros da sociedade douradense e fizeram questão de participar da elaboração do projeto (Quadro 2).

Quadro 2 - Equipe técnica que participou da elaboração do Projeto de implantação do curso de Agronomia na UEMT, o qual seria vinculado ao CPD.

COORDENAÇÃO	
Dra. Lori Alice Gressler (Presidente)	Secr. Mun. Educação e Cultura/Prefeitura de Dourados
Sr. Luiz Antonio Álvares Gonçalves	Secr. Mun. Educação e Cultura/Prefeitura de Dourados
PARTICIPAÇÃO	
Sr. José Cerveira	Prefeitura de Dourados
Sr. Milton José de Paulax	Centro Pedagógico de Dourados
Eng.º Agr.º Osmair Scarpari	Secr. Mun. Agricultura Ind. e Com./ Prefeitura de Dourados

Continua

Quadro 2 - Equipe técnica que participou da elaboração do Projeto de implantação do curso de Agronomia na UEMT, o qual seria vinculado ao CPD.

Continuação

COLABORADORES	
Sr. Pedro Carneiro Prof. ^a Zonir de Freitas Tetila Eng.º Agr.º Ubirajara Garcia Fontoura Eng.º Agr.º Firmino Rodrigues da Silva Sr. Ademir Gonçalves Sr. Luiz Carlos de Araujo Ferreira Sr. Shinsuke Onu	Prof. Mário Luiz Alves Eng.º Agr.º Odon Pereira de Oliveira Eng.º Agr.º Jorge Franco Lopes Eng.º Agr.º Geraldo Augusto de Melo Sr. Abdias Leite Sr. Franklin Delano Magalhães
OBS: Participaram dessa comissão, além de representantes da Prefeitura Municipal de Dourados e do Centro Pedagógico de Dourados, os membros da comunidade douradense, sejam de associações de classe ou profissionais liberais.	

Fonte: Projeto de implantação do curso de Agronomia, 9 de maio de 1977.
Documento cedido pela Biblioteca da UFGD.

Com relação à elaboração do Projeto de Implantação do curso de Agronomia, o Prefeito Municipal de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira, teve a oportunidade de contar com muitas pessoas, todas engajadas na luta de trazer a Faculdade de Agronomia para Dourados.

Dentre essas pessoas, a Prof.^a Dr.^a Lori Alice Gressler merece destaque ao chamar para si a responsabilidade de elaborar um projeto que pudesse ser aprovado, além de se comprometer em defendê-lo, com toda sua competência, onde fosse necessário. Para isso, pôde contar com um grande grupo de pessoas, tanto no processo de elaboração do projeto, como para realizá-lo após a devida aprovação. Também é justo

salientar os nomes de Luiz Antônio Álvares Gonçalves, da prefeitura de Dourados; Celso Green, responsável pela datilografia e formatação do projeto e da secretária acadêmica do CEUD, Maria Lucilda Gai Fagundes, que, visando o credenciamento do curso, foi incansável em fazer cumprir as exigências requeridas para aprovação do projeto de implantação do curso nos órgãos superiores da universidade.

O Sr. Luiz Antônio Álvares Gonçalves, com toda seriedade e vontade de trabalhar, veio a se tornar, mais tarde, também prefeito de Dourados e nos ajudar, nessa época, mais uma vez quando solicitamos dele, na qualidade de Presidente da ADUFMS/Dourados, fizesse a troca de quatro lotes que a associação tinha no Parque das Nações por um terreno mais central de Dourados, onde hoje é a sede da Associação dos Docentes da UFGD.

Nos Quadros 3 e 4, podem-se observar, respectivamente, as disciplinas que foram propostas para o curso de graduação em agronomia e os professores que se dispuseram a ministrá-las. Muitos desses profissionais que se predispuseram a ministrar disciplinas, inclusive da área técnica, nem vínculo tinham com o ensino universitário, mas era muito forte o desejo de contribuir com a instalação do curso de Agronomia em Dourados.

O projeto de implantação do curso de Agronomia, além das características já enunciadas, englobava ainda, como justificativas, o diagnóstico do potencial da região da Grande Dourados e o fundamento legal, incluindo aqui todas as leis e decretos que foram emitidos no passado para possibilitar a implantação. Além disso, foi incluído o fundamento político, a clientela escolar, as condições físicas, materiais e humanas para o curso de Agronomia e a previsão orçamentária para sua implantação.

Quadro 3 - Elenco de disciplinas que comporiam a estrutura curricular do curso de Agronomia do CPD/UEMT.

1. Cálculo I	18. Iniciação à Metodologia Científica	37. Tecnologia dos Produtos de Origem Animal
2. Cálculo II	19. Sociologia Geral	38. Tecnologia dos Produtos de Orig. Vegetal
3. Álgebra Linear e Geometria Descritiva	20. Morfologia e Gênese do Solo	39. Produção e Comercialização de Sementes
4. Iniciação à Estatística	21. Classificação de Solos	40. Planejamento e Desenvolv. Agrícola
5. Estatística Experimental	22. Fertilidade do Solo	41. Armazen. e Com. de Produtos Vegetais
6. Física I	23. Climatologia Agrícola	42. Sociologia Rural
7. Física II	24. Fitopatologia	43. Extensão Rural
8. Química Analítica Quantitativa	25. Pesquisa Agrícola	44. Irrigação e Drenagem
9. Química Analítica Qualitativa	26. Máquinas Agrícolas I	45. Olericultura e Fruticultura
10. Genética	27. Máquinas Agrícolas II	46. Eletrificação Rural
11. Zoologia Geral	28. Topografia I	47. Zootecnia
12. Botânica I – Morfologia Vegetal	29. Topografia II	48. Estágio Agrícola
13. Botânica II – Sistemática	30. Entomologia e Parasitologia	49. Educação Física
14. Fisiologia Vegetal	31. Ecologia Agrícola	50. Estudos de Problemas Brasileiros
15. Microbiologia Agrícola	32. Fitotecnica	
16. Desenho Técnico Aplicado	33. Silvicultura	
17. Língua Portuguesa	34. Economia Rural	
	35. Engenharia Rural I	
	36. Engenharia Rural II	

Fonte: Projeto de implantação do curso de Agronomia, 9 de maio de 1977.
Documento cedido pela Biblioteca da UFGD.

Quadro 4 - Nomes dos professores que se dispuseram a ministrar as disciplinas do curso de Agronomia e as respectivas disciplinas que seriam oferecidas.

N.	Professor	Disciplina
1	Antonio Loro*	- Topografia I - Topografia II
2	Ana Maria Sampaio	- Cálculo I - Cálculo II - Alg, L. e G. Descr.
3	Abramo Loro Neto Domingues	- Física I - Física II
4	José Sérgio de Frota Sysne*	- Zootecnia - Tec. Prod. Or. Na.
5	Francisco Marques Fernandes*	- Exper. Agrícola
6	Egon Krachecke*	- Planej. e Des. Agr.
7	Carmellio Romono Roos*	- Morf. G. do Solo - Clas. do Solo - Fertilidade do Solo
8	Izaura Higa	- Lingua Portuguesa
9	Jerônimo Marzurkiervics*	- Economia Rural - Administ. Rural
10	Jorge Franco Lopes*	- Silvicultura - Climatologia Agr.
11	José Elias Moreira*	- Máquinas Agr. I - Máquinas Agr. II
12	Lauro Joppert Swansson	- E.P.B.
13	Luiz Carlos R. L. de Carvalho*	- Eletrif. Rural - Eng. Rural I e II
14	Luiz Roberto Schmaedecke*	- Genética - Iniciação à est. - Estatística exper.
15	Lori Alice Gressler	- Inic. à Met. Cient.

Continua

Quadro 4 - Nomes dos professores que se dispuseram a ministrar as disciplinas do curso de Agronomia e as respectivas disciplinas que seriam oferecidas.

Continuação

N.	Professor	Disciplina
16	Maria Eugênia C. do Amaral	- Ecologia Agrícola - Zoologia Geral
17	Mario Luiz Alves	- Educação Física
18	Messias Faria Neto	- Química Quant. - Química Qual.
19	Nedson Almirão Gordin*	- Extensão Rural - Frut. e Oleric.
20	Nadir Martins	- Sociologia Geral - Sociologia Rural
21	Orlando Gressler*	- Irrigação e Dren. - Prod. C. de Sem. - Des. Técnico Apl.
22	Osmair Antonio Scarpari*	- Fisiologia Veg. - Arm. C. Pro. Veg. - Tec. Prod. Veg.
23	Orchisio Ferreira Mello*	- Fitopatologia - Ent. e Paras. Agr. - Fitotecnia
24	Odom Pereira de Oliveira*	- Botânica Geral - Botânica Sistem. - Microb. Agrícola

Fonte: Projeto de implantação do curso de Agronomia, 9 de maio de 1977.

Documento cedido pela Biblioteca da UFGD.

Nota: * Profissionais liberais.

Realizado com esmero e tendo contado com participação e apoio da comunidade, faz-se necessário aqui salientar que, além do apoio físico que a própria UEMT poderia fornecer, por intermédio do CPD, em termos de salas de aula, laboratórios, biblioteca, bem como o fornecimento de alguns professores, a comunidade, desde pessoas físicas até instituições públicas e privadas, propôs-se a auxiliar o curso de Agronomia no item “condições físicas” de forma bem ampla. Dentre os apoios recebidos, deve-se destacar o da EMBRAPA/Dourados na figura de seu chefe, o Eng.º Agr.º José Ubirajara Garcia Fontoura, que colocou à disposição do curso:

- a) Disponibilidade de 30 hectares de área para pesquisas e aulas práticas.
- b) Biblioteca da EMBRAPA, que estava com projeto em implantação, com área de 324 metros quadrados e 10.000 volumes.
- c) Laboratórios da EMBRAPA:
 - Laboratório de Solos;
 - Laboratório de Sementes;
 - Laboratório de Fitopatologia;
 - Laboratório de Entomologia.

Além disso, por parte da comunidade, houve ações que oportunizaram a concessão de:

- a) Terras, pelos moradores da região, para que pudessem ser realizados projetos de pesquisa pelos alunos e professores do curso de Agronomia.

- b) Estação meteorológica da Secretaria da Agricultura do Estado.
- c) Laboratório de Sementes da Secretaria de Agricultura do Estado.
- d) Tratores e implementos agrícolas Valmet, que poderiam ser cedidos pela revendedora GLITZ.
- e) Comodato de colheitadeira, tratores e implementos agrícolas Massey Fergusson, da revendedora SAKAGUTI.
- f) Comodato de máquinas e implementos agrícolas CBT, da revendedora DOMIL.

Dos professores que se dispuseram a ministrar disciplinas para o curso de Agronomia (Quadro 4), a maioria era profissionais liberais.

Dentre eles deve-se destacar o então prefeito municipal de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira que, como político, teve papel fundamental para que a Faculdade de Agronomia fosse instalada em Dourados, trabalhando de forma árdua dentro do estado e em Brasília. Torna-se necessário ressaltar também a participação do Eng.º Agr.º Osmair Antonio Scarpari, dono do jornal *O Panorama Rural* e incansável defensor e batalhador pela Agronomia em Dourados.

Nessa etapa atual na luta pró Faculdade de Agronomia, pode-se dizer que o processo foi capitaneado pelo ex-prefeito José Elias Moreira, que nesse momento também tinha assumido a presidência da Associação dos Prefeitos da Grande Dourados, podendo-se observar algumas de suas ações na Figura 21. No entanto, os atores antigos, especialmente o agora vereador Celso Amaral, continuavam ativos e com a mesma determinação de outrora.

Figura 21 - Algumas matérias sobre ações que o ex. prefeito de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira, fez para que o curso de Agronomia fosse implantado em Dourados.

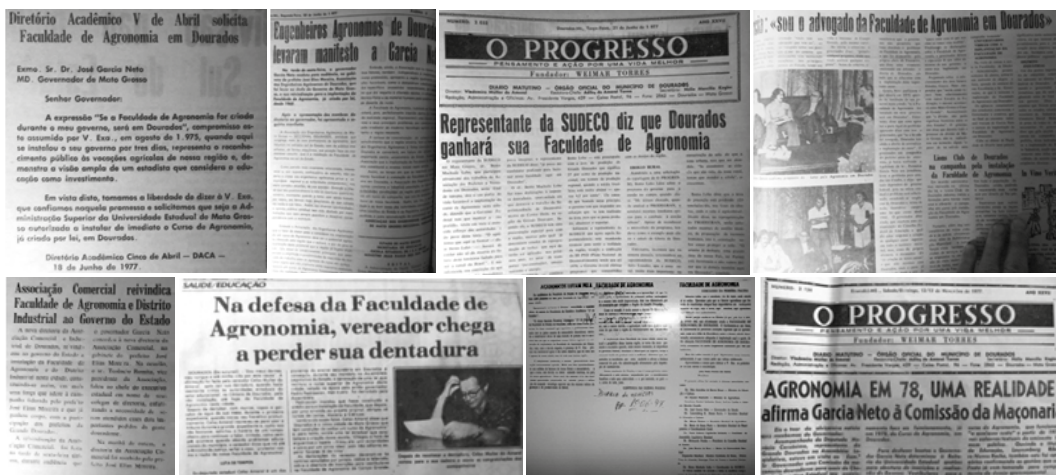


Da esquerda para direita, de cima para baixo: FOLHA DE LONDRINA, 7/06/1977; CORREIO DO ESTADO, 28/06/1977; DIÁRIO DA SERRA, 8/07/1977; O PROGRESSO, 14/06/1977.

Nesse meio tempo, toda a comunidade douradense continuava sua luta, fornecendo apoio das formas mais variadas para que esse intento fosse obtido.

Pela Figura 22 se podem verificar algumas matérias de jornais da época, com esse desejo explicitamente manifestado. O interessante é que essas notícias eram publicadas não somente em jornais de Dourados, sendo comum sua ocorrência em jornais de Campo Grande, de Cuiabá e até de Londrina, no Paraná, tamanha a dimensão do movimento demandado pela comunidade regional.

Figura 22 - Algumas notícias publicadas em jornais sobre apoios que a Faculdade de Agronomia recebeu para ser instalada em Dourados.



Da esquerda para direita, de cima para baixo: O PROGRESSO, 20/06/1977;
O PROGRESSO, 20/06/1977; O PROGRESSO, 21/06/1977; O PROGRESSO, 17/06/1977;
O PROGRESSO, 22/06/1977; FOLHA DE LONDRINA, 14/05/1977;
DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15/06/1977; O PROGRESSO, 12/11/1977.

Nesse contexto e momento histórico, os diretórios acadêmicos dos estudantes de direito e de administração de empresas da SOCIGRAN (hoje UNIGRAN), o Lions Clube de Dourados, a Maçonaria e a Associação Comercial de Dourados, dentre outras entidades civis organizadas, lutaram e se manifestaram em prol da implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, além de representantes da própria Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), ministros e até o governador do estado de Mato Grosso, Sr. José Garcia Neto. Esse último, em função de sua importância, merece atenção especial que será dada em seguida.

Em um dos muitos debates ocorridos na Câmara Municipal de Dourados sobre o que e como se faria para resolver os entraves sobre a implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, um deve ser destacado. Foi em uma sessão ocorrida em maio de 1977, na qual, após muitos vereadores discursarem em apoio à Agronomia em Dourados (vale lembrar que Campo Grande e seus políticos a queriam para lá ainda nessa data), tomou a palavra para oratória o vereador Celso Müller do Amaral. Realizando sua oratória no púlpito, colocando-se de forma emocionada, mas veementemente em defesa da implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, em um dado momento chegou a derrubar sua dentadura no chão. Não se fez de rogado, tranquilamente desceu do púlpito, e depois de recolocá-la na boca, disse: “dou meus dentes, meu sangue e até minha vida por essa causa”.

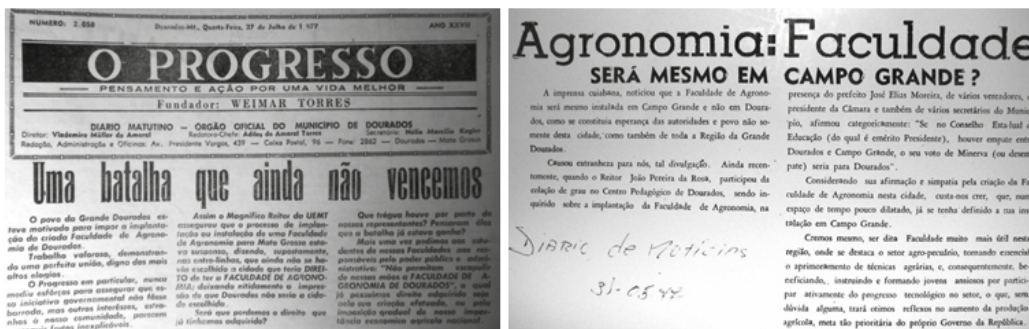
Essa fala ocorreu depois dele ter derrubado, com murros e socos, a sua água no chão, durante o primeiro expediente da mesma sessão, quando começou a fazer seu frenético pronunciamento (FOLHA DE LONDRINA, 14 maio 1977).

Nessa mesma sessão o vereador Celso Amaral inscreveu-se para usar a tribuna no grande expediente, e como se não bastasse, pediu horário extra para um colega.

Nesse pronunciamento teria prometido, ainda de forma irritada, que, se preciso fosse, iria até o Ministério da Justiça em prol dessa causa. Toda defesa do vereador deveu-se ao fato de que, segundo as últimas notícias da capital do estado, seria aberto vestibular para o curso de Agronomia, mas para funcionar em Campo Grande e não em Dourados.

O interessante é que essa fala do vereador Celso Amaral tinha embasamento, uma vez que durante 1977 foram muito comuns às matérias vinculadas nos jornais do estado de Mato Grosso e até de fora dele, dando conta de que a Faculdade de Agronomia seria instalada em Campo Grande e não em Dourados — isso pode ser constatado em várias matérias de jornais da época, dentre elas, duas que estão expostas na Figura 23.

Figura 23 - Algumas das notícias desalentadoras que eram comumente vinculadas na mídia escrita durante 1977.



Fonte: O PROGRESSO, 27/07/1977; DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Cuiabá), 31/05/1977.

Nessa reportagem, que foi veiculada pela imprensa de Cuiabá, a Faculdade de Agronomia seria instalada em Campo Grande, contra a luta dos políticos e do povo de Dourados e região. O título da reportagem foi posto dessa forma, pois, dias antes, o reitor da UEMT, em cerimônia de colação de grau no Centro Pedagógico de Dourados (CPD), teria dito que quando o assunto fosse colocado no Conselho Estadual de Educação, se houvesse empate, o seu voto seria em favor de Dourados.

O jornal *Folha de Londrina*, de 14 de maio de 1977, em uma matéria sobre o caso, explicando o que acontecia para os seus leitores, relatou parte da história inicial da Faculdade de Agronomia. Ainda nessa matéria, o jornal explicou que os prédios que foram construídos para abrigá-la, imediatamente após terem sido concluídos e inaugurados, cederam espaço para que fossem implantados os cursos de Letras e Estudos Sociais, o que teria sido feito por emenda à lei original de sua aprovação.

Na mesma matéria, cujo título era “Dourados protesta pela não implantação da Faculdade de Agronomia”, o jornal diz haver um movimento entre as lideranças políticas da região da Grande Dourados, em função da marginalização que estaria sendo imposta a ela por setores dos governos estadual e federal, quanto à inadequação do ensino superior nessa região. Fez ainda algumas colocações sobre o caso, como uma fala do vereador Celso Amaral, que, referindo-se à região de Dourados, especialmente em função do seu poderio político e econômico, tinha comentado que “essa região é um colosso sem cabeça”. O jornal relatou ainda que outros vereadores fizeram colocações, todas seguindo pelo mesmo caminho, o único com possibilidade de ser aceito pela comunidade local.

Foi o que ocorreu com o presidente da câmara, vereador Sultan Rasslan, ao apoiar seu colega Celso Müller do Amaral, defendeu que deveria haver união de

todos por Dourados, pois se isso acontecesse não se derrubará paredes, pois a que encontrarão pela frente será muito grossa. E a prova de que Sultan efetivamente pregava o que dizia é que bandeiras partidárias não pesavam nesses momentos de luta, pois ele não era do partido do vereador Celso Amaral.

Dentre os outros vereadores que se dispuseram a falar sobre o tema, foi dado destaque ainda ao pronunciamento do vereador Walter Carneiro, que lembrou palavras do governador Garcia Neto quando, na primeira reunião de seu governo, fora da capital Cuiabá, em Dourados, em 1975, ele teria garantido que se a Agronomia fosse implantada, seria em Dourados.

O jornal fez ainda, nessa mesma matéria, mais duas outras colocações importantes, a primeira, esclarecendo que o maior defensor dessa causa, foi o Prof. Celso Amaral, que além de ex-deputado, foi membro da Comissão Estadual de Educação, de onde foi excluído por defender a Faculdade de Agronomia em Dourados e por divulgar as negociações que estavam ocorrendo para impedir que Dourados a tivesse.

Sobre essa exclusão do Prof. Celso, o que se pode colocar, é que infelizmente não só naquela época, mas ainda hoje existe, dentro das administrações estaduais e mesmo dentro da universidade, esse método antiquado e antidemocrático de excluir pessoas que não se coadunam com as ideias do grupo mandatário. Essa metodologia é uma constante e o que não é fácil de aceitar é que a eficiência ou a capacidade de trabalho pouco valem, pois a única coisa que importa é, ou o fato de se atender desejos do executivo mandatário ou se fazer parte do grupo político que detém o poder.

A segunda colocação relevante levantada pelo jornal foi que o vereador Joel Pizzini, que já tinha apresentado um requerimento no passado, que foi aprovado e

enviado a todas as câmaras de vereadores da região da Grande Dourados, pedindo alteração do nome proposto para o novo estado, que seria originário da divisão do estado de Mato Grosso, que os políticos de Campo Grande queriam que fosse denominado de “estado de Campo Grande”, agora apresentava novo requerimento, dessa vez solicitando apoio para que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Dourados. Como justificativa para esse novo requerimento, ele via, nesse pedido, a única forma de se evitar a “marginalização do município de Dourados, por forças estranhas”, como definia comumente o seu colega de vereança, Celso Amaral.

Desse momento em diante, até o final de 1977, e considerando-se as ações: a) da comunidade de Dourados, b) dos políticos de Dourados e daqueles ligados a Campo Grande e c) dos principais jornais dessas duas cidades, muitas idas e vindas ocorreriam, assim como contraditórios eram postos na imprensa. Em um momento a beneficiária era a cidade de Dourados e em outro, Campo Grande — para isso os interessados, por uma razão ou outra, não se faziam de rogados.

Desse momento em diante, no histórico da implantação do curso de Agronomia, os políticos de toda a região, de forma geral, defendendo suas bases e seus ideais, sempre apoiados pelas mídias regionais de Cuiabá-MT e de Londrina-PR, sempre com sua elevada capacidade de cobrança, tiveram um papel fundamental para que esse curso tivesse de fato sido implantado em Dourados e seja o que é hoje.

O prefeito de Dourados, como otimista que sempre foi, fazia parte daquelas pessoas para as quais não haveria outra solução para o caso, nem dificuldades. A Faculdade de Agronomia “deveria ser implantada em Dourados”, pois teria inclusive o apoio do governador do estado, José Garcia Neto, para essa causa, sendo previsto já o primeiro vestibular em 1978 (DIÁRIO DA SERRA, 30 maio 1977).

Nessa história toda, talvez o governador Garcia Neto tenha sido uma daquelas pessoas que mais sentiram a intransigência dos políticos ligados a Campo Grande. Em uma viagem específica que o prefeito José Elias fez a Cuiabá, além de levar em mãos ao governador José Garcia Neto o projeto de implantação do curso de Agronomia no CPD, disse ao Sr. Garcia Neto que não era contra aquilo que algumas autoridades de Campo Grande queriam (um curso de Agronomia para lá), no entanto, que o prédio do CPD tinha sido construído para essa finalidade específica e, mesmo assim, o curso não tinha sido implantado em 1971. Na sua volta a Dourados, aparentemente seu otimismo estava ainda maior, pois comentou que o governador o lembrou de que em 1975, quando instalou o governo em Dourados, recebeu mais de 500 estudantes que lhe teriam solicitado a implantação do curso na cidade e, nesse dia, ele teria dito que, se ele fosse implantado, seria em Dourados (O PROGRESSO, 21 maio 1977).

Procurei saber das razões que levaram o governador do estado de Mato Grosso, Sr. José Garcia Neto, a ser tão solidário assim com o povo e as lideranças políticas da região de Dourados, e defender de forma tão veemente a implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, fato que ocorreu meses antes do fim de seu mandato.

Dentre as respostas que obtive estão, em primeiro lugar uma questão “da palavra dada”. Essa explicação se alicerça no fato de que, durante sua primeira visita a Dourados, enquanto governador, nos idos de 1975, tendo sido informado de todo histórico do povo e lideranças políticas dessa região quanto a Agronomia, teria ficado sensibilizado e dito o que o vereador Walter Carneiro já teria anteriormente repetido em uma reunião da Câmara de Vereadores de Dourados, ou seja, que se a Faculdade de Agronomia fosse implantada, seria em Dourados. Teria pesado, nesse

caso, ao mesmo tempo em que ele tinha dado sua palavra, o fato de que conhecia o potencial agropecuário da região da Grande Dourados.

Uma segunda explicação pode ser observada em uma matéria de Barros Junior (2012), na qual o autor coloca o seguinte:

Nesse período o marrento Garcia Neto, como governador de Mato Grosso, revelou-se fervoroso anti-douradense e fez de tudo o que podia ao seu alcance, para instalar a Faculdade de Agronomia em Campo Grande. Levando, politicamente, o jovem Prefeito local a convocar nossa população a protestar. Juntou-se a ela os estudantes de direito da UNIGRAN. Pressionado, o mandatário Estadual viu-se coagido a instalar esse curso Superior, com os deputados estaduais Celso Amaral, Edson Pires, Londres Machado e Walter Carneiro, literalmente o forçando na Assembleia Legislativa de Cuiabá. (BARROS JUNIOR, 2012).

Continuando, esse autor ainda informou: “Sem ter alternativas, o governador Garcia Neto, mesmo estando bastante contrariado, entregou os pontos, inaugurando a Faculdade de Agronomia douradense”. (BARROS JUNIOR, 2012).

Uma terceira forma de ver o mesmo problema pode ter sido o explicitado por Silva (2010): “em 1977, no auge da crise entre campo-grandenses e cuiabanos, por causa da divisão do estado de Mato Grosso, o reitor da UEMT, João Pereira da Rosa, comprou uma briga daquelas com o governador Garcia Neto, por causa do curso de Agronomia de Dourados, embrião do que viria a ser a UFGD”. Continuando, esse autor afirma que:

Não que Garcia Neto morresse de amores pela terra de seu Marcelino, mas, o representante da cuiabania, prometeu aqui instalar o curso para

se vingar de Campo Grande, que havia liderado o movimento pela Divisão do Estado. Numa de suas últimas visitas à Dourados, em reunião no gabinete do prefeito José Elias Moreira, o governador pediu pressa ao Reitor, mas sendo contrariado diante do argumento de que pelo parecer de técnicos da Universidade a opção era por Campo Grande. Foi quando, num rompante histórico, Garcia, com inflamado sotaque nordestino, de público ordenou: *O curso vem para Dourados, nem que para isso eu tenha que demitir o Reitor, pois a palavra do governador não pode ser jogada na lata de lixo*. E assim foi feito. (SILVA, 2010, grifo nosso).

Silva (2013) em seu blog relata algo parecido e coloca uma parte dessa história que estava perdida, dizendo:

Depois de vários pleitos políticos, foi preciso um murro na mesa do governador do Estado [Figura 24] para que o curso de Agronomia, embrião da UFGD, fosse finalmente instalado em Dourados. Alegando falta de infra-estrutura, o reitor da UEMT, João Pereira da Rosa (o carequinha sentado à esquerda, entre o governador e Walter Carneiro) queria porque queria levar o curso para Campo Grande. Nesta aí, que foi uma de suas últimas visitas a Dourados, Garcia Neto (o último governador do Mato Grosso antes da divisão) disse que sua palavra não poderia ser jogada na sarjeta e que o curso de Agronomia seria instalado em Dourados, mesmo que para isso ele precisasse demitir o reitor.

Nesse ínterim, e ainda não tendo o governador definido que a Agronomia ficaria mesmo em Dourados, após participar de uma colação de grau no Centro Pedagógico de Dourados (CPD) o prefeito, Eng.º Agr.º José Elias Moreira manteve reunião com o reitor da Universidade Estadual de Mato Grosso, Prof. João Pereira da Rosa, da qual também participaram os vereadores de Dourados, Walter Benedito Carneiro e

Juarez Fiel Alves, e o presidente da câmara municipal Sultan Rasslan, além dos secretários municipais da Agricultura Eng.º Agr.º Osmair Scarpari e da administração, Sr. Antonio Medina. Participaram ainda os professores do CPD, Laerte Cecílio Tetila, Lori Alice Gressler e Zonir de Freitas Tetila, bem como outras lideranças políticas regionais.

Nessa reunião o prefeito, com apoio dos demais participantes, fez uma grande explanação ao reitor sobre as vantagens da Faculdade de Agronomia ser implantada em Dourados e lhe mostraram toda a região, momento em que ouviram do reitor que “se houvesse empate na decisão de onde seria implantado o curso, no Conselho Estadual de Educação ele desempataria em favor de Dourados” (FOLHA DE DOURADOS, 25 maio 1977).

No dia seguinte, via entrevista pessoal com o ex-prefeito José Elias Moreira, foi nos informado que houve um debate na Câmara Municipal com o título “Agronomia em Dourados: *o ideal para o estado*”. Estiveram presentes, dentre outras pessoas, o presidente da câmara, o vereador Sultan Rasslan, o presidente da ARENA, Walter Carneiro, e o reitor da UEMT, João Pereira da Rosa, além do prefeito de Dourados, José Elias Moreira. Mais uma vez, o reitor teria declarado que se precisasse do seu voto de minerva, no Conselho de Ensino do Estado, a Faculdade de Agronomia seria implantada em Dourados.

Em uma reportagem, *O Progresso* (26 maio 1977) relata que um jornal da capital do estado (Cuiabá), citando como fonte a UEMT, noticiou que “Campo Grande acha inviável uma Faculdade de Agronomia em Dourados”. Na verdade essa “briga” entre Dourados e Campo Grande nunca deixou de existir.

Figura 24 - Reunião ocorrida na Prefeitura Municipal de Dourados, na qual participaram, o governador do estado, José Garcia Neto, o prefeito municipal de Dourados, José Elias Moreira, o reitor da UEMT, João Pereira da Rosa, e o deputado estadual, Walter Carneiro, dentre outras autoridades.



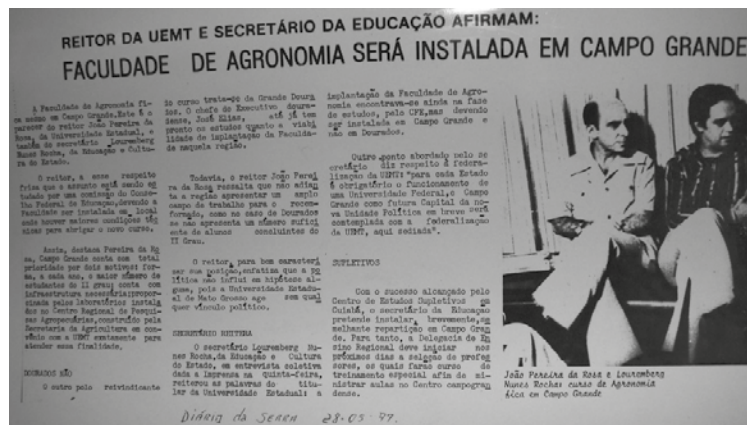
Fonte: SILVA, 2013.

Por outro lado, o deputado estadual Paulo Saldanha, em um comentário na tribuna da Assembleia Legislativa, colocou que não via no estado de Mato Grosso um lugar melhor que Dourados para a Faculdade de Agronomia e deixou claro que já tinha solicitado, no passado, ao governador, que essa faculdade fosse instalada em Ponta Porã, mas que hoje defendia que Dourados a sediasse, por acreditar que esta seria uma das maiores cidades do país, em função das características de sua agricultura pujante e sua estratégica posição geográfica (O PROGRESSO, 26 maio 1977). Ele teria recebido, na Assembleia Legislativa, grande apoio dos deputados do norte do estado em prol de sua defesa pela implantação do curso de Agronomia em Dourados.

Mais tarde o deputado comentaria que essa defesa por Dourados decorreu depois de conversar com sua base eleitoral em Ponta Porã, e por considerar que, com toda procedência, o povo da região tem por aspiração maior o funcionamento da Faculdade de Agronomia, que por lei, já lhes pertence desde 1968.

Essas inúmeras e frequentes contraposições eram sempre colocadas na imprensa e ocorreriam praticamente toda semana, durante quase todo o ano de 1977. Um dos contraditórios imediatos à fala do reitor em Dourados, na Câmara Municipal, apareceu quando um jornal de Campo Grande publicou como manchete: “reitor da UEMT e secretário da educação afirmam: Faculdade de Agronomia será em Campo Grande” (Figura 25). Para justificar tal escolha, o reitor enumerou duas razões: a primeira em função do maior número de alunos oriundos do 2º grau e a segunda em função de Campo Grande dispor de Laboratórios que poderiam ser utilizados, pois tinham sido implantados no Centro Regional de Pesquisas Agropecuária, construído pela Secretaria da Agricultura Estadual em Campo Grande (DIÁRIO DA SERRA, 28 maio 1977).

Figura 25 - Reitor da UEMT e secretário da educação tornando público que a Faculdade de Agronomia seria instalada em Campo Grande.



Fonte: DIÁRIO DA SERRA, 28 maio 1977.

Na mesma matéria, o Secretário Estadual de Educação, Lourenberg Nunes Rocha, complementando as palavras do reitor da UEMT, colocou que, embora houvessem estudos sendo realizados pelo Conselho Federal de Educação (CFE), esse curso de Agronomia deveria mesmo ser implantado em Campo Grande.

Em função das colocações feitas por essas autoridades na entrevista anterior, o deputado Paulo Saldanha criticou o secretário da educação, Prof. Lourenberg Nunes Rocha, por sua defesa na implantação da Faculdade de Agronomia em Campo Grande. Dentre as ações refutadas pelo deputado está a de que essa aspiração da região de Dourados em ter um curso de Agronomia era muito antiga. Na verdade, sobre esse fato, o deputado ainda disse que, após a aprovação da lei que criou a Faculdade de Agronomia de Dourados — Lei n. 2.851 de 30 de setembro de 1968,

já no ano de 1969 —, os então deputados Celso Müller do Amaral e José Cerveira apresentaram emendas à lei que reestruturava as diretrizes e bases do ensino superior, revigorando dessa forma a criação da Faculdade de Agronomia em Dourados.

O deputado Paulo Saldanha também falou que era absurda a ideia de se formar agrônomos de asfalto e que a Faculdade não visa apenas atender ao município de Dourados, mas toda a região da Grande Dourados e, enfim, todo o estado que o presidente Geisel pretende criar no sul de Mato Grosso.

Três dias mais tarde, o *Diário de Notícias de Cuiabá* dizia que tal evento acabaria com as esperanças do povo da região de Dourados. Com toda essa disputa em torno de onde seria implantada a Faculdade de Agronomia, Dourados, por conta própria, impõe que a instalação dessa Faculdade deveria ser mesmo em Dourados e isso seria para atender às solicitações da população daquela região que desde o final da década de 1940 assim o desejava. O prefeito de Dourados, José Elias Moreira, afirmou que continuaria lutando, com todos os meios, para que a Faculdade de Agronomia fosse implantada o quanto antes em Dourados, e completou sua fala dizendo que não aceita a justificativa do reitor da UEMT, Prof. João Pereira da Rosa, de que Dourados não possuía número suficiente de alunos para o curso (DIÁRIO DA SERRA, 28 maio 1977).

Naquelas idas e vindas, o prefeito José Elias Moreira afirmou que, se não houvesse maiores obstáculos, o primeiro vestibular seria em 1978, uma vez que o apoio do governador é definitivo e que, de acordo com as características do curso e da região, a outra localidade defendida para sua implantação, Campo Grande, ficaria prejudicada, como era intenção, *a priori*, do reitor da UEMT, Prof. João Pereira da Rosa (DIÁRIO DA SERRA, 30 maio 1977).

Mas esse processo dependia muito da política, e definitivamente não estava resolvido, pois “aquelas forças estranhas ou ocultas”, sempre comentadas pelo deputado/vereador Celso Amaral, não desistiriam facilmente.

No final de maio de 1977 haveria uma reunião entre os prefeitos da região da Grande Dourados, como prévia para a vinda do governador Garcia Neto. Dentre os três eixos das reivindicações que seriam feitas ao governador estavam: a implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados e o asfaltamento da estrada que ligava essa região ao estado do Paraná — utilizando-se, inclusive, recursos de uma prorrogação do PRODEGRAN (Programa de Desenvolvimento da Grande Dourados) até 1981.

É interessante observar o nível de importância dada pelos prefeitos das cidades que compunham a região da Grande Dourados, num total, à época, de 28 municípios, para a implantação da Faculdade de Agronomia, que, do ponto de vista deles, deveria ser implantada em Dourados.

Considerando ainda as tais idas e vindas da política do estado de Mato Grosso, nesse período temporal, especialmente entre Dourados e Campo Grande, o presidente da câmara de Dourados, vereador Sultan Rasslan, exigente como sempre foi, mesmo sendo adversário político do prefeito municipal Sr. José Elias Moreira, defendia sempre a Faculdade de Agronomia em Dourados, e era respaldado por muitas pessoas influentes, dentre elas o advogado e professor José Marques Luiz que, em seu artigo no jornal *O Progresso* de 31 de maio de 1977, afirmou: “Ao homem próprio, uma Faculdade própria! Ao homem da terra, uma Faculdade que se volta para a terra!”. Aos poucos, sempre em respeito à vontade da população de Dourados e região, que desde fins de 1940 almejava um curso na área de Agronomia, os políticos

locais foram se organizando. Celso Müller do Amaral teria dito em uma conversa com seus pares Roberto Djalma Barros e Ramão Moacir da Fonseca: “Somos soldados e não podemos abandonar a luta e, portanto, precisamos defender a Faculdade de Agronomia em Dourados da forma mais intensa possível”.

O movimento “Agronomia em Dourados” tomava corpo novamente e, em função disso, as ações políticas ocorreram em grande escala, dentro da Câmara Municipal de Dourados e na Assembleia Legislativa Estadual de Mato Grosso.

Foi dada a notícia de que, se por um lado, deputados da região de Dourados estavam se mobilizando para reivindicar do governador do estado a implantação da Faculdade de Agronomia para Dourados, por outro, os vereadores municipais da região já tinham definido amplas conversações para os dias 18 e 19 de junho de 1977 (O PROGRESSO, 02 jun. 1977), também com a mesma finalidade.

Nesse meio tempo, e considerando a vinda a Dourados do governador do estado de Mato Grosso, Sr. José Garcia Neto, o prefeito de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira, visitou os 28 municípios da chamada Região da Grande Dourados e com concordância deles, e considerando ainda que “a união faz a força, serão levados adiante os reclamos de interesse regional, dentre eles a Faculdade de Agronomia” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 09 jun. 1977).

Logo após a chegada do governador José Garcia Neto, ele foi questionado se já não estaria apoiando a implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados. De imediato ele confirmou o que já havia dito em 1975, em sua primeira participação política em Dourados que foi: “Se a Faculdade de Agronomia for instalada no meu governo, será em Dourados”. O governador, na noite de 10 de setembro de 1977, em visita à Faculdade de Direito e Administração da SOCIGRAN (atual

UNIGRAN), perante centenas de estudantes, notou um ambiente de alegria e festa quando do anúncio de que era iminente a implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados. Para quem estava presente, os aplausos entusiásticos dos estudantes comoveram o governador Garcia Neto e sua comitiva a ponto de, no final da visita, terem de Garcia Neto a certeza de que o curso seria mesmo implantado em Dourados. Em função disso. Os estudantes de direito da SOCIGRAN entraram na luta pela Faculdade de Agronomia (*O Progresso*, 14 de junho de 1977). Nesse período da visita do governador em Dourados, outro político que se manifestou sobre o tema foi o deputado estadual Horácio Cerzósimo de Souza, que reafirmou, na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, sua disposição em lutar pela implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados. O deputado colocou ainda que não deveria ser alterado o projeto original nem o texto da Lei, “Por força e consequência de interesses de estranhos ao nosso fundado e merecido direito” (*O PROGRESSO*, 14 jun. 1977).

Foi nessa época que o Diretório Acadêmico 27 de Outubro, de Direito, entrou na luta em prol da instalação da Faculdade de Agronomia em Dourados. Dentre as considerações dos estudantes de Direito, uma das de impacto foi: “Somos estudantes de Direito e essa é nossa primeira causa. Abraçamo-la e nela estamos empenhados por a considerarmos benéfica a toda uma coletividade, e por extensão ao país e, acima de tudo, por achá-la justa”. (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 15 jun. 1977).

A Diretoria do recém-criado Diretório Acadêmico 27 de Outubro, do curso de Direito/SOCIGRAN, engajado pela luta em prol da implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, redigiu uma petição e a encaminhou a todas as autoridades estaduais e federais que poderiam influir sobre o assunto, incluindo desde

o Sr. Ney Aminthas de Barros Braga, Ministro da Educação, até o representante da SUDECO em Mato Grosso, Sr. Bento Machado Lobo, passando pelos senhores: Alisson Paulinelli, ministro da Agricultura; José Garcia Neto, governador do Mato Grosso; Lourenberg Nunes Rocha, secretário estadual de educação; Maçao Tadano, secretário estadual de agricultura; Bento de Souza Porto, secretário estadual de planejamento; Paulo Roberto Capiberibe Saldanha, presidente da assembleia legislativa de Mato Grosso; Raimundo Pombo, presidente do Conselho Estadual de Ensino; João Pereira da Rosa, reitor da UEMT; e pelos deputados estaduais: Horácio Cersózimo de Souza, Edison Pires de Almeida, Henrique Pires de Freitas e Londres Machado.

Essas manifestações dos estudantes de Direito foram retratadas em Campo Grande pelo *Diário da Serra* (16 jun. 1977), que, nessa mesma edição, mencionava o presidente da Câmara Municipal de Dourados, vereador Sultan Rasslan, ao denunciar que um determinado político de Campo Grande estaria tentando enfraquecer a ASSULMAT, intencionando criar outra associação de prefeituras no Vale do Ivinhema.

Talvez esse político não estivesse querendo enfraquecer apenas a ASSULMAT, como salientou Sultan Raslan, pois, de acordo com Ferreira (2011), ele também tentou “levar a Faculdade de Agronomia para Campo Grande, mas nossos valentes e vigilantes deputados Celso Müller do Amaral e José Cerveira não deixaram que tal acontecesse”.

“Agronomia em Dourados: o ideal para o estado”

Esse foi o lema que o povo de Dourados adotou, naquela época, em todos os protestos que faziam pela implantação da Faculdade de Agronomia.

A grande passeata, cujo início das movimentações dos participantes pode ser visualizada na Figura 26, solicitava que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Dourados. Ela contou com o apoio da população e dos estudantes dos cursos de Direito e Administração e de políticos, dentre os quais o deputado Paulo Saldanha, o presidente da Assembleia Legislativa, o Sr. José Cerveira, o deputado Edison Pires de Almeida, o prefeito José Elias Moreira, vereadores e secretários municipais de Dourados. Todos eles participaram da passeata, como atestam as fotografias.

Figura 26 - Fotografias que ilustram a passeata que houve em Dourados, em 16 de junho de 1977, com objetivo de sensibilizar o governador do estado, José Garcia Neto, a implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados.



Fonte: Arquivo pessoal do prof. Celso Muller do Amaral.

Muitos cartazes traziam os anseios do grupo em prol da implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, com mensagens como: “Asfalto não utiliza agrônomos”, “Estudantes de direito querem agronomia” e “Dourados tem vocação agrícola”.

Nesse dia se prestou desde esclarecimentos até distribuição de adesivos a serem fixados em veículos, o qual dizia: “Agronomia em Dourados, o melhor para o Estado”, e teve rápida aceitação pelos douradenses. Essas manifestações romperam as divisas de Dourados, tendo sido assunto das mídias, inclusive de Cuiabá e Campo Grande.

Em junho de 1977, o deputado Horácio Cerzósimo de Souza fez uma indicação ao governador José Garcia Neto, com cópia ao reitor da UEMT, e a defendeu em plenário. Era para que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Dourados. No plenário, o deputado discorre sobre todas as vantagens de se implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados, indo desde a vantagem da topografia das terras regionais até a vocação agrícola do povo.

Com toda essa movimentação, o governador do estado se colocou como advogado da luta pela Faculdade de Agronomia em Dourados, ao mesmo tempo em que Lyons Clube de Dourados, se solidarizava com os anseios da comunidade, entrou também nessa luta.

Em outra frente, e reunidos em Dourados, sob a liderança do prefeito José Elias Moreira, 28 prefeitos da região da Grande Dourados, discutiram aspectos do PRODEGRAN que envolvia recursos da ordem de 185 milhões de cruzeiros. Nesse momento, ficou aprovada a destinação de parte desses recursos para a implantação, em Dourados, da Faculdade de Agronomia.

Embora seja muito difícil acreditar que tenha havido essa concordância dos prefeitos da região da Grande Dourados em se predispor a gastar recursos que vinham do governo federal via SUDECO, com uma Faculdade que seria implantada em Dourados, de fato, essa concordância aconteceu e o curso de Agronomia, depois de implantado, recebeu da SUDECO recursos para esse fim. Esses recursos foram recebidos e gastos no início da década de 1980, com a implantação do NECA (Núcleo Experimental do curso de Agronomia).

Uma das preocupações dos prefeitos da região da Grande Dourados era quanto às verbas que vinham do governo estadual, uma vez que o estado de Mato Grosso estava em fase de divisão. Em função desse receio, o governador mandou o Secretário de Planejamento e Coordenação Geral de Mato Grosso, Sr. Bento Porto, que esclareceu que a divisão do estado de Mato Grosso não alteraria, por ordem do governador José Garcia Neto, a planilha gastos que deveria ser feita na região de Dourados. Indagado pela imprensa presente sobre a possibilidade de implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, disse o governador: “Querer, para os fracos, nem sempre significa poder, mas para Dourados, querer é poder” e completou que “O Brasil não precisa de agrônomos do asfalto” (O PROGRESSO, 20 jun. 1977b).

Esse talvez tenha sido um dos mais claros recados que os políticos de Dourados tinham recebido desde que começou essa segunda fase da luta pela implantação da Faculdade de Agronomia, e comemoraram.

Comemoraram, mas não descansaram. A comunidade ainda estava temerosa com o que houve entre o final de 1970 e início de 1971, quando todos os prédios foram construídos para receber a faculdade, mas esta não foi implantada; por isso não podia parar a movimentação e os esforços da população. Em seguida engenheiros

agrônomos de Dourados levaram um manifesto ao governador Garcia Neto. Estes eram representantes da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Mato Grosso – Seccional de Dourados (AEAGRAN), que congregava mais de cem profissionais naquela época, defendiam que a Faculdade de Agronomia fosse efetivamente implantada em Dourados, uma vez que o potencial agrícola da região era inquestionável.

Vale, em função dessa última colocação, ressaltar que a AEAGRAN passou, desse momento em diante, a apoiar de forma veemente que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Dourados.

Pouco tempo depois, o movimento recebeu apoio também do diretório acadêmico V de Abril, dos estudantes de Administração da SOCIGRAN (atual UNIGRAN). Esse apoio se deu inclusive na forma de manifesto publicado em vários jornais de Mato Grosso, como já vimos na Figura 22.

Nesse ínterim, muitos douradenses sem tanta participação ativa nessa defesa em prol da implantação da Agronomia em Dourados começaram a se manifestar, dentre eles, via documento publicado, o Eng.º Agr.º Domingos Marcondes Terra que, além de defendê-la em Dourados e não em Campo Grande, colocou em sua matéria publicada no *O Progresso* uma frase de Thomaz Hughes que diz: “Estamos com agricultores do séc. XIV, política do sec. XV, economia do sec. XVII e cientistas do sec. XXI”. Criticou ainda o mesmo autor, o *modus operandi* dos políticos daquela região (Campo Grande) e defendeu ainda a criação de um Instituto de Pesquisas em Agronomia (O PROGRESSO, 20 jun. 1977b).

Em entrevista fornecida a mim, o ex-prefeito de Dourados, Sr. José Elias Moreira, revelou que o representante da SUDECO (órgão que mais tarde financiaria parte das demandas do curso de Agronomia) em Mato Grosso, o Sr. Bento Machado Lobo, que

participou das reuniões que se iniciaram em 22 de junho de 1977, deu o seu ponto de vista favorável à implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados e lhe disse também que o governo deveria entender que o agrônomo que aqui se formar haverá de cuidar da reserva do futuro desse território que é fadado a ser a Canaã do Brasil.

Entre os dias 22 a 28 de junho de 1977, questionado em diversas ocasiões pelos principais jornais do estado de Mato Grosso, o governador deixou claro seu desejo de implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados antes do término de sua gestão.

Nessa mesma entrevista, o ex-prefeito de Dourados relatou que, depois que o governador se manifestou publicamente de forma favorável à implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, muitos políticos e, inclusive um professor da UNB, que estava aqui na época, se solidarizaram em apoio a essa decisão (DIÁRIO DA SERRA, 30 jun. 1977).

Em função dessas últimas notícias obtidas via reuniões e mídia escrita, o prefeito viajou com a máxima urgência para Brasília com intuito de, dentre outros assuntos de interesse do município, se respaldar no Ministério da Educação e em seguida foi à Cuiabá, juntamente com assessores, buscar mais apoio para implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados. *O Progresso*, 28 de junho de 1977. (O PROGRESSO, 28 jun. 1977).

Na capital do estado, o prefeito, Eng.º Agr.º José Elias Moreira se encontrou com o secretário estadual de educação e com o governador José Garcia Neto, que mais uma vez reafirmou sua intenção de implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados. Nessa oportunidade os assessores do prefeito apresentaram amplo material publicado nos jornais regionais que justificavam a necessidade e de sua implantação (O PROGRESSO, 28 jun. 1977).

Em seguida, o prefeito de Dourados, José Elias Moreira, acompanhado pelo secretário municipal de educação do município, Prof. Luiz Antônio Álvares Gonçalves, levou para Brasília um extenso memorial e documentos que deveriam ser apresentados ao ministro da educação, Sr. Ney Braga, para que a Faculdade de Agronomia fosse implantada o mais rápido possível em Dourados (O PROGRESSO, 28 jun. 1977).

Essa viagem se fez necessária em função do boato de que o Ministério da Educação estava restringindo a abertura de novos cursos superiores, o próprio reitor da UEMT tinha em um dado momento se referido a essa possibilidade, e os douradenses de bom senso tinham que lhe dar crédito. Sobre esse assunto, conselheiros do MEC colocaram ao prefeito que essa determinação não atingiria a Universidade Estadual de Mato Grosso e que a Faculdade de Agronomia poderia sim, ser implantada (O PROGRESSO, 8 jul. 1977).

Em Brasília, o prefeito de Dourados, José Elias Moreira, foi recebido pelo Ministro do Interior, Sr. Maurício Rangel Reis, para o qual apresentou um amplo relatório, inclusive com recortes de jornais, demonstrando o anseio da comunidade regional pela Faculdade de Agronomia (O PROGRESSO, 6 jul. 1977).

Outro encontro mantido em Brasília foi com o Ministro da Agricultura, Sr. Alysso Paulinelli, momento em que José Elias apresentou um relatório sobre a situação da Grande Dourados, com dados que reivindicam a Faculdade de Agronomia para Dourados. Relatos indicam que na mesma hora o ministro prometeu mobilizar todo apoio possível do governo federal e, para tanto, ordenou que fosse nomeado um assessor especial, para atender os desejos do prefeito e do povo douradense (O PROGRESSO, 8 jul. 1977).

Faz-se necessário salientar que, embora na escrita desse material histórico, eu tenha me baseado em material escrito, especialmente jornais, todas essas passagens com o prefeito de Dourados, José Elias Moreira, me foram anteriormente confiadas por ele próprio.

A visita que José Elias Moreira fez a Brasília trouxe frutos imediatos, pois Rangel Reis, o ministro do interior do governo federal, também queria a Agronomia implantada em Dourados e se comprometeu que iria a Dourados no final daquele mês para conversar com os prefeitos do sul de Mato Grosso, no mesmo momento em que também se colocava como advogado da causa da comunidade dessa cidade e região, e defenderia que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Dourados (O PROGRESSO, 6 jul. 1977).

A motivação da comunidade era tamanha e de tal amplitude na época, que o próprio jornal *O Progresso*, por várias vezes, e de forma veemente, se mostrou favorável a essa “causa”, via matérias elaboradas com esse objetivo. Foi o que ocorreu, por exemplo, na edição de 27 de julho de 1977, quando esse periódico publicou algumas frases interessantes, como:

- a. “Faculdade de Agronomia, uma batalha que ainda não vencemos”.
- b. “O povo da grande Dourados estava motivado para impor a Faculdade de Agronomia em Dourados”.
- c. “Trabalho de luta valoroso, demonstrando uma perfeita união, digna dos mais altos elogios”.
- d. “Assim como, o reitor da UEMT disse que não sabia qual cidade teria o direito de ter a Faculdade de Agronomia [...]”.

O *Progresso* diz mais uma vez: “Não permitam escapulir de nossas mãos, a Faculdade de Agronomia de Dourados, a qual possuímos por direito adquirido, seja pela sua criação efetuada ou pela nossa imposição gradual de nossa importância econômica agrícola nacional” (O PROGRESSO, 27 jun. 1977).

Continua esse jornal colocando que: “O *Progresso*, em particular, nunca mediu esforços para assegurar que essa medida governamental não fosse barrada, mas outros interesses, estranhos à nossa comunidade, parecem conseguir frutos inexplicáveis” (O PROGRESSO, 27 jun. 1977).

Todas essas frases emblemáticas de *O Progresso*, nessa data, aconteceram em função de uma colocação do reitor da UEMT, que assegurou que o processo de implantação para a Faculdade de Agronomia em Mato Grosso estava suspenso, sugestionando que ainda não havia sido escolhida a cidade que teria o direito de ter essa faculdade implantada. Terminando, o jornal questiona: “Será que perdemos o direito que já tínhamos adquirido?” (O PROGRESSO, 27 jun. 1977).

O povo douradense e os seus políticos desejavam a implantação da Faculdade e, ao mesmo tempo, a mídia local não deixava esquecer que já se tinha perdido a chance de implantá-la em 1971 e que, portanto, não se poderiam perder novas oportunidades. Sempre baseados no princípio de que não se poderia perder a oportunidade de aproveitar um bom momento, e que um desses bons momentos estava se aproximando, pois haveria a cerimônia de colação de grau dos cursos do CPD (Centro Pedagógico de Dourados) e o paraninfo seria o governador José Garcia Neto.

Essa colação, que ocorreria no dia 12 de agosto de 1977, cinco anos depois de iniciados os cursos de Letras e Estudos Sociais, reuniria os formandos de todas as

turmas dos anos de 1972, 1973, 1974, 1975 e 1976 e o governador tinha confirmado sua presença.

O orador de todas essas turmas, hoje escritor, Adilvo Mazzini (através de uma entrevista fornecida a mim em 20 de junho de 2012), informou alguns pontos muito interessantes que tiveram a sua participação direta ou que por ele foram presenciadas durante a cerimônia de colação de grau, que devem fazer parte desse compêndio, sendo eles:

1. Que o diretor do CPD, Prof. Milton José de Paula, sabendo que eu havia sido eleito orador de todas as turmas de formandos chamou-me ao seu gabinete para fazer as seguintes duas colocações básicas, as quais foram:
 - a. que eu deveria, sim, representar a todos os meus colegas;
 - b. que eu, como agricultor que também era na época, enfatizasse, de maneira contundente, a necessidade de se efetivar a Faculdade de Agronomia em Dourados. Alertava-me para aquela necessidade, porque tinha todos os conhecimentos dos esforços contrários que estavam sendo enviados para implantá-la.
2. Assim fiz. Ao iniciar meu discurso com as palavras “investido de dupla responsabilidade...”, enveredava efetivamente para a dupla tarefa que me fora dada. Foi quando tomei conhecimento de todas as leis e datas relativas à Faculdade de Agronomia em Dourados. Elas serviram de fundamentação em minhas argumentações.

3. Campo Grande não aceitava, de forma alguma, que ela fosse aqui instalada. Todos os esforços foram envidados, para que fosse deslocada para lá. Mas houve posturas firmes, incluindo aquelas do então governador José Garcia Neto, que conseguiram determiná-la para onde fora criada.
4. A primeira colação de grau, de todas as turmas envolvidas, elegera como paraninfo o governador, que confirmou presença. Sabidamente, ele teria a intenção de assinar a Lei de implantação efetiva da referida Faculdade de Agronomia.
5. Todavia, Campo Grande não queria se dar por vencida. Alguns fatos daquele dia são interessantes, como:
 - a. o boicote, a tudo o que envolvesse o ato, foi notório. Por exemplo, durante a fala do governador, até a energia elétrica acabou. Ele o fez o seu pronunciamento praticamente às escuras, tendo a lâmpada da câmera da televisão como iluminação. Até mesmo o ato da assinatura da Lei aconteceu quase nas mesmas condições;
 - b. tomaram-me a cópia do discurso, dizendo que fariam reportagem a respeito. Nunca foi publicada uma palavra sequer a respeito do seu conteúdo. Ao menos pelo que eu saiba. Todavia, precavido, eu tinha guardadas mais outras cópias, incluindo o original.
6. Mas, de nada adiantou. A Agronomia está nas nossas ações de estudos superiores e, pelo que saiba, muito bem, obrigado!

As afirmações de Adilvo Mazzini como um cidadão de Dourados e um ex-aluno do CPD podem dar uma exata noção do que a comunidade de Dourados sentiu durante esse tempo todo. Aparentemente, para o douradense, de forma efetiva, “Campo Grande queria tirar a Agronomia de Dourados”. Faz-se necessário dizer ainda que, no discurso de Adilvo Mazzini, durante a colação de grau suprarreferida, ele fez questão de colocar toda a legislação oficial sobre a legalidade do curso de Agronomia na UEMT.

Sobre esse assunto, o jornal *O Progresso* (13-14 ago. 1977) estampou em manchete que, chegado o momento da colação de grau das turmas do CPD, o governador anunciou a implantação da Faculdade de Agronomia. O jornal *Diário* ainda noticiou, de forma bem detalhada, que, momentos antes de deixar o hotel, rumo à missa de colação de grau dos alunos do CPD, o seu assessor de imprensa solicitou aos jornalistas que não deixassem de comparecer ao Cine Ouro Branco para as solenidades, pois seria dada uma grande notícia aos douradenses.

Alguns minutos antes da festa de formatura, o secretário estadual de educação, Sr. Lourenberg Nunes Rocha, mostrava de forma reservada, a alguns políticos locais, um envelope e dizia: “aqui está a solução do problema maior dos douradenses”.

Figura 27 - Ao centro, o governador, na mesa de autoridades, durante a colação de grau do CPD, em 12 de agosto de 1977.



Fonte: Centro de Documentação Regional/UFGD.

Nessa noite, o governador, que estava na mesa de autoridades (Figura 27), entre sua esposa e o reitor da UEMT, Prof. João Pereira da Rosa, após se levantar para proferir seu discurso, pegou todos de surpresa ao anunciar que, pelo Decreto n. 1.032 de 2 de agosto de 1977 (Figura 28), ele estava, naquele momento, implantando o curso de Agronomia na cidade de Dourados.

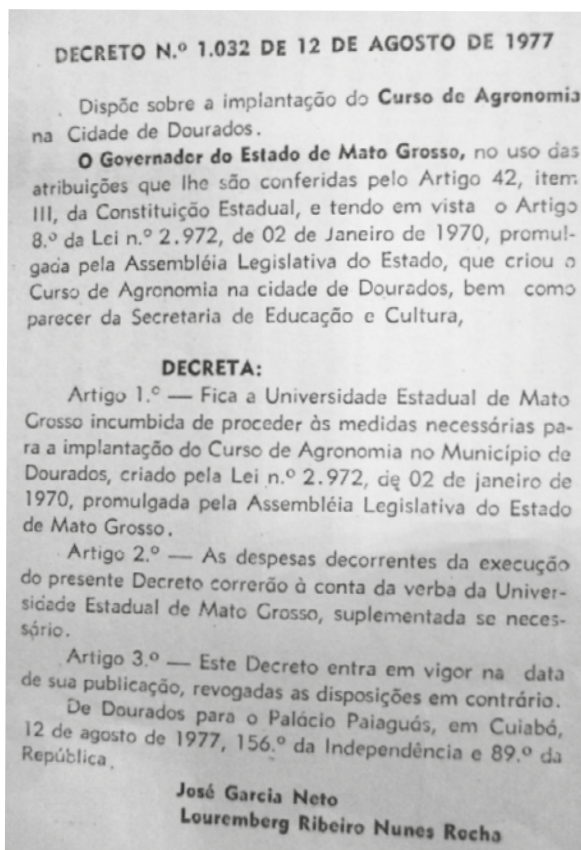


Figura 28 - Decreto n. 1.032, de 12 de agosto de 1977, que dispõe sobre a implantação do curso de Agronomia na cidade de Dourados.

Fonte: MATO GROSSO, 12 ago. 1977. Publicado no Jornal O Progresso na edição de 13-14 de agosto de 1977. Arquivo cedido pela FCA/UFGD.

Mais tarde, ainda na cerimônia de formatura dos alunos do CPD, o governador assinou o Decreto n. 1032 de 12 de agosto de 1977 (Figura 29) que determinava à UEMT, a implantação dos cursos de Agronomia em Dourados em 1978.

Figura 29 - Assinatura, pelo governador do estado do Mato Grosso, Sr. José Garcia Neto, do Decreto n. 1.032, de 12 de Agosto de 1977, que dispõe sobre a implantação do curso de Agronomia na cidade de Dourados.



Fonte: O PROGRESSO, 13-14 ago. 1977. Arquivo cedido pela FCA/UFGD.

Terminando sua narrativa, o jornal *O Progresso* (13-14 ago. 1977), explicita ainda a fala do governador, como segue: “A homenagem que os alunos do CPD presta nesse momento, muito nos cala o coração, mas temos certeza que ela não é para o governador, e sim para toda uma equipe, pelo que vem realizando pelo povo mato-grossense”. Depois de comentários gerais, continuou dizendo que “foi aqui, que todo governo teve a satisfação de instalar-se, fora da capital (Cuiabá), pela primeira vez, em agosto de 1975 [...]” e termina dizendo que: “O governo nunca esteve ausente, mas procurou melhorar suas finanças para poder implantar obras que exigem grandes recursos, como é o caso da Faculdade de Agronomia”.

Olhando para o mesmo “problema” com “outros olhos”, Rosa (1993), assumindo que lutou pela implantação do curso de Agronomia em Campo Grande, disse que havia muita cobrança por um curso na área de Ciências Agrárias pelas autoridades educacionais, e diante da necessidade da criação de um curso de Agronomia no estado e da promessa de um engenheiro agrônomo, de doar todo o equipamento para o laboratório da área básica do curso, em Campo Grande, “buscávamos o proveito da oportunidade”, o que desagradava ao governador que, em novembro de 1977, no Cine Ouro Verde, ao fazer seu pronunciamento, levantou-se e, olhando para o reitor, disse: “Vou criar aqui e agora o curso de Agronomia”.

Sob o ponto de vista puramente administrativo precisa-se entender as ações do reitor da UEMT, especialmente sob o aspecto financeiro, no entanto o povo douradense não merecia perder a luta que por tantos anos batalhara.

Stein (2004b), em sua tese de doutorado, relatando sobre a implantação do curso de Agronomia em Dourados, citou uma entrevista do Prof. Kioshy Rachi, do CPD, que colocou o ex-reitor João Pereira como sempre contra a Agronomia em

Dourados. Além dessa citação, essa autora também informou que esse episódio do curso de Agronomia deixava claro o “autoritarismo dos governantes da época”. Essa última colocação é uma menção à imposição do governador para que a Agronomia fosse implantada em Dourados e não em Campo Grande.

Essa questão do autoritarismo é muito relativa e, nesse caso, depende do ponto de vista da pessoa que retrata esse tema. Independentemente da grande luta do povo de Dourados e região, desde um passado longínquo, no final da década de 1940, por esse curso, sempre existem os anseios políticos dos representantes de uma determinada região. Sob esse ponto de vista, o possível anseio do ex-reitor da UEMT e de todos aqueles que, tendo cargo ou influência, sendo eles da Universidade ou políticos ligados à Campo Grande, não tinham o “direito” de tentar impedir que o desejo e luta dos douradenses triunfasse. No entanto, mais tarde, como docente da Agronomia/CEUD, eu vi, por muitas e muitas vezes, que tudo que era de melhor e mais caro dentro da Universidade, era destinado aos cursos de Campo Grande, ou lá esses cursos eram instalados, fato que nos fez agir de forma diferenciada no decorrer do tempo. Será, portanto, autoritarismo, aceitar e reconhecer a vontade e luta de um povo?

A princípio, para qualquer pessoa que estava fora desse processo, com esse decreto do governador de Mato Grosso, estaria tudo resolvido. No entanto, muitos acontecimentos, ainda tentando instalar o curso de Agronomia em Campo Grande, ocorreriam. Mas sempre presente, a comunidade, assim como muitos aliados que nem de Dourados eram, não descansaria até que, de fato, ocorre a implantação efetiva desse curso em Dourados.

O deputado federal Sr. Valdomiro Gonçalves, que representava o Norte do Mato Grosso, em um momento em que o estado de Mato Grosso do Sul acabara

de ser criado, se refere à lei que criou a Faculdade de Agronomia de Dourados e solicita apoio para que ela seja definitivamente implantada, e comenta que achava estranho, decorridos mais de sete anos de criação da Faculdade de Agronomia, as razões pelas quais ela ainda não tinha sido implantada. Nesse momento o deputado defende claramente que a Agronomia seja implantada em Dourados, em função das potencialidades agronômicas da região.

O referido deputado informou que o governo federal acabava de criar um Programa Especial para a Região da Grande Dourados (PRODEGRAN), voltado a incrementar a atividade agrícola na região, o qual seria mais uma justificativa para a implantação imediata do curso de Agronomia.

Terminando sua fala na tribuna, o deputado elogiou a insistência do prefeito de Dourados, Sr. José Elias Moreira, para implantar o quanto antes, naquele município, a referida Faculdade de Agronomia e afirma que a marcha desenvolvimentista no Mato Grosso está emperrada pela ausência dessa Escola de Agronomia.

O representante da SUDECO em Mato Grosso, Sr. Bento Machado Lobo, disse em uma reunião em Dourados, também defendendo a implantação da Faculdade de Agronomia nessa cidade que: “O agrônomo que aqui se formar haverá de cuidar da reserva do futuro desse território que será a Canaã do Brasil”. Comentou, ainda, que se pudesse se candidatar a ser professor dessa faculdade, ele o faria (O PROGRESSO, 20 jun. 1977c).

Além de ver o curso de Agronomia implantado e bem funcionando, outras preocupações passavam pela cabeça dos que mais se empenhavam nessa causa. Agora, uma das preocupações do vereador Celso Müller do Amaral, era sobre a área necessária para que a Agronomia pudesse efetivamente ser montada e solicitava apoio

do Prefeito Municipal de Dourados, Eng.º Agr.º José Elias Moreira e do deputado Horácio Cezósimo, para que, através de decreto do legislativo, autorizasse o Poder Executivo, a aplicação de uma verba não inferior a 3 milhões e 500 mil cruzeiros para a aquisição do referido terreno, cujo problema, somente seria efetivamente solucionado em 1978 (O PROGRESSO, 23 nov. 1978).

Os recursos para a aquisição da área, para que lá fosse implantado o Campo Experimental da Faculdade de Agronomia, era uma preocupação comum das pessoas que queriam ver esse curso implantado em Dourados, no entanto, o Diretor do CPD, Sr. Milton José de Paula informava, que mesmo que a prefeitura não conseguisse o terreno para a área experimental do curso de Agronomia, ele será implantado em 1978 em Dourados, pois o governo já teria recursos inclusive para essa finalidade. O Diretor conclui dizendo que agora a briga fora comprada pelo governador e o caso está encerrado (O PROGRESSO, 6 out. 1977).

Não obstante, os boatos que davam conta da não implantação desse curso em Dourados ainda eram constantes e, em função de um deles, os vereadores de Dourados debateram quase que uma sessão toda sobre o assunto. Dentre os oradores, o vereador Celso Amaral, um dos que mais defenderam a Faculdade de Agronomia em Dourados disse que, enquanto deputado criticou, de forma violenta, o que considerou “maquinações maquiavélicas” daqueles que estão impedindo essa faculdade de ser implantada em Dourados.

E o vereador teria continuado a dizer que as forças contrárias deveriam silenciar-se agora para redimir-se do pecado que cometeram há alguns anos quando impediram que a implantação, dessa mesma Faculdade de Agronomia, ocorresse em Dourados.

Enquanto isso, o Prefeito de Dourados, buscando auxiliar na questão do terreno para a área experimental do curso de Agronomia, torna público onde possivelmente será implantada a Faculdade de Agronomia. Esse fato ocorreu através do Decreto Municipal n. 97/1977. A área se localizaria as margens da BR 163, saída para o Porto Cambira. Pelo decreto se percebe que, da área total de 65 ha, a parte que a Prefeitura de Dourados destinaria à Faculdade de Agronomia seria de 50 ha, sendo os outros 15 ha destinados à construção do Estádio Municipal de Dourados. Dessa forma o prefeito cumpriria a sua promessa feita ao governador, uma vez que a exigência da UEMT, para a implantação do *Campus*, era de uma área de 200 ha (O PROGRESSO, 24 nov. 1977).

Tinham essa preocupação com a área experimental para o curso de Agronomia os políticos e a comunidade douradense como um todo, uma vez que poderia ser a desculpa, para mais uma vez, não deixarem implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados. Sabiam eles que, embora o governador já tivesse assinado o decreto de implantação, e que seria em Dourados, deveria se considerar que ele, o governador, ficaria no cargo por pouco tempo mais e, portanto, os trâmites, dentro da UEMT poderiam ainda sofrer reveses.

Decididamente também dentro da UEMT, existiria muita resistência à implantação do curso de Agronomia em Dourados e, para que o vestibular efetivamente pudesse ter sido realizado no ano seguinte, ou seja, em 1978, muitos fatos ainda aconteceriam.

Se para Dourados aparentemente estaria tudo bem (pelo menos até o momento), essa não era a situação que parecia ocorrer em Campo Grande, pois na matéria publicada pelo *Correio do Estado* (27 nov. 1977), até pelo seu título podia-se perceber que

algo não andava bem para aqueles contrários à implantação do curso de Agronomia em Dourados. O título era: “Garcia interfere e provoca crise na Universidade”. A partir daí o jornal relata toda a história em que o governador Garcia Neto afirmou, em entrevista em Dourados, que demitirá todos os membros do Conselho de Ensino e Pesquisa (COEP) e Conselho Universitário (COUN) da Universidade Estadual de Mato Grosso, caso não seja aprovada, em regime de urgência, a realização do vestibular para o curso de Agronomia do Centro Pedagógico de Dourados, ainda em 1978.

Essa ameaça do governador foi feita pouco depois que o reitor João Pereira da Rosa ter solicitado um prazo maior para negociar, com os conselheiros do COUN e COEP, essa aprovação.

Desse momento em diante, aparentemente ocorreu um desespero generalizado entre os que, por muitos anos, aparentemente quiseram se apropriar dos sonhos e lutas de toda a comunidade da região de Grande Dourados, que tinha sido a criação e implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados.

Os campo-grandenses que tentaram tirar a Agronomia de Dourados tinham, como última possibilidade, ações que o reitor da UEMT, com apoio de seu Conselho Universitário (COUN), poderia fazer, pois, para que a implantação pudesse de fato ocorrer, deveria ser aprovada pelo órgão máximo da UEMT, que era o COUN.

A imprensa, nessa época, foi um caso à parte. Enquanto a de Campo Grande colocava, sob o ponto de vista deles e de forma clara, a “intransigência do governador Garcia Neto”, contra os desejos e interesses daquela localidade (Figura 30), a de Dourados aparentemente começava a comemorar a obtenção dos louros da comunidade da Grande Dourados, obtidos através de muita luta, a partir do final da década de 1940 (Figura 31).

Figura 30 - Matérias publicadas na imprensa de Campo Grande e que transpareciam temor pela aprovação da implantação da Agronomia para Dourados, ao mesmo tempo em que “criticavam” o governador.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo: CORREIO DO ESTADO, 27/11/1977; CORREIO DO ESTADO, 29/11/1977; CORREIO DO ESTADO, 30/11/1977; CORREIO DO ESTADO, 29/11/1977; CORREIO DO ESTADO, 09/12/1977; CORREIO DO ESTADO, 05/12/1977; CORREIO DO ESTADO, 13/12/1977; CORREIO DO ESTADO, 09/12/1977; CORREIO DO ESTADO, 10-11/12/1977; CORREIO DO ESTADO, 29/11/1977.

Figura 31 - Algumas matérias publicadas na imprensa douradense ou que apoiavam a luta e que demonstravam a expectativa pela iminente implantação da Agronomia em Dourados.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo: O PROGRESSO, 29/11/1977;
 FOLHA DE DOURADOS, 13/12/1977; O PROGRESO, 08/12/1977; O PROGRESSO, 08/12/1977;
 FOLHA DE DOURADOS, 29/11/1977; FOLHA DE LONDRINA, 3/12/1977;
 O PROGRESSO, 15/12/1977; O PROGRESSO, 17/12/1977; O PROGRESSO, 29/11/1977;
 O PROGRESSO, 06/12/1977; O PROGRESSO 10-12/12/1977.

Garcia Neto, para espanto de todos confirmava o que havia dito anteriormente, ou seja: “Se os conselhos não aprovarem, como eu quero, demito os conselheiros. Minha palavra não pode ser jogada na sarjeta. Eu prometi e vou cumprir”.

João Pereira da Rosa, irritado com o governador, respondeu-lhe que ele não tinha autoridade para demitir conselheiros, ao que Garcia Neto retrucou, cada vez mais violento: “então eu demito os professores, esses eu posso demitir, e sem professores não tem mais conselhos, então eu contrato outros que façam aquilo que eu mandar”. Na demissão em massa anunciada estava implícita a queda do próprio reitor, que preside os conselhos, compostos de 40 professores cada um.

Na UEMT, as reações dos membros do Conselho Universitário e de Ensino e Pesquisa, foram violentas, assegurando que jamais se submeterão às pressões do governador, que consideram “humilhantes”. Os conselheiros afirmavam que Garcia Neto abriu a primeira crise na Universidade e vai sair derrotado dela. De acordo com o jornal *Correio do Estado*, o Conselho de Ensino e Pesquisa deveria se reunir, em caráter de emergência, na próxima quinta feira, quando seria marcada a reunião do Conselho Universitário e os conselheiros acreditavam que Garcia Neto cumpriria sua promessa pública e os demitiria. (CORREIO DO ESTADO, 27 nov. 1977).

O jornal *Correio do Estado* (29 nov. 1977), tornando público alguns desdobramentos dos fatos relatados na matéria do dia 27 de novembro de 1977, publicou outra matéria, onde noticiava novamente que o governador ameaçou demitir todos os conselheiros do Conselho de Ensino e Pesquisa e Universitário da UEMT, caso não aprovassem, com urgência, o curso de Agronomia para Dourados, ainda em 1978. O jornal ainda comenta que esse diálogo ríspido entre o reitor e o governador foi presenciado por oito jornalistas.

Novamente o jornal, dois dias após a primeira matéria sobre o assunto, repete que dentre as tentativas que o reitor da UEMT fez ao governador, colocando dificuldades para aprovar o funcionamento da Faculdade de Agronomia em Dourados, ainda em 1978, o reitor justificou que aquele prazo poderia ser curto e precisava haver quórum para que os conselhos pudessem se reunir. O governador, de imediato, falou que se não houvesse quórum, ele também demitiria todos os conselheiros e nomearia outros que aprovassem aquilo que ele queria.

De acordo com esse jornal, o governador teria dito ainda, pela segunda vez, parte do já citado na matéria anterior. A matéria informou, novamente, que “Timidamente o reitor Pereira da Rosa lembrou ao governador que ele não tinha o poder para demitir os conselheiros”, ao que respondeu: “Então eu demito os professores que compõem os conselhos e nomeio outros no lugar dos demitidos que aprovem o que eu quero”. E emendou “Eu sou o chanceler da UEMT, sou o governador e não volto atrás”.

Continuando, o *Correio do Estado* ainda relata que o mal estar dessa entrevista coletiva foi grande, sendo que o reitor ainda tentou demover o governador da ideia de implantar a Faculdade de Agronomia em Dourados e, para tanto, colocou que “nem ele como reitor poderia exigir dos conselheiros o que o governador exigia, pois os conselhos estão acima da reitoria”, ao que, mais uma vez, ele disse de forma categórica: “eu estou acima de vocês todos, portanto, mando eu”.

O reitor tentou se justificar mais uma vez quando o governador pôs fim à conversa e disse: “Eu quero o curso em Dourados, o povo douradense quer, a Assembleia Legislativa quer, então não falta mais nada, e anunciou que o vestibular seria realizado em fevereiro e que os laboratórios seriam comprados pelo governo do estado” (CORREIO DO ESTADO, 29 nov. 1977).

Nessa mesma edição, esse jornal relata que a grande maioria dos conselheiros não é propriamente contra a implantação do curso de Agronomia em Dourados, mas sim contra a forma de agir do governador para atingir seu objetivo.

Das palavras à ação

Talvez para se retirar qualquer dúvida dos propósitos do governador e definitivamente se partir para a ação no que tangia à implantação do curso de Agronomia em Dourados, veio de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, ainda uno, o Secretário de Educação, Sr. Lourenberg Nunes Rocha, que, em seguida, reuniu-se com o reitor da UEMT, João Pereira da Rosa, e altas fontes diretivas da UEMT, quando pediu segundo fontes extraoficiais, que acontecesse a reunião do Conselho de Ensino e Pesquisa, que teria como finalidade a aprovação da ordem do governador. Nessa reunião deveria ainda se especificar a realização do concurso vestibular para o curso de Agronomia da UEMT, em Dourados, até fevereiro de 1978 (CORREIO DO ESTADO, 30 nov. 1977).

Explicitou ainda esse jornal, que o encontro foi sigiloso e que, dessa reunião, muito pouco foi tornado público, mas garantiu-se que a exigência do governador foi mantida, bem como sua ameaça de demitir todos os membros dos conselhos caso sua ordem não fosse cumprida. Colocava ainda o jornal que nesse dia chegaria a Campo Grande o vice-reitor da UEMT, Prof. Hércules Maymone, um dos maiores defensores da Agronomia em Dourados dentro da UEMT, mas um dos que se recusava a aceitar ordens impostas.

Em função de o governador ter dado o ultimato ao reitor, para que a Agronomia funcionasse em 1978 (O PROGRESSO, 8 dez. 1977), o prefeito de Dourados foi vistoriar a área na qual seria construído o campo experimental do curso de Agronomia e, nessa oportunidade contou que já está recebendo muitos telegramas de congratulações pela concretização do sonho por tanto tempo lutado.

Nessa mesma época, os comentários que corriam, inclusive na mídia escrita, era que o governador e o reitor se desentenderam por causa da Faculdade de Agronomia, mas que essa seria a primeira, nessa área do conhecimento técnico, a ser implantada no estado de Mato Grosso e será em Dourados, mesmo contrariando o desejo particular do reitor. O jornal coloca ainda que o reitor, percebendo que seu cargo também estava em jogo, concordou em realizar um trabalho, juntamente com o secretário de educação do estado para, em dez dias, reunir os Conselhos Superiores da UEMT.

Nesse ínterim, o reitor da UEMT ainda sugeriu ao governador que o melhor seria criar uma nova lei para instalar esta Faculdade, por entender que na Universidade não existissem documentos comprovando a legalidade do curso criado em 1967.

Continuando, o relato do diálogo, o governador Garcia Neto, teria mais uma vez responsabilizado o reitor por não se inteirar do problema ou por não conhecer leis, já que em agosto último, foi assinado em Dourados um decreto, autorizando a UEMT a proceder a estudos para o funcionamento da Faculdade de Agronomia. E, mais uma vez o alertou para reunir os conselhos.

A reportagem da *Folha de Londrina* também destacou o Prof. Hélio Baís, diretor do curso de Tecnologia de Engenharia da UEMT, acrescentou ainda “que não é necessário nada passar pela autorização do conselho, porque já existe a Lei de criação da Faculdade de Agronomia para Dourados” (FOLHA DE LONDRINA,

13 dez. 1977). O que faltaria apenas era a marcação do vestibular. Ele completou ainda que, mesmo que haja essa liberação de recursos, o curso somente poderia ser implantado no 2º semestre de 1978.

Mesmo dada como certa a Faculdade de Agronomia em Dourados, o jornal ainda considerava que a única oposição possível, no momento, para que ela fosse de fato implantada em Dourados, seria o reitor João Pereira da Rosa. Isso foi publicado, pois, em uma entrevista recente, o reitor teria dito que lutaria por esse curso apenas por lealdade ao governador.

A posição do reitor se torna irreconhecível, especialmente quando se observa o art. 8º da Lei 2.972 de 02 de janeiro de 1970, com a seguinte redação: “Ficam mantidos os atuais cursos de Ensino Superior em funcionamento, os originados por Lei ainda não instalados, um curso de Engenharia em Campo Grande e um curso de Agronomia no município de Dourados” (O PROGRESSO, 6 dez. 1977).

Em 08 de dezembro de 1977 foi noticiado em *O Progresso* que o reitor da UEMT relatou para a imprensa de Campo Grande no dia anterior, quando voltava de Cuiabá, que as inscrições para o vestibular para o curso de Agronomia estavam marcadas para o período entre os dias 10 e 28 de fevereiro de 1978 e que as inscrições estariam abertas no CPD, durante o período especificado, a taxa de inscrição seria de 371 cruzeiros e as provas já estavam definidas.

E no final da matéria, o jornal destaca: “Finalmente vencemos a batalha, graças a Deus e à lealdade do benemérito governador Garcia Neto” e, ainda, a seguinte nota de redação: “Essa alvissareira notícia nos foi transmitida por telefone às zero hora de hoje”. Não se sabe ao certo se eram apenas boatos, mas as reações à tomada de posição do governador estariam acontecendo lá pelos lados de Campo Grande.

Uma das reações à anunciada crise na UEMT, somada à renúncia do diretor do Centro de Ciências Biológicas, poderia ser em função da decisão do reitor João Pereira de não instalar a Faculdade de Agronomia em Dourados. No entanto, o Secretário de Agricultura de Dourados, Eng.º Agr.º Osmair Scarpari, comentando sobre essa possibilidade, comentou que poderia haver também reação por parte do povo e das autoridades de Dourados, as quais prefere não divulgar (FOLHA DE LONDRINA, 8 dez. 1977).

Osmair Scarpari, um dos grandes batalhadores pela Faculdade de Agronomia em Dourados, teria dito que: “O reitor está brincando e mexendo com o brio de muita gente e de uma associação de classe”. Segundo Scarpari, o reitor não queria que a Faculdade de Agronomia viesse para Dourados e estava inventando uma série de coisas que não existiam, além de ter pedido 10 milhões de cruzeiros ao governo, o que era desnecessário, e ter provocado uma crise na UEMT para persuadir o governador a não criar essa Faculdade em Dourados.

Osmair, que era Secretário Municipal de Agricultura Indústria e Comércio do Município de Dourados e um dos elaboradores do Projeto de Implantação do Curso de Agronomia, continuando sua entrevista a esse jornal paranaense, informou que no último mês de maio a comissão elaboradora desse projeto apresentou o documento ao reitor, mas ele “nem leu porque não quer que o referido curso seja em Dourados”.

Depois de relatar à *Folha de Londrina* sobre todas as vantagens decorrentes da implantação desse curso em Dourados, Osmair pergunta: “Porque em Campo Grande?” E ele mesmo responde, “porque quer formar agrônomos de asfalto, pois Campo Grande praticamente não tem agricultura?”.

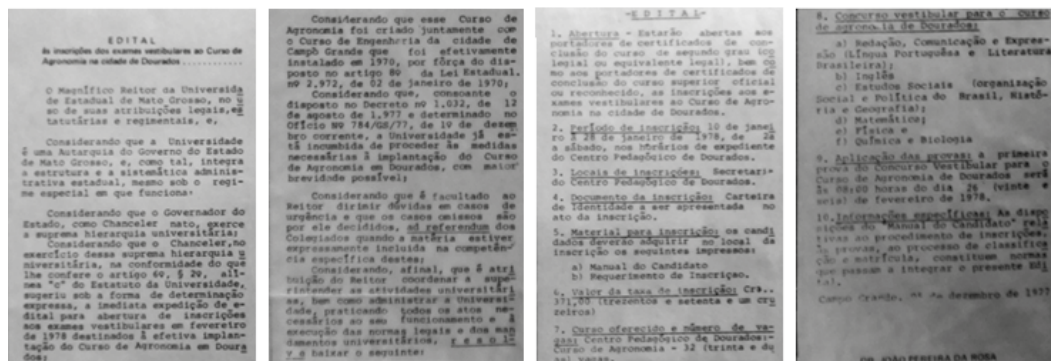
“UEMT já reage”. Esse era o título da reportagem do *Correio do Estado* de 9 de dezembro de 1977, a qual relatava o que estava acontecendo em Campo Grande e dizia que o Conselho Universitário seria reunido para anular o vestibular de Dourados e que a primeira ação contrária ao edital lançado seria proposta pelo Conselho do Departamento do Centro Tecnológico, cujo diretor era Hélio Baís. O diretor havia dito que o processo para criar o curso de Agronomia em Campo Grande começou em 1973 e que já em 1975 a UEMT e a Secretaria da Agricultura do Estado de MT firmaram um convênio para implantação desse curso. E que, apesar das batalhas para realização do vestibular em janeiro de 1978, não foi possível efetuar-lo, ficando essa tarefa para julho de 1978, momento em que Dourados iniciou a disputa por esse curso.

Colocações como esta, carecem de, no mínimo, conhecimento do amparo legal para se instalar o curso de Agronomia em Dourados, e que, desde finais da década de 1940, aquela comunidade já pleiteava um curso nessa área do conhecimento. Mas o interessante é que a *Folha de Londrina* publicou em 13 de dezembro de 1977, que esse senhor teria dito: “que não é necessário nada passar pela autorização do conselho, porque já existe a Lei de criação da Faculdade de Agronomia para Dourados”, portanto, sabia, de antemão, que legalmente o curso já estava criado em 1978. Aparentemente é uma contradição, o que foi posto nessas duas reportagens.

Naquele momento, o que transparecia era que, para o pessoal de Dourados, ou seja, aqueles que queriam o curso de Agronomia em Dourados, tudo estava bem, uma vez que a confiança nas falas do governador era total e, por outro lado, as pessoas que não queriam esse curso em Dourados, faziam de tudo para impedir o que, aparentemente já era inevitável.

Enquanto isso, o diretor do CPD Milton José de Paula, informava que o edital de convocação para o vestibular do curso de Agronomia em 1978 não poderia ser anulado e se o fosse seria pelo COUN/UEMT, cabendo recurso à Secretaria Estadual de Educação. O jornal ainda publicou o edital convocando para o vestibular do curso de Agronomia em Dourados, vejamos a Figura 32 (O PROGRESSO, 10-11 dez. 1977). Naquela época, para se realizar as provas de um exame vestibular, no âmbito da UEMT, eram necessários cinco dias ininterruptos de provas.

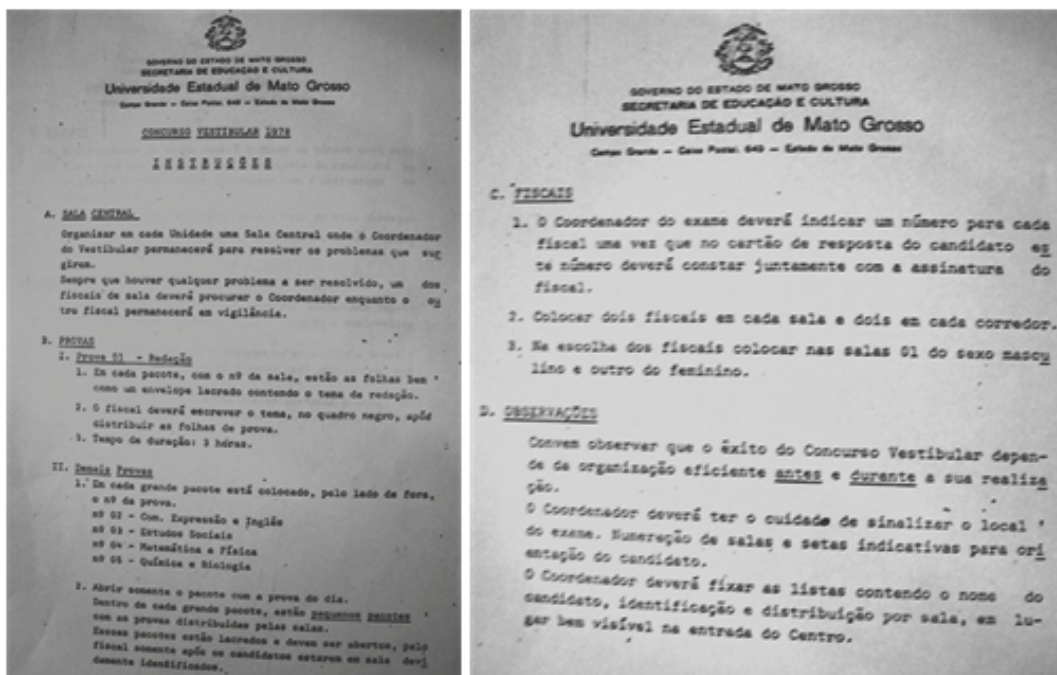
Figura 32 - Primeiro edital de convocação para o exame vestibular do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Mato Grosso.



Fonte: O PROGRESSO, 10-11 dez. 1977.

Em paralelo ao lançamento do edital, também foram tornadas públicas, as instruções para realização do vestibular (Figura 33). Esse procedimento de se publicar instruções em separado do edital não mais existe nos dias atuais, pois todas as informações são emitidas dentro do próprio edital de convocação para as provas.

Figura 33 - Instruções para o primeiro vestibular do curso de Agronomia de Dourados fornecidas pela sub-reitoria de Ensino e Pesquisa da UEMT.



Fonte: Acervo pessoal do Prof. Celso Müller do Amaral.

O edital de convocação para o primeiro exame vestibular para o curso de Agronomia (Figura 32), assinado em 5 de dezembro de 1977, foi questionado por alguns conselheiros do COUN/UEMT e, em função disso, uma reunião do órgão máximo da Universidade foi marcada para dia 12 de dezembro de 1977, onde, pelas colocações do Prof. Milton José de Paula, diretor do CPD na época, “os do contra” iriam tentar impedir o designado nesse edital.

O Prof. Milton ainda informou que, antes desse edital (Figura 32) ter sido publicado, foi publicado outro, o qual “a oferta de vagas para o curso de Agronomia existia, mas que funcionaria no Centro Tecnológico de Campo Grande/UEMT”. Esse “falso edital” teria provocado uma conversa entre ele e o Secretário de Educação do Estado de Mato Grosso para reverter mais essa manobra contrária à implantação do curso de Agronomia em Dourados.

Enquanto isso, na sede da UEMT, de acordo com o *Correio do Estado* (10-11 dez. 1977), o Conselho Universitário se reuniria, às 9 horas, para debater sobre Agronomia em Dourados e violação dos regimentos da UEMT. O motivo principal era analisar a intervenção direta do governador Garcia Neto na UEMT e, no final da reunião, os conselheiros deveriam sugerir medidas administrativas e judiciais em relação ao edital lançado para se realizar em Dourados o vestibular em fevereiro de 1978.

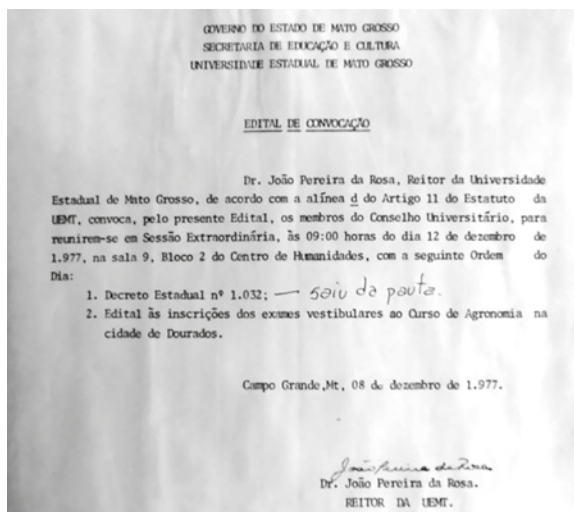
O jornal ainda informa que, segundo membros do COUN (composto por 32 pessoas), o decreto governamental não tem validade jurídica, podendo não ser acatado. O jornal também destacou mais alguns pontos que vale a pena salientar:

1. Após repetir a matéria anterior, foi posto que já havia quórum para que a reunião fosse realizada.
2. Os membros do COUN deveriam propor medidas administrativas ou judiciais em relação ao curso de Agronomia (ele ainda nem existia e já estava “pagando o pato”).
3. O que se pretendia estabelecer, nessa reunião extraordinária do COUN, é a legalidade dos atos do governador Garcia Neto, baseado no Artigo 8 do Decreto-lei de 1970, assinado pelo então presidente da

Assembleia Legislativa Estadual, Sr. José Cerveira. Na época em que Pedro Pedrossian era o governador, este não sancionou o decreto, obrigando a assembleia a torná-lo em uma “Lei Legislativa”.

Na verdade, a assembleia derrubou um veto do governador Pedro Pedrossian e, por isso, a lei não precisou voltar ao poder Executivo Estadual. De fato, foi dessa forma que aconteceu: o reitor publicou o edital de convocação, que também definia a ordem do dia; a reunião do Conselho Universitário ocorreu às 9 horas do dia 12 de dezembro de 1977, na sala 9, bloco 2 do Centro de Humanidades. (Figura 34).

Figura 34 - Convocação do reitor da UEMT para discutir o edital que abre inscrições para o exame vestibular do curso de Agronomia em Dourados.



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Celso Müller do Amaral.

Note-se que no edital de convocação do COUN, o primeiro assunto de pauta era o Decreto Estadual de n. 1.032. Esse Decreto, assinado pelo governador na cerimônia de colação de grau de todas as turmas do CPD, determinava que a UEMT, tomasse todas as medidas para implantar o curso de Agronomia na cidade de Dourados.

O então diretor do Centro Pedagógico de Dourados, Sr. Milton José de Paula, afirmou que o edital de convocação foi publicado “atendendo requerimento dos conselheiros” (O PROGRESSO, 10-11 dez. 1977). Esse edital foi assinado pelo reitor da UEMT, Sr. João Pereira da Rosa (Figura 34), convocando o Conselho Universitário da UEMT. No entanto, o diretor do CPD salientou que os conselheiros de Dourados nem sequer ficaram sabendo desse requerimento e informou também que o conselheiro que encabeçou “essa solicitação”, Prof. Hélio Baís, deveria ter se equivocado em sua petição, uma vez, que no entender dele, esse assunto não caberia ao COUN.

O diretor do CPD lembrou ainda que a Faculdade de Agronomia de Dourados é mais antiga que a própria Universidade Estadual de Mato Grosso, pois elas foram criadas por duas leis, a primeira em 1968 e a segunda em 1970.

Durante as discussões, nessa reunião do COUN (Figura 35), o jornal *Folha de Dourados* (13 dez. 1977) relata uma das falas do reitor, que era o presidente desse conselho. Em um dado momento ele teria dito, de forma nervosa: “O curso *criado em dourados...*”, no que foi aparteado pela Prof.^a Maria Eugênia do Amaral (filha do ex. deputado Celso Müller do Amaral), membro do COUN, que o correto era se dizer: “O curso que estava sendo implantado em Dourados”, uma vez que sua criação tinha sido em 1968.

Nessa reunião do COUN/UEMT, alguns douradenses, que participaram da luta pró-implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados, se fizeram presentes, dentre eles o Eng.º Agr.º Osmair Scarpari (o primeiro homem de pé na segunda fotografia).

Figura 35 - Reunião do COUN/UEMT, convocado pelo reitor da UEMT para discutir o edital que abre inscrições para o exame vestibular do curso de Agronomia em Dourados, em 1978.

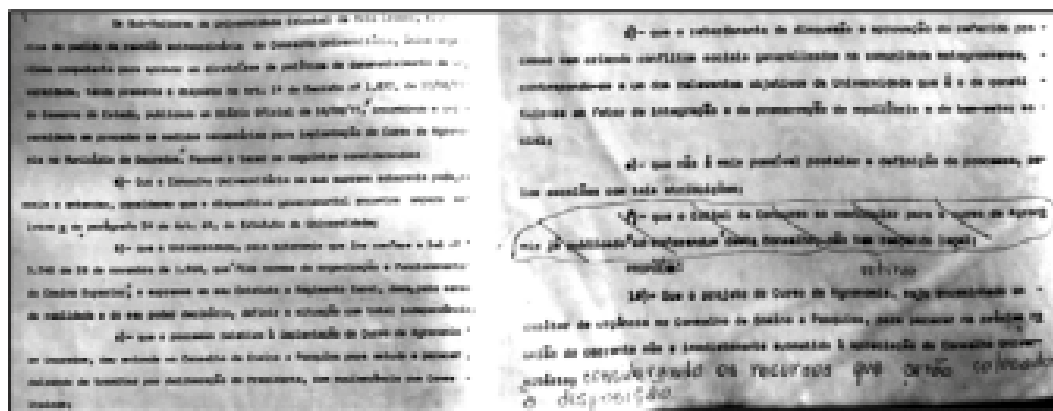


Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Celso Müller do Amaral.

Durante essa reunião, foi uma proposta apresentada pelos sub-reitores da UEMT (Figura 36), que terminou com a angústia de povo de Dourados e, portanto, finalmente definiu que o curso de Agronomia seria implantado em Dourados.

Com o término da reunião do COUN/UEMT verificou-se que, enfim, se teve a concretização de quase trinta anos de esperanças para Dourados, pois o curso de Agronomia seria efetivamente implantado.

Figura 36 - Proposta dos sub-reitores, durante reunião do COUN.



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Celso Müller do Amaral.

A proposta dos sub-reitores, aprovando o curso de Agronomia para Dourados foi por unanimidade no COUN/UEMT, assim como ficou muito bem delineada a preocupação de estremecimentos entre Dourados e Campo Grande, tendo em vista o retardamento da aprovação dessa proposta (CORREIO DO ESTADO, 13 dez. 1977).

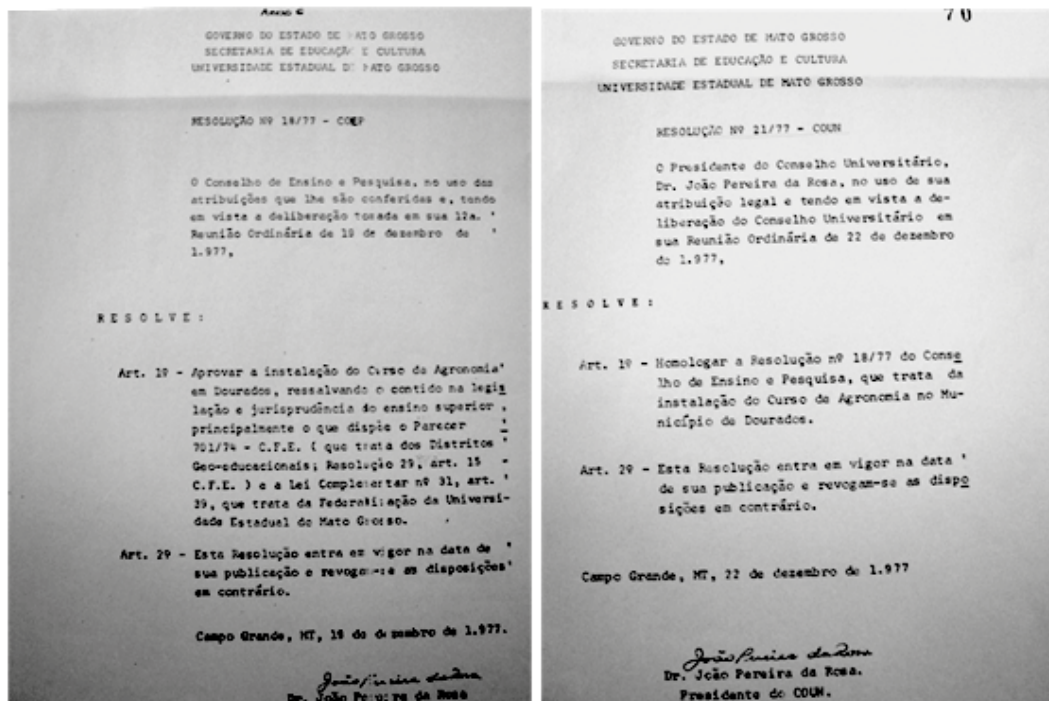
De acordo com o jornal *Correio do Estado* (13 dez. 1977), o COUN/UEMT efetivamente havia concordado com as pressões do governador Garcia Neto para instalar o curso de Agronomia em Dourados e mesmo havendo um consenso de que o curso realmente deveria ser instalado nesta cidade, os conselheiros colocaram como condição que se realizasse outra reunião do COUN/UEMT no dia 20 de dezembro 1977. A finalidade dessa segunda reunião era verificar se o governo teria liberado uma verba de 10 milhões de cruzeiros para implantar o curso de Agronomia.

O mesmo jornal continua citando que estiveram presentes vinte e sete conselheiros, e termina a matéria com a seguinte colocação: “Dessa forma, os douradenses já podem ficar tranquilos, pois está assegurada à cidade de Dourados a implantação do curso de Agronomia”, solucionando um impasse criado, realmente, pela inabilidade política do reitor e do governador, agora, mais do que nunca, comprometidos com a comunidade de Grande Dourados.

Tendo sido aprovada a realização dos exames vestibulares para o curso de Agronomia em Dourados, na reunião do COUN no dia 12 de dezembro de 1977, o reitor da UEMT convocou novamente o Conselho de Ensino e Pesquisa (COEP) para o dia 19 de dezembro de 1977, data em que seria aprovada a implantação do curso de Agronomia em Dourados nesse órgão e o Conselho Universitário (COUN), e no dia 22 de dezembro de 1977 homologariam a referida aprovação de sua implantação.

Em função dessas duas últimas reuniões, foram respectivamente aprovadas a Resolução n. 18/1977/COEP e a Resolução n. 21/1977/COUN (Figura 37).

Figura 37 - Resolução de n. 18/1977 do COEP, de 19 de novembro de 1977, que aprova a implantação do curso de Agronomia em Dourados e Resolução n. 21/1977 do COUN, de 22 de dezembro de 1977, que homologa a Resolução n. 18/1977 do COEP.



Fonte: Arquivo da Faculdade de Ciências Agrárias/UFGD.

Uma das preocupações dos prefeitos da região da Grande Dourados era quanto às verbas que vinham do governo estadual, uma vez que o estado de Mato Grosso estava em fase de divisão. Em função desse receio, o secretário de Planejamento e Coordenação Geral de Mato Grosso, Sr. Bento Porto, esclareceu que, por ordem do

governador José Garcia Neto, a divisão do estado de Mato Grosso não alteraria a planilha de gastos que deveria ser feita na região de Dourados.

Em 8 de dezembro de 1977 foi noticiado no jornal *O Progresso* que o reitor da UEMT informou à imprensa de Campo Grande, no dia anterior, logo após sua viagem a Cuiabá, que as inscrições para o vestibular para o curso de Agronomia estava marcado para o período entre os dias 10 e 28 de fevereiro de 1978 e que as inscrições estariam abertas no CPD, durante o período especificado, sendo que a taxa de inscrição seria de 371 cruzeiros e as provas já estavam definidas.

Essas atitudes somente foram tomadas em função de ser extremamente lento o processo de implantação efetiva do curso, mas o primeiro governador de Mato Grosso do Sul, que na época era o Sr. Harry Amorim, teria dito em uma entrevista em *O Progresso*, que o curso de Agronomia jamais sairia de Dourados. No entanto, o deputado estadual Sultan Rasslan alertou que o governo do estado poderia aproveitar as reivindicações dos estudantes, pelas falhas do curso, para retirá-lo de Dourados ou simplesmente fechá-lo. Isso tudo pelo fato da Universidade Estadual de Mato Grosso não ter o interesse de manter o curso de Agronomia em Dourados. (O PROGRESSO, 21 mar. 1979). Mas, nessa mesma edição, o reitor também teria dito que não é possível atender todas as necessidades do curso de Agronomia e que a construção dos prédios somente seria possível de ocorrer depois que o terreno fosse doado.

Com o título: “Dourados poderá perder o curso de Agronomia”, o jornal *O Progresso* (21 mar. 1979) relata que é possível que o curso não fique em Dourados em função das graves deficiências em que se encontrava e que praticamente o impedia de funcionar.

Pode parecer piada, mas mesmo após a realização do concurso vestibular e a efetiva implantação do curso de Agronomia em Dourados, não foram fáceis e nem pequenos os problemas que passamos (nós, os professores e também os alunos do curso de Agronomia), por falta de recursos e de boa vontade por parte da administração central, agora da recém-criada UFMS, que surgiu a partir da federalização da UEMT, em função do processo de divisão do antigo estado de Mato Grosso. O curso de Agronomia era, para sua manutenção, bem mais caro que os outros cursos já em funcionamento no CEUD (antigo CPD), esse foi um grande problema enfrentado.

De qualquer forma, a implantação do curso de Agronomia era definitiva e foi publicado o edital de convocação das provas, inclusive pelo jornal *O Progresso* (8 jan. 1978), dado o interesse da comunidade, que pode ser observado na Figura 38.

Uma curiosidade que pode ser levantada mais uma vez é que nessa época, os vestibulares duravam cinco dias (Figura 38) e cada uma das aprovas era realizada em um dia específico:

- Dia 26/02/1978 – Prova de Redação;
- Dia 27/02/1978 – Prova de Comunicação e Expressão e Inglês;
- Dia 28/02/1978 – Prova de Estudos Sociais;
- Dia 01/03/1978 – Prova de Matemática e Física;
- Dia 02/03/1978 – Prova de Química e Biologia.

Figura 38 - Publicação do edital de convocação das provas para o vestibular de Agronomia.

Página 4

O P R O G

Universidade Estadual de Mato Grosso

SUB-REITORIA DE ENSINO E PESQUISA - CONCURSO VESTIBULAR PARA AGRONOMIA - EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA AS PROVAS

1. A Universidade Estadual de Mato Grosso convoca todos os candidatos inscritos ao Concurso Vestibular para o Curso de Agronomia para prestarem provas, de acordo com o seguinte calendário:

Dia 26-02-78 - Prova de Redação

Dia 27-02-78 - Prova de Comunicação e Expressão e Inglês.

Dia 28-02-78 - Prova de Estudos Sociais.

Dia 01-03-78 - Prova de Matemática e Física

Dia 02-03-78 - Prova de Química e Biologia.

2. Horário: todos os Candidatos deverão apresentar-se às 7:00

horas da manhã, no local designado, sob pena de não ingressarem nas respectivas salas de provas.

3. Local das Provas: Considerando a insuficiência de espaço para abrigar o número de candidatos no Centro Pedagógico de Dourados, todas as provas serão aplicadas na Escola de 1ª e 2ª Graus Presidente Vargas, situada à rua Oliveira Marques, 1643 em Dourados-MT.

4. Identificação: Para identificação, deverão apresentar um dos seguintes documentos: Cédula de Identidade expedida pela Secretaria Pública ou pelas Forças Armadas, Carteira de Menor, Certificado de Reservista. Não serão aceitas fotocópias dos documentos acima referidos os candidatos sem documentos não serão admitidos nas salas de provas.

5. Material: Como material, deverão levar caneta esferográfica, dois lápis pretos nº 2 e borracha macia. Não poderão levar cadernos, livros e apostilas.

Universidade Estadual de Mato Grosso
Campo Grande, 10. fev. de 1978

Sub-Reitoria de Ensino e Pesquisa.
Profa. Denise L. de Vasconcelos Dias.

VOCE TAMBEM E RESPONSÁVEL

Na vida de uma comunidade todos os homens tem responsabilidades, além da obrigação da vida em comum. O padre, o juiz, o médico, o empresário, o operário, o professor, o militar, o simples artesão, e tantos outros, todos podem fazer alguma coisa, por quem não sabe ler e escrever. Indique as classes do Moral

Fonte O PROGRESSO, 8 jan. 1978.

O que é mais importante e deve ser ressaltado é que se não fossem aquelas pessoas, políticos ou não, desde que começou o desejo e o consequente empenho da população pela implantação do curso de Agronomia, ele não teria sido efetivamente implantado e se mantido. Dentre essas pessoas, não podemos deixar de nominar o grande e fundamental apoio do ex-prefeito de Dourados, Sr. José Elias Moreira, do ex-vereador e do deputado estadual Celso Miller do Amaral, do ex-vereador e deputado estadual Sultan Rasslan e do Sr. José Ubirajara Garcia Fontoura, que, naquela época, era o chefe da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE), da cidade de Dourados. Mas também sou obrigado a lembrar da Prof.^a Lori Alice Gressler, presidente da comissão que elaborou o Projeto de Implantação do Curso de Agronomia e dos primeiros professores do curso, que cedidos por órgãos do estado de Mato Grosso do Sul ou contratados, conseguiram, em poucos anos um curso de qualidade reconhecida nacionalmente.

AS ADMINISTRAÇÕES E AS PESSOAS DA AGRONOMIA APÓS SUA IMPLANTAÇÃO

Nesse capítulo serão abordados fatos e feitos de professores, técnicos administrativos e estudantes que, de uma forma ou de outra, tinham um contato muito próximo com o curso de Agronomia e que por ele trabalharam e até lutaram, dentro da UFMS. Que fique claro que esse grande grupo de pessoas, por anos a fio, através de seus trabalhos, de seus estudos ou até mesmo de seu engajamento em greves, em benefício da Agronomia (que foram constantes, especialmente de parte dos estudantes), atuaram no ensino, na pesquisa e na extensão dentro dessa grande área de conhecimento que são as Ciências Agrônomicas.

Todas essas ações eram transformadas em benefícios para nosso curso de Agronomia, seja de forma estrita ou mais ampla, fossem eles materiais, construções ou humanos. A verdade era que, quanto mais se trabalhava no ensino, na extensão, e especialmente em pesquisas, mais recursos a UFMS recebia (sendo ela a matriz de distribuição de recursos utilizada pelo MEC) e, portanto, o grupo de docentes do curso de Agronomia era mais reconhecido por seu papel fundamental dentro da UFMS.

Por outro lado, não se pode deixar de reconhecer que, a maior parte dos administradores que ocuparam cargos na Agronomia ajudou a crescer, pois encaravam e discutiam da forma mais dura com os seus superiores imediatos dentro da instituição. Deve-se entender por administrações da Agronomia todo conjunto de cargos e funções que tiveram participação direta na história de sucesso desse curso de gradu-

ação, porém, mais do que os próprios cargos, o papel importante e fundamental das pessoas que os ocuparam e ocupam, sem as quais, na verdade, não haveria história de sucesso para ilustrar.

Essas pessoas deram de si seu tempo, sua dedicação e mais do que isso, em alguns casos, “ganharam muitas rugas”, oriundas das infindáveis discussões e estresses para defender os interesses do curso de Agronomia e de seus estudantes.

Os cargos a que nos referimos são as chefias de departamentos, as coordenações de curso de graduação, as direções do Núcleo Experimental de Agronomia e, mais tarde, as coordenações do Programa de Pós-Graduação em Agronomia, e as direções do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias e da Faculdade de Ciências Agrárias. Mais recentemente, das coordenações da Fazenda Experimental Ciências Agrárias.

Essas figuras administrativas da Universidade, tanto no tempo da UFMS, como da UFGD, tiveram e tem um papel fundamental no sucesso do curso de Agronomia, cada um com suas ações e trabalho específico.

Para ser conduzido de acordo com suas peculiaridades, especialmente no início de sua história, o curso de Agronomia precisava de montantes maiores de recursos do que a maior parte dos outros cursos de graduação existentes no antigo Centro Universitário de Dourados (CEUD) — fossem eles materiais (de consumo e equipamentos) e humanos. Os recursos destinados ao CEUD, que se originou a partir do CPD, não bastavam para suprir as demandas da Agronomia. Os alunos do curso e todos os professores lotados no Departamento de Agronomia (DAG) — que mais tarde passou a ser renomeado para Departamento de Ciências Agrárias (DCA) — se mobilizaram por anos a fio para conseguir um ensino cada vez de melhor qualidade para os estudantes.

Essa luta culminou com a criação dos Órgãos Suplementares na UFMS, cuja finalidade era atender aqueles cursos de graduação com peculiaridades específicas. Os primeiros Órgãos Suplementares criados foram, além do de Agronomia, o da Saúde, o das Engenharias e o da Informática.

Sabendo que essas outras áreas do conhecimento, dentro da UFMS, também tinham o mesmo problema — anteriormente, o total dos recursos da Universidade era dividido em partes iguais entre todos os cursos e esse era um fato que nós não aceitávamos —, a criação dos Órgãos Suplementares foi a solução para o problema. Com a união de todas estas áreas: Medicina, Odontologia, Veterinária e Informática, os Órgãos Suplementares se transformaram em prioridade dentro dos Conselhos Superiores da UFMS. A partir desse momento foi possível a criação e implantação do “Núcleo Experimental de Agronomia” (NECA), mais tarde rebatizado para “Núcleo Experimental de Ciências Agrárias” (NCA).

Somente a partir daí é que os estudantes puderam realmente contar com todo o apoio e estrutura para, efetivamente, receber o ensino que todos mereciam e que os professores desejavam oferecer.

As alterações das denominações do Departamento de Agronomia (DAG) para Departamento de Ciências Agrárias (DCA) e do Núcleo Experimental de Agronomia (NECA) para Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NCA) aconteceram em função de negociações com a reitoria da UFMS. As necessidades da grande área de Agronomia eram muitas e por isso a administração da UFMS e os professores do curso de Agronomia verificaram a possibilidade de criar outro(s) curso(s) de graduação na área das Ciências Agrárias. A primeira hipótese levantada foi o curso de Zootecnia, cuja opção foi defendida pela maioria dos docentes do DCA, mas que

ficou apenas no papel, mesmo tendo havido duas negociações com esse objetivo, e sabendo-se que as estruturas físicas já existentes, montadas para a Agronomia, se tornariam mais eficientes dentro da UFMS. Esse outro curso nos daria, inclusive, melhores condições de obter a infraestrutura necessária e ainda não existente para a Agronomia, pois a administração central da UFMS sempre trabalhou visando maior eficiência e, por isso, nos valorizava.

No decorrer do tempo, alguns pontos da Faculdade de Agronomia foram sendo considerados: a) a área da Agronomia é muito dinâmica, exigindo muitas e constantes pesquisas; b) os professores contratados, em sua maioria, tinham doutorado — o que naquele tempo não era comum — e altamente motivados ao trabalho e a evoluírem tecnicamente; c) dentro do conselho do DCA, os professores desenvolveram um eficiente trabalho em equipe, pois em pouco tempo, com o apoio do NECA/NCA, se tornaram os mais produtivos em termos de artigos científicos publicados em revistas especializadas, dentro de toda UFMS. Esse fato, associado à matriz de distribuição de recursos utilizada pelo MEC, que considera muito as publicações em revistas especializadas, foi o bastante para que pudéssemos quase sempre obter as nossas solicitações dentro da UFMS, além da busca de recursos para pesquisa fora da instituição, pois a grande maioria dos docentes do DCA era favorável a esses recursos e, assim, encaminhavam projetos aos órgãos de fomento.

Foi dessa forma que, no último ano de gestão da UFMS sobre os cursos de Dourados, os recursos que o NCA gerenciava para apoiar apenas o curso de Agronomia se aproximavam muito dos recursos que CEUD recebia como um todo.

Outras conquistas da Faculdade de Agronomia foram as construções, pois saímos de uma terra nua para termos uma área construída com o tamanho igual ou maior que todo o CEUD; similarmente, a faculdade também chegou a ter um número maior de veículos, pois em função de lutas de professores, de pedidos das administrações do NECA/NCA ou via projetos de pesquisas de professores, totalizava: dois ônibus, um caminhonete, um Jeep Toyota e dois veículos Gol, sendo que um dele foi devolvido em seguida, uma vez que ficou sem uso.

E por falar em veículos, não se pode deixar de comentar na forma debochada, mas carinhosa, com a qual os nossos estudantes utilizavam para se referir aos ônibus que a UFMS tinha disponibilizado para aulas práticas e para o traslado dos graduandos de Dourados até o NECA. Esses ônibus receberam a denominação de *Trovões Azuis* (Figura 39). Os dois *Trovões Azuis* foram recebidos por doação de uma empresa de transporte coletivo da cidade de Campo Grande e foram totalmente reformados pela UFMS.

Figura 39 - O *Trovão Azul* levando os estudantes de Agronomia em uma aula prática de Manejo e Conservação do solo em um percurso dentro da CAND.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior (1993).

Bem mais tarde, em 2005, com a criação da UFGD, a área que a UFMS recebeu em doação para se montar pesquisas e áreas demonstrativas, apenas para o curso de Agronomia, foi cedida para a UFGD lá implantar toda a sua estrutura física universitária. Da mesma forma, todos os veículos do NCA e os ônibus, que serviram por anos a fio para transporte de docentes, técnicos e estudantes se deslocarem da cidade de Dourados até o NECA/NCA, bem como os outros veículos, foram repatrimoniados para a nova universidade e ficaram à disposição do órgão que gerenciava os seus veículos.

Anteriormente, se algum outro curso do CEUD precisasse de ônibus para aulas práticas, a solicitação deveria ser feita à administração do NCA. O CEUD não tinha ônibus para as possíveis aulas práticas dos outros cursos nele lotados.

Faz-se necessário mencionar que todos esses bens foram conquistados sempre graças ao trabalho dos professores e técnicos do NECA/NCA – Agronomia, tendo sempre o apoio incondicional dos estudantes, até na forma de greves, sempre com infundáveis justificativas plausíveis. Esse “poderio relativo” era, no entanto, constante motivo de atrito com colegas de trabalho de outras áreas de conhecimento. O que sempre era dito nesses momentos era que “éramos muito beneficiados”. Mas na verdade sempre tivemos aquilo pelo qual lutamos muito. Vale aqui ressaltar que todas as ações ou desejos do quadro técnico do DCA eram sempre muito debatidos e, não raramente, se tinha muitas discussões, até acaloradas, sobre determinados temas ou interesses que eram propostos.

No entanto, após um determinado assunto ter sido resolvido, todos os docentes sempre o apoiavam da forma mais vigorosa e uma possível. Essa pode ter sido uma das grandes lições que esses professores deixaram para o futuro, além do que, naquela época, as únicas “causas” que eram apoiadas de forma unânime, após as

discussões que ocorriam no DCA, eram aquelas que, de forma direta ou indireta, beneficiavam o curso de Agronomia.

Outra palavra que era utilizada em referência ao curso de Agronomia, era que o nosso curso era “privilegiado” dentre os cursos do CEUD/UFMS, o que na verdade nunca aconteceu. Os professores da Agronomia lutavam com grande afinco e unidade para obter o que desejavam e, via de regra, ao beneficiar o curso de Agronomia também beneficiava a própria UFMS. Assim, era criado um ciclo virtuoso de benefícios recíprocos e isso é algo que precisa ficar muito claro. Os professores nunca obtiveram nada pelo qual não haviam, anteriormente, lutado com muito afinco.

Os docentes, sempre com apoio dos estudantes, lutaram tanto e por tanto tempo, que a comunidade sempre deu apoio. Foi o caso, por exemplo, de muitas doações de máquinas e equipamentos agrícolas e caminhão, laboratórios, anfiteatro e de um grande aviário comercial com área de 1200 m².

É possível, que esse trabalho e empenho nunca tenham sido aceitos por algumas pessoas do antigo CEUD, o que é uma pena.

O Núcleo Experimental de Ciências Agrárias

O Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NCA) era um Órgão Suplementar da universidade, diretamente ligado ao vice-reitor, cuja primeira denominação foi Núcleo Experimental do Curso de Agronomia (NECA). Este foi idealizado pela administração da UFMS como forma de poder apoiar, de forma mais diferenciada, o curso de Agronomia em Dourados e também alguns cursos lotados em Campo Grande.

O NECA/NCA era, portanto, o órgão que geria a Fazenda Experimental do curso de Agronomia bem como todo apoio físico e humano que fosse necessário para o bom andamento do curso. Na prática, sem a presença e a ação do NECA/NCA, a Fazenda Experimental de Ciências Agrárias e os laboratórios específicos dentro dessa área do conhecimento, assim como máquinas agrícolas e veículos, ficariam sem a atenção necessária. Imaginem, por exemplo, um ônibus, em uma determinada aula prática quebrar por falta de manutenção. Certamente seria um problema para a administração da UFMS, mas com o NECA/NCA as respostas eram sempre rápidas.

A preocupação com a implantação de uma Fazenda Experimental para o curso de Agronomia era tanta, que em uma determinada época, a prefeitura de Dourados, por meio das ações do prefeito José Elias Moreira, chegou a negociar duas áreas com essa finalidade. No entanto, foi em parceria com o Prof. Celso Amaral que uma terceira opção foi efetivamente acertada para área onde a Agronomia teria suas aulas, campos experimentais e demonstrativos e onde os professores manteriam suas pesquisas. A Figura 40 ilustra algumas ações da comunidade em prol da área experimental para o atual curso de Agronomia.

Entretanto, a luta também não foi fácil no que se refere ao fornecimento dessa área experimental e didática para a Agronomia, pois mesmo no começo da gestão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especialmente entre os anos de 1978 a 1981, os recursos para a Agronomia eram minguados e ainda existia o risco da Agronomia ser transferida para Campo Grande, pois as tais “forças estranhas” que eram referidas por muitos douradenses, ainda persistiam na transferência do curso, dentro e fora da UFMS.

Na Figura 40 podemos observar, em primeiro plano, uma cópia da Lei Municipal de Dourados, elaborada pelo prefeito Eng.º Agr.º José Elias Moreira, que o autorizava a adquirir uma área de 50 ha. Essa área foi comprada do Sr. Antonio de Carvalho, conhecido como Sr. Carvalhinho, pai de Dona Neusa Carvalho do Amaral, esposa do Prof. Celso Müller do Amaral. Nesse ponto, preciso explicar uma curiosidade. Conforme o relato ex-prefeito José Elias, o Sr. Carvalhinho não confiava muito em receber os recursos da prefeitura de Dourados e, dessa forma, para que o negócio pudesse ser fechado, o prefeito teve que se encarregar pessoalmente de emitir as notas promissórias relativas ao pagamento dos 50 ha que a prefeitura doou à UFMS para o curso de Agronomia. O ex-prefeito me contou essa memória com muito humor, rindo da situação.

Em seguida, ainda em primeiro plano na Figura 40, podemos verificar a matrícula da área de 40 ha doada pelo Prof. Celso Müller do Amaral e sua esposa, Neusa do Amaral. Essa área, embora doada pelo professor, foi previamente permutada com o seu sogro, Sr. Carvalhinho, já que a área original que pertencia ao Sr. Celso Amaral ficava mais ao fundo daquela região e, portanto, poderia dificultar o acesso daqueles que se utilizariam da área Experimental da Agronomia. Até nesses detalhes o nosso ex-prefeito José Elias e o Prof. Celso Amaral pensaram, pois o mote era não dar chance ao azar.

Ainda na Figura 40, nas fotografias vemos o registro do momento da assinatura do termo de doação, efetivado pelo Prof. Celso Amaral e sua esposa. Também vemos fotografias do então vice-prefeito de Dourados, Sr. José Cerveira, pessoa fantástica e que sempre lutou por Dourados e região e que também teve, para nós, papel importante como deputado estadual, e do Prof. Otaviano Gonçalves que naquele momento era o diretor do CEUD. Nessa mesma fotografia está presente o Sr. Vlademiro do

Amaral, pai de Celso Amaral, o qual, nos idos de 1968, doou a quadra central em Dourados, onde foram construídos os prédios para ser implantada a Faculdade de Agronomia. Podemos observar ainda, na fotografia feita na entrada do CEUD, que além das autoridades, se fizeram presentes, aproximadamente metade dos alunos da 1ª turma do curso de Agronomia, que foi uma das turmas que mais lutou pelo curso, lançando líderes estudantis para lutar pela Agronomia por quase uma década.

Por fim, na Figura 40 temos ainda uma reportagem do jornal *O Progresso* que informa que tinha sido “Solucionado o problema do terreno para a Faculdade de Agronomia”.

A partir desse momento, e tendo os professores da Agronomia sempre se empenhado para a sua melhoria, e ficando claro que a comunidade douradense não abri-ria mão desse curso, as coisas mudaram inclusive no trato com a reitoria da UFMS. Não que os problemas tivessem acabado, pois a imprensa douradense, a comunidade interna da Agronomia e alguns líderes regionais ainda brigaram até meados de 1980.

Em função disso, e após a superação dos problemas iniciais que surgiram para o crescimento da Agronomia, inclusive na segunda gestão de reitor da UFMS (entre 1979 e 1983), especialmente em função dos problemas não solucionados e ocorridos entre 1978 e 1979 e de muito diálogo sempre entre os professores e estudantes do curso de Agronomia com a administração do CEUD e, conseqüentemente, com a administração da UFMS, as coisas começaram se a modificar a partir de meados da década de 1980. É justo mais uma vez mencionar que nesses momentos, além dos políticos e líderes regionais, que a AEAGRAN (Associação dos Engenheiros Agrônomos da Grande Dourados) se tornou uma grande parceira da Agronomia, tanto em termos políticos como técnicos, sempre estava presente para uma nova luta.

Figura 40 - Fotos de reportagens que ilustram a etapa final, depois de muitos altos e baixos do processo de doação da área física para aulas práticas, demonstrativas e de experimentação do curso de Agronomia.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior;
O PROGRESSO, 14/10/1978; O PROGRESSO 14/10/1978; O PROGRESSO, 23/11/1978.

Um dos exemplos da ação da AEAGRAN e dos “parceiros” de sempre pode ser observado na Figura 41, uma vez que, após muitas greves dos estudantes e muitas reivindicações dos professores, as primeiras obras no NECA se iniciaram em 1981, com término em 1982.

Figura 41 - Fotos de reportagens que demonstram, em um primeiro momento, que a UFMS ainda não queria reconhecer a Agronomia. A seguir, apoio da AEAGRAN e, por fim notícia dando conta de que os prédios da primeira etapa das construções tinham sido entregues.



Fonte: O PANORAMA, 13 maio 1982; O PROGRESSO, 16 jun. 1982; O PROGRESSO, 13-14 nov. 1982.

Naquela época, os professores que ministravam as disciplinas da área técnica do curso de Agronomia, contratados pela UFMS e lotados no Departamento de Agronomia (DAG), eram: Domingos Sávio de Souza e Silva, Edgard Jardim Rosa Junior, João Dimas Graciano e Yara Brito Chaim. Eles sempre puderam contar com o apoio fundamental de professores cedidos por outros órgãos públicos, especialmente a EMPAER (hoje AGRAER), que eram os professores: Rômulo Darós, Ivo Arcângelo Buzzato, Luiz Carlos Rodrigues Moraes e Ademir Antunes de Moraes e da iniciativa privada, como o caso de Eduardo Barbatt Parfitt.

Com esse quadro de docentes, e sempre tendo a apoio irrestrito e muita pressão dos estudantes, as conversações com a administração central da UFMS foram se tornando cada vez mais produtiva, ao ponto do reitor da segunda gestão da UFMS, Sr. Edgard Zardo, ter aberto de uma só vez o processo de contratação de 11 novos professores. Anteriormente, não havia ocorrido tamanha contratação para qualquer outro curso da universidade. Concomitantemente, nunca paravam as lutas para que se pudessem proporcionar ao NECA as melhores condições possíveis de trabalho.

Durante toda a existência do Núcleo Experimental de Agronomia (NECA) ou do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NCA), que perdurou até a criação da UFGD, quando então ele legalmente deixou de existir e foi criada, a Coordenadoria da Fazenda Experimental de Ciências Agrárias, com liberdade e atribuições muito mais restritas, muitos professores ocuparam os cargos de direção, os quais estão constantes nos quadros 5 e 6.

Pouco depois da criação dessa Coordenadoria e, sabendo que a administração da UFGD tinha (como era de se esperar) o intuito de levar toda a UFGD para a área física da Agronomia, o seu diretor, Prof. Edgard Jardim Rosa Junior, começou a entabular conversações com a reitoria da UFGD, sempre com apoio dos professores do curso de Agronomia, para a aquisição de uma nova área experimental, o que de fato ocorreu.

Quadro 5 - Diretores do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NCA) e da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA).

Diretor	Período
Prof. Edgard Jardim Rosa Júnior	1981-1982
Prof. Medson Janer da Silva	1982-1983
Prof. Kazuiuki Nakayama	1983-1984
Prof. Teodorico Alves Sobrinho	1985-1988
Prof. ^a Paula Pinheiro Padovese Peixoto	1988-1990
Prof. João Dimas Graciano	1990-1995
Prof. Edgard Jardim Rosa Júnior	1995-2000
Prof. Antonio Dias Robaina	2000-2006
Prof. Edgard Jardim Rosa Júnior (FCA)	2006-2012
Prof. Luiz Carlos Ferreira de Souza (FCA)	2012-2015
Prof. Guilherme Augusto Biscaro (FCA)	2015 até momento

Fonte: Organizado pelo autor.



Quadro 6 - Coordenadores da Fazenda Experimental da UFGD.

Coordenador	Período
Prof. Cristiano Márcio da Silva	2007-2008
Prof. João Dimas Graciano	2008-2012
Prof. Munir Mauad	2012- 2015
Prof. Tarcísio de Oliveira Valente	2015-2016
Prof. Roberto Carlos Orlando	2016-2017
Eng. Agr. Bruno Cezar Álvaro Pontin	2019 – até o momento

Fonte: Organizado pelo autor.

Nesse processo também houve percalços, mas foram pequenos. Também é válido relatar que o nome que foi primeiramente aprovado no Conselho Universitário (COUNI) da UFGD foi “Fazenda Experimental de Ciências Agrárias (FAECA)”, que pode ser observado na placa de inauguração (Figura 42) — creio que esse nome seria justo, uma vez que teríamos mais cursos superiores nessa área do conhecimento.

Vemos na Figura 42, que o Prof. Edgard Jardim Rosa Junior, na presença do reitor, do vice-reitor e dos pró-reitores da UFGD, descerra a placa de inauguração na nova “Fazenda Experimental de Ciências Agrárias”.

Figura 42 – Inauguração, em 2007, da nova Fazenda Experimental de Ciências Agrárias (FAECA), tendo a presença do reitor, Prof. Damião Duque de Farias, do vice-reitor, Prof. Wedson Desidério, e dos pró-reitores, professores Cláudio Vasconcelos, Rita de Cássia Limberti e Silvana de Abreu, tendo o Prof. Edgard Jardim descerrando a placa.



Fonte: Arquivo da Faculdade de Ciências Agrárias.

Mas como no passado, o mesmo que ocorria antes da criação da UFMS, a administração da UFGD não “achou adequado” o nome de “Fazenda Experimental de Ciências Agrárias” e, alegando que outros cursos, fora da grande área de Ciências Agrárias, poderiam ser beneficiados, a rebatizou oficialmente no COUNI/UFGD, de “Fazenda Experimental da UFGD”, aparentemente manteve sua abreviatura, que era FAECA. Embora recebendo um nome mais genérico, ficou acordado com o então reitor da UFGD que os coordenadores da FAECA seriam sempre da Faculdade de Ciências Agrárias.

Com essa inauguração, acabaria a liberdade e a amplitude de ação do diretor do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias, pois dessa data em diante as únicas ações que poderiam ser geridas pelo coordenador da Fazenda Experimental seriam as ações relativas ao campo, sendo que os recursos e outros meios necessários ao pleno e livre andamento das suas ações deveriam ser acordados previamente com as pró-reitorias da UFGD.

O NECA/NCA se tornou necessário em função de várias razões, mas a principal delas era dar agilidade às necessidades do curso de Agronomia, ao mesmo tempo em que dava liberdade para que os seus professores pudessem buscar recursos externos à UFMS, sempre visando melhorar as condições de Ensino, Pesquisa e Extensão. Além disso, aparentemente alguns colegas de outros cursos do CEUD não entendiam que o custo de um curso de Agronomia era diferenciado e bem mais caro que os demais cursos até então existentes no CEUD.

A grande vantagem do NCA é que tinha uma direção autônoma, com uma Divisão Administrativa, uma secretaria, e as Divisões de Produção e de Tecnologia e Extensão.

Tinha, portanto, autonomia financeira e administrativa, podendo realizar aquisições de quaisquer bens necessários ao adequado desempenho do curso, bem como

comercializar os produtos ocasionalmente produzidos, desde que dentro das normas vigentes para esse fim, considerando, inclusive, os processos licitatórios.

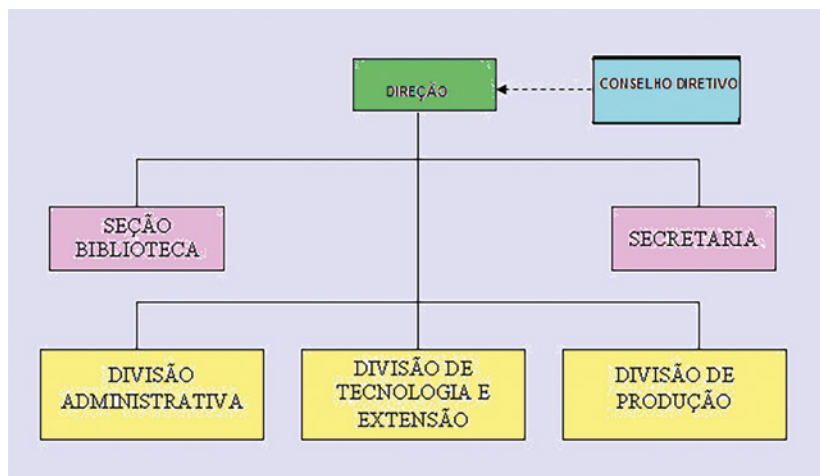
Desde o começo de suas atividades, o NECA/NCA, através de acordos com todos os reitores que passaram pela UFMS, sempre agiu de forma crítica e eficiente, em função disso, normalmente obtinha da administração da UFMS as solicitações pleiteadas, fossem elas equipamentos, materiais de consumo ou prédios. É lógico que para tanto, existia a necessidade de que houvesse produtividade por parte dos professores do curso de Agronomia, fosse ela em nível de Ensino, Pesquisa ou Extensão.

O organograma funcional do NECA/NCA pode ser observado na Figura 43, de onde se pode observar que todas as deliberações emanavam do Conselho Diretivo, mais tarde denominado de Conselho Diretor, assim como as ações executivas, do Diretor.

O Conselho Diretivo do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias era composto pela presença dos seguintes membros:

- Diretor do órgão, como seu Presidente;
- Coordenador do curso de Agronomia;
- Chefe do Departamento de Ciências Agrárias;
- Chefe da Divisão de Produção;
- Chefe da Divisão de Tecnologia e Extensão;
- Chefe da Divisão Administrativa;
- Representante docente (um), eleito dentre os professores do DCA;
- Representante discente (um), eleito entre os estudantes do curso de Agronomia;
- Representante técnico-administrativo (um), eleito entre os técnicos administrativos lotados no NCA.

Figura 43 - Organograma do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NCA).



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior (2015).

As funções do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias no contexto do curso de Agronomia eram basicamente:

- Oferecer e proporcionar manutenção de toda a parte física de apoio ao curso, como salas de aulas, laboratórios, oficinas, estruturas de armazenamento, estruturas para confinamento e manutenção de animais.
- Oferecer e manter em ordem os veículos, os quais, nos últimos anos eram dois ônibus, dois carros pequenos, uma caminhonete e um veículo Jeep Toyota, todos para apoio aos estudantes, técnicos e professores.
- Oferecer e manter em ordem todas as máquinas e equipamentos necessários ao manejo das atividades agrícolas e zootécnicas.

- d) Adquirir e proporcionar manutenção de todos os equipamentos contidos nos laboratórios, salas de aulas e em estruturas de pesquisas e necessários às atividades dos docentes e técnicos do DCA.
- e) Controlar a atividade de todos os técnicos (contratados pela universidade ou terceirizados) que davam apoio ao curso de Agronomia. O vínculo dos professores com a Administração da Universidade sempre foi junto ao CEUD.

O NECA/NCA começou a funcionar na prática em 1981 e, sempre com o apoio dos poucos professores da época, que eram João Dimas Graciano, Artur Heráclio Gomes da Silva, Márcio José Stangarlin, Yara Brito Chaim, Egon Krakhecke, Licelva Peres de Leon e Edgard Jardim Rosa Junior, como seu primeiro administrador. Dentre as primeiras ações práticas realizadas pelo NECA, para implantar o curso de Agronomia naquele local, podemos citar:

- a) a conferência das divisas das áreas doadas à UFMS (90 ha) e o mapeamento planialtimétrico da mesma, esse último com a finalidade de dar suporte à instalação da rede de energia elétrica de alta tensão, que seria uma das primeiras obras a serem realizadas (Figura 44). Esse trabalho foi realizado pela Prof.^a Yara Brito Chaim;
- b) a contratação dos primeiros técnicos para apoio agropecuário;
- c) a definição e locação das estradas internas básicas (Figura 44);
- d) a divisão da área total do NECA em subáreas, de acordo com as áreas de conhecimento da Agronomia que necessitavam de espaços físicos

específicos. Em função dessa necessidade, se definiu as subáreas de:

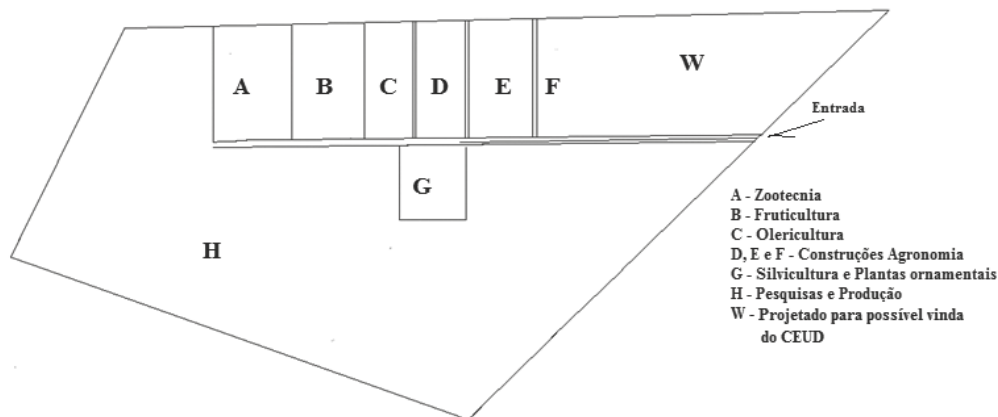
- 1) Zootecnia, 2) Fruticultura, 3) Olericultura, 4) Construções,
- 5) Construções, 6) Construções, 7) Plantas Ornamentais, 8) Pesquisa e
- Produção e 9) Projeto para possível ida do CEUD para lá (Figura 44);

e) o plantio das árvores (ipês e sibipirunas) no que seriam os canteiros centrais das ruas principais do NECA/NCA;

f) a implantação das cercas em torno da área do NECA.

De acordo com a fotografia aérea tirada da maior parte do Núcleo Experimental de Agronomia (Figura 44), podemos verificar que a proposta inicial da direção do antigo NECA, suas sugestões sobre as divisões internas, foram mantidas.

Figura 44 - Croqui da área total do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias, especificando subdivisões internas.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior (2015).

Figura 45 - Vista aérea de grande parte do NCA (1995), em que se pode visualizar parte das áreas definidas até 1982 e descritas na Figura 44.



Fonte: Arquivo da FCA.



Uma das primeiras aulas práticas ministradas nas dependências do Núcleo Experimental de Agronomia ocorreu no início de 1981 (Figura 46). Essa aula foi ministrada para filhos de agricultores da região de Dourados com o apoio do SENAR, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Os seguintes assuntos foram ministrados aos participantes: os procedimentos demandados para a amostragem de solo, tendo o Prof. Edgard como ministrante, com o apoio de dois estudantes da primeira turma do curso de Agronomia, Carlos Eduardo Marques e José Domingos Baldasso. Esse tipo de participação de estudantes em apoio aos docentes, sem nada em troca, era muito comum na época. Na Figura 46, podemos verificar com algum esforço, em segundo plano, a fase inicial da construção do prédio que, além de laboratórios, manteria a cantina do NECA.

Figura 46 - Uma das primeiras aulas práticas realizadas no NECA, ministrada pelo Prof. Edgard Jardim Rosa Junior, a filhos de agricultores da região de Dourados, com o apoio do SENAR.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior (1981).

A única ação, dentro das gestões do NECA/NCA, de não manutenção de resoluções anteriormente tomadas pelo seu conselho diretor, ocorreu logo após a gestão da Prof.^a Paula Pinheiro Padovesi Peixoto, que foi de apenas 2 anos, por política equivocada da reitoria da época, cedendo a pressões inadequadas.

Naquela época, final de 1990, todas as construções zootécnicas que existiam até então na área que lhe foi destinada desde o início, foram de lá removidas. As estruturas que estavam implantadas nessa área de conhecimento eram:

- a) um galpão comercial de aves de corte (que foi doado pela antiga AVIPAL);
- b) um sistema de criação de galinhas caipiras;
- c) criação de caprinos;
- d) espaço do cavalo bretão inglês; e
- e) barracões de pesquisa de aves de corte e criação de coelhos (Figura 47).

Figura 47 - Antiga criação de coelhos (cunicultura) do NECA/NCA.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior (1995).

Todas essas estruturas foram de lá retiradas e não voltaram mais e a desculpa que me foi dada é não se tinha recursos para levar energia elétrica ao lugar. Ora, convenhamos que 400m de rede de baixa tensão para uma universidade não seria nada em comparação, por exemplo, com o custo de se desmontar e montar novamente um barracão de frangos de corte de 12 x 100 m. O grande galpão de criação comercial de frangos de corte foi doado pela AVIPAL no início da gestão da Prof.^a Paula e reconstruído no final da área de olericultura.

Essa doação foi feita a pedido do Prof. Edgard Jardim que, naquela época, era o chefe da Divisão de Produção do NECA, por solicitação da Prof.^a Paula. Nesse processo de doação do galpão de criação, o Núcleo Experimental de Ciências Agrárias ficou com o compromisso de produzir as pesquisas requeridas pelos professores da área de avicultura. A AVIPAL ainda se ofereceu como fornecedora de ração para as pesquisas, gratuitamente.

As outras estruturas simplesmente desapareceram, assim como a prova do trabalho dos professores que conseguiram esses espaços físicos, pois na época eles eram obtidos via financiamento de projetos de pesquisa da universidade ou de outros órgãos de fomento. O interessante foi que, com a implantação da FCA em 2006, as áreas demonstrativas de Zootecnia começaram a voltar a ocupar o seu lugar original.

Na Figura 47 observamos um dos galpões que havia na área de Zootecnia, esse era o galpão para abrigar uma criação de coelhos, que foi construído pelos servidores do NECA/NCA com recursos de pesquisa do Prof. Edson Gonçalves de Oliveira.

Esse criatório de coelhos era uma estrutura física simples, no entanto, requeria do professor, via Projeto de Pesquisa ou de Extensão, viabilização de recursos, tanto de materiais de consumo para sua construção como para aquisição e manutenção

dos animais. O apoio do NECA/NCA ocorria com a sua construção e posterior manutenção, sempre com o apoio direto de seu quadro de funcionários. E como sempre se buscava a eficiência e especialização dos mesmos, todas as pequenas obras internas eram capitaneadas, normalmente pelos técnicos administrativos Luiz e o Samuel e, aparentemente, até antes da aposentadoria do Samuel, continuava assim.

A antiga entrada do NECA/NCA, que pode ser observada pela Figura 48, foi eliminada quando a UEMS teve sua sede construída mediante a cessão de uma área de aproximadamente 11 ha. Essa cessão, que foi feita primeiramente em regime de comodato por um período de dez anos, mais tarde passou definitivamente para à posse daquela universidade.

Figura 48 - Antiga entrada do NECA/NCA.



Fonte: Arquivos da FCA (1990).

O NCA teve que ser consultado oficialmente pela reitoria da UFMS para que essa referida cessão de área pudesse ocorrer. Em reunião marcada com essa finalidade em destaque, o Conselho Diretor do NCA, naquela época sob a gestão do professor João Dimas Graciano, de forma unânime apoiou e incentivou a implantação da sede da UEMS para aquele lugar e, por consequência, para Dourados. Isso ocorreu uma vez que já se tinha políticos da região de Campo Grande desejando que a sede da UEMS fosse instalada em Campo Grande.

Para algumas pessoas, a vinda da UEMS para dentro do NCA, ocupando uma área nobre, pode não ter sido interessante na época, mas quando observam o grande papel que essa universidade tem proporcionado para Dourados nos dias atuais e para o futuro, reconhecemos que foi uma ótima decisão. Hoje, mesmo aquelas pessoas que criticaram aquela cessão de área, concordam com o papel importante da UEMS, não só para Dourados, mas para Mato Grosso do Sul como um todo.

Pela Figura 48, podemos verificar os ipês, os quais foram alinhados pela Prof.^a Yara Brito Chaim Jardim Rosa e plantados pela Licelva Peres de Leon, já se encontravam bem desenvolvidos. Naquela época, para o acesso às dependências do NCA/UFMS, tanto para a entrada, como para a saída de veículos, se dava pelo lado direito da coluna de ipês.

Essas duas professoras, da mesma forma, também alinharam e plantaram todas as árvores de sibipiruna nas demais ruas do NECA, fosse nos canteiros centrais ou no que seriam as futuras calçadas, assim como em frente ao CEUD.

Depois que foi realizado o asfaltamento, prometido e em seguida executado pelo governador do estado, Sr. Ramez Tebet, esse acesso principal foi duplicado.

As primeiras construções do NECA podem ser observadas na Figura 49. Na primeira fotografia, de cima para baixo, pode se observar as duas casas de caseiros e o galpão grande que foi construído para guardar insumos agrícolas. É interessante se ressaltar aqui, que nesse galpão de insumos foram ministradas as primeiras aulas teóricas para os estudantes de Agronomia dentro daquela área experimental.

A segunda fotografia, ainda na Figura 49, é interessante, pois além de mostrar a lateral da oficina do NECA (onde hoje funciona a sala de desenho técnico), mostra o Prof. Edgard saindo com um grupo de estudantes da primeira turma do Colégio Técnico Agrícola, cuja responsabilidade mantinha juntamente com os outros professores do curso de Agronomia.

Os professores do curso de Agronomia formaram, naquela época, duas turmas de técnicos agrícolas, além da manutenção das aulas normais aos alunos do curso de Agronomia. Isso ocorreu, pois, em troca, o NECA recebeu, para equipar o curso de Agronomia, o seu primeiro (e pequeno) parque de máquinas e implementos agrícolas, alguns deles em funcionamento até hoje. Esse assunto será exposto mais adiante.

A terceira fotografia ilustra o exterior do prédio que foi construído para acolher os laboratórios de Botânica, Fisiologia Vegetal e Informática, além da cantina. O interior da cantina pode ser visto nas duas fotografias seguintes e, ela, funcionava inclusive como sala de estudos aos estudantes, pois nessa época nem biblioteca existia.

A Figura 50 fornece uma visão dos prédios que o NCA dispunha para apoiar as áreas de Olericultura e Plantas Medicinais, bem como uma fotografia da quadra que era utilizada para realização das aulas de Educação Física e jogos de futebol de salão do NECA.

Observa-se, na terceira fotografia (Figura 50), a quadra de esportes e, ao fundo, um conjunto de sanitários. A quadra não existe mais, e em seu lugar foi montado o primeiro estacionamento da UFGD, construído logo após a implantação do bosque pelo professor Omar na entrada do NCA, hoje Unidade II da UFGD. O conjunto de sanitários foi reformado e lá foi implantada parte da Pós-Graduação em Entomologia, da Faculdade de Ciências Biológicas. A quadra de esportes foi exigência dos estudantes de Agronomia, mas praticamente não foi aproveitada, pois o seu piso não oferecia condições para a prática de esportes por seu muito áspero.

Tinha-se, naquela época, a filosofia de que tudo poderia e deveria ser aproveitado e reaproveitado. Prova disso é o conjunto de três galpões de pesquisa em ambientação animal feitos com recursos de pesquisa captados pela professora Yara Brito Chaim Jardim Rosa e que lhe serviram de base para a sua tese de doutorado. Após a defesa de sua tese, os três galpões foram utilizados para outras atividades.

Figura 49 - Ilustrações e alguns detalhes das primeiras construções implantadas no NECA no 2º semestre de 1982.



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências Agrárias e acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior.

Figura 50 - Construções para apoio das áreas de olericultura e plantas medicinais e antiga quadra de futebol de salão do NECA.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior e acervo da FCA (2001).

Figura 51 - No topo, conjunto de três galpões pequenos construídos para a tese de doutorado da professora Yara, a oficina e a garagem do NCA e, abaixo, o laboratório de campo de fitotecnia e o galpão grande do NECA/NCA.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1981).

Hoje, esses galpões, já fechados e reformados, são utilizados, respectivamente, para o preparo de pesquisas de professores da FCA, para a implantação de um museu e de uma área de classificação de solos, e como barracão da Fazenda Experimental de Ciências Agrárias.

A oficina e a garagem do NCA (Figura 51) foram, em 2009, trocadas pela direção da FCA por um prédio padrão da UFGD, mediante aval do conselho diretor da faculdade e da administração da UFGD, a fim de se implantar os laboratórios que faltavam na faculdade e atender as demandas dos cursos de Agronomia, Zootecnia e Engenharia Agrícola, já existentes na época, e dos cursos que, em seguida, seriam criados, a saber, Engenharia Florestal e Engenharia de Pesca.

Mais tarde, com o corte de recursos das universidades federais brasileiras, a FCA descartou a implantação do curso de Engenharia Florestal e entrou em entendimentos para implantar o curso de Engenharia de Pesca. Para implantar este curso, a direção da FCA chegou a entrar em contato com a Unesp, *campus* de Iguape, especialmente com a sua direção, vislumbrando inclusive a possibilidade de convênios futuros para que houvesse intercâmbio acadêmico entre os estudantes para estudos sobre a biota marítima de Iguape e sobre a piscicultura de água doce praticada em Dourados, MS.

Na Figura 51, podemos observar ainda um galpão de 6m de largura por 18m de comprimento, com uma área fechada de 6m x 4,5m, onde os utensílios necessários para se montar e avaliar pesquisas de campo da área de fitotecnia eram guardados. Os professores não tinham, até então, onde preparar e avaliar suas pesquisas. O galpão teve que ser desmanchado, assim como a antiga estufa do NCA (Figura 58) e uma casa de sombra que havia sido construída pela professora Silvana Quintão Scalon, para que ali fosse construído o prédio central das atividades de ensino da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA).

O “desmanche” daquelas construções foi acordado pela direção da FCA da época mediante a garantia dada pela reitoria de construção de um novo prédio, similar ao laboratório de campo de fitotecnia localizado na Fazenda Experimental, que acabara de ser adquirida. Seria ainda construído um complexo de cultivo protegido na parte final da área de plantas ornamentais da FCA.

O principal prédio destinado para a administração, que servia tanto às necessidades do NECA quanto às do NCA, serviu de sede administrativa da FCA até o final de 2016 e pode ser observado na Figura 52. Na mesma figura, também é possível visualizar, parcialmente, o prédio de gabinetes de docentes da FCA.

Figura 52 - De cima para baixo, vistas parciais do prédio de administração do NECA/NCA/FCA e do prédio de gabinetes de professores da FCA.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

A silvicultura possuiu sua área física de apoio à pesquisa e a aulas práticas composta por um depósito para armazenamento de materiais e equipamentos (Figura 53) e por uma estrutura de campo para produção de mudas e desenvolvimento experimental. Ao fundo da Figura 53, estão dois prédios utilizados pela Engenharia Agrícola cuja construção foi negociada pelo professor Edgard Jardim Rosa Junior quando de sua segunda gestão como diretor da FCA.

Figura 53 - Vista parcial da estrutura de apoio à área de silvicultura, que começou suas atividades no NCA e persiste na FCA.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

Dentro da área de plantas ornamentais, existe todo um sistema de apoio à produção e à pesquisa que pode ser visualizado nas figuras 54a, 54b e 55. Dentre essas áreas de apoio, estão:

- a) um laboratório de cultivo *in vitro* de orquídeas;
- b) um laboratório de manejo de substratos;
- c) um laboratório de apoio contendo uma câmara fria e de crescimento;
- d) um barracão para preparo e avaliação de pesquisas;
- e) um conjunto de oito casas de sombra, com variáveis níveis de proteção contra o sol, onde as pesquisas são desenvolvidas.

Figura 54a - Estruturas de apoio à área de plantas ornamentais. Laboratório de cultivo “in vitro”, de manejo de substratos e de apoio e casas de sombra com variação de recepção solar.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

Figura 54b - Estruturas de apoio à área de plantas ornamentais.
Laboratório de manejo de substratos e de apoio e barracão
de preparo e avaliação de pesquisas.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

Vale ressaltar que os laboratórios de cultivo *in vitro* e de manejo de substratos, foram construídos em um conjunto de prédios que, originalmente, foi utilizado para uma complexa pesquisa de criação de pacas, implantada sob a responsabilidade do finado professor Antônio Carlos Cubas.

Dentro da área demonstrativa de plantas ornamentais, com exceção dos laboratórios de cultivo *in vitro* e de manejo de substratos, todas as outras estruturas foram construídas com recursos de pesquisa dos professores envolvidos naquelas áreas do conhecimento, especialmente com recursos providenciados pela professora Yara. O NCA realizava as pequenas reformas que se mostrassem necessárias.

Figura 55 - Casas de sombra de apoio à área de plantas ornamentais.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

A dedicação dos professores do curso de Agronomia e a vontade de ter um curso forte mais uma vez podem ser observadas na Figura 56, na qual observamos o anfiteatro e o laboratório de Biotecnologia Agrícola, obras que foram doadas pela Cooperativa COPASUL, de Naviraí, a pedido do professor Paulo Eduardo Degrande.

Figura 56 - Vista frontal, da esquerda para a direita, do Auditório de Biotecnologia Agrícola e do Laboratório de Entomologia Agrícola.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

Figura 57 - Vista de alguns prédios do NCA, hoje FCA.



Da esquerda para direita, de cima para baixo: Laboratórios de Microbiologia, Fitopatologia, Parasitologia Animal e um de Informática; Laboratório de Nutrição Animal e de Tecnologia de Produtos Agropecuários; Bloco de salas de aula do curso de Agronomia; Bloco da pós-graduação da FCA; Sala de desenho técnico (ex. oficina); Centro Acadêmico; Anfiteatro do NECA, hoje FCA; Laboratório de solos e sementes.

Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

Na Figura 57, outras estruturas do NCA, hoje FCA, podem ser vistas. De cima para baixo, tem-se o prédio onde funcionam o Laboratório de Microbiologia e Fitopatologia, o Laboratório de Parasitologia Animal e um laboratório de Informática. A seguir, na mesma figura, tem-se o bloco dos laboratórios de Nutrição Animal e de Tecnologia de Produtos Agropecuários. Mais abaixo na figura, tem-se o bloco de salas de aula da Agronomia que, devido a um acordo com a reitoria da UFGD, foi reformado e utilizado por quatro anos como biblioteca geral da universidade. Após a construção do prédio específico da biblioteca, o bloco de salas de aulas, totalmente reformado e ampliado, voltou a ser utilizado pela FCA. Hoje, no espaço funcionam os programas de pós-graduação da FCA.

Ainda na Figura 57, é possível observar a sala de desenho técnico e a casa que foi construída para ser a administração original do NECA, a qual mais tarde se transformou em casa de caseiro e no Centro Acadêmico de Agronomia de Dourados (CAAD). Hoje, uma de suas salas serve ao CAAD e o restante ao DCE da UFGD.

É possível dizer, portanto, que um dos ganhos do curso de Agronomia com a criação da UFGD foi o aumento da área construída em 50%.

Também na Figura 57 são mostradas fotos do Anfiteatro da FCA e do prédio do Laboratório de Solos e de Sementes. A UFGD propôs que o anfiteatro da FCA ficasse disponível para uso geral da universidade, mas, em função de ponderações da primeira administração da FCA, tal ideia foi demovida. O primeiro planejamento estratégico da UFGD previa que a reforma do anfiteatro aconteceria em quatro anos (2008-2011). No entanto, até dezembro de 2017, essa reforma e a dos prédios antigos da FCA ainda não tinham sido executadas, somente alguns ajustes na parte elétrica dos prédios haviam sido feitos.

Figura 58 - Algumas estruturas de apoio ao curso de Agronomia e algumas vistas internas e aérea em 1994.



Da esquerda para direita, de cima para baixo: Prédio da pós-graduação do NCA, atual prédio da administração da FCA; Vistas internas da FCA; Vista interna do NCA em 1994; Vista aérea do NCA em 1994.

Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior e acervo da FCA (1994).

Pela Figura 57, é possível observar outro grupo de estruturas do antigo NCA, que hoje pertencem à FCA, como é o caso do primeiro bloco construído para a pós-graduação em Agronomia. O bloco foi construído pela UFMS em função da eficiência dos professores da Agronomia na produção e publicação de pesquisas. Não é à toa que o primeiro mestrado da UFMS foi criado pelo curso de Agronomia, assim como o primeiro e o segundo cursos de doutorado, fato que será abordado mais à frente.

Para finalizar, este conjunto de fotografias dos edifícios do NCA oferece uma vista panorâmica dos principais prédios nos idos de 1995 (Figura 59). O interessante foi que, depois que eu fiz a fotografia panorâmica do NCA, fiquei sabendo que eu tinha medo de altura, pois foi muito difícil descer do alto da caixa d'água grande, de onde a fotografia foi tirada.

Figura 59 - Vista panorâmica do NCA e da casa de vegetação.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (1998).

Os departamentos de Agronomia e de Ciências Agrárias

Em 6 de junho de 1979, em reunião presidida pelo então diretor do CEUD, professor Lauro Chociai, foi criado o Departamento de Agronomia (DAG) e nomeado seu primeiro chefe, o professor Domingos Savio de Souza e Silva. Participaram daquela reunião os professores do Departamento de Ciências, a saber, Nauzira Noriko Namiushe, Wálderes Wagner Wolf, Abramo Loro Neto e Ana Maria Sampaio Domingues, e os da área técnica da Agronomia, a saber, Eduardo Barbat Parfitt, Luiz Carlos Rodrigues Moraes e Domingos Sávio de Souza e Silva.

Cabia legalmente ao Departamento de Agronomia e, mais tarde, ao Departamento de Ciências Agrárias definir e fiscalizar todas as atividades dos professores que ministravam aulas ao curso de Agronomia e que eram a ele vinculados. O departamento era também responsável pelos técnicos administrativos nele lotados. Deve, no entanto, ficar claro que o DAG/DCA tratava exclusivamente com os professores lotados naquele departamento. Outros departamentos existentes no CEUD que davam apoio ao curso de Agronomia eram os departamentos de Ciências, de Educação e de Ciências Humanas.

O DCA tinha a figura instituída de seu chefe como o executivo das decisões tomadas pelo órgão máximo do departamento, a saber, o Conselho do Departamento de Agronomia ou, mais tarde, Conselho do Departamento de Ciências Agrárias. O secretário do departamento era responsável também por secretariar as reuniões do conselho.

O Conselho do Departamento de Ciências Agrárias era composto por todos os professores do curso de Agronomia e por três representantes dos estudantes de Agronomia.

Os chefes do Departamento de Agronomia/Ciências Agrárias (DAG), desde a origem do departamento até a institucionalização da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), podem ser verificados no Quadro 7.

Quando a UFGD foi implantada, houve a transição entre as universidades (UFMS e a UFGD) e o DCA tornou-se FCA. O processo de transição do departamento em faculdade foi conduzido pelo professor Edgard Jardim Rosa Junior.

Naquela época, as condições de trabalho já haviam melhorado um pouco, mas as dificuldades ainda eram reais para o curso de Agronomia. As dificuldades enfrentadas pela comunidade acadêmica até 1985 diziam respeito especialmente às contratações e demissões ocorridas. O resumo do histórico das administrações, algumas dificuldade e curiosidades estão transcritas nos Quadros 8 e 9, elaborados a partir das atas das reuniões do departamento ocorridas até 1985.

Quadro 7 - Chefes do Departamento de Ciências Agrárias desde a sua implantação até a criação da Faculdade de Ciências Agrárias.

Chefes do Departamento de Agronomia ou de Ciências Agrárias	Período
Domingos Sávio de Souza e Silva	1979-1980
José João Pires de Oliveira	1981
Antonio Dias Robaina	1981-1984
Licelva Paza	1985-1986
João Dimas Graciano	1987-1990

Continua

Quadro 7 - Chefes do Departamento de Ciências Agrárias desde a sua implantação até a criação da Faculdade de Ciências Agrárias.

Continuação

Chefes do Departamento de Agronomia ou de Ciências Agrárias	Período
José Oscar Novelino	1990
Omar Daniel	1993-1994
Luiz Carlos Ferreira de Souza	1995-1996
Antonio Carlos Cubas	1997-1998
Beatriz Lempp	1999-2002
Ademir Antunes Moraes	2003-2004
Beatriz Lempp	2005-2006
Edgard Jardim Rosa Junior (Responsável pela transição entre o DCA e a FCA)	2006-2007

Fonte: Organizado pelo autor.

Com uma grande e rápida alteração no quadro total de docentes nos anos iniciais do curso de Agronomia, pode-se imaginar os ânimos dos docentes dentro do DAG/DCA. Essa grande alteração no quadro de docentes ocorreu especialmente em função do grande poder e das demandas dos primeiros estudantes quanto à eficiência. Muitos outros professores, lotados em outros departamentos do CEUD, mas que davam suporte nas disciplinas básicas do curso de Agronomia, também entraram e saíram do departamento no mesmo período. Esses professores, que ministravam as



disciplinas básicas necessárias ao pleno desenvolvimento do curso de Agronomia, eram disponibilizados, quando solicitados pelo DAG/DCA, pelos departamentos de Ciências, Ciências Humanas e Educação.

Naquele tempo, os professores poderiam ter outras atribuições além das aulas que lhes eram destinadas, e acontecia, por exemplo, de um dos professores do departamento assumir, *ad hoc*, a secretaria das reuniões que ocorriam. Na primeira reunião do DAG, por exemplo, foi determinado que o professor Edgard Jardim Rosa Junior redigisse a ata, uma tarefa relativamente complicada, uma vez que as reuniões tinham que ser documentadas da forma mais resumida possível, porém sem deixar dúvidas quanto ao conteúdo tratado. Houve, por exemplo, uma reunião que proporcionou uma ata com dezessete páginas escritas. Portanto, as atas, como documentos que eram, tinham que ser bem redigidas e não podiam deixar dúvidas quanto às decisões tomadas. Às vezes, era necessário mais de um dia de reunião, e discussões acaloradas, para que os professores do departamento tomassem uma decisão. No entanto, depois de tomada uma dada decisão, todos os professores passavam a defendê-la, pois se tratava do interesse do DCA.

Embora a primeira reunião do Departamento de Agronomia (DAG) tenha ocorrido em 20 de julho de 1979, a instalação efetiva do DAG ocorreu em 6 de junho de 1979 por iniciativa do então reitor Edgard Zardo, que via naquela antecipação a única forma do curso de Agronomia crescer dentro da UFMS. A ata de instalação do DAG é transcrita no Quadro 10. E Zardo tinha razão, pois foi a partir de sua instalação que o curso de Agronomia começou a conquistar o seu espaço dentro da UFMS.

Quadro 8 - Cronologia das ações administrativas do Conselho do Departamento de Agronomia e do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias em suas reuniões (1979-1982).

Data	Ação
20/07/1979	Primeira reunião do Departamento de Agronomia (DAG): Primeiros professores do DAG eram os seguintes: - Domingos Sávio de Souza e Silva (chefe do departamento); - Edgard Jardim Rosa Junior (secretário das reuniões); - José Joaquim de Souza; - Luiz Carlos Rodrigues Moraes; - Ivo Arcângelo V. Busato (cedido pela Empaer); - Rômulo Darós (cedido pela Empaer); - Eduardo Barbatt Parfit. Parte dos professores, que apoiaram a criação do curso de Agronomia ainda em 1978 (quando de sua criação), se despediram na ocasião. Foram eles: - José Joaquim de Souza; e - Ivo Arcângelo V. Busato.
29/08/1979	Posse o Prof. João Dimas Graciano como diretor do DAG; Discussão sobre o processo inicial de construção das primeiras instalações do DAG na área experimental.
01/10/1979	Disponibilização de oito vagas de estágio na Embrapa para estudantes de Agronomia via ação do Eng.º Agr.º José Ubirajara Garcia Fontoura, chefe Embrapa na época; Reinvidicação de ventiladores pelos estudantes.
09/11/1979	Elaboração de projeto para implantação de áreas experimentais, sendo as primeiras fruticultura e silvicultura.

Continua



Quadro 8 - Cronologia das ações administrativas do Conselho do Departamento de Agronomia e do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias em suas reuniões (1979-1982).

Continuação

Data	Ação
26/11/1979	Os professores Artur Heráclio Gomes da Silva (Zootecnia) e Márcio José Stangarlin (Irrigação e Drenagem) tomam posse; O Prof. Eduardo Barbat Parfitt (Topografia) pede demissão.
11/03/1980	O Prof. João Dimas Graciano assume a secretaria das reuniões do DAG após eleição para o cargo; A Prof. ^a Yara Brito Chaim é contratada pela UFMS.
16/04/1980	Contratação do Prof. Egon Krakhecke; Discussão sobre a necessidade de se pré-determinar um número de horas semanais para o desenvolvimento de pesquisas; Discussão sobre a possibilidade de o curso de Agronomia ser oferecido em cinco anos, sendo o último reservado apenas para estágio; Lembrete aos discentes para que não atrasassem a devolução de matérias emprestados à biblioteca, pois poderiam ser multados; Constituição da biblioteca do DAG sob responsabilidade da Prof. ^a Yara Brito Chaim.
03/05/1980	Contratação da Prof. ^a Licelva Peres de Leon para ministrar a disciplina de Silvicultura; Liberação do restante da área para o curso de Agronomia pelo arrendatário; O problema de transporte para o campus foi levantado; Análise da possibilidade de construção na área do NECA das seguintes benfeitorias: rede elétrica abrangente, poço semiartesiano, pavilhão de máquinas agrícolas (hoje sala de desenho técnico), dois laboratórios (botânica e biologia), sala de professores, cantina, sala de microscopia (bloco onde é hoje o RU) e casas de zelador.

Continua

Quadro 8 - Cronologia das ações administrativas do Conselho do Departamento de Agronomia e do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias em suas reuniões (1979-1982).

Continuação

Data	Ação
03/06/1980	O Prof. José João Pires de Oliveira inicia suas aulas.
09/06/1980	Contratação dos professores Valderi Dias e Sueli Krakhecke.
19/06/1980	Participação do DAG no 1º Torneio de Integração Agronômica de Futebol de Salão, coordenado pelo professor Edgard Jardim Rosa Junior, também secretário da AEAGRAN; Início da colaboração do Eng.º Agr.º Carmo Toledo Ferraz (Empaer) como professor do DAG.
30/06/1980	Cedência do Eng.º Agr.º Ari Fialho Ardenghi (Empaer) ao DAG Discussão da possibilidade de realização de pesquisas sobre adubos orgânicos sob a responsabilidade do professor Edgard Jardim Rosa Junior.
04/08/1980	A Prof. ^a Yara Brito Chaim assumiu a secretaria das reuniões do DAG; Resolução do problema da utilização de áreas doadas pela prefeitura para construção dos prédios do DAG em vez das áreas doadas pelo Sr. Celso do Amaral, que precisou ser sensibilizado para continuar o processo de doação de 40ha; Solicitação, feita pelos estudantes, de aquisição de um ônibus para transporte ao campus para acompanhamento das aulas práticas; Doação de um motor a diesel com cortes pela Mercedes-Benz do Brasil, o que possibilitou a visão interna do motor durante as aulas práticas de mecanização agrícola;

Continua



Quadro 8 - Cronologia das ações administrativas do Conselho do Departamento de Agronomia e do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias em suas reuniões (1979-1982).

Continuação

Data	Ação
01/09/1980	Os professores Valderi Dias e Sueli Krakhecke deixaram de ministrar aulas no curso de Agronomia; Início dos estudos mais detalhados para a implantação de estágios para os estudantes (o que foi incrementado a partir de outubro de 1980).
17/03/1981	O Prof. José João Pires de Oliveira assume a chefia do DAG; Tomam posse os seguintes professores lotados no DAG: - Antonio Dias Robaina; - Ari Esteves; - Euclides Fedatto; - Carlos Alberto B. Medeiros; - Medson Janes da Silva; - Julio Cesar de Albuquerque Setti; - Luiza Igarashi Nakayama; - Osmar José Schossler; - Kazuiuki Nakayama; - Guilherme Lafourcade Asmus; - Teodorico Alves Sobrinho. O Prof. Edgard Jardim Rosa Junior é nomeado administrador do Núcleo Experimental do Curso de Agronomia (NECA).
31/03/1981	Decidiu-se elaborar a política de pesquisa do DAG.
14/04/1981	O Prof. João Batista Beltrão Marques é contratado; Inicia-se o processo de reconhecimento do curso de Agronomia.
21/04/1981	O Prof. Antonio Dias Robaina é nomeado chefe do DAG.

Continua

Quadro 8 - Cronologia das ações administrativas do Conselho do Departamento de Agronomia e do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias em suas reuniões (1979-1982).

Continuação

Data	Ação
06/08/1981	São contratados os professores José Luiz Fornazieri e José Oscar Novelino. Os professores Luiza Igarashi Nakayama e João Batista Beltrão Marques pedem desligamento do DAG; Inauguração da 1ª Semana Agronômica de Dourados, conduzida por professores lotados no DAG; Surge o Departamento de Ciências Agrárias (DCA) a partir do DAG.
23/10/1981	Solicitação de construção de mais laboratórios e de aquisição de um ônibus para o transporte de alunos ao NECA e ao campus para a realização de aulas práticas, Professores do DCA ajudam na criação da Fundação de Amparo à Pesquisa, Extensão e Cultura (FAPEC).
20/11/1981	Definição da construção de salas de aula e laboratórios no NECA.
26/11/1981	O Prof. Mário Carlos Rodrigues Ayres é contratado; O Prof. Medson assume a coordenação do NECA; Os professores Edgard Jardim Rosa Junior e Yara Brito Chaim pedem afastamento para cursar pós-graduação em Viçosa, MG.
19/03/1982	O Prof. Júlio César assume a secretaria das reuniões do DCA.
20/08/1982	O Prof. Artur Heráclio Gomes da Silva pede desligamento do DCA; O professor Olavo Rímoli Filho é contratado; O Prof. João Dimas Graciano assume a secretaria das reuniões do DCA.
03/09/1982	O Prof. Carlos Enéas Motta Martins é contratado.

Fonte: Atas do conselho do Departamento de Agronomia (DAG) e do conselho do Departamento de Ciências Agrárias (DCA).



As siglas DAG/DCA, mais tarde, FCA devem ser compreendidas como o conjunto de professores que trabalharam nesses órgãos, pois foram eles que desempenharam, de forma eficiente, o seu papel no ensino, na pesquisa, na extensão e/ou na administração. Tudo o que o curso de Agronomia teve e tem em termos de qualidade é devido à atuação de seus professores, em especial os primeiros, que, numa época dura, semearam o futuro e foram prontamente seguido pelos colegas docentes que vieram depois com tanto ou ainda mais vigor, especialmente quando o assunto envolvia a pesquisa e pós-graduação. É lógico, e não se pode deixar de enfatizar, que sem o grupo de técnicos administrativos, que sempre apoiou a criação do curso e da faculdade, não teria sido possível obter todos os frutos semeados. Os estudantes também não podem ser esquecidos, pois tiveram um papel muito importante no crescimento do curso, especialmente por estarem sempre dispostos a qualquer luta para obter o que desejavam ou o que lhes era solicitado.

Quadro 9 - Ações administrativas do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias entre 1984 e 1985.

Data	Ação
18/03/1983	A UFMS recebeu três microprocessadores, um deles foi encaminhado ao NECA.
08/04/1983	Definição de prioridades de capacitação de professores do DCA.
24/06/1983	Foram criadas as três primeiras comissões de Ensino, Pesquisa e Extensão do DCA.
16/09/1983	Solicitado o asfaltamento da entrada do NECA.

Continua

Quadro 9 - Ações administrativas do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias entre 1984 e 1985.

Continuação

Data	Ação
06/04/1984	Participação da Prof. ^a Nauzira Noriko Namiushe, transferida do Departamento de Ciências, em sua primeira reunião como membro do DCA; Encaminhamento à Aeronáutica do primeiro projeto de utilização da área do Aeroporto Municipal de Dourados para pesquisas.
11/05/1984	Solicitação de contratação de um professor na área de Botânica; Solicitação dos professores do DCA para a construção de: - um poço semiartesiano; - uma casa de vegetação; - um laboratório de entomologia; e - uma biblioteca no NECA.
26/10/1984	Contratação da Prof. ^a Rosa Maria Farias Asmus.
21/11/1984	Transferência do Prof. Osmar José Shossler para Campo Grande; Contratação da Prof. ^a Maria do Carmo Vieira; Solicitação de contratação de um professor para a área de Climatologia.
22/02/1985	Desligamento do Prof. Kazuiki Nakayama.
22/03/1985	Posse do Prof. Medson Janer como chefe do DCA; Desligamento do Prof. Domingos Sávio de Souza e Silva; Solicitação de implantação de uma estação meteorológica; Os professores Beatriz Lempp, Paula Pinheiro Padovesi e Paulo Eduardo Degrande participam de sua primeira reunião do DCA como contratados.
12/04/1985	O Prof. José Roberto Faleiro de Paula participa de sua primeira reunião do DCA como contratado; Aprovação das alterações propostas para o prédio do restaurante e cantina do NECA de acordo com a sugestão dos professores Mario Carlos e Yara Chaim; Contratação e participação da Prof. ^a Sonia Regina Montrazi na reunião do DCA.

Continua



Quadro 9 - Ações administrativas do Conselho do Departamento de Ciências Agrárias entre 1984 e 1985.

Continuação

Data	Ação
03/05/1985	O Prof. Néstor Antonio Heredia Zárate participa de sua primeira reunião do DCA.
31/07/1985	Aprovação do convênio entre o DCA e o Hospital Evangélico com objetivo de produzir hortaliças naquele órgão; A Prof. ^a Paula Pinheiro Padovesi assume a secretaria das reuniões do DCA.
18/10/1985	Em discussão sobre proporcionalidade na votação para a eleição de chefia do DCA, a ata da reunião do Conselho do departamento foi escrita em dezessete páginas. Os representantes discentes propuseram a proporção de 60%, 20% e 20%, respectivamente, para estudantes, professores e técnicos administrativos; Oferta de cursos de verão aos estudantes reprovados em disciplinas.
21/11/1985	Assume a chefia do DCA a Prof. ^a Licelva Paza.
12/04/1985	O Prof. Luiz Carlos Ferreira de Souza participou de sua primeira reunião do DCA após sua contratação; Elaboração de convênio entre o DCA e a Empaer a partir do qual o Prof. Ademir Antunes Moraes se dispôs a assumir disciplinas do curso de Agronomia; A técnica-administrativa técnica Vânia assume a secretaria do DCA; Desligamento do Prof. Medson Janer da Silva; Liberação de afastamento do Prof. Paulo para cursar pós-graduação mediante a cedência do Prof. Carmo Toledo Ferraz (Empaer) ao DCA.

Fonte: Atas do conselho do Departamento de Agronomia (DAG)
e do conselho do Departamento de Ciências Agrárias (DCA).

Quadro 10 - Ata de instalação do Departamento de Agronomia.

Aos seis dias do mês de junho de hum mil novecentos e setenta e nove, às 14:00 horas, o Sr. Diretor do Centro Universitário de Dourados, professor Lauro Chociai, considerando a Resolução no 09/1979 do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso e a Portaria no 128/1979, instalou o Departamento de Agronomia, bem como deu posse ao professor Domingos Sávio de Souza e Silva, como chefe do Departamento ora criado. Estiveram presentes, além do chefe do Departamento, os professores: Nausira Norico Namiuchi, Luiz Carlos R. Moraes, Eduardo Barbat Parfitt, Wálderes Wagner Wolf, Abramo Loro Neto, Ana Maria Sampaio Domingues. O Departamento de Agronomia, congregará os docentes ligados às disciplinas profissionalizantes da área agrônômica. Na ocasião, usou da palavra o Sr. Diretor, lembrando da importância que representa o Departamento em termos de estrutura universitária, citando os artigos 57, 58, 59 e 60 do Regimento Geral da Universidade Estadual de Mato Grosso. Salientou ainda, que todo sucesso do Departamento, depende do esforço, dedicação e responsabilidade de cada um. Com a palavra o professor Domingos Sávio de Souza e Silva disse da responsabilidade que hora está assumindo, mas que espera contar com a colaboração de todos para poder realizar aquilo que dele está sendo esperado. Nada mais havendo a constar, o Sr. Diretor agradeceu a presença de todos, sendo que eu, Maria Lucinda Gai Fagundes, secretária do Centro Universitário de Dourados, lavrei a presente ata que após lida e achada conforme, será assinada por mim e demais presentes.

Fonte: UFMS, 1979.



Com relação aos professores, dentre as suas muitas características, uma que pode ser considerada como relevante dentro do contexto universitário, é a de sempre se pautarem pela eficiência nas ações de pesquisa e pós-graduação, pois foram, por muito tempo, dentro da UFMS e da UFGD, os que mais produziram pesquisas e publicações. Foram eles que alavancaram as pesquisas na UFMS e começaram as pós-graduações em nível de mestrado e doutorado na UFMS e ainda hoje as capitaneiam na UFGD.

Parece piada nos dias de hoje, mas foi em função do comportamento inovador desses professores dentro da UFMS que, na reunião do Conselho Diretor do Departamento de Ciências Agrárias do dia 18 de março de 1983 (Quadro 9), se deu uma notícia interessante: como a UFMS tinha recebido três microprocessadores (nome dado aos primeiros computadores pessoais de mesa postos à venda no mercado brasileiro) e, considerando que o DCA, já na época, era o mais eficiente em termos de pesquisas, a reitoria da universidade lotou um desses aparelhos no DCA. É interessante observar que o microprocessador foi enviado especificamente ao DCA e não para o CEUD. Para se ter uma ideia do disparate do caso, quando a FCA foi implantada, a partir de 2006, só no primeiro ano de trabalho, foram adquiridos quase cem computadores de mesa, sem contar os vários “laptops”.

As coordenações do curso de Agronomia

Dentre os cargos existentes na universidade, o que tem maior proximidade com o estudante é o cargo de coordenador de curso. Uma das atribuições do coordenador é ser o porta-voz de todas as ações administrativas, sejam elas do departamento, da faculdade ou da universidade, transmitindo-as aos estudantes.

Especialmente no início do curso de Agronomia, o contato com os alunos e as atividades eram ainda mais intensas, uma vez que o sistema adotado até então era o de série e não o de créditos, implantado na UFGD posteriormente. Aliás, em minha opinião, tal mudança do regime seriado para o de créditos prejudicou a união entre os estudantes de uma dada turma, algo muito importante dentro da universidade. No regime seriado, era preciso proporcionar as melhores condições possíveis para que o estudante não ficasse retido em uma determinada série enquanto seus colegas passavam para as séries seguintes.

Além disso, naquela época, a movimentação e as ações dos estudantes de Agronomia para sanar a maior parte das carências que o recém-criado curso tinha não eram poucas, e os estudantes tinham muita pressa. O coordenador, além de suas atribuições regimentais, assumia inclusive o papel de mediador dos constantes problemas que surgiam na relação dos estudantes com a administração da universidade em qualquer que fosse o seu nível.

Os nomes dos professores coordenadores que atuaram no curso de Agronomia constam no Quadro 11. Neste rol de docentes, foram considerados os coordenadores desde o Departamento de Agronomia, passando pelo DCA, até chegar à Facul-

dade de Ciências Agrárias. O período legal para que cada coordenador permanecesse no cargo era o mesmo do chefe de departamento, ou seja, dois anos, sendo possível apenas uma recondução, o que ocorreu por várias vezes.

Quadro 11 - Coordenadores do curso de Agronomia da UFGD.

Docente	Período
Teodorico Alves Sobrinho	1981-1984
Guilherme Lafourcade Asmus	1984-1985
Paula Pinheiro Padovese Peixoto	1985-1988
Maria do Carmo Vieira	1988-1990
Néstor Antonio Heredia Zárate	1990
Manoel Carlos Gonçalves	1991-1992
Yara Brito Chaim Jardim Rosa	1992-1996
Teodorico Alves Sobrinho	1996-2000
Walber Luiz Gavassoni	2000-2002
Luís Carlos Ferreira de Souza	2003-2006
Paula Pinheiro Padovesi Peixoto	2006-2008
Sílvio Bueno Pereira	2008-2011
Munir Mauad	2011-2012
Livia Maria Chamma Davide Rodrigo Kelson S. Rezende	2012-2014 2014-2017
Silvia Correa Santos	2017 até o momento

Fonte: Pastas nos arquivos da coordenação do curso de Agronomia.

O Programa de Pós-Graduação em Agronomia

Embora, a princípio, não haja relação entre a pós-graduação e a graduação, o Programa de Pós-Graduação (PPG) em Agronomia será citado, uma vez que parte dos professores do curso de Agronomia sempre acreditou ser comum a ocorrência de períodos de falta ou carência de verbas, o que, direta ou indiretamente, afetava a qualidade tão almejada do curso de Agronomia.

Objetivando a qualidade do curso, vários professores lotados nos antigos DAG e DCA ou mesmo na FCA sempre se dispuseram a fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Agronomia (PPGA), dentro do qual se inserem os cursos de mestrado e doutorado em Agronomia, todos na área de concentração Produção Vegetal. O objetivo era facilitar a obtenção de recursos de fontes externas à universidade e, com isso, beneficiar indiretamente o curso de graduação em Agronomia.

Ao olharmos a trajetória da FCA, fica claro que, se não fossem os projetos de extensão e especialmente de pesquisa realizados pelos professores da Agronomia, o curso, e mais tarde a faculdade, jamais teriam tido o desenvolvimento que tiveram.

O professor interessado em participar do programa de pós-graduação deve solicitar seu credenciamento e possuir produção científica, isto porque o que importa para a CAPES/MEC — o órgão que gere os programas de pós-graduação no Brasil — é o número de publicações que o docente possui. Os professores interessados, portanto, devem ser vistos, efetivamente, como querendo melhorias para o curso e para a faculdade, já que não há remuneração extra por esse trabalho suplementar. Ao participarem do programa de pós-graduação, os professores almejam:

a) que o curso de Agronomia e a FCA sejam reconhecidos como órgãos produtivos e de excelência técnica dentro da universidade e, com isso, possibilitar a busca por mais recursos internos e principalmente externos a fim de melhorar as condições de pesquisa, de estrutura física e de equipamentos a serem utilizados tanto na pesquisa como no ensino;

b) ter a possibilidade de, com recursos da pós-graduação, oferecer aos estudantes da graduação equipamentos e práticas que, de outra forma, dificilmente eles teriam acesso;

c) oferecer aos estudantes de graduação que assim o desejarem a possibilidade de participação em pesquisas juntamente com estudantes de pós-graduação, inclusive como bolsistas, e, desta maneira, incentivar o ingresso de estudantes na pós-graduação.

Os professores que, em 2015, participaram do Programa de Pós-Graduação em Agronomia e tiveram a preocupação de melhorar as condições de ensino do curso de graduação em Agronomia estão listados no Quadro 12 a seguir.

Quadro 12 - Professores que participavam, em 2015, do PPG em Agronomia da FCA, bem como as disciplinas ministradas e a carga horária de cada uma delas.

Docente	Disciplina	Carga horária
Alessandra Mayumi T. Alovisi	Fertilidade do Solo	60 h
Andre Luis Duarte Goneli	Secagem e Armaz. de Grãos	60 h
Antonio Carlos Tadeu Vitorino	Física do Solo	60 h

Continua

Quadro 12 - Professores que participavam, em 2015, do PPG em Agronomia da FCA, bem como as disciplinas ministradas e a carga horária de cada uma delas.

Continuação

Docente	Disciplina	Carga horária
Beatriz Lempp	Forragicultura	60 h
Cristiano Márcio Alves de Souza	Tópicos Especiais (Energia da Biomassa)	60 h
	Tópicos Especiais (Uso Ef. de Maq. Agrícola)	60 h
Edgard Jardim Rosa Junior	Manejo e Conservação do Solo	60 h
Fabício Fagundes Pereira**	Controle Biológico e o Manejo Integrado	60 h
Gessi Ceccon**	Produção de Grande Cult. II	60 h
Guilherme Augusto Bísaro	Manejo da Irrigação	60 h
	Fertiirrigação	60 h
Lílian Maria Arruda Bacchi	Controle das Enfermidades de Plantas*	30 h
	Resistência de Plantas a Doenças*	30 h
Luiz Carlos Ferreira de Souza	Produção de Grandes Culturas I	60 h
	Produção de Grandes Culturas II	60 h
Manoel Carlos Gonçalves	Análise de Regressão Aplicada à Pesquisa Agrícola	60 h
	Tópicos Especiais (Análise Multivariada)	60 h
		60 h

Continua



Quadro 12 - Professores que participavam, em 2015, do PPG em Agronomia da FCA, bem como as disciplinas ministradas e a carga horária de cada uma delas.

Continuação

Docente	Disciplina	Carga horária
Marcos Gino Fernandes**	Entomologia Aplicada à Pesquisa Agrícola	60 h
Maria do Carmo Vieira	Anatomia Vegetal Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares	60 h 60 h
Marlene Estevão Marchetti	Nutrição Mineral de Plantas Uso e Manejo de Corretivos e Fertilizantes Nutrição e Metabolismo de Plantas *	60 h 60 h 20 h
Néstor Antonio Heredia Zárate	Produção de Hortaliças I Produção de Hortaliças II	60 h 60 h
Omar Daniel	Sistemas Agroflorestais Avaliação de Impactos Ambientais	60 h 60 h
Paulo Eduardo Degrande	Inseticida e o Manejo Integrado Tópicos Especiais (Manejo de Pragas)	60h 60 h
Silvana de Paula Quintão Scalón	Fisiologia Vegetal Fisiologia Pós-Colheita de Frutos e Hortaliças	60 h 60 h

Continua

Quadro 12 - Professores que participavam, em 2015, do PPG em Agronomia da FCA, bem como as disciplinas ministradas e a carga horária de cada uma delas.

Continuação

Docente	Disciplina	Carga horária
Sílvia Correia Santos	Nutrição e Metabolismo de Plantas*	20 h
	Fruticultura	20 h
Walber Luiz Gavassoni	Controle das Enfermidades de Plantas*	30 h
	Resistência de Plantas a Doenças*	30 h
Yara Brito Chaim Jardim Rosa	Seminários I	30 h
	Seminário II	30 h
	Produção de Pl. Ornamentais	60 h
	Orquideocultura	60 h

Fonte: Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Agronomia.

Notas: * Disciplina ministrada por mais de um docente.

** Professores que não pertencem à FCA.

Após 2015, com a aposentadoria dos professores Beatriz Lempp, Edgard Jardim Rosa Junior e Yara Brito Chaim Jardim Rosa, além do falecimento do Prof. Omar Daniel, novos professores se credenciaram ao programa de pós-graduação conforme listado abaixo (Quadro 13).



Quadro 13 - Docentes credenciados ao PPG em Agronomia após 2015.

Docente	Disciplina	Carga horária
Jorge Wilson Cortez	2016/1 – Tópicos Especiais: Agricultura de Precisão	45h
	2016/2 – Técnica de Redação Científica	60h
	2017/1 – Tópicos Especiais: Agricultura de Precisão	45h
	2017/2 – Técnica de Redação Científica	60h
José Carlos Sorgato	2017/1 – Produção de Plantas Ornamentais	60h

Fonte: Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Agronomia.

O Programa de Pós-Graduação em Agronomia, em nível de mestrado, foi implantado em 1994 e, em nível de doutorado, em 2003. Antes de implantar o doutorado, era fundamental que todos os professores do DCA obtivessem o título de doutor. Porém, dado o grande número de professores sem o título necessário, a criação do doutorado em Agronomia precisou esperar um pouco mais, uma vez que seria impossível que todos os professores se afastassem para qualificação doutoral em um mesmo período de tempo.

A UFMS não tinha condições de contratar substitutos para todos os interessados em se qualificar. Assim, com o desejo de implantação do curso de doutorado, mais um grande desafio se apresentou ao no Departamento de Ciências Agrárias. E uma das possibilidades levantadas foi que alguma universidade brasileira pudesse oferecer o curso de doutorado especificamente para os professores do DCA sem

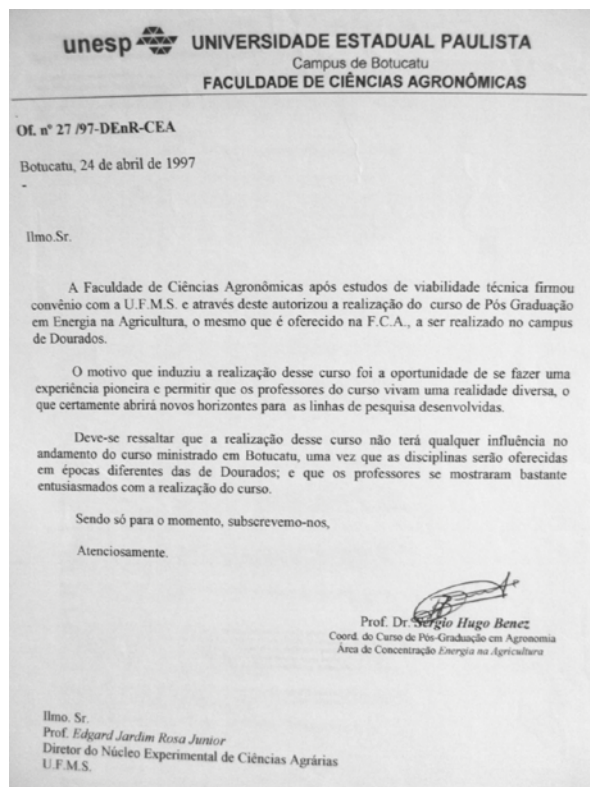
que eles precisassem sair de Dourados. Não era uma tarefa fácil, mas o desejo de implantar o curso de doutorado em Agronomia em Dourados era forte e os docentes do departamento se empenhavam em conseguir algum avanço.

Na luta por qualificar os docentes do DCA, na segunda metade da década de 90, o Prof. Edgard Jardim Rosa Junior, acompanhado do então reitor da UFMS, Prof. Jair Soares Madureira, visitou a UFV em Viçosa, MG, porém não obteve sucesso no intento. Pouco depois, a Prof.^a Yara Brito Chaim Jardim Rosa, enquanto coordenadora do curso de Agronomia na época e, portanto, membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMS, em uma reunião em Campo Grande, ouviu dizer que alguns professores de Campo Grande conseguiram o apoio da UNESP de Botucatu, SP para a realização de um mestrado em Campo Grande. Entretanto, por não poderem contar com professores da UFMS interessados em participar, não foi possível implantar o projeto.

Tal notícia foi posta ao Prof. Edgard Jardim Rosa Junior que, com total apoio do reitor da UFMS na época, o Prof. Jorge João Chacha, conseguiu fazer com que o Programa de Pós-Graduação da UNESP/Botucatu em Energia na Agricultura fosse oferecido em Dourados, MS. Dessa forma, todos os professores do DCA que quiseram e estavam aptos a realizarem o curso (somente dois colegas não acataram a ideia) puderam cursá-lo. O curso foi administrado e financeiramente gerido pelo Prof. Edgard Jardim Rosa Junior, que, na época, era o diretor do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias. Academicamente, a gestão, como não poderia ser diferente, permaneceu sob a tutela da UNESP/Botucatu, SP, tendo inclusive as defesas de todas as teses sido realizadas na cidade paulista.

Alguns colegas de outros departamentos do antigo CEUD, que viam o curso inclusive como a única chance para se doutorar, solicitaram sua participação naquele projeto e foram prontamente atendidos. A chance também foi aproveitada por três professores da UFMS – *campus* de Campo Grande.

Figura 60 - Documento de concordância da UNESP em ministrar o curso de pós-graduação em Dourados, MS.



Fonte: Acervo de Edgard Jardim Rosa Junior.

O documento de concordância da UNESP/Botucatu, SP (Figura 60), após os trâmites terem sido realizados naquela universidade, foi remetido ao Prof. Edgard Jardim Rosa Junior. Em função de uma exigência da UNESP, foi este o professor da UFMS que recebeu o encargo de coordenador do curso enquanto o convênio UFMS/UNESP existisse. O curso de doutorado foi, então, oficializado na UFMS e, em função disso, pode ser entendido como o primeiro curso de doutorado da universidade. É por esta razão que, anteriormente, comentamos que tanto o primeiro como o segundo curso de doutorado da UFMS foram implantados pelo DCA/NCA.

Em seguida, e tendo sido a qualificação dos seus docentes melhorada, o DCA implantou o seu próprio programa de pós-graduação em nível de doutorado, que viria ser o segundo do tipo na UFMS ou o primeiro inteiramente implantado, ministrado e gerido pela UFMS dependendo apenas do ponto de vista. O desafio foi que, para manter o programa, considerando-se as exigências da CAPES/MEC, os professores tinham que produzir muito e cada vez mais. Para tanto, além de se qualificar mais, deveriam ter equipamentos que assim o possibilitassem. Mais uma vez os docentes do DCA/UFMS foram em busca de melhorias para a sua Agronomia.

Em função disso e sempre pensando no curso de Agronomia, em 2007, o programa de pós-graduação enviou e aprovou junto à CAPES o projeto PROCAD, cuja administração também ficou por conta do Prof. Edgard Jardim Rosa Junior. Através desse projeto, oito docentes realizaram estágio pós-doutoral, sendo que, dentre eles, em 2008, dois professores realizaram o estágio em programas de pós-graduação com conceito 5, sendo um na Esalq/USP (Piracicaba) e o outro na UEM (Maringá). Dois docentes concluíram o pós-doutorado na Unicamp, sendo um em 2009 e o outro em

2010, e, independente do PROCAD, dois outros professores realizaram o estágio pós-doutoral em Maringá.

Em 2011, um professor concluiu o seu estágio de pós-doutoramento na Texas A&M University, no estado do Texas (EUA). Assim, o Programa de Pós-Graduação em Agronomia (PPGA) da FCA/UFGD passou a contar com seis professores pós-doutorados. Cabe ressaltar ainda que existe política vigente e ativa de estímulo para que os docentes do PPGA se qualifiquem em estágios sênior ou pós-doutoral.

Além disso, internamente, na FCA, os critérios de credenciamento e descredenciamento de docentes ao PPGA foram reavaliados e alterados com o objetivo de cobrar dos docentes produção científica condizente com a qualidade do curso e com o nível 5 da CAPES, que era o nível pretendido e que se tornou uma realidade em função da persistência de grande parte dos docentes e da ação muito especial da Prof.^a Silvana de Paula Quintão Scalon enquanto coordenadora do programa na fase que antecedeu a elevação de seu nível.

O programa de pós-graduação objetiva contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico regional e do país, preparando profissionais para a pesquisa e docência na área de produção vegetal. Por meio de uma formação científica ampla, visava ao aperfeiçoamento da capacidade de pesquisa e docência e o desenvolvimento de estudos e pesquisas relativas às questões das Ciências Agrárias, fornecendo subsídios para o aumento da produtividade agrícola em Mato Grosso do Sul e em regiões vizinhas. Além disso, o PPGA visava possibilitar que o estado se tornasse um centro de produção e difusão de tecnologias em Ciências Agrárias.

Devido ao constante trabalho por excelência no ensino, em 2008, a FCA recebeu a visita de uma comitiva de professores, além do reitor e vice-reitor, da Universi-

dad Nacional de Concepción (UNC), do Paraguai, que solicitou apoio da faculdade para, além de preparar alguns de seus professores, auxiliá-los na implantação de um curso de pós-graduação na universidade paraguaia.

A FCA aprovou a solicitação da Universidad Nacional de Concepción (UNC) e, para que pudesse ser efetivada a colaboração, foi realizado um convênio entre a UFGD e aquela instituição. A assinatura do convênio foi efetivada na cidade paraguaia de Concepción naquele mesmo ano e, além do Prof. Edgard Jardim Rosa Junior, na qualidade de Diretor da FCA, e dos professores Luiz Carlos Ferreira de Souza e João Dimas Graciano, estavam presentes, em comitiva, diretores de mais três faculdades da UFGD, além do então reitor Prof. Damião Duque de Farias (Figura 61). Após firmar o convênio, na reunião de trabalho conduzida na sala da direção da FCA (Figura 62), estiveram presentes alguns professores, o diretor e o coordenador do curso de mestrado em Produção Vegetal da UNC.

Figura 61 - Comitiva da UFGD que esteve na cidade paraguaia de Concepción para assinar o convênio entre a UFGD e a UNC.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (2008).

Figura 62 - Reunião de trabalho com a comitiva da UNC na sala da direção da FCA.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (2008).

Além de capacitarmos alguns professores da UNC por meio Programa de Pós-Graduação em Agronomia da FCA e de fornecer todo o apoio possível para que a UNC tivesse sucesso, alguns professores da FCA/UFGD estiveram na cidade paraguaia de Concepción, por um determinado período, inclusive ministrando disciplinas, como no caso dos professores Edgard Jardim Rosa Junior e Luiz Carlos Ferreira de Souza, que lá permaneceram por aproximadamente dez dias cada um ministrando, respectivamente, as disciplinas de Manejo de Corretivos e de Fertilizantes e Produção de Grandes Cultivos.

Hoje, o suporte básico para o curso de Agronomia da FCA nos níveis de graduação e pós-graduação é dado, portanto, por um corpo docente altamente qualificado. O apoio físico ao curso é prestado pelos laboratórios da FCA e pela Fazenda Expe-

rimental de Ciências Agrárias da UFGD. A fazenda fornece o apoio logístico para as aulas práticas, unidades demonstrativas e de pesquisas. Em 2012, ingressaram no curso de mestrado vinte estudantes e no curso de doutorado quinze estudantes.

As linhas de pesquisa conduzidas pelo Programa de Pós-Graduação em Agronomia são:

1. Conservação e Manejo de Recursos Naturais Renováveis.
2. Dinâmica e Disponibilidade de Nutrientes no Sistema Solo-Planta.
3. Manejo Integrado de Pragas e Doenças.
4. Sistemas Integrados de Produção Vegetal.

Fazenda Experimental de Ciências Agrárias (FAECA)

A Fazenda Experimental de Ciências Agrárias (FAECA) teve seu processo de implantação na UFGD iniciado em 2005, talvez pela experiência angariada no passado pela implantação e gestão do Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NECA/NCA). O Prof. Edgard Jardim Rosa Junior foi chamado pelo reitor pró-tempore da UFGD na época para apoiá-lo no que se referia ao NCA/Agronomia, uma vez que já estava definida a criação da Faculdade de Ciências Agrárias.

O convite foi feito porque o curso de Agronomia era o único do CEUD que possuía, como mecanismo de apoio institucional, o Núcleo Experimental de Ciências Agrárias enquanto Órgão Suplementar da UFMS e, portanto, mereceria cuidados e atenção especial.

O convite foi aceito pelo Prof. Edgard Jardim Rosa Junior considerando que constava do projeto inicial de implantação da UFGD que a universidade seria instalada na área do NCA e que a Agronomia ficaria sem área para aulas práticas e condução de suas pesquisas. Essa foi a primeira luta a ser enfrentada para que não perdêssemos a área mais uma vez, como no passado. Sorte foi que, no processo de elaboração do projeto da UFGD e, mais especificamente, nas férias de 2004, a Prof. Yara Brito Chaim Jardim Rosa pode representar o DCA na reunião de elaboração do projeto da UFGD. Foi em uma dessas reuniões que a referida professora, dentre outras defesas feitas, argumentou que a Agronomia precisava de uma nova área com, no mínimo, 300ha.

Sabendo, por experiência própria, que se não tivesse alguém que liderasse a defesa dos interesses do curso de Agronomia no processo de implantação da UFGD haveria grandes perdas, o Prof. Edgard Jardim Rosa Junior se sentiu na obrigação de aceitar o convite. Era sabido que, dentro do CEUD, havia pessoas que achavam que o curso de Agronomia era privilegiado e, por isso, poderiam prejudicar a implantação da FAECA.

Com o papel definido, a primeira ação do Prof. Edgard Jardim Rosa Junior foi verificar todas as necessidades que o curso de Agronomia tinha até aquele momento, incluindo as relativas ao NCA. Para tanto, com o apoio dos professores do extinto DCA e dos técnicos administrativos tanto do DCA como do NCA, foi elaborado um documento reivindicatório e enviado ao reitor (Quadros 14 e 15).

Tal documento possuía dois papéis importantes para o futuro da Agronomia e/ou da FCA. O primeiro deles era que ele funcionava com uma listagem oficial na qual eram enumeradas todas as necessidades do curso, oferecendo uma forma prá-

tica e eficaz de se cobrar, no futuro, tudo aquilo que tinha sido prometido para que o curso de Agronomia durante a implantação da UFGD. O segundo, considerando que outros cursos de graduação seriam criados e implantados, dizia respeito à utilização daquela listagem poderia ser utilizada como ponto de partida e até como parâmetro de adequação das futuras estruturas que poderiam e deveriam ser utilizadas por todos os cursos que fossem mantidos pela FCA.

Grande parte das solicitações listadas no documento foi atendida. Outras, em função da implantação de outros cursos na FCA, a saber, primeiro o de Zootecnia e depois o de Engenharia Agrícola seguido pelo de Engenharia de Pesca (este último foi substituído, mais tarde, pelo curso de Engenharia de Aquicultura), foram alteradas, existindo, ainda nos dias atuais, solicitações não atendidas, como a reforma do Auditório e dos prédios mais antigos da FCA.

Quadro 14 - Lista de itens necessários ao funcionamento da FCA solicitados no processo de implantação da UFGD.

Laboratórios	Área construída (m ²)
1.1 Laboratório de química do solo e do ambiente;	100
1.2 Laboratório de biologia do solo;	100
1.3 Laboratório de manejo de substratos;	100
1.4 Laboratório de tratamento e manejo de resíduos laboratoriais;	40
1.5 Laboratório de epidemiologia/fitopatologia;	100

Continua



Quadro 14 - Lista de itens necessários ao funcionamento da FCA solicitados no processo de implantação da UFGD.

Continuação

Laboratórios	Área construída (m²)
1.6 Laboratório de nutrição e alimentação animal;	100
1.7 Laboratório para estudos com animais vivos: a) Parte fechada (deve ser construído longe dos prédios da FCA); b) Parte aberta (galpão coberto para receber animais vivos).	100 300
1.8 Laboratório de pedologia com espaço para aulas teóricas e práticas;	100
1.9 Laboratório de hidráulica e hidrologia;	150
1.10 Laboratório e museu de mineralogia e petrologia;	150
1.11 Laboratório/herbário de plantas medicinais;	120
1.12 Laboratório de anatomia e fisiologia animal;	100
1.13 Laboratório de bromatologia, plantas daninhas e resíduos;	100
1.14 Laboratório de informática;	100
1.15 Laboratório de topografia e geodésia;	60
1.17 Laboratório para análise de combustíveis alternativos.	100

Continua

Quadro 14 - Lista de itens necessários ao funcionamento da FCA solicitados no processo de implantação da UFGD.

Continuação

Estruturas de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão	Área construída (m²)
2.1 Casa de vegetação com controle de ambiente;	300
2.2 Construção de um viveiro sombreado a 50% e provido de sobrecobertura com filme plástico;	240
2.3 Construção de almoxarifado para produtos químicos de acordo com as normas internacionais de segurança (exaustão de gases, distância mínima de áreas edificadas, dentre outras);	60
2.4 Construção de um prolongamento ao laboratório de pesquisa de campo, para incubação e secagem de solo e produtos de origem vegetal;	120
2.5 Destinação de 10ha para horta experimental;	
2.6 Construção de um barracão de 9m x 27m, dividido em três seções de 9m x 9m, com bancadas e pias para horta experimental;	243
2.7 Construção, para máquinas agrícolas, de dois galpões 30m x 13m, contendo uma sala de aula para trinta alunos, sala do compressor, sala de ferramentas, oficina, cantina, banheiros, almoxarifado, abrigo de máquinas e poço para água de lavagem de implementos;	390

Continua



Quadro 14 - Lista de itens necessários ao funcionamento da FCA solicitados no processo de implantação da UFGD.

Continuação

Estruturas de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão	Área construída (m²)
2.8 Construção de galpões para criação de ovinos e caprinos;	-
2.9 Construção galpão para eqüideocultura;	-
2.10 Construção de galpão para avicultura de postura;	-
2.11 Construção de galpão para suinocultura;	-
2.12 Construção de galpão para cunicultura;	-
2.13 Construção de galpão para bovinocultura de leite;	-
2.14 Construção da fábrica de ração;	-
2.15 Construção de unidade armazenadora de grãos e forragens;	-
2.16 Construção de duas salas de projeção (100m ² cada);	-
2.17 Construção de dez salas, com computador, para alunos de pós-graduação;	-
2.18 Construção de galpão perto do reservatório de água para armazenagem de equipamentos de irrigação.	-

Fonte: Arquivos da FCA.

Quadro 15 - Adequações e reformas necessárias à FCA e sugestões que visavam benefícios à faculdade e à UFGD.

1) Adequação e/ou reforma das estruturas existentes
- Reforma, adequação e pintura de todos os espaços físicos do NCA (prédios com 25 anos e com manutenção falha);
- Reforma da casa de vegetação;
- Ampliação de uma rede elétrica trifásica até a jardinocultura;
- Reforma e adequação do laboratório de semente <i>in vitro</i> ;
- Reforma dos três viveiros sombreados;
- Reforma de galpão para aulas práticas de jardinocultura e de manejo de substratos;
- Reforma e adequação do laboratório de química;
- Reforma das instalações hidráulicas e elétricas do Laboratório de Fitopatologia, ampliação da sala de aula prática com aproveitamento da área de circulação externa, adequando novas bancadas, em alvenaria;
- Ampliação do banco de solos, com área aproximada de 36m ² ;
- Adequação do laboratório de microbiologia;
- Adequação do laboratório de microscopia, histologia, bioquímica e bromatologia;
- Adequação do laboratório de processamento de produtos agrícolas;

Continua



Quadro 15 - Adequações e reformas necessárias à FCA e sugestões que visavam benefícios à faculdade e à UFGD.

Continuação

- Adequação do laboratório de fisiologia vegetal, zoologia e parasitologia;
- Adequação do anfiteatro do NCA, climatizando-o e adequando a parte elétrica e de transferência de dados;
- Reforma do prédio onde se localiza a cantina do NCA para a instalação do laboratório/herbário de plantas medicinais;
- Vedação do vazamento existente no reservatório de água (de campo) do NCA;
- Reforma ampla do antigo galpão de máquinas do NCA.
2) Sugestões gerais em benefício da Faculdade de Agronomia e da UFGD
- Aquisição de área de 300ha para uso da FCA;
- Instalação de postes de concreto para cercar toda a frente da UFGD e reforma das cercas laterais;
- Climatização das salas de aula e anfiteatros;
- Construção de blocos de salas de aula climatizadas atendendo as seguintes especificações: 3 salas para 150 alunos, 8 salas para 100 alunos e 8 salas para 80 alunos;
- Construção de novas praças de convívio para os alunos,
- Adequação do bloco da frente do NCA e DCA para atender a administração da faculdade quanto à direção, às coordenações, ao arquivo morto, à central de fotocópias, ao PABX, ao estágio supervisionado, ao local de distribuição de recursos-audiovisuais, à revista <i>Cerrados</i> e à empresa júnior;

Continua



Quadro 15 - Adequações e reformas necessárias à FCA e sugestões que visavam benefícios à faculdade e à UFGD.

Continuação

- Destinação de área específica para almoxarifado;
- Fornecimento de mobília para a sala de reuniões;
- Troca de todo o sistema de distribuição de dados via internet;
- Adequação da rede elétrica do <i>campus</i> , separando a energia utilizada no campo, especialmente pensando-se no pivô-central;
- Construção de restaurante universitário;
- Destinação do primeiro bloco do NCA à administração da FCA;
- Destinação do bloco, onde existe a cantina, poderia ser destinado às disciplinas de biologia, botânica e plantas medicinais. Todas do curso de Agronomia.
- Pavimentação das vias internas do <i>campus</i> .

Fonte: Arquivos da FCA.

Os cursos de graduação em Zootecnia e Engenharia Agrícola foram criados até 2010 juntamente com um programa de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, considerando o devido escalonamento de tempo.

Embora todo esse levantamento tenha sido efetuado pensando que a Fazenda Experimental de Ciências Agrárias teria a mesma autonomia que o Núcleo Experimental de Ciências Agrárias, isso não aconteceu. Como já foi colocado, a fazenda perdeu a autonomia que sempre teve, pois ela ficou responsável apenas por implantar e manter áreas demonstrativas, de pesquisas e assessorar aulas práticas.



Na Figura 63, temos a vista aérea da Fazenda Experimental de Ciências Agrárias da UFGD e podemos verificar a presença de um conjunto de prédios, além de muitos campos demonstrativos e pesquisas implantadas. Quando a UFGD comprou a área, os únicos prédios existentes eram um barracão de aproximadamente 1.000m² e uma casa para um caseiro.

Figura 63 - Fazenda Experimental de Ciências Agrárias da UFGD.



Fonte: GOOGLE EARTH, 2016.

Pouco tempo depois da FAECA ter sido adquirida pela administração da UFGD, o deputado federal Geraldo Rezende pediu para ser recebido na FCA e, após uma longa conversa, se dispôs a viabilizar uma nova construção na FAECA. Na ocasião, foi solicitado um prédio de aproximadamente 500m², com sala de aula e laboratórios e o deputado disse, na hora, que o prédio seria construído. Após nos despedirmos, pensamos que, infelizmente, a solicitação não se realizaria. Ao contrário, entretanto, um ano depois, o prédio, de 500m² estava pronto e tivemos o prazer de agradecer ao deputado.

Hoje, ainda existem obras a serem realizadas na área da FAECA (Figura 63), como, por exemplo, áreas demonstrativas e de pesquisas.



PROFESSORES, TÉCNICOS E ESTUDANTES E SUAS AÇÕES PELA AGRONOMIA

Os professores e técnicos administrativos do curso de Agronomia

Ao longo de sua existência, muitos foram os atores que participaram ou ainda participam do curso de Agronomia da UFGD. A história, portanto, deve relatar até casos de docentes que, pelas mais variadas razões, participaram por pouco tempo do curso. Independente do tempo de suas ações, especialmente nos primeiros anos de existência da Agronomia, a participação tanto dos professores como dos técnicos administrativos foi muito importante, pois, pouco ou muito, eles colaboraram para que o curso de Agronomia surgisse do nada e viesse a ser um dos melhores do país.

No que se refere aos professores, deve ser ressaltado que, na época de implantação do curso, eles foram muito pressionados, especialmente por parte dos estudantes — hoje algo inimaginável. A maioria dos professores queria colaborar e buscar o sucesso para o curso recém-implantado, mas, lamentavelmente, alguns deles não conseguiram passar pelo “crivo” dos primeiros estudantes, que, tremendamente exigentes e, mais do que isso, em alguns casos, implacáveis, faziam de tudo em nome de obter o melhor para a Agronomia.

Todos os professores tiveram uma dura provação ao dar aulas para a Agronomia no início do curso, pois, independente do tempo de sua participação como docente, todos enfrentaram dois grandes problemas. O primeiro foi quanto às condições de ensino, que eram péssimas, pois os únicos recursos existentes para minis-

trar as disciplinas, além de poucos laboratórios, eram o quadro-negro e o giz. Nem vidraria era disponibilizada.

Ventilador não havia nas salas de aula. Para as disciplinas que demandavam o uso de laboratórios, a situação era ainda pior, já que existia apenas um esboço extremamente rudimentar de um laboratório de química, onde um vaso solitário de vidro para rosas se “transformou” em uma pequena proveta.

O segundo problema enfrentado naquela época dizia respeito à contratação de professores. Era difícil encontrar professores especialistas e os que tinham mestrado ou doutorado eram ainda mais raros. Quando se falava que o professor teria que vir para Mato Grosso (do Sul), a dificuldade aumentava. Quase a totalidade dos professores habilitados eram apenas graduados e, considerando a existência de estudantes extremamente exigentes e radicais (com alguma razão na época), muitos colegas de trabalho não suportaram as pressões e desistiram da docência pouco depois de terem sido contratados. Houve um colega de trabalho que, mesmo querendo colaborar, pediu para ser desligado do quadro com menos de quatro meses no serviço.

Não havia recursos disponíveis aos professores para lhes auxiliar a preparar e a ministrar as aulas, o que os estudantes nem sempre entendiam, embora certo crédito tenha sido dado aos docentes recém-iniciados. Na verdade, a universidade não fornecia aos professores as mínimas condições para dar aulas. Um exemplo disto era a biblioteca, que não atendia a contento as áreas básicas necessárias ao curso nem contemplava a bibliografia referente ao conhecimento técnico específico. A maior parte dos poucos livros existentes na biblioteca na época inseria-se na grande área de ciências humanas.

O pouco apoio didático que existia pode ser exemplificado pela disponibilização de um equipamento chamado de episcópio (Figura 64) para uso dos professores nas dependências do CEUD. O equipamento, com dimensões aproximadas de 80cm de comprimento, 50cm de altura e 30cm de largura, funcionava colocando-se uma imagem qualquer em sua parte basal, entre os apoios do equipamento, para que ela fosse projetada na parede. Imaginem o drama para transportar tal equipamento até a sala de aula, pois, além de ser grande, era pesado. O episcópio foi o precursor dos retroprojetores.

Um equipamento muito utilizado por mim e por alguns colegas era o mimeógrafo à álcool (Figura 65). Com recursos próprios, comprei, a exemplo de muitos colegas, uma máquina de escrever para, durante a noite, com pouca habilidade em datilografia, podermos elaborar os materiais didáticos que seriam reproduzidos por meio do mimeógrafo e fornecidos aos estudantes. Os professores contavam com o apoio da universidade apenas com relação ao empréstimo do mimeógrafo e ao fornecimento de papel e de estêncil, que era um tipo de matriz baseada em carbono. Não existia nenhum apoio humano para auxiliar os professores a datilografar todo material didático que era fornecido aos estudantes.

O episcópio tornou-se completamente obsoleto com o advento posterior dos retroprojetores, que em alguns momentos eram chamados de “retroprofessores” pelos estudantes, já que eles não gostavam do uso muito intenso destes equipamentos. A UFGD adquiriu, mais tarde, projetores de slides, seguidos de projetores multimídias (*data show*), o que facilitou muito a atividade dos professores. O surgimento das máquinas fotocopadoras e, mais recentemente, o aparecimento da internet ajudaram ainda mais os docentes.

Figura 64 - Episcópio.



Fonte: REDE DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE GOIÁS, 2012.

Figura 65 - Mimeógrafo manual à base de álcool.



Fonte: MAQPARTES COMÉRCIO E SERVIÇOS LTDA., 2017.

Em contrapartida, nos dias atuais, tem-se todo o tipo de equipamento necessário, mas acredito que há a carência de duas coisas que existiam no passado. A primeira se refere às infindáveis discussões dentro do departamento para definição do que deveria ser feito para melhorar o curso de Agronomia e ao engajamento de todos os professores, que trabalhavam sempre muito unidos em benefício do curso embora possuísem opiniões diferentes e discutissem de forma calorosa sobre alguns assuntos. Havia uma característica comum e geral entre os professores daquela época: todos se dispunham a trabalhar em grupo em prol do curso independente das divergências, e esta não é uma característica comum nos dias de hoje.

A segunda característica diz respeito ao interesse que existia pelo aluno. É bom que se diga que durante qualquer discussão relevante para o curso de Agronomia, os ânimos se exaltavam, havendo, inclusive, “bate bocas”. No entanto, quando um

assunto tinha sido deliberado e votado, todos os participantes passavam a defendê-lo como se a ideia fosse sua. A única exceção dentro desse contexto era quanto aos estudantes participantes, pois, via de regra, suas reivindicações eram atendidas ou continuavam na pauta de reuniões posteriores.

Em função de todas essas carências, cada professor tinha a sua metodologia específica e, como não havia uma biblioteca completa, o que alguns professores, como eu, fizeram, foi adquirir, com recursos próprios, uma literatura mínima capaz de servir de base e fornecer a qualidade de ensino necessária à boa formação dos estudantes.

Em casa, à noite, após datilografarmos os estênceis, rodávamos as cópias de forma manual e individual, uma seguida à outra. O número de cópias totais que eram manufaturadas coincidia com o número de estudantes de cada ano do curso.

Além de “imprimir” o material didático, também datilográvamos e “rodávamos” todas as provas da mesma forma. Na época, não tínhamos, para esse tipo de trabalho, o apoio de técnicos administrativos da universidade.

Posteriormente, em função do reconhecimento da importância do curso de Agronomia, chegamos a ter apoio por parte do pessoal técnico-administrativo para datilografar provas. Isso só foi possível em função de contratações realizadas. Hoje, mais uma vez, todo o serviço burocrático demandado pelas atividades didáticas do professor fica exclusivamente por conta de cada um deles, a não ser quando se necessita de motorista para transporte de acadêmicos.

Essa forma de trabalho em horários extras ao regime de trabalho normal para a realização tanto de apontamentos de aula como de sequência de aulas práticas era facilmente aceita pelos estudantes e supria as necessidades com relativa qualidade.

Pode parecer estranha a grande quantidade de docentes que passou pelas várias disciplinas do curso de Agronomia desde a sua implantação, mas é necessário, mais uma vez, ressaltar que, especialmente no início de suas atividades didático-administrativas, para a Agronomia, aparentemente a UEMT e mesmo a UFMS, a partir de 1978, ainda não tinham efetivamente assumido o curso como exigente em termos de docentes, técnicos e laboratórios, assim como em termos de atividades de campo, o que somente começou a ocorrer após as muitas greves dos estudantes e as inúmeras exigências feitas pelos professores em 1981/1982.

Além disso, não se pode descartar o que já foi levantado anteriormente quanto às exigências, quase sempre justificadas, de nossos primeiros estudantes. Ademais, toda vez que solicitávamos o apoio desses alunos em prol do curso, sempre fomos prontamente atendidos.

Os docentes do curso de Agronomia eram poucos e, naquela época, entravam 32 alunos por ano que sabiam o que queriam e nunca se faziam de rogados, assim como a maioria dos docentes, mesmo na presença dos vários reitores que se sucederam e que ocasionalmente vinham para Dourados. Certa vez, após o término de uma das poucas greves dos estudantes de Agronomia não apoiadas pelos professores, um dado reitor da UFMS precisou vir a Dourados para tentar resolver um problema originado a partir da greve recém-terminada. O objetivo do reitor era atender a exigência dos estudantes quanto ao abono de faltas. O reitor pretendia “convencer” os professores a “abonar” as faltas dos alunos, medida da qual os professores discordavam.

Depois de muita conversa sem se expor de forma clara e sem a intenção de entender o que os docentes falavam, o reitor, que foi confrontado pela Prof.^a Yara Brito Chaim, levantou-se e deixou a sala de reunião, colocando todos os presentes boquiabertos

e retornando para Campo Grande. Dois dias depois, recebemos, em mãos, de um emissário, uma resolução da reitoria determinando que as faltas fossem “abonadas”.

De qualquer forma, as dificuldades para o docente não eram pequenas e nem poucas. A maioria deles assumia que poderia melhorar, especificamente em termos da metodologia adotada para ministrar os ensinamentos teórico-práticos que deveriam ser oferecidos aos nossos estudantes. A falta de didática fica clara ao se analisar o currículo de qualquer curso das áreas de ciências exatas, tecnológicas ou agrárias: faltam ensinamentos relativos ao *modus operandi* para o docente em sala de aula. Os profissionais formados nessas áreas aprendem a ser técnicos e não professores.

Naquela época, os professores da Agronomia que gostariam de continuar nessa função (éramos apenas eu e o Dimas) começaram a solicitar, já em 1979, ações para que parte dessa deficiência fosse amenizada. O Sindicato dos Professores da UFMS (ADUFMS), Seccional Dourados, comprou essa briga e, em 1980, os professores que desejassem poderiam realizar, de forma praticamente seguida, dois cursos na área de Metodologia do Ensino Superior. O primeiro curso foi de aperfeiçoamento, com carga horária de 180 horas, e o segundo de especialização, ministrado em Dourados pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com carga horária de 360 horas. Essas cargas horárias eram de sala de aula e excluía o tempo demandado para a realização de pesquisas que originariam a monografia de término do curso. A UFMS, de forma pronta e imediata, apoiou logística e financeiramente os dois cursos de Metodologia do Ensino Superior, cujas vagas não preenchidas por professores do CEUD foram abertas à comunidade.

Os professores que tiveram a oportunidade de contribuir em nível de ensino, pesquisa e/ou extensão nos primeiros anos do curso de Agronomia estão relaciona-

dos no Quadro 16. Tais docentes não mais pertencem ao quadro de professores do curso de Agronomia da UFGD. Sobre cada um desses professores, se poderia contar uma história ou, pelo menos um, “causo” ocorrido enquanto se dedicavam ao curso. De forma direta ou indireta, em maior ou menor grau, sendo sua participação longa ou curta, o que importa e o que deve ficar registrado é que todos eles deram sua parcela de contribuição para que o curso de Agronomia pudesse chegar ao nível ao qual chegou.

Quadro 16 - Professores que ministraram aulas no curso de Agronomia a partir de sua implantação (1978).

Abramo Loro Neto*	Egon Krakhecke
Ademir Antunes Moraes	Eduardo Barbatt Parfitt
Ana Maria Sampaio Domingues	Euclides Fedatto
Ana Maria Villela Grecco	Eulene Francisco da Silva
Angela Canesim	Guilherme Lafourcade Asmus
Antonio Carlos Cubas*	Honório Roberto dos Santos
Ari Esteves	Itamar Rosa Teixeira
Ari Fialho Ardengui	Ivo Arcângelo V. Busato
Arilde L. Ioris	Izaura Higa*
Arno Lange	João Dimas Graciano*
Artur Heráclio Gomes da Silva	João Batista Beltrão Marques
Beatriz Lempp	José Joaquim de Sousa
Breno Veríssimo Gomes	José João Pires de Oliveira
Carlos Alberto B. Medeiros	José Oscar Novelino
Carlos Enéas Motta Martins	Júlio César de Albuq. Setti
Carmo Toledo Ferraz	Kazuiyuki Nakayama
Domingos Sávio de S. e Silva	Lauro Jopert Swensson
Edgard Jardim Rosa Junior	Leila Paes Clemente

Continua

Quadro 16 - Professores que ministraram aulas no curso de Agronomia a partir de sua implantação (1978).

Continuação

Licelva Pazza	Olita Stangarlin
Lori Alice Gressler	Omar Daniel*
Áurea Rita d'Ávila	Osmar José Schossler
Luis Carlos Rodrigues Moraes	Rômulo Darós
Luiza Igarashi Nakayama	Rosa Maria Farias Asmus
Maria Apar. Leão Bitencourt	Sérgio Galdino
Maria Eugênia C. do Amaral	Silvânia Helena Furlan
Maria Helena Pereira	Sônia Regina M. Schwarzberg
Márcio José Stangarlin	Sueli Gonçalves Krakhecke
Maria do Carmo Vieira	Teodorico Alves Sobrinho
Nausira Noriko Namiushe	Valdeir Justino
Mário Luiz Alves	Walderi Dias
Mauro Polizer	Walderes Wolf*
Medson Janer da Silva	Walter Vieira Alves Junior
Messias Faria Neto	Wedson Desidério Fernandes
Newton Seiji Mori	Yara Brito Chaim Jardim Rosa*

Fonte: Dados coletados pelo autor a partir de relatos de professores da FCA e de informações colhidas das atas de reuniões da faculdade.

Nota: * Docentes falecidos.

A dedicação dos docentes quanto à melhoria do curso de Agronomia era tamanha que, até em seus momentos de lazer, o pensamento estava voltado ao curso e às suas disciplinas. Um exemplo dessa dedicação e apoio mútuo entre os colegas pode ser exemplificado pelo Projeto de Criação de Pacas. Nós tínhamos uma turma de piscicultura, composta basicamente por mim, pelo Prof. Robaina, pelo meu filho mais velho e pelo Prof. Cubas. No rancho de piscicultura, nos horários de almoço e especialmente à

noite, a conversa versava, na maioria das vezes, sobre a Agronomia e sua qualidade. Isso acontecia pelo fato de ser aquilo a vida que tínhamos naquele momento.

O Prof. Antonio Carlos Cubas, médico veterinário e PhD na área, tinha muita vontade de aumentar a oferta de áreas demonstrativas de animais economicamente explorados e, ao mesmo tempo, atuar na conservação da vida silvestre, que, naquele momento, tinha pouco apoio governamental. Depois de pedir o nosso apoio apesar de trabalharmos em áreas diferentes, o Prof. Antonio Cubas escreveu um projeto de pesquisa com cinco subprojetos visando à criação de pacas (*Agouti paca*) e o submeteu ao Ministério do Meio Ambiente em busca de recursos.

O projeto submetido foi agraciado com uma fonte substancial de recursos e, em função disto, o professor montou uma proposta para ampliá-lo, obtendo sucesso e conduzindo a pesquisa até bem próximo de sua aposentadoria. Para conseguir a captura dos animais de acordo com o prescrito pelas leis ambientais, foi fundamental o apoio da Polícia Ambiental Estadual de Mato grosso do Sul, especialmente da corporação lotada em Dourados que, por sua vez, teve o apoio das corporações de toda a região, inclusive as do sul do estado. O projeto teve que ser paralisado em função de falta de apoio financeiro para a manutenção dos animais, especialmente quanto à alimentação.

As ações dos docentes em prol dos estudantes de Agronomia nos primeiros anos do curso não se limitavam apenas à sala de aula. A maioria dos docentes, considerando a falta de condições para ministrarem aulas práticas para que os estudantes pudessem garantir seu conhecimento empírico, buscava o apoio da comunidade por meio do entrosamento desta com os alunos do curso. Assim, como eu fazia parte da diretoria da Associação dos Engenheiros Agrônomos da Grande Dourados (AEAGRAN), resolvemos implantar, entre 1979 e 1980, uma competição de futebol de salão denominada

Torneio de Integração Agrônômica de Futebol de Salão – TIAFS. Fiquei responsável pela organização da competição mesmo sem entender nada sobre futebol.

O torneio foi muito bom para os acadêmicos, pois o time dos estudantes de Agronomia, jogou e concorreu com mais de quinze times de Dourados e região, todos de empresas ligadas à atividade agropecuária. Os estudantes foram os ganhadores do 1º TIAFS e, com isso, tiveram a oportunidade de conhecer empresas que, possivelmente, poderiam lhes oferecer estágio ou mesmo trabalho efetivo e cuja importância estava começando a ser compreendida pelos acadêmicos. Na Figura 66, observamos o momento da realização do sorteio dos jogos para o 1º TIAFS pela diretoria da AEAGRAN.

Figura 66 - Sorteio dos jogos do 1º TIAFS pela diretoria da AEAGRAN.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior.

Nota: Prof. Edgard Jardim Rosa Junior, de braços cruzados, os engenheiros agrônomos Egon Krakhecke e Eduardo Serafim de Souza, todos da diretoria da AEAGRAN, e estudantes do curso de Agronomia.

Até 2015, o curso de Agronomia foi composto pelos professores listados no Quadro 17. Vários destes professores foram alunos do curso, como, por exemplo, as professoras Alessandra Mayumi Tokura Alovisei, Anamari Viegas de Araújo Motomiya e Elaine Reis Pinheiro Lourente, efetivas na FCA, e o professor Marcos Gino Fernandes, efetivo na Faculdade de Ciências Biológicas. O fato de ex-alunos do curso serem aprovados nos concursos para docentes da UFGD e efetivados na universidade nos enche de orgulho e satisfação, pois entendemos que o trabalho e a dedicação empreendidos para a consolidação do curso de Agronomia proporcionaram “frutos bons e de qualidade”.

Quadro 17 - Lista de professores pertencentes ao quadro docente do curso de Agronomia até 2015.

Alan Sciamarelli	Dacleu Hertes Neu
Alessandra Mayumi Tokura Alovisei	Daiane Mugnol Dresch
Alessandra Querino da Silva	Danielle Marques Vilela
Alexandre Rodrigo Mendes Fernandes	Eber Augusto Pereira Prado
Alexsandro Claudio dos Santos Almeida	Edgard Jardim Rosa Júnior*
Alfredo Henrique Duaste Lopez	Edmir Ribeiro Terra
Anamari Viegas de Araújo Motomiya	Edson Gonçalves de Oliveira
Anderson Ferreira	Edson Talarico Rodrigues
André Luis Duarte Goneli	Elaine Reis Pinheiro Lourente
André Luiz Martinez	Elisangela Dupas
Andréa Maria de Araújo Gabriel	Eloise Mello Viana de Moraes
Antonio Alberto da Silva	Erika Rosendo de Sena Gandra
Antônio Carlos Tadeu Vitorino	Euclides Reuter de Oliveira
Antônio Dias Robaina*	Fabiana Ribeiro Caldara
Carla Eloize Carducci	Fabiola Munhoz di Loreto da Cruz Akita
Claudio Rodrigo Nogueira	Fabricio Fagundes Pereira
Cláudio Teodoro de Carvalho	Fernando Cesar Pereira
Cleonice Cristina Hilbig	Fernando Miranda de Vargas Junior

Continua

Quadro 17 - Lista de professores pertencentes ao quadro docente do curso de Agronomia até 2015.

Continuação

Flávia Araújo Matos	Néstor Antonio Heredia Zárate
Franciane Barbieri Dias Senegalhe	Olavo Rímoli Filho
George Camargo	Omar Daniel**
Giselle Borges de Moura	Paula Pinheiro P. Peixoto
Guilherme Augusto Biscaro	Paulo Eduardo Degrande
Heberth Juliano Vieira	Pedro Rodrigues de Oliveira
Jefferson Rodrigues Gandra	Rafael Afonso Barbosa
Jorge Wilson Cortez	Rafael Henrique de T. B. Góes
José Carlos Sorgato	Rogério Silvestre
José Luiz Fornazieri	Roberto Carlos Orlando
Leonardo de Oliveira Seno	Roberto da Silva Gomes
Lilian Maria Arruda Bacchi	Rodrigo Amorim Bezerra da Silva
Liliane Maria Piano Gonçalves	Rodrigo Couto Santos
Livia Maria Chamma Davide	Rodrigo Garófallo Garcia
Luciano Oliveira Geisenhoff	Rodrigo Kelson S. Rezende
Luiz Carlos Ferreira de Souza	Rosilda Mara Mussury Franco Silva
Luiz Gonzaga Manzini	Sidney Azevedo de Souza
Manoel Carlos Gonçalves	Silvana de Paula Quintão Scalón
Marcia Regina Russo	Silvia Correa Santos
Marcio José Damião	Tarcísio de Oliveira Valente
Maria do Carmo Vieira	Tathiana Elisa Maseto
Mario Carlos Rodrigues Ayres*	Vanderléia Schoeninger
Mara Nilza Teodoro Lopes	Vanessa Jordão Marcato Fernandes
Maria das Dores C. V. Marchi	Victor Azambuja Gama
Marize Terezinha Lopes P. Peres	Walber Luiz Gavassoni
Marlene Estevão Marchetti*	Yara Brito Chaim Jardim Rosa**
Munir Mauad	

Fonte: Dados coletados pelo autor a partir de relatos de professores da FCA e de informações colhidas das atas de reuniões da faculdade.

Nota: * Docentes aposentados. ** Docentes falecidos.



Deve ficar claro, no entanto, que nem todos os professores que ministram ou ministraram aulas para o curso de Agronomia estão lotados na Faculdade de Ciências Agrárias (FCA). Alguns deles estão lotados em outras faculdades, como a Faculdade de Ciências Biológicas (FCBA) e a Faculdade de Ciências Exatas (FACET).

Ao falarmos do sucesso do curso de Agronomia, não podemos deixar de considerar o fundamental apoio dos técnicos administrativos que inicialmente eram lotados no Departamento de Ciências Agrárias (DCA) e no Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NCA) (Quadro 18). Vale ressaltar, porém, que nem todos os técnicos administrativos listados no Quadro 18 trabalharam no DCA ou no NCA ao mesmo tempo.

Quadro 18 - Técnicos administrativos lotados* no curso de Agronomia (NCA e DCA).

Ana Izabel Martins	Fernanda Ribeiro dos Santos
Benedita Justina de Souza	Floriano Pessarini
Bruno Cezar Álvaro Pontin	Gislaine Souza Rosa Dobler
Carla Andréa Schneider	Hélio Romero Mendonça
Celso Green	Henrique Félix da Cruz
Creuza Pessarini	Ismael Pereira do Nascimento
Delinda Simoneto	Janete Pezarine Gref Lima
Deuzelino Marques da Silva	Jesus Felizardo de Souza
Durval Dorta	João Davino Falcão
Elda Barrios de Ajambuja Silva	João Paulino Ramos
Eunice Freire	José Carlos Nogueira
Fauzer da Silva Vestena	José João Silva

Continua

Quadro 18 - Técnicos administrativos lotados* no curso de Agronomia (NCA e DCA).

Continuação

José João Silva	Olinda Eva Pezarini Gref
José Silva Filho	Osmar Alves do Amaral
Ludmila Osório Castilho	Nilda Tiyoko Kobaiashi Hoffmann
Luiz Antonio Valiente	Rita de Cássia Farias
Luiz Bernardo de Lima	Rosangela Ioris
Luiz Saturnino da Silva	Samuel Neves Neto
Marceli Pereira Mendes	Serafim de Souza
Maria Aparecida Bolzan	Sueli Ebehardt
Maria Lúcia Teles	Suzana Toshimi Furuia Tsukagoshi G.
Maria José Maeda	Heim
Milton Bernardo de Lima	Vanderlei Pezarini Gref
Moacir Marreiro da Silva	Vânia Mara Negrão

Fonte: Dados coletados pelo autor a partir de relatos e de informações colhidas na FCA.

Nota: * Lotação ocorrida antes da criação da FCA.

Infelizmente, alguns colegas de trabalho do grupo de técnicos administrativos faleceram. Foram eles: Olinda Eva Pezarini Gref (a tia Eva), Ana Izabel Martins (a Bel), Floriano Pessarini, João Davino Falcão, Osmar Alves do Amaral (o Osmarzinho), Serafim de Souza e Luiz Saturnino da Silva (o “Seu” Luiz).

Como o ambiente de trabalho é muito próximo, pode-se dizer que os técnicos administrativos são mais do que colegas de trabalho, são grandes amigos no trabalho para qualquer professor que deles requer ou já requereu apoio. No meu caso, essa



relação sempre foi muito intensa, pois foram quase dezesseis anos na administração do NECA/NCA e, mais recentemente, na FCA. Criamos definitivamente uma grande relação de amizade.

A grande proximidade rendeu vários “causos” para contar, como, por exemplo, o que aconteceu em 1981, quando eu administrava o ainda NECA. Saímos o Serafim e eu andando por um caminho rudimentar beirando a cerca para verificar a lavoura de soja. Como eu sempre tive medo de cobras, andava olhando para o chão e, naquele dia, avistei uma cobra chamada capitão do campo. Logo avisei o Serafim, que, não sei se por não conhecer aquela cobra ou por não ter medo mesmo, colheu um talo grosso de colônia e foi dar em cima da cobra. Daí para frente, só me lembro de ver, de longe, a cobra correndo atrás do Serafim com a cabeça levantada 30cm do solo. Com certeza, foi uma vida rica e repleta de boas convivências. “Causos” não faltam sobre todos os que fizeram e/ou ainda fazem parte da FCA. O clima era sempre de descontração entre os professores e os técnicos administrativos.

Técnicos, como o Samuel (Figura 67), eram “pau para toda obra”. E caso qualquer professor precisasse construir ou fazer uma pequena adequação em alguma obra, ele e o Luiz estavam sempre prontos.

Figura 67 - Samuel e um servidor terceirizado auxiliando a professora Yara e alunas na área de plantas ornamentais.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior (2005).

Dos nomes apresentados no Quadro 18, como já foi dito, nem todos trabalharam em um mesmo momento na Faculdade de Agronomia, mas, por certo período, o número de técnicos que a FCA possuía para apoio ao curso de Agronomia chegou a ser maior do que o número total de técnicos administrativos lotados no antigo CEUD.

Os técnicos administrativos da FCA dividiam-se nos seguintes setores e serviços da faculdade:

- administração e setor financeiro do NCA;
- biblioteca do NCA;
- apoio às atividades de campo;
- administração do Departamento de Ciências Agrárias;
- transportes (motoristas dos ônibus);
- vigilância das estruturas do NCA e DCA.

Fotografias de alguns desses nossos colegas de trabalho podem ser visualizadas no mural feito em comemoração dos 35 anos do curso de Agronomia (Figura 68).

Figura 68 - Técnicos administrativos lotados na Agronomia até 2015 (NCA e DCA).



Fonte: FCA.

Quando a UFGD foi implantada, um grande número dos técnicos administrativos da FCA foi redistribuído para outros setores da universidade, uma vez que toda a administração foi centralizada.

Com a criação dos demais cursos de graduação da FCA (Zootecnia, Engenharia Agrícola e Engenharia de Aquicultura) e a implantação dos cursos de mestrado e doutorado, o número de técnicos administrativos voltou a aumentar. O rol de técnicos administrativos lotados na FCA pode ser visualizado no Quadro 19.

Quadro 19 - Técnicos administrativos lotados na FCA até 2018.

Adriana Sathie Ozaki Hirata	João Augusto Machado da Silva
Alexandre Zuiewskiu	Ludmila Osório Castilho
Aline Luana Bervig Alcara Sornas	Maria Lucia Teles
Arlene Sobrinho Ventura	Maria Giselda de Menezes
Bruno Cezar Alvaro Pontim	Gressler
Silvia Adriana Zanchett	Roberto Godoy Junior
Camila Farah Borges da Silva	Taiany Miranda Saravy
Carla Regina Baptista Gordim	Thiago Silvério Silva
Deuzelino Marques da Silva	Michelle Jimenez da Costa
Dianio Conceição Pereira	Michelle Viscardi Sant’Ana
Ederson Marcelo Klein	Nilda Tiyoko Kobayashi Hoffmann
Elda Barrios de Azambuja Silva	Phaena Moraes Faria
Fauzer da Silva Vestena	Renata Alexandrino Favaro
Fernanda Ribeiro dos Santos	Renata Erondi Ramos
Gissely de Moraes Machado Akahoshi	Ronaldo Pasquim de Araujo
Hugo Flávio Couto Leite	Suzana Toshimi Furuia T. G. Heim
Ivanilda Teixeira C. Canazza	Tiago Ledesma Taira
Janete Pezarine Gref Lima	
Jackeline Schultz Soares	

Fonte: FCA.



Figura 69 - Confraternização entre professores e técnicos administrativos da FCA.



Fonte: Acervo pessoal de Edgard Jardim Rosa Junior.

A união e o prazer no trabalho eram muito comuns entre os professores e técnicos administrativos do curso de Agronomia tanto nos tempos do DCA como nos da FCA. Tínhamos um cantinho na área de plantas ornamentais onde, ocasionalmente, em finais de semana ou feriados, fazíamos um belo e succulento churrasco (Figura 69).

Os estudantes de Agronomia e algumas de suas ações para o curso

Efetivamente, todos aqueles que conviveram com os primeiros estudantes do curso de Agronomia da UEMT/UFMS/UFMG não podem discordar quanto à constante e importante atuação daqueles alunos durante os cinco ou seis primeiros anos do curso. Não fosse a ajuda deles, talvez o curso de Agronomia estivesse hoje num patamar bem menos elevado.

Creio que seja possível que qualquer pessoa da comunidade douradense, incluindo professores e técnicos administrativos universitários, entenda nossas colocações mesmo sem ter conhecido aqueles estudantes. Os estudantes de Agronomia daquela época não eram melhores do que os de hoje, mas viveram uma realidade diferente. Não se trata de uma questão técnica, mas de vivências desafiadoras, pois aqueles primeiros estudantes, a partir de 1978, tinham passado toda ou parte de sua juventude sob a égide de uma democracia frágil e instituída após diversas restrições à liberdade terem sido impostas pelo governo militar. Eles viveram sob um regime ditatorial.

Quando falamos, então, que os primeiros estudantes de Agronomia da FCA contribuíram de forma marcante para a consolidação do curso, não significa que os estudantes mais recentes não contribuam para o fortalecimento do curso. Em função da competitividade atual e da qualidade do ensino fornecido, qualquer estudante da FCA pode, tranquilamente, se tornar um profissional imbatível, como podemos verificar no número de ex-alunos aprovados em concursos públicos para docência em universidades federais e estaduais ou institutos tecnológicos federais ou trabalhando em universidades particulares, no campo ou em empresas ligadas ao agronegócio. Todos os ex-alunos da FCA tornaram-se ótimos profissionais de modo geral, mas a questão não é técnica.

Os alunos no início do curso de Agronomia eram transformadores e queriam o melhor para eles e para o meio em que viviam. Os primeiros estudantes da FCA lutavam de forma incessante por seus direitos e sempre motivavam a comunidade externa e interna à UEMT/UFMS. A motivação da comunidade externa normalmente era feita via imprensa ou via atuação por meio dos órgãos de classe mais atuantes. O apoio era fornecido uma vez que a história de luta pela Faculdade de Agronomia era algo vívido entre final da década de 1970 e início da década de 1980. Para muitos douradenses, mesmo em dias recentes, aquela luta ainda continua, como podemos observar nas citações a seguir.

Em 1977, no auge da crise entre campo-grandenses e cuiabanos por causa da divisão do Mato Grosso, o reitor da Universidade Federal, João Pereira da Rosa, comprou uma briga daquelas com o governador José Garcia Neto, por causa do curso de Agronomia de Dourados, *embrião do que viria ser a UFGD*. (SILVA, 2010, grifo nosso).

Nesse período, o marrento Garcia Neto, como governador de Mato Grosso, revelou-se fervoroso *antidouradense e fez de tudo o que podia ao seu alcance, para instalar a faculdade de agronomia em Campo Grande*. Levando, politicamente, o jovem prefeito local a convocar nossa população para protestar, juntou-se a ela os estudantes de direito da Unigran. Pressionado, o mandatário estadual viu-se coagido a instalar esse curso superior, com os deputados estaduais Celso Amaral, Edson Pires, Londres Machado e Walter Carneiro, literalmente o forçando na Assembléia Legislativa em Cuiabá. (BARROS JUNIOR, [201-?], grifo nosso).

Quanto ao debate da ferrovia (que queríamos que passasse por Dourados), o jogo só está começando, não é tarde ainda, mas temos que tomar cuidado, pois outrora políticos da capital quiseram tirar *a nossa Faculdade de Agronomia* que seria instalada em Dourados para implantá-la em Campo Grande. Sabem os senhores quem estava por trás? O atual terceiro suplente da senadora Maria Joaquina Marisa Serrano, o agrônomo ex-deputado estadual e federal Ruben Figueiró, ex-conselheiro do Tribunal de Contas, mas nossos valentes e vigilantes deputados Celso Müller do Amaral e José Cerveira, não deixaram que tal acontecesse. (FERREIRA, 2011, grifo nosso).

Ao mesmo tempo, a motivação que os primeiros estudantes proporcionaram à comunidade interna era colocada de outra forma. Os professores, inicialmente poucos, apoiavam a implantação de um curso de Agronomia de qualidade na cidade de Dourados, o que era muito bom e desejado também pelos técnicos administrativos. No entanto, no quesito qualidade, os primeiros estudantes também incluíam a didática e o conhecimento dos professores contratados, fossem eles efetivos no quadro de docentes da universidade ou cedidos por algum órgão de pesquisa ou extensão de Dourados e região — os quais, em um primeiro momento, chegaram a ser maioria

entre os docentes do curso. Em função da cobrança dos alunos, no período inicial do curso, um grande número de professores colaboradores não se sentiu confortável com a docência e solicitou sua saída do quadro geral de professores do curso de Agronomia, incluindo alguns agrônomos que participavam do quadro de professores querendo apenas apoiar a luta iniciada no final da década de 1940.

A exigência dos estudantes era muito pertinente, uma vez que existiam poucos os cursos de Agronomia com qualidade no país e a oferta de emprego formal na área naquela época era escassa. Os estudantes atuaram mais intensamente para obter suas reivindicações nos seis primeiros anos do curso, mas o espírito crítico perdurou pelos cinco anos subsequentes. Suas ações mais significativas envolviam não a entrega de reivindicações à administração da UEMT/UFMS, mas reuniões para discussão das solicitações advertências, passeatas e greves caso as necessidades postas não fossem atendidas. A greve mais longa feita pelos estudantes durou mais de 45 dias.

A administração da universidade na época se sentia coagida em função da movimentação e da “barulhada” empreendida pelos alunos. E como a comunidade sempre os apoiava, o que os estudantes solicitavam, via de regra, era atendido pela administração da UEMT/UFMS.

Hoje, depois de 37 anos de trabalho somente no curso de Agronomia da UEMT/UFMS/UFGD, dos quais dezoito foram exercendo cargos administrativos, não tenho dúvidas ao dizer que, não fossem as ações empreendidas pelos primeiros estudantes, o curso de Agronomia da UFGD não teria boa estrutura curricular e não formaria profissionais de excelência. Acredito ainda que tais ações também influenciaram o cenário político da universidade e da região. Reflexo disso é o fato de muitos ex-alunos atuarem ou terem atuado na política em seus municípios e/ou estados de origem

ou mesmo em Brasília. Muitos deles são ou foram vereadores, prefeitos, deputados, responsáveis por cargos de 1º, 2º e 3º escalões no estado ou em Brasília, assim como presidentes de órgãos de classe, como, por exemplo, o CREA.

No Apêndice desta obra, a lista dos formandos do curso de Agronomia, organizada de acordo com as placas de turma fixadas na UFGD, pode ser verificada. No Quadro 20, apresentamos os nomes dos estudantes que ingressaram na primeira turma de Agronomia — os pioneiros — via concurso vestibular. Os nomes de todos os formandos de cada uma das turmas do curso de Agronomia podem ser observados no Apêndice.

Quadro 20 - Estudantes que entraram, via vestibular, na primeira turma do curso de Engenharia Agrônômica.

Aparecido P. da Silva Arino B. do Amaral Carlos Eduardo Marques Cássia Regina Ide Cristino Antonio Martins Edson Jordão Figueirinha Elbio Insaurralde Gomercindo C. G. Rodrigues Inez Aparecida de Oliveira Ismael Carlos Messias Ivete Arakaki Jairo H. de Almeida. Lara Jorge Luis Benevides Jorge T. Maruki Jorge Teruhiko Sumida José Alves Vieira	José Domingos Baldasso José Gonçalves Filho José Nilso Laitarte da Silva Lauro C. Néspolo Liliane Aico Kobayashi Luis Antonio S. da Silva Luis Antão Sgarbi Luis Carlos Gondim Brandão Luis Fernando Baggio Néia Luis Henrique B. de Souza Luiz Alberto Staut Maria Otávia D. Ouriques Rui Gomes Filho Sônia Beatriz Bissacotti Valdeir Ferreira Leonel
--	--

Fonte: FCA.



Mesmo com condições precárias de ensino, como mencionado anteriormente, no final de 1977, a direção do CPD se preparou e realizou o primeiro exame vestibular do curso de Agronomia para que as aulas efetivamente se iniciassem no começo de 1978.

Na Figura 70, é possível observar uma reportagem do jornal *O Progresso*, de 11 de janeiro de 1978, sobre a primeira inscrição, feita via procuração, no primeiro processo seletivo vestibular para o curso de Agronomia.

Figura 70 - Jornal *O Progresso* informa sobre o total de candidatos inscritos no vestibular para o curso de Agronomia e noticia o primeiro candidato a se inscrever via procuração.



Fonte: O PROGRESSO, 11 jan. 1978.

O candidato inscrito via procuração era da cidade de Bebedouro, SP. Na mesma reportagem, o diretor do CPD, Prof. Milton José de Paula, expôs sua expectativa de ter, para o curso, em torno de quatrocentas inscrições e informou que a inscrição custava 371 cruzeiros. A reportagem informava que seriam cinco dias de provas.

O *Progresso*, de 20 de janeiro de 1978, já ilustrava que para as 32 vagas do curso de Agronomia, já existiam 210 pessoas inscritas. No entanto, para surpresa de todos, na época, o número total de inscritos, foi de 689 candidatos. Quando terminou as inscrições para o primeiro vestibular de Agronomia, o que se comentava, na época, inclusive na mídia escrita, era que a relação de 21,53 candidatos por vaga para o curso de Agronomia foi muito superior que a média obtida para o curso de Medicina da UFMS, que teria sido de 17,8 candidatos por vaga. O jornal também relembrou as muitas lutas empreendidas desde a criação do curso em 1968, até sua efetiva implantação, pelo governador Garcia Neto, o final de 1977.

Algumas medidas tomadas pela UEMT naquela época podem ser consideradas impensáveis nos dias de hoje e muitas delas partiam da própria administração da universidade, que ainda não aceitava o fato de o curso de Agronomia ser implantado em Dourados e não em Campo Grande. Foi o caso, por exemplo, da cobrança de mensalidade e matrícula diferenciada para o curso de Agronomia. A mensalidade dos cursos de graduação oferecidos pela UEMT era 27 cruzeiros, enquanto o valor mensal do curso de Agronomia era 68 cruzeiros.

Em função de tal disparidade, os estudantes de Agronomia endereçaram um ofício (Figura 71) ao diretor do CEUD, Prof. Otaviano Gonçalves da Silveira, solicitando que ele procurasse saber, junto ao Conselho de Curadores da UEMT, o porquê da discriminação financeira que estipulava uma cobrança 2,5 vezes maior dos estudantes de Agronomia em relação aos acadêmicos dos demais cursos. Vale ressaltar

que, naquela época, os únicos laboratórios existentes eram os de química e de biologia, construídos para o curso de Ciências. O curso de Agronomia, portanto, não tinha acesso a nenhum recurso a mais em relação aos demais cursos da universidade.

Figura 71 - Ofício dos alunos da Agronomia ao diretor do CEUD.

Ilma Sr. Prof. Otaviano Gonçalves da Silveira,
M.D. Diretor do Centro Universitário de Dourados

Nós, abaixo-assinados, alunos regularmente matriculados no curso de Agronomia, vimos, respeitosamente, a sua presença solicitar que sejam tomadas providências, junto ao órgão competente da Universidade Estadual de Mato Grosso, no sentido de pedir explicações a respeito do critério adotado pelo Conselho de Curadores para a fixação da mensalidade do Diretório Acadêmico para os alunos do curso de Agronomia, visto que todos os outros cursos do Centro Universitário de Dourados pagam a mensalidade de vinte e sete cruzeiros, enquanto que nós pagamos a mensalidade de sessenta e oito cruzeiros para um mesmo Diretório, ocupando um mesmo espaço físico e usufruindo das mesmas melhorias. O que solicitamos é justo, porque queremos saber qual o motivo da discriminação que existe para com os alunos do curso de Agronomia. Solicitamos, ainda, que seja peiteada, junto ao órgão competente da Universidade Estadual de Mato Grosso, a redução do preço da mensalidade que nós estamos pagando ao Diretório Acadêmico, por uma questão de justiça.

Nestes termos pedimos deferimento.

Dourados, 28 de Junho de 1.978

Fonte: Diretório Acadêmico do Curso de Agronomia (DACA), 1978.

Como o ofício não surtiu efeito algum, os estudantes, a cada dia mais inconformados, decidiram dar um passo além e solicitaram uma reunião com o reitor da UEMT, Prof. João Pereira da Rosa (Figura 72). Nessa reunião, o primeiro assunto

foi justamente o custo das mensalidades, tendo escutado do reitor que o valor era de 68 cruzeiros porque teria sido embasado em um levantamento de custos feito por 4 universidades estaduais de diversos pontos do país.

Figura 72 - Estudantes do curso de Agronomia se reúnem com reitor da UEMT.

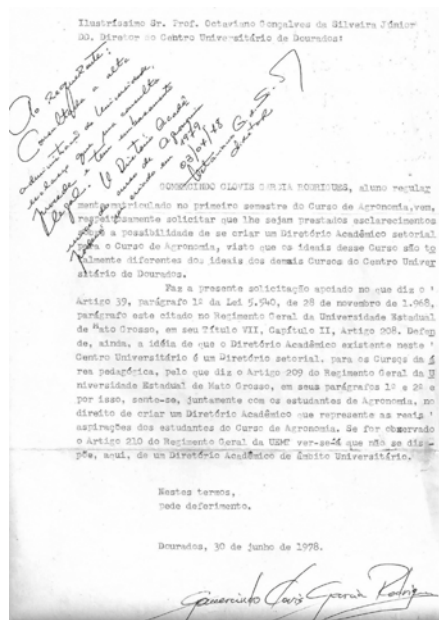


Fonte: O PROGRESSO, 15 ago. 1978.

Os alunos insistiram e o reitor, após ouvir os argumentos dos estudantes, uniformizou o preço das mensalidades de todos os cursos, sem exceção, no valor de 27 cruzeiros. Na mesma reunião (*O PROGRESSO*, 15 ago. 1978) o reitor teria se esquivado de responder a duas outras colocações dos estudantes, sendo uma sobre o crédito educativo e outra sobre os laboratórios para curso de Agronomia.

Todos os problemas enfrentados no início do curso de Agronomia deixavam os estudantes cada vez mais unidos, organizados e preparados para os embates que poderiam ocorrer. Tal união e organização refletem-se, por exemplo, no fato de os estudantes encaminharem um ofício ao diretor do CEUD, de forma bem embasada e de acordo com os critérios da própria universidade, solicitando informações a respeito da possibilidade legal de se criar um diretório setorial dos estudantes de Agronomia (Figura 73). O objetivo era legalizar o diretório para poder, de forma oficial e com mais peso, realizar as reivindicações dos estudantes do curso.

Figura 73 - Ofício solicitando informações para criação de diretório setorial dos estudantes do curso de Agronomia.



Fonte: Diretório Acadêmico do Curso de Agronomia (DACA), 1978.

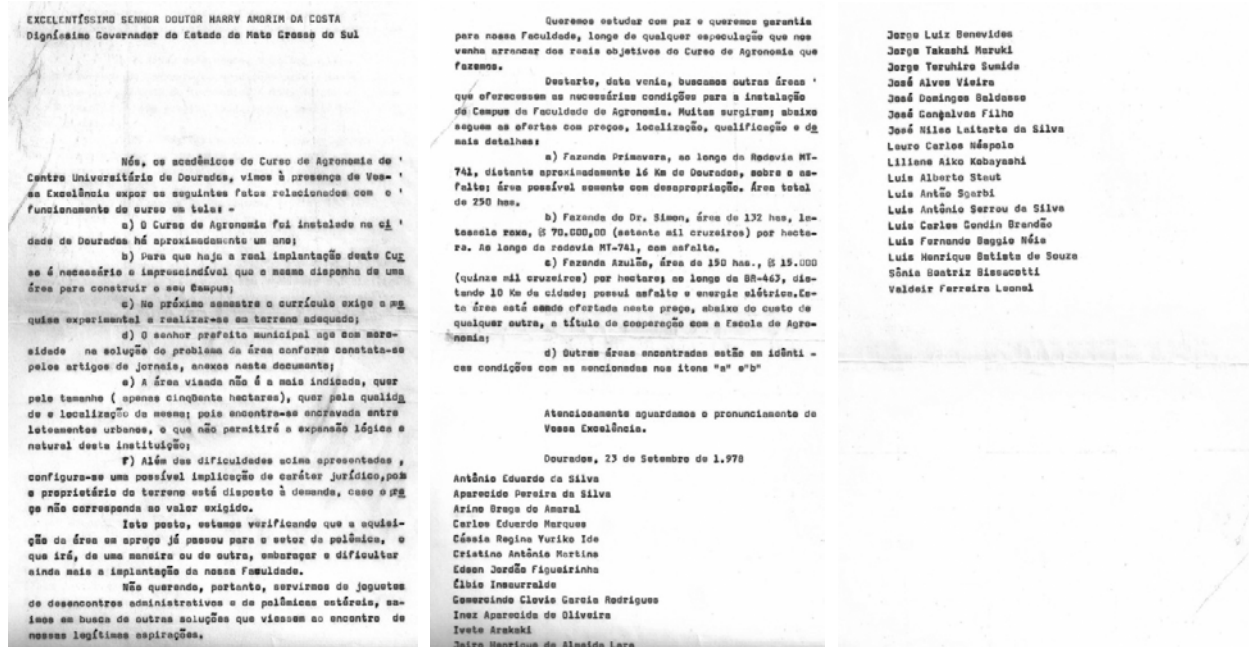
No dia 19 de setembro de 1978, o jornal *O Progresso* publicou a notícia de que Luiz Antonio Álvares Gonçalves, representante do então prefeito de Dourados, o Eng.º Agr.º José Elias Moreira, entregou aos alunos do curso de Agronomia dezesseis bolsas de estudo. Na solenidade, estiveram presentes, além do diretor do CEUD, Prof. Otaviano Gonçalves da Silveira, o secretário municipal de agricultura, Eng.º Agr.º Osmair Scarpari, e o presidente do Diretório Acadêmico 5 de abril da antiga Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados (SOCIGRAN), hoje Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN).

Naquela época, mesmo sem organização legal alguma, os estudantes se mobilizavam por seus direitos e não havia limites para suas reivindicações. Quando eles pensaram, por exemplo, que a conversa com o reitor mencionada anteriormente havia sido infrutífera, foram, em seguida, tentar o apoio do então governador do estado, o Sr. Harry Amorim Costa, e, para tanto, escreveram-lhe um ofício (Figura 74), datado de 23 de setembro de 1978, solicitando a aquisição de uma área maior para o curso de Agronomia, que comportasse não só aulas práticas, mas também pesquisas experimentais.

No entanto, ressalto que, à medida que os estudantes daquela época ganhavam força e popularidade, abusavam um pouco das palavras, o que pode ser verificado na primeira página, item “d”, da Figura 74, onde os alunos criticam o Sr. José Elias Moreira, então prefeito de Dourados. Como constatamos, por vezes, os alunos teciam comentários injustos com relação a algumas pessoas que muito lutaram para que o curso de Agronomia crescesse. Eu faço essa colocação enquanto conhecedor das dificuldades enfrentadas na época e também por saber do empenho de algumas pessoas que foram essenciais para melhorar as condições didático-pedagógicas do

curso de Agronomia, dentre elas o então prefeito José Elias Moreira, que defendeu a ideia e se empenhou para que o curso fosse implantado em Dourados e não em Campo Grande.

Figura 74 - Ofício encaminhado ao governador do estado de Mato Grosso do Sul solicitando a aquisição de área experimental maior para o curso de Agronomia.



Fonte: Centro Acadêmico de Agronomia de Dourados (CAAD), 1978.

Naquela época, as coisas definitivamente não iam bem e demoravam muito para melhorarem ao menos um pouco. A edição de 15 de novembro de 1978 do jornal *O Progresso* trazia uma matéria intitulada “Um grupo trama contra a Faculdade de Agronomia”, na qual foram colocadas algumas divergências quanto à compra de várias áreas possíveis para a construção dos prédios, o que não deveria ser tomado como obstáculo para a implantação do curso de Agronomia em Dourados. A matéria dizia o seguinte: “O que existe, isso sim, é uma trama diabólica contra Dourados, que se demorar mais para iniciar a obra da sede da Faculdade de Agronomia, poderá ser carregada para Campo Grande, pois esse é o grande sonho do reitor Pereira da Rosa” (O PROGRESSO, 15 nov. 1978).

O interesse da mídia local no curso de Agronomia não diminuía e, mais uma vez, coloco que tal fato se devia à grande luta passada para a implantação da Faculdade de Agronomia. No começo de 1979, somente sobre o vestibular para o curso de Agronomia, o jornal *O Progresso* fez menções nas edições dos dias 1, 11 e 25 de janeiro. Se por, um lado, isso era bom para o curso de Agronomia, por outro lado, fazia com que os professores do DCA sentissem na pele uma pitadinha de ciúmes vinda de colegas docentes de outros cursos. A popularidade do curso se devia também às ações dos estudantes, que, indiretamente, beneficiaram outros cursos do CEUD.

Aparentemente, os estudantes do curso de Agronomia, ao fazerem suas reivindicações e conquistarem muitas benfeitorias, motivaram algumas pessoas, dentre elas vários docentes do CEUD como um todo, a paralisarem as atividades didáticas até que suas reivindicações de por melhorarias nas condições de ensino fossem atendidas (O PROGRESSO, 10-11 fev. 1979). Dentre as demandas postas pelos docentes dos cursos existentes na época estavam:

1. Laboratório de línguas;
2. Laboratórios de Química e de Biologia;
3. Execução do projeto do curso de Agronomia;
4. Ampliação do acervo da biblioteca;
5. Criação do curso de Pedagogia;
6. Criação da escola de treinamento;
7. Aprovação do Plano de Classificação Docente; e
8. Aprovação do Orçamento da UEMT.

Em 6 de março de 1979, *O Progresso*, mais uma vez se referindo aos estudantes do curso de Agronomia, comentou sobre a recepção carinhosa dos calouros pelos veteranos.

No início do segundo ano de funcionamento do curso de Agronomia, as notícias ainda não eram boas, pois, o jornal *O Progresso* (21 de março de 1979a) anunciava que Dourados poderia perder o curso de Agronomia. Em função dessa matéria, os estudantes começaram a esboçar sua primeira greve. Percebíamos que as tais “forças ocultas” ou “forças estranhas” mencionadas pelo Prof. Celso Müller do Amaral alguns anos antes (1967/1968) ainda persistiam, porém de maneira mais camuflada. Independente do nome que se queira dar, o fato é que ainda havia pessoas, dentro e fora da UEMT, querendo transferir o curso de Agronomia para Campo Grande.

A pressão para que o curso de Agronomia não se instalasse em Dourados esteve presente desde o início e perdurou, em minha opinião, até o momento da construção dos primeiros prédios no final de 1982. Sendo conhecedor da forma de funcionamento da universidade, eu percebia que a facilitação de transferência de professores e técni-

cos administrativos era um incentivo ao fim do curso de Agronomia em Dourados. Entretanto, quando os prédios foram construídos, tal facilidade deixou de ser possível.

Buscando ações extracurriculares, foi firmado um convênio entre a UEMT e o Projeto Rondon possibilitando que 28 estudantes do curso de Agronomia, assessorados por dois professores, fizessem o levantamento topográfico de um morro em Aquidauana (*O PROGRESSO*, 30 maio 1979).

Com o intuito de trabalhar mais e melhor em prol do curso de Agronomia, alunos do curso montaram uma Comissão Pró-Centro Acadêmico de Agronomia, como segue:

Presidente: Gomercindo Clóvis Garcia Rodrigues

Vice-Presidente: Carlos Eduardo marques

1º Secretário: José Domingos Baldasso

2º Secretário: Fátima Elizabete Luiza

1º Tesoureiro: Luiz Antão Sgarbi

2º Tesoureiro: Luiz Carlos Gondin Brandão

Pouco depois o jornal *O Progresso*, em 16 de janeiro de 1980, já noticiava que tinha sido criada a Casa do Estudante de Agronomia.

Essa Comissão teve até 20 de março de 1980 para a entrega de uma proposta de estatuto do futuro Centro Acadêmico de Agronomia, oficializado em seguida como Centro Acadêmico de Agronomia de Dourados (CAAD).

O jornal *O Progresso* noticiou em 9 de janeiro de 1980 o término do processo seletivo vestibular do curso de Agronomia, cuja última prova seria aplicada naquele dia.

Em 16 de janeiro de 1980, o jornal *O Progresso* noticiou que os estudantes estavam prestes a entrar novamente em greve. A movimentação estudantil era grande naquele início de ano e, aparentemente, os estudantes começariam o semestre “levantando poeira”. A motivação para a greve, naquele momento, era o fato de a casa do estudante não ter sido construída até então. Os alunos solicitaram uma reunião com o chefe da Casa Civil do estado de Mato Grosso do Sul, Sr. João Leite Schimidt, que prometeu a liberação de 461 mil cruzeiros para a construção de um albergue que atendesse, a princípio, quinze estudantes. Para a visita ao chefe da Casa Civil, os estudantes tiveram apoio do deputado estadual Walter Carneiro.

Na edição de 19 e 20 de janeiro de 1980, o jornal *O Progresso* noticiou que o deputado Walter Carneiro havia sinalizado que o então governador do estado, Sr. Marcelo Miranda, teria determinado à Secretaria de Planejamento a alocação de recursos para a construção da casa do estudante de Agronomia, sendo o rendimento escolar um dos critérios para a seleção dos alunos.

No final de agosto de 1980, “pegando carona” com uma greve nacional de docentes das Universidades Federais, os estudantes de Agronomia/UFMS, fizeram uma paralisação de dois dias. Poucos dias após, em setembro de 1980, as lideranças dos estudantes da Agronomia mais uma vez motivaram seus colegas para outra greve, esta para reivindicar melhorias que ainda não tinham sido realizadas para o curso de Agronomia. E no dia 9 de setembro, o jornal *O Panorama* publica uma matéria que cita o apoio fornecido pelo Presidente da Associação dos Docentes do CEUD, Prof. Mario Geraldini, aos estudantes do curso de Agronomia. Esse apoio foi dado em função das deficiências do curso (Figura 75a).

Nessa mesma data, o jornal *O Progresso* noticiava também a greve e informava ao público que as principais razões desse movimento eram: 1) desejavam melhorias no ensino; 2) reivindicavam a saída do chefe do Departamento de Agronomia e; 3) solicitavam a contratação de novos docentes e a capacitação/qualificação daqueles que já estavam em atividade.

Figura 75a - Imprensa douradense ilustra uma greve dos estudantes de agronomia ocorrida no 2º semestre de 1980, bem como o seu término.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo: O PANORAMA, 09/09/1980; O PANORAMA, 23/08/1984; O PANORAMA, 21/09/1980; O PROGRESSO, 18/09/1980; O PANORAMA, 16/09/1980.

Figura 75b - Imprensa douradense ilustra uma greve dos estudantes de agronomia ocorrida no 2º semestre de 1980, bem como o seu término.



Fonte: O PROGRESSO, 17/09/1980; PAN RURAL, 28/09/1980.

Como sempre, a motivação dos estudantes era boa e visava a qualidade pretendida, no entanto, nesse caso, a maioria dos professores acreditavam que os estudantes poderiam escolher outro momento, uma vez que negociações estavam em andamento com a administração da UFMS. Também vale mencionar que houve duas estudantes do terceiro ano que, por não concordarem com o movimento proposto pelos colegas naquele momento, não aderiram à greve (com exceção de três dias em respeito a uma greve nacional). Parte dos seus colegas não respeitou essa decisão e, em função disso, foram relativamente hostilizadas por muito tempo, no entanto, elas continuaram assistindo as aulas até o final da greve, por aproximadamente 30 dias (Figura 75a).

Além desses problemas no meio acadêmico do CEUD durante a greve, outros dois contratempos ocorreram entre professores e alunos, pois em função das aulas

terem continuado durante a greve, mesmo que somente para duas estudantes, as disciplinas precisavam ser ministradas e as faltas seriam registradas. Isso era o que deveria ser feito e assim aconteceu. Após um longo tempo de paralisação, foi feito um acordo entre os estudantes e a reitoria da UFMS, de tal forma que os docentes deveriam repor as aulas aos estudantes que não as tiveram. Com isso, na prática, os docentes ministraram uma mesma parte do conteúdo programático, por duas vezes em um curto espaço de tempo.

A dificuldade maior ocorreu com relação às faltas que deveriam ser assinaladas aos estudantes. Sendo um professor, nesse contexto específico, eu tive um problema em relação a um estudante matriculado em minha disciplina, pois, na soma total das faltas, incluindo o período de greve, o estudante teria sido reprovado. Naquele tempo os diários eram impressos e os docentes eram instruídos a colocar as faltas cometidas logo em seguida às aulas efetivamente ministradas e os professores não tinham autonomia para abonar faltas. Entretanto, o estudante solicitou a mim e, mais tarde, ao chefe do departamento e ao diretor do CEUD que abonassem as suas faltas. De minha parte, e em consonância às normas que me foram passadas quando fui contratado, expliquei que não poderia retirá-las. Em função dessa negativa, no dia seguinte, tanto o chefe do departamento como o diretor do CEUD, solicitaram-me que retirasse as faltas assinaladas do referido aluno. Expliquei-lhes a razão pela qual não poderia retirá-las e eles concordaram com o aspecto legal de minha decisão. Na semana seguinte recebi uma resolução da universidade, feita pelo seu procurador, determinando que eu retirasse as tais faltas.

Menciono esses acontecimentos para ilustrar que, na opinião dos docentes daquela época, os nossos estudantes eram muito organizados e tinham muita força

política. Realmente acredito que muitas conquistas que o nosso curso teve e tem, devemos àqueles nossos primeiros estudantes. Eles agiam e movimentavam tudo e todos, dentro e fora da universidade.

Durante essa greve, de acordo com a Figura 75a, além das demandas sobre as solicitações anteriores à reitoria da UFMS, que o reitor não providenciava no tempo que os estudantes tinham previamente requerido, outra de suas queixas era quanto à participação do diretor do CEUD e do chefe do Departamento de Agronomia (DAG), que de acordo com eles não era satisfatória. A partir desse momento, os estudantes começaram a solicitar, inclusive, que a chefia do DAG fosse alterada.

Talvez em função de uma possível radicalização desse movimento, essa foi a primeira vez que entidades da comunidade se mostraram publicamente contrárias ao movimento estudantil. Podemos verificar na Figura 75b que a AEAGRAN, um órgão de classe que no passado sempre demonstrou apoio, naquele momento se posicionou contra aos estudantes.

Também sobre esse assunto, a matéria publicada em *O Progresso* de 25 de setembro de 1980 informa que, em função das últimas ações por parte da reitoria e dos professores, a orientação era para que os alunos paralisassem o movimento e voltassem às aulas a partir daquela data. O jornal também expõe que, para os docentes e os gestores da universidade, pelas principais características, aquela greve foi considerada até certo ponto de ridícula e relataram que não haveria abono das faltas, que havia iminência de reprovação por faltas e que, ao invés da saída do chefe do DAG este foi elevado à condição de presidente da Comissão de Estruturação do Curso de Agronomia.

O jornal *O Progresso* de 9 de setembro de 1980 publicou a Carta Aberta, que os estudantes de Agronomia escreveram, como segue:

Desde 1964 que a educação brasileira vem, cada vez mais sendo agredida por aqueles que manipulam os números no orçamento no Brasil. Nesse ano, a Educação recebia, ainda, 11,9% do orçamento da União. Hoje, no ano de 1980, essa taxa caiu para 4,2% do orçamento, com o que todas as universidades Brasileiras vem sofrendo um verdadeiro estrangulamento, sendo obrigadas a demitir professores, reduzir seus quadros de funcionários, diminuir a aquisição e materiais didáticos, desaparecimento, praticamente das pesquisas, com o que formam-se técnicos que se contentam, por não terem maiores conhecimentos, em aplicarem os conhecimentos alienígenas, uma tecnologia totalmente fora de nossa realidade.

Por tudo isso os estudantes brasileiros, bem como professores de 21 Universidades Federais brasileiras resolveram realizar uma Greve Nacional, que no Mato Grosso do Sul, será nos dias 10 a 12 de setembro do corrente ano.

Essa greve visa sensibilizar o governo para a necessidade de se conceder, novamente, 12% do orçamento do Brasil, uma vez, que para o próximo ano, o MEC (Ministério da Educação e Cultura), vai ficar com apenas 2,5% do orçamento Nacional. Com isso será decretado oficialmente, uma vez que na prática já existe, o fim o Ensino Público Gratuito, com as Universidades tornando-se campo de ensino dos mais ricos e os mais pobres não mais podendo estudar, para se tornar os profissionais que podem mudar a fisionomia da tecnologia nacional., que deve ser voltada para a realidade brasileira, sem interferências externas e com tecnologia importada.

Dentro desse panorama geral, os estudantes de agronomia do Centro Universitário de Dourados, em reunião geral, resolveram antecipar o início da greve nacional, tendo paralisado as aulas a partir do dia 8 de

setembro, visando conduzir lutas particulares, como por exemplo a saída do atual Chefe do Departamento de Agronomia, que, na prática, nada tem feito para o *progresso* geral do curso de Agronomia do CEUD, tendo inclusive, funcionado como atravancador desse desenvolvimento, embora tente de todas as formas, mostrar o contrário. Ao mesmo tempo, existem professores que não têm condições de lecionar em uma Faculdade e que estão dando aulas no curso de Agronomia de Dourados, com o que o nível de ensino se torna muito baixo. Isso sem contar que faltam professores em algumas disciplinas, como é o caso de Microbiologia Agrícola. Os estudantes de Agronomia, com essa paralisação não querem, como certamente vão querer fazer crer aqueles que são diretamente atingidos, TUMULTURAR, BAGUNÇAR, AGITAR ou qualquer coisa do gênero: o que nós queremos são melhores condições de ensino, PROFESSORES GABARITADOS, porque nós queremos ser AGRÔNOMOS, para ajudar solucionar os problemas da nossa Pátria e não técnicos sem o mínimo de cultura para enfrentar uma realidade tão complexa como a nossa, a do Brasil. Nós queremos melhorar o curso de Agronomia de Dourados, para que ele possa, realmente, se tornar um orgulho para Dourados e não uma vergonha.

Por melhores condições de ensino,

Por mais verbas para a Educação,

Pela solução dos problemas do curso de Agronomia de Dourados,

Por um curso voltado para a realidade Nacional.

Ass.: ESTUDANTES DO CURSO DE AGRONOMIA DO CEUD.

Entrosados com a comunidade douradense, esses nossos primeiros estudantes sempre trabalharam por ela, inicialmente motivados pela Prof.^a Lori Alice Gressler, que era secretária municipal de educação e cultura. Em seus períodos de greve eles intensificavam essas ações pela comunidade, o que pode ser observado na Figura 76.

Uma dessas palestras foi ministrada pela estudante do sexto semestre do curso de Agronomia, Liliane Kobaiaishi, cujo título era: “As vantagens econômica e higiênica do cultivo de hortaliças”. Essa palestra fez parte da “Semana da Comunidade” (O PROGRESSO, 24 set. 1980).

Posteriormente, em 04 de abril de 1981, foi realizado um convênio entre a prefeitura de Dourados e a universidade para que os estudantes de Agronomia pudessem implantar hortas e ministrar palestras em escolas municipais.

Figura 76 - Matéria noticiando ação dos alunos de Agronomia/UFMS junto à comunidade local.



Fonte: O PANORAMA, 19 set. 1980.

No dia 25 de setembro de 1980, o jornal *O Progresso* noticiou que os estudantes de Agronomia estavam retornando às aulas e, no caso específico dessa greve,

algumas peculiaridades foram apontadas pelo jornal, as principais dentre elas foram: 1) greve considerada “até certo ponto ridícula”; 2) pouca organização e mobilização; 3) possibilidade iminente de reprovação; 4) não abono de faltas; e, 5) a troca do chefe do departamento, que era requerida pelos estudantes, não foi feita e a ele foi concedido o cargo de presidência da Comissão de Planejamento e Implantação do curso de Agronomia.

O fato de o jornal ter considerado aquela greve “até certo ponto ridícula” se deu em função a um relativo “oba-oba” quanto às greves. Naquela época, algumas pessoas consideravam que os estudantes passaram a ter falta de sensibilidade e “abusar do poder”.

Com o término da greve e o reinício das atividades didáticas, dentre elas as aulas, tudo voltou ao normal. Em 16 de outubro de 1980, *O Progresso* noticiou que os estudantes iriam fazer uma viagem de estudos à Granja Jeroá, onde havia as melhores e mais modernas instalações nas áreas de produção de aves e suínos de toda a região. Aparentemente tudo voltava ao normal, pois os ânimos já tinham se acalmado. De qualquer forma, mesmo que aquele ano não foi de grandes vitórias para os estudantes, as suas ações continuavam a beneficiar a Agronomia.

O tempo mais uma vez passou. E no ano de 1981 nem todos os problemas do curso de Agronomia tinham sido solucionados. Pelo contrário, pouco tinha sido conseguido, mas isso não queria dizer que os professores e estudantes haviam desistido de seus intentos. A luta precisava continuar.

No dia 7 de janeiro de 1981, o jornal *O Progresso* noticiou que as provas do vestibular da UFMS tinham terminado e no dia seguinte informaram que as provas mais difíceis para o referido exame vestibular foram as de matemática e de química.

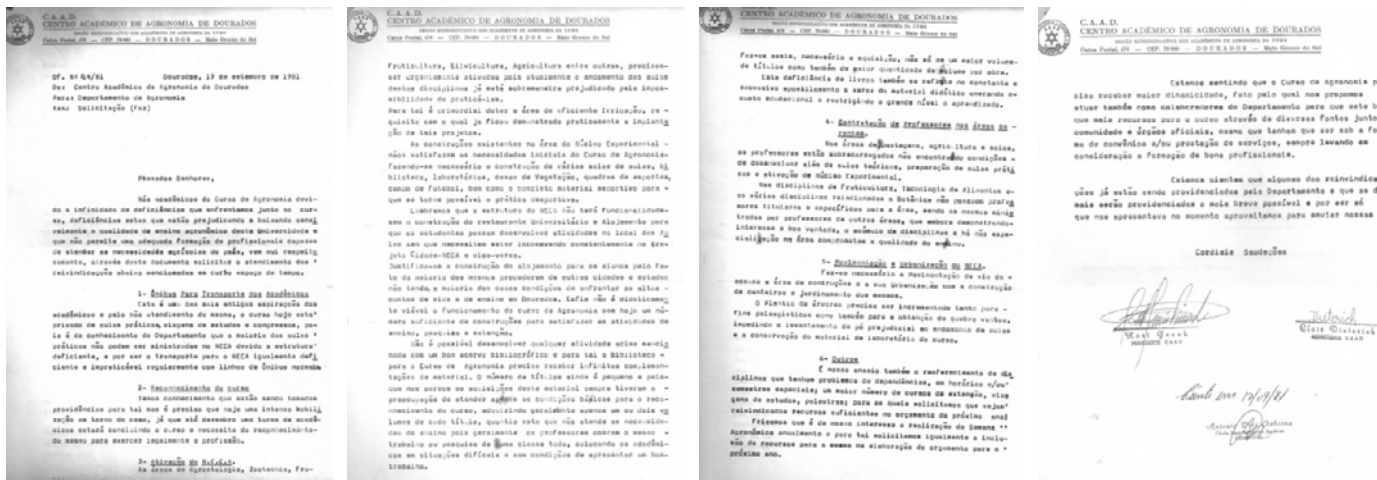
Atividades de pesquisas eram desenvolvidas, via convênios com agricultores da região, como foi o caso do ocorrido com a Fazenda Iguaçu. Mas os estudantes da Agronomia nunca se davam por satisfeitos, e iniciaram em maio uma nova greve. Essa por não aceitarem propostas de algumas ações que permitiam a técnicos agrícolas, as mesmas atribuições de agrônomos (O PROGRESSO, 14 maio 1980). Na prática, as atividades programadas para os estudantes mostrava “serviço” por parte da universidade, uma vez que ela não tinha ou ainda não podia ou não queria resolver todos os problemas do curso.

Na edição de 15 e 16 de agosto de 1981, *O Progresso* explicitou que chegou à UFMS o recurso que a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO) havia prometido no passado, via ações do ex-prefeito José Elias Moreira junto àquele órgão, tendo para isso, o apoio de todos os prefeitos da região da Grande Dourados. Foi nesse ano também que onze docentes foram contratados de uma só vez para o curso de Agronomia. Creio que esse tenha sido o maior ganho que a nossa Faculdade de Agronomia teve em qualquer tempo e, sem sombra de dúvida, esse benefício somente ocorreu graças às ações daquelas três primeiras turmas do curso.

A partir de setembro/outubro de 1981 alunos da universidade, dentre eles os estudantes da Agronomia da UFMS, eram contra os valores cobrados pela instituição. (O PROGRESSO, 2 out. 1981). Começava uma luta por parte de dois estudantes para não mais pagar pelo ensino que lhes era fornecido pela universidade.

Naquela época, aparentemente estava havendo um grande entrosamento entre a forma de pensar e de agir dos estudantes e dos professores, o que influenciou o modo que os estudantes colocavam as suas demandas, sendo de forma mais amena, como se pode observar na Figura 77.

Figura 77 - Solicitação dos estudantes ao Departamento de Agronomia para minimizar as carências do curso de Agronomia.



Fonte: Centro Acadêmico de Agronomia de Dourados (CAAD), 1981.

Dentre as solicitações que os estudantes faziam ao Departamento de Agronomia, sempre pensando nas melhorias para o curso, podemos destacar as seguintes:

- 1) solicitação de ônibus para os estudantes, sendo de uso fundamental para aulas práticas, uma vez que não havia transporte público regular que os levassem de Dourados até o Núcleo Experimental de Agronomia (NECA);
- 2) maior rapidez no processo de reconhecimento do curso pelo MEC;
- 3) ativação do NECA, de tal forma que eles pudessem dispor de:
 - a) campos demonstrativos das culturas anuais,
 - b) sistemas de irrigação,

- c) construção de mais prédios, tais como salas de aulas, biblioteca, laboratórios, casa de vegetação, quadra para esportes, além de um campo de futebol, restaurante universitário e alojamento para os estudantes — tudo devidamente justificado;
- 4) contratação de professores para as áreas carentes, dentre elas: Fruticultura, Tecnologia de Produtos Agropecuários e Botânicas;
- 5) re-oferecimento de disciplinas.

No final do ano de 1981, com a organização dos festejos de formatura em andamento, começou uma tradição dos estudantes do curso de Agronomia, que perdura até os dias atuais. Nela, cada uma das turmas formandas planta uma árvore e, próximo de seu pé, afixam uma placa comemorativa.

E por falar nisso, me recordo que houve um dia, no final de 2013, em que eu estava conversando com o técnico administrativo mais antigo do NECA/NCA/Fazenda Experimental de Ciências Agrárias, cujo servidor eu tive o prazer entrevistá-lo para sua contratação no ano de 1981, o Sr. Jesus Felizardo de Souza, quando ele me lembrou que o estudante, representante da primeira turma de formandos a plantar a árvore símbolo, uma muda de Ipê Amarelo, foi José Domingos Baldasso. O Sr. Jesus também me lembrou o local em que esta foi plantada, bem como onde estava a placa comemorativa da turma. Fomos àquele local e estando no período de sua floração me motivei a fotografá-la. No dia seguinte tirei a foto que está ilustrada na Figura 78. Hoje, além da primeira turma do curso de Agronomia, essa fotografia me faz recordar do nosso ex-aluno José Domingos Baldasso, um dos melhores de sua turma, que infelizmente nos deixou muito cedo.

Figura 78 - Árvore que representa a 1ª turma do curso de Agronomia, com a plaqueta da turma na sua frente.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior, 2013.

Em 1982, mais uma vez houve greve dos estudantes do curso de Agronomia e a tônica sempre era uma só, a universidade não cumpria com as promessas empenhadas e, em função do histórico anterior, a tolerância dos estudantes estava ficando cada vez menor.

Em 8 de janeiro de 1982, o jornal *O Progresso* relatou que a SUDECO liberou 700 mil cruzeiros, os quais seriam utilizados para a aquisição de livros, materiais de pesquisa e equipamentos para laboratórios. O Prof. Celso Amaral, que nessa época era vereador de Dourados, fez um requerimento ao prefeito municipal de Dourados, Sr. José Elias Moreira, solicitando providências para aquisição de um ônibus para o transporte dos estudantes de Agronomia (O PROGRESSO, 10 mar. 1982).

A partir de junho daquele ano, os alunos do curso entraram em greve mais uma vez (O PROGRESSO, 10 jun. 1982). Desta vez as razões eram basicamente duas. A primeira era em defesa da contratação de professores e a segunda, contestavam a falta de seriedade da administração central da UFMS com relação ao curso de Agronomia. Acredito que com essas colocações e todas as greves, os nossos estudantes ensinaram a administração da universidade a ser mais justa e menos parcial.

Na edição dos dias 12 e 13 de junho de 1982, o jornal *O Progresso* publicou que o presidente da Câmara Municipal de Dourados, o Sr. Mariano Candido de Arruda, montou uma Comissão Especial para estudar com os acadêmicos e manter contato com os professores para tentar achar um denominador comum. A partir daí dialogariam com o reitor da UFMS e buscariam soluções para o problema. Nessa mesma edição, a União Douradense dos Estudantes (UDE) elaborou um documento em solidariedade aos estudantes do curso de Agronomia.

Continuando nessa mesma edição, o jornal *O Progresso* relata que aquela seria a “terceira ou quarta” greve que os estudantes do curso de Agronomia lideravam e narrou sobre os problemas ocorridos com esse “filho legítimo da comunidade douradense”, especialmente a luta para que ele não fosse retirado do colo dos douradenses e instalado em Campo Grande. Partindo para a luta mais uma vez, os estudantes, como sempre, angariaram o apoio da comunidade de Dourados e região e, mais uma vez, foram novamente bater às portas da Câmara Municipal de Dourados. (Figura 79).

A Comissão Especial que fora criada pela Câmara Municipal teve o intuito de verificar as carências do curso de Agronomia. Dentre os seus membros estavam os vereadores Joel Pizzini e Valdenir Machado que se reuniram, no CEUD, com a diretoria do Centro Acadêmico de Agronomia de Dourados (CAAD) e lá ficaram sabendo das necessidades específicas desse movimento, as quais eram:

- 1) contratação de professor substituto para a vaga deixada pelo Prof. Carlos Alberto B. Medeiros;
- 2) contratação de professores para as disciplinas de Fruticultura, Botânica Sistemática, Morfologia Vegetal, Climatologia Agrícola e Tecnologia de Produtos Agropecuários;
- 3) ônibus para transporte dos alunos, já requerido anteriormente;
- 4) construção de uma quadra de esportes;
- 5) construção de um galpão para abrigar máquinas agrícolas; e
- 6) ativação da área de Zootecnia.

Na Figura 79 se pode observar, ainda em relação a essa greve, que os estudantes continuavam a ter o apoio da sociedade organizada de Dourados, neste caso, o apoio do Clube Lions. A matéria do jornal *O Panorama* noticiou o término dessa greve que durou apenas 22 dias. De acordo com os representantes do CAAD, esse rápido retorno às aulas foi um voto de confiança às colocações da administração da UFMS.

O ano de 1983 foi de relativa calma para os estudantes, embora muitas das suas reivindicações não tivessem obtido sucesso. No entanto, o curso de Agronomia e os seus estudantes eram assunto corrente na imprensa local de Dourados. Uma das primeiras matérias sobre a Agronomia naquele ano foi uma reportagem de *O Panorama*, de 29 de janeiro de 1983, que publicou os nomes dos alunos que acabavam de ingressar no curso pelo exame vestibular. Uma nota similar foi postada pelo *O Progresso* (12-13 de fevereiro de 1983), que publicou uma matéria sobre a dificuldade que os estudantes de Agronomia tinham no processo de aluguel de moradias, uma vez que as imobiliárias eram muito exigentes quanto a fiadores. Em 14 de setembro de 1983, o mesmo jornal noticiou que os estudantes que se formariam em 1984 estavam promovendo um filme, como forma de angariar dinheiro para a formatura.

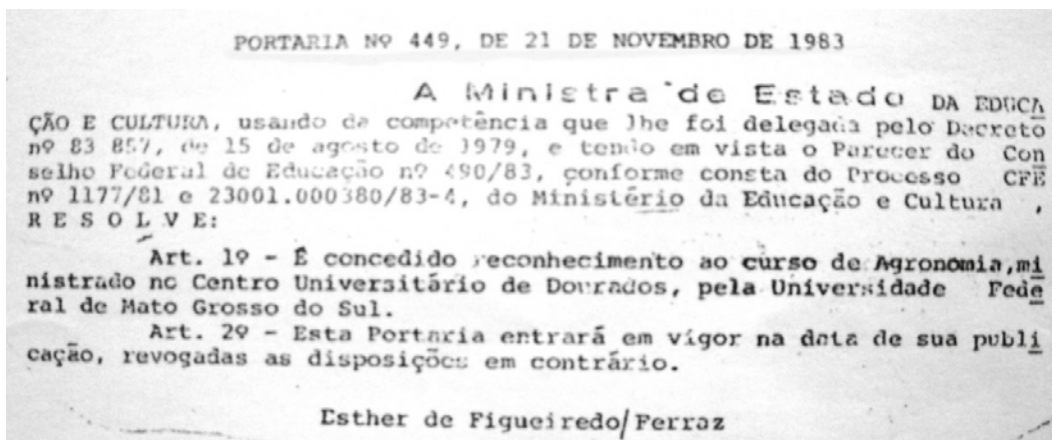
Em 4 de outubro do mesmo ano noticiava-se que haveria um curso de controle biológico e patologia de insetos para estudantes e agrônomos da região, mas a notícia mais importante veio na edição de 8 e 9 de outubro de 1983, também pelo jornal *O Progresso*, ao informar que o Conselho Federal de Educação (CFE) havia reconhecido o curso de Agronomia. Esse reconhecimento se deu pela Portaria n. 449, de 21 de novembro de 1983, a qual pode ser observada na Figura 80:

Figura 79 - Notícias da mídia douradense sobre a greve dos estudantes de agronomia em junho de 1982.



De cima para baixo, da esquerda para direita: O PROGRESSO, 12-13 jun. 1982; 18 jun. 1982; O PROGRESSO, 23 jun. 1982; PANORAMA, 25 jun. 1982.

Figura 80 - Portaria do MEC “reconhecendo” o curso de Agronomia/UFMS.



Fonte: BRASIL, 1983. Arquivo cedido pela FCA.

Nas edições dos dias 15 e 16 de outubro de 1983, *O Progresso* noticiou que vinte alunos do curso de Agronomia, dos quarenta inscritos inicialmente, conseguiram terminar o curso. Aparentemente, de acordo com o jornal, o curso e a prova final tinham sido para alunos “notáveis”.

No mês seguinte, em 11 de novembro de 1983, *O Panorama* anunciava que houve um vendaval que fez muito estrago em alguns dos prédios recém-construídos para a Agronomia. Foram registrados ventos acima de 80 km/hora e os prejuízos realmente foram de grande porte, de modo que um engenheiro da UFMS veio a Dourados para levantar todos os reparos a ser realizados. Algumas telhas do galpão grande foram encontradas no aeroporto e eu, que estava refazendo os terraços juntamente com o Sr. Jesus no momento do temporal, fui lançado ao chão pela força do vento.

Após seis anos da implantação do curso de Agronomia e considerando que o conhecimento adquirido ano após ano de luta e greves eram sistematicamente repassados pelos estudantes para os colegas de curso dos anos posteriores, todos eles sempre entravam na equipe para somar, e esse fato aumentava ainda mais a força dos professores e estudantes para suas reivindicações futuras.

O *Progresso* divulgou, em 10 de janeiro de 1984, que o vestibular do curso de Agronomia estava iniciando e que a relação de candidato/vaga para aquele ano seria de 13,1 candidatos para cada vaga. Na edição do dia 19 de janeiro de 1984, o mesmo jornal anunciava que seria dado um curso para os estudantes e agrônomos da região, intitulado “Plantio direto: uma prática natural de comprovada eficiência”. Naquela época começava a transferência de conhecimento entre produtores dos estados do Paraná e de Mato Grosso do Sul. Esse processo inicial de repasse dos benefícios do plantio direto, sem considerar características de solos e de climas regionais, foi um fiasco e durou aproximadamente cinco anos. No período entre 1992 e 1995 todo esse processo de transferência de tecnologia, agora mais adaptada, recomeçou no nosso estado, agora com um sucesso cada vez maior, pois passaram a considerar tais características locais e regionais, especialmente de solo e de clima.

Segundo O *Progresso*, em 5 de maio de 1984, os estudantes de Agronomia estavam apontando, via CAAD, as falhas existentes nas gestões do NECA e DAG (Departamento de Agronomia), as quais eram:

- 1) carência de professores qualificados;
- 2) infraestrutura inadequada;
- 3) biblioteca com poucos títulos na área;

- 4) escassez de recursos;
- 5) restaurante com atendimento inadequado.

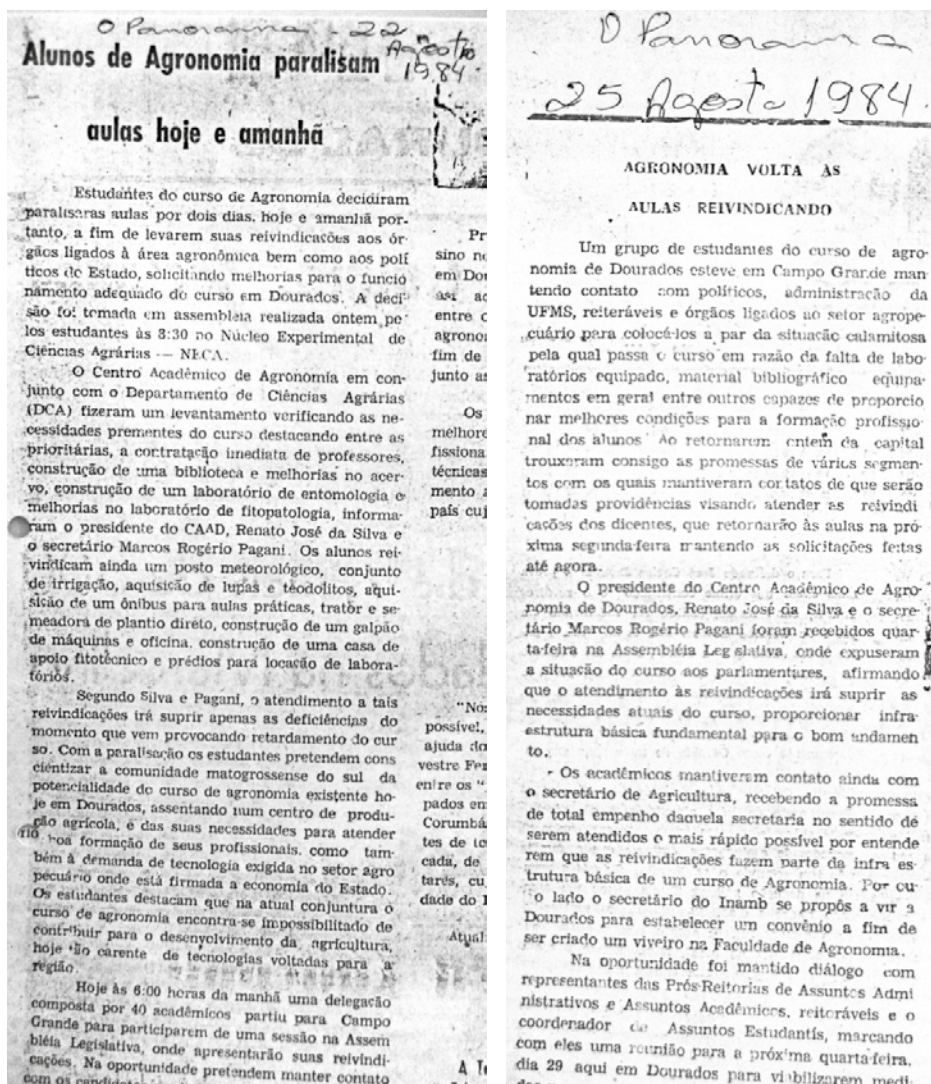
Normalmente, quando os estudantes começavam a anunciar carências ou falhas quanto ao curso de Agronomia era quase certo que haveria uma greve em seguida. O que de fato aconteceu mais uma vez e foi anunciado em 22 de agosto de 1984 pelo jornal *O Progresso*.

De fato, os nossos estudantes não perdoavam o descumprimento de compromissos assumidos pela UEMT/UFMS, em se tratando do curso de Agronomia. E, assim, outra vez houve uma paralisação por parte deles, mas por apenas dois dias (Figura 81). O movimento grevista reivindicava e solicitava novamente as obras ainda não instaladas. Seus objetivos principais eram:

- 1) construção da biblioteca do NECA;
- 2) contratação de docentes;
- 3) construção do laboratório de Entomologia;
- 4) melhorias no laboratório de Fitopatologia;
- 5) aquisição de teodolitos, lupas e conjuntos de irrigação;
- 6) aquisição de máquinas agrícolas, dentre elas um trator e semeadora de plantio direto;
- 7) construção de um posto meteorológico;
- 8) aquisição de ônibus para aulas práticas;
- 9) construção de um galpão para oficina e máquinas agrícolas; e
- 10) construção de uma estrutura para apoio da área de Fitotecnia.



Figura 81 - O Panorama noticiando a paralisação do curso de Agronomia.



Fontes: O PANORAMA, 22 ago. 1984; O PANORAMA, 25 ago. 1984.

Ainda durante o ano de 1984, especialmente por ação do deputado Walter Carneiro, Dourados trabalhava para que fosse instituída a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e para que sua sede fosse localizada em Dourados. Essa notícia era muito boa e poderia conferir, para nossa cidade, a característica de ser um centro de ensino universitário. No entanto, em 27 de setembro de 1984, os estudantes de Agronomia publicaram sua opinião sobre esse assunto e se manifestaram contrários a essa criação. (Figura 82).

Figura 82 - Estudantes do curso de Agronomia se manifestaram sobre a criação da Universidade Estadual em Dourados.



Fonte: O PANORAMA, 27 set. 1984.

Pode-se observar ainda na Figura 82, no seu canto inferior direito, também uma notícia em prol da criação da Universidade Federal da Grande Dourados. Esse manifesto foi feito por professores do CEUD, reafirmando o que a ADUFMS-Regional Dourados, já vinha defendendo a partir de 1979. A criação da UFGD era um sonho dos professores universitários mais antigos de Dourados e, em outras ocasiões, eu também tive oportunidade de me manifestar em apoio. Podemos afirmar, portanto, que esse sonho teve início na década de 1980.

O ano de 1985 começou com mais ações dos estudantes de Agronomia, o que foi noticiado pelo jornal *O Progresso* na edição de 4 e 5 de maio. Nesse caso, ocorreu que mais uma vez, por pressão dos estudantes, o reitor da UFMS esteve em Brasília em audiência com o ministro da educação, senador Marco Maciel, apresentando as deficiências existentes no NECA.

No final daquele mesmo mês, mais especificamente no dia 28 de maio, o jornal *O Progresso* (1985) anunciava que os estudantes de Agronomia fizeram uma passeata no centro de Dourados, denunciando as carências do curso. No final de maio, depois de mais quatro ou cinco publicações nos jornais locais sobre os estudantes de agronomia, estes ganharam apoio do prefeito de Dourados e do secretário estadual do meio ambiente do estado de Mato Grosso do Sul, que prometeu até montar um viveiro de mudas no NECA, visando amenizar suas carências.

O Progresso, na edição de 26 e 27 de outubro de 1985, publicou uma matéria sobre o boicote que os estudantes de Agronomia fizeram, por causa das mensalidades que eram pagas à universidade, defendendo o ensino gratuito.

Como a Agronomia já estava relativamente bem equipada, as ações dos estudantes começavam a ser direcionadas para outros objetivos, como a realização de pressão sobre o reitor da UFMS, de tal forma que se modificasse as regras internas para escolha do chefe do Departamento de Ciências Agrárias. Naquela época, a sistemática adotada para as eleições, de acordo com definições do MEC, era que os docentes tinham o peso de 70% e os estudantes e técnicos, 15% para cada um desses grupos de votantes. O que os estudantes de Agronomia queriam era que cada um deles tivesse o mesmo peso dos docentes, ou seja, que o voto fosse universal.

Em 12 de novembro de 1985, o jornal *O Progresso* noticiava que o reitor da UFMS concordava com a não cobrança das mensalidades e, quanto à metodologia adotada para as eleições, embora não pudesse alterar a regra definida pelo MEC, concordava que, no DCA, a eleição fosse de forma universal e que o conselho do DCA deveria assumir o resultado como verdadeiro e homologá-lo. Essas decisões do reitor não faziam sentido para a maioria dos professores do Departamento de Agronomia, mas foi uma conquista dos nossos estudantes. Esse fato, mais uma vez, ilustra a força que os discentes alcançaram dentro da UFMS.

Os nossos estudantes dos tempos iniciais do curso de Agronomia foram reconhecidos pela comunidade que os acolheu. Esse reconhecimento foi devido a seus ideais, seus atos e suas ações e foi tão intenso que os alunos eram lembrados mesmo quando as manifestações eram apenas entre eles. É o caso, por exemplo, da reportagem publicada em 5 de maio de 1986, em que *O Panorama* noticiou a disputa interna pela administração do CAAD (Figura 83).

Figura 83 - Eleições internas do CAAD eram notícia na mídia local.



Fonte: O PANORAMA, 05 maio 1986.

Eu creio que até essas disputas internas que ocorriam entre os estudantes tinham um grande papel educativo, chegando a proporcionar a alguns deles o gosto e a habilidade para a política partidária.

A ação dos estudantes se expandia e, em função disso, e de sua participação nos órgãos da classe estudantil, os nossos alunos trouxeram para Dourados a etapa nacional das “Agronomíades”, com a participação de mais de trezentos alunos de Agronomia, esses vindos de Brasília, Cuiabá, Goiânia, Itumbiara e Rio Verde (O PROGRESSO, 22 e 23 mar. 1986). A organização do evento, pelo acordo entre estudantes e a Prefeitura Municipal de Dourados, ficou a cargo da Secretaria Municipal de Cultura, através da FUNCED.

Foi publicada uma matéria no jornal *O Progresso*, no dia 11 de abril de 1986, expondo que os estudantes de Agronomia não estão satisfeitos com as condições estruturais do CEUD e também do NECA. Aparentemente essa ação foi passageira e

destoante da forma encarada até então pelos estudantes para desenvolver suas ações grevistas em prol da Agronomia.

Não obstante, houve uma paralisação dos acadêmicos de Agronomia, de apenas um dia, de acordo com o jornal *O Progresso* de 14 de maio de 1986, por serem contrários à provável decisão do presidente da República em autorizar os técnicos agrícolas a assinar projetos agropecuários de até 1500 MVR (Maior Valor de Referência).

A partir de 1986, as participações dos discentes de Agronomia, na luta em prol da melhoria das condições básicas do curso, ficaram menos intensas e isso por duas razões. A primeira delas é que realmente o curso de Agronomia, no âmbito da UFMS, foi um dos cursos que mais ganhara melhorias, embora com recursos não somente da UFMS, pois houve entrada da SUDECO, com participação dos prefeitos da região da Grande Dourados, encabeçados por José Elias Moreira e também dos professores que, por meio de uma quantidade muito grande de projetos de pesquisa, equipavam os seus respectivos laboratórios e montavam áreas demonstrativas, aproveitando suas pesquisas de campo. A segunda razão pela qual os estudantes diminuíram suas atividades em prol do curso de Agronomia é que a “luz” inicial das primeiras turmas já vinha se apagando em relação àqueles objetivos. Nessa época a Faculdade de Agronomia já tinha uma estrutura física praticamente igual a de todo CEUD e isso começava a gerar uma “pitadinha” de ciúmes, pois já se ouvia comentários do tipo: “o curso de Agronomia é privilegiado”.

Mesmo que estivessem agindo pouco em benefício do próprio curso, os estudantes da Agronomia trabalhavam por outros ideais dentro e fora da universidade. No ano de 1986, mais especificamente em 10 de junho de 1986, de acordo com o jornal *O Progresso*, os estudantes partiram para a luta universitária com o objetivo de “terminar com a lista sêxtupla para reitor”.

Em outubro do mesmo ano, *O Progresso* anunciava em 14 de outubro de 1986 a “Semana Agronômica do NECA”. Essa semana agronômica foi um sucesso enquanto durou e era aberta a comunidade, tendo sempre muito público. Creio até que essa foi uma forma, embora não intencional, da universidade “pagar” por todos os benefícios e ações que a comunidade douradense até então tinha realizado pelo curso de Agronomia. A semana agronômica era sempre realizada em outubro e próxima à data comemorativa do “Dia do Engenheiro Agrônomo”.

De acordo com o jornal *O Progresso*, de 1º de maio de 1987, as últimas e maiores obras feitas especificamente para o curso de Agronomia do NECA começaram a ser realizadas em 1987. O jornal informa que a UFMS recebeu a quantia de 39 milhões de cruzados, os quais seriam aplicados especificamente em três *campi* da UFMS: Campo Grande, Três Lagoas e Dourados, a fim de construir os laboratórios que ainda eram necessários para a Agronomia, assim como um galpão para guardar e consertar máquinas e implementos agrícolas.

De acordo com *O Progresso*, em 24 de setembro de 1987, os estudantes de Agronomia paralisaram suas atividades mais uma vez, a razão foi que a UFMS cortou o subsídio que os estudantes recebiam para se alimentar nas dependências do restaurante do NECA. Essa paralisação foi rápida, pois em função dos repasses menores do governo federal, não havia solução.

Se não me falha a memória, a última greve dos estudantes de Agronomia em benefício do seu curso ocorreu no ano de 1988. Essa greve ocorreu em protesto ao decreto federal do presidente José Sarney que impossibilitou a contratação de oito professores aprovados em concurso. Em função disso, os estudantes, além de distribuírem uma carta aberta à população douradense, fizeram passeata pelo centro

da cidade (O PROGRESSO, 8 abr. 1988). Esse mesmo jornal, no dia 12 de abril de 1988, informou que os estudantes planejavam entrar com um mandado de segurança contra esse decreto da presidência da República.

O *Progresso*, em 21 de abril de 1988, noticiava que os estudantes e alguns professores solicitaram apoio junto ao Diretório Regional do PMDB, partido do presidente da República. Assim, conquistaram o apoio do prefeito municipal, Sr. Braz Melo, do deputado estadual, Sr. Valdenir Machado, e consequentemente do governador do estado, Sr. Marcelo Miranda. Este encaminhou solicitação de abertura de excepcionalidade ao então Ministro da Educação, Sr. Hugo Napoleão. Nessa conversa com os políticos de Mato Grosso do Sul, os estudantes ainda solicitaram que lhes fosse dada a oportunidade de estagiar na Secretaria de Agricultura e Pecuária do Estado.

Depois disso, as ações e lutas dos alunos da Agronomia em prol de seu curso diminuíram. Muitas foram suas contribuições, de modo que colaboraram para que o curso de Agronomia, durante o período em que era ligado à UFMS, chegou a se classificar como o quarto melhor curso do Brasil e esteve entre os dez melhores por muitos anos.

Os nossos estudantes, além de participarem de forma até muito radical em defesa de seus ideais, começavam a se interessar por projetos de pesquisa e de extensão como meio de complementar as aulas teóricas e, com o passar dos anos, intensificaram essas ações. Quando a UFMS iniciou as primeiras ações do programa de iniciação científica, os nossos alunos desde já participaram e seus envolvimento só aumentavam com o decorrer do tempo.

A participação de nossos estudantes em projetos de pesquisa dos professores, além de lhes proporcionar uma pequena ajuda financeira com as bolsas de estudos, permitia ampliar seu conhecimento teórico e lhes dava uma chance de enriquecer

seu o *Curriculum Lattes*. Por isso, muitos deles foram contratados, após suas formaturas, por instituições de pesquisa e de ensino superior: particulares, estaduais e federais. Além dos alunos bolsistas, havia muitos outros estudantes de Agronomia que se voluntariavam a ajudar nas pesquisas, sem nenhum ganho financeiro.

O Programa de Educação Tutorial: PET/Agronomia

Conhecendo as características dos seus estudantes, o Departamento de Ciências Agrárias (DCA), sempre preocupado com a qualidade do curso de Agronomia e tendo o governo federal lançado um programa para beneficiar os melhores alunos de várias áreas do conhecimento, dentre eles o da Agronomia, lançou o Programa de Educação Tutorial (PET) em 1996.

No PET, os estudantes que eram classificados por mérito acadêmico, tinham o compromisso de atuar, além do ensino agrônômico, em pesquisas e extensões. Para isso, os estudantes tinham apoio do professor tutor do programa, que era um orientador específico para esse grupo de estudantes, sempre escolhido dentre os docentes do DCA/FCA.

O PET/Agronomia, se não foi o primeiro programa desse gênero implantado pela UFMS, com certeza estava dentro do primeiro grupo daqueles em que o seu projeto foi encaminhado e aceito pelo MEC.

Esse programa foi desenvolvido sobre a tríade ensino, pesquisa e extensão e alguns de seus objetivos são: auxiliar os bolsistas a desenvolverem suas qualidades individuais, estimular o espírito crítico, bem como incentivar o trabalho em equipe, um pré-requisito cada vez mais importante para entrada no mercado de trabalho.

Outras atividades exercidas pelos acadêmicos são colaborações com o desenvolvimento social e político através de reflexões críticas e de ações filantrópicas, para promoverem a sua formação técnica e cidadã.

Atualmente o PET/Agronomia é composto por doze bolsistas e alguns voluntários. Para ingresso no programa, os estudantes devem ter currículo, histórico e potencial acima da média dos estudantes de Agronomia da Faculdade de Ciências Agrárias da UFGD.

Ser “petiano” é ter compromisso com a verdade, postura crítica, ética, excelência acadêmica e ser cidadão que contribua com a comunidade, a ciência, a tecnologia, a organização social e o meio ambiente.

Os nomes dos professores tutores do PET/Agronomia/FCA/UFGD, bem como as datas em que atuaram com esse encargo, podem ser observados no Quadro 21.

Quadro 21 - Professores tutores do Programa de Educação Tutorial/Agronomia/FCA e os períodos nos quais tiveram esse encargo.

Tutor	Período
Prof. Luiz Carlos Ferreira de Souza	2001-2002
Prof. Ademir Antunes de Moraes	2002
Prof. João Dimas Graciano	2003-2008
Prof. ^a Paula Pinheiro Padovesi Peixoto	2008-2014
Prof. Walber Luiz Gavassoni	2014 - até presente data

Fonte: Secretaria da Faculdade de Ciências Agrárias/UFGD.



Empresa Júnior do curso de Agronomia

“Terra Fértil Soluções Agrícolas”, essa é a denominação da Empresa Júnior do curso de Agronomia. A história da criação e da implantação dessa Empresa Júnior é muito interessante, mas parece que se repete de tempos em tempos.

Um grupo de estudantes da Agronomia, capitaneados por Rodrigo Keiti Arakava e Emanuel Sanches Martins, em 2013, pretendia ampliar seus conhecimentos e o raio de ação do engenheiro agrônomo. Naquele momento, havia novamente muitas reclamações dos alunos sobre deficiências que eles acreditavam existir no curso de Agronomia, como a falta de atividades práticas da área. Esse grupo de alunos foi convidado pela professora Livia Maria Chamma Davide, que naquele momento era coordenadora do curso, a dialogar e buscar soluções para que mudasse aquela realidade. Na conversa surgiu o termo Empresa Júnior que despertou interesse dos presentes e, ao estudar as possibilidades, encontraram uma entidade que poderia finalmente alinhar a teoria aprendida em sala de aula à prática e sanar as possíveis carências que o curso apresentava.

Para trabalhar e iniciar o processo de tornar viável essa ideia, o grupo convidou outros três acadêmicos para desenhar aquilo que se tornaria a Terra Fértil, sendo eles: Fernanda de Pádua Del Corona, Italo Marcondes Roman e Jeferson Araujo Leal. O grupo formado por cinco colegas de curso iniciou a história da Terra Fértil Soluções Agrícolas, fundada oficialmente em 28 de novembro de 2013. Esse grupo trabalhou com muita dedicação e empenho, e mais tarde atraiu mais sete colegas para os quadros da Empresa Júnior.

Já no primeiro ano a Terra Fértil conseguiu realizar seu primeiro projeto, juntamente com um conselho formado pelos professores do curso de Agronomia: Livia Maria Chamma Davide, Walber Luiz Gavassoni, Paulo Eduardo Degrande e Omar Daniel. Esses professores orientaram o primeiro trabalho, uma pesquisa com milho.

Essa mesma gestão organizou o 1º Dia de Campo que reuniu mais de 300 pessoas, além de ser a primeira Empresa Júnior presente em uma Expoagro. Também foi uma dos poucos representantes de Empresas Junior de Mato Grosso do Sul a participar das discussões para fundação da Federação de Empresas Juniores do estado do Mato Grosso do Sul (FEJEMS).

Com tudo isso e as infindáveis conversas no meio acadêmico, a Terra Fértil Soluções Agrícolas começou a tomar corpo e a se tornar influente na área das Empresas Juniores. Em 2016, a Terra Fértil Soluções Agrícolas realizou seu 2º Dia de Campo durante a safra 2016/2017, que novamente contou com a parceria de diversas empresas renomadas.

Desde então, a Empresa Júnior conquistou e impactou diversos clientes com seus serviços e, através de processos seletivos, muitos acadêmicos do curso tiveram a oportunidade de participar da empresa. Hoje, com cinco anos de existência, a Terra Fértil tem ao todo vinte acadêmicos como membros efetivos, realizando projetos na área do paisagismo, análise e condução de experimentos para empresas de produtos agrícolas, além de prestar consultoria para produtores da região, tendo o Prof. Guilherme Augusto Biscaro como supervisor.

A fundação da Empresa Júnior com toda certeza, preparou e continua preparando melhores profissionais para um mercado de trabalho competitivo. O contato prático e a vivência empresarial que a Terra Fértil possibilita, auxilia os acadêmicos a se dedicarem intensamente para a profissão.

A CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (FCA) E DA UFGD

O projeto de criação e implantação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) foi aprovado pelo Conselho do *Campus* de Dourados da UFMS, pela Resolução n. 261/03-CC/CPDO de 22/08/2003 e alterado pela Resolução n. 100-CC/CPDO de 27/05/2004. Nesse projeto estava previsto a criação da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), dentre outras.

Vale ressaltar o *campus* de Dourados consistia em toda a estrutura física do antigo CEUD, porém o Núcleo Experimental de Ciências Agrárias (NCA) estava vinculado diretamente à vice-reitoria da UFMS. A incorporação do NCA ao Projeto de Criação e Implantação da UFGD foi feita a partir de uma concessão da reitoria da UFMS.

Pois bem, o desejo de criação da UFGD é muito mais antigo do que aparentemente pode parecer ou do que alguns partidos políticos podem pretender “vender ao público”. Uma constatação que posso fazer é que desde que cheguei a Dourados para ministrar aulas para a agronomia, em 1979, a Associação dos Docentes do CEUD (ADUFMS/ Seccional Dourados) já tinha esse desejo e, mais que isso, ações já eram entabuladas. Prova disso está nos arquivos da secretaria dessa associação, pelo menos um documento, datado dessa época e que solicitava a criação e implantação dessa universidade o quanto antes. Eu me lembro disso porque era secretário da ADUFMS naquela época.

Essa reivindicação dos professores do antigo CEUD durou anos, o que pode ser visualizado na Figura 82, onde o jornal *O Progresso*, de 27 de setembro de 1984, ilustra uma matéria nesse sentido, assinada por esses docentes.



O início do processo para que a UFGD fosse criada e em seguida implantada ocorreu pela publicação da Resolução n. 56, de 7 de abril de 2003 (Quadro 22). Mais uma vez vale a pena ressaltar que foi um professor da Agronomia que, queiram aceitar ou não, deu o pontapé inicial para que a UFGD pudesse estar em plena atividade nos dias de hoje, refiro-me ao Prof. Omar Daniel, que naquele momento era o diretor do CEUD.

O Prof. Omar Daniel não prosseguiu à frente do processo de implantação da UFGD e, portanto, não assumiu cargos importantes, somente em função de configurações político-partidárias.

A partir daquele momento as coisas andaram rápido, tanto dentro do *campus* de Dourados, como na UFMS e até dentro do próprio MEC.

No interior do *campus* de Dourados a pressa na elaboração do projeto sempre foi determinada pela vontade dos professores e técnicos administrativos, que viam a oportunidade de poder contar com maior autonomia e, com isso, poder servir melhor a comunidade douradense e sul-mato-grossense como um todo além de se sentirem, sistematicamente desprivilegiados pela UFMS, que tradicionalmente destinavam a maior parte dos recursos para Campo Grande.

O apoio foi muito grande também dentro da UFMS, incluindo a sua reitoria e os conselhos superiores, uma vez que havia a ideia que “sobraria” mais recursos para a própria UFMS, além do reconhecimento de que o estado de Mato Grosso do Sul seria beneficiado. Não podemos deixar de citar a proximidade política entre o reitor da UFMS da época, Prof. Manoel Catarino Paes Però, e o diretor do *Campus* de Dourados da UFMS, Prof. Omar Daniel. Essa proximidade muito facilitou o processo de criação/implantação da UFGD, e esse fato precisa ser reconhecido.

Quadro 22 - Resolução n. 56, de 07 de abril de 2003, que designa o Grupo de Trabalho Geral, bem como os principais temas que deveriam ser discutidos para que o projeto pudesse ser elaborado.

RESOLUÇÃO N. 56, de 07 de abril de 2003

O CONSELHO DO CAMPUS DE DOURADOS, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no uso de suas atribuições legais e em reunião extraordinária realizada no dia 07/04/2003, RESOLVE:

I – Abrir o processo de discussão para a possível criação da Universidade Federal da Grande Dourados.

II – Designar os professores abaixo relacionados para comporem o Grupo de Trabalho Geral:

Prof. Omar Daniel – Presidente

Prof. Wedson Desidério Fernandes

Prof. João Eduardo de Almeida

Prof. Kiyoshi Rachi

Prof.^a Jacira Helena do Valle Pereira

III – Definir, no primeiro momento, temas para discussão nos subgrupos, como segue:

- Patrimônio
- Orçamento
- Pessoal
- Estatuto Jurídico
- Investimento emergencial
- Conjuntura atual do ensino superior
- Potencial da região de Dourados para o ensino superior.

Prof. Dr. OMAR DANIEL
Presidente do Conselho do
Campus/Dourados

Fonte: UFMS, 2003. Arquivo cedido pela FCA.



É verdade também, e isso deve ficar muito bem claro, que esse processo de implantação da UFGD teve rapidez de tramitação inclusive dentro do próprio MEC, uma vez que havia, naquele momento histórico, um alinhamento político-partidário entre as administrações do município de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul e União.

Com a oficialização da Resolução n. 56, os trabalhos andaram de forma rápida e eficiente. As principais ações que ocorreram a partir daquele momento foram para que o Projeto de Criação e Implantação da UFGD fosse realizado.

É interessante se colocar que no antigo Departamento de Ciências Agrárias (DCA), assim como em todos os outros departamentos do antigo *campus* de Dourados, as discussões sobre as possíveis vantagens da criação da UFGD estiveram em pauta.

No caso do DCA, as discussões sobre o tema ocorreram em meados de 2005. Essa reunião foi muito tensa e, depois de muitas discussões, os professores votaram se o curso de Agronomia deveria permanecer vinculado à UFMS ou se deveria fazer parte da UFGD.

Depois de horas de defesas de um lado e de outro, a votação foi equilibrada e, pela diferença de apenas um voto, prevaleceu o desejo dos professores que queriam que o curso de Agronomia não se desvinculasse da UFMS. Dessa forma, o DCA se posicionou frente aos colegas do CEUD e da Administração da UFMS. A democracia, dentro do antigo DCA, existia e era sempre honesta.

No entanto, após conversações com a administração da UFMS, essa possibilidade veio ao chão e, portanto, a partir daquele momento, o curso de Agronomia, também faria parte da UFGD. Como a implantação da UFGD já estava decidida,

tanto o Departamento de Ciências Agrárias, como o Núcleo Experimental de Ciências Agrárias também participariam de todo esse processo.

Com a criação da UFGD, o sistema de departamentos seria substituído pelo sistema de faculdades. Assim foi feito e várias faculdades foram criadas, dentre elas a nossa, a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA). É bem verdade que, com a criação das faculdades, muitos professores ficaram até bravos, pois tinham perdido a possibilidade de participar diretamente sobre as decisões delas. Isso ocorreu pelo fato de que, quando existiam os departamentos, todos os professores participavam de seu conselho diretivo, o chamado “Conselho de Departamento”.

Como as faculdades englobariam até grandes números de cursos, ficaria impossível reunir todos os professores, além das outras representações em um único local para deliberar sobre assuntos de interesse comum de cada uma dessas comunidades acadêmicas.

Toda a sistemática administrativa mudou com a criação das faculdades e uma das primeiras modificações ocorridas foi que o “Conselho da Faculdade”, que era o seu órgão máximo, não teria mais a participação de todos os professores. Esse novo conselho seria composto pelos seguintes representantes:

- a) o diretor da faculdade;
- b) o vice-diretor da faculdade;
- c) todos os coordenadores de cursos de graduação;
- d) todos os coordenadores de programas de pós-graduação;
- e) os presidentes das comissões de pesquisa de cada curso de graduação;
- f) o presidente da Comissão de Ensino da faculdade;

- g) o presidente da Comissão de Extensão da faculdade;
- h) três representantes dos técnicos administrativos;
- i) três representantes dos docentes; e
- j) três representantes dos discentes.

Com a ocorrência de mudanças, deve-se esperar por ganhos e perdas. Pelas ações desenvolvidas pela UFGD após sua implantação, acredito que os ganhos foram, até 2011, muito maiores do que as perdas. Mas deve-se deixar claro que as cobranças, junto à reitoria da UFGD, pelas necessidades anteriormente elencadas, eram constantes. A seguir, vejamos quais foram os ganhos diretos da FCA e as reformas solicitadas.

Ganhos diretos da FCA

1. Reforma dos pacábulos¹:
 - Implantação do Laboratório de Cultivo *in vitro*;
 - Implantação do Laboratório de Manejo de substratos.
2. Reformas de duas casas de sombra da Jardinocultura.
3. Reforma do prédio da administração.
4. Entrega do prédio da cantina/restaurante da FCA, logo após que o Restaurante Universitário (RU) estivesse pronto.
5. Devolução do prédio das salas de aulas para a pós-graduação, após a conclusão da biblioteca central.

¹ Criatórios de pacas.

6. Reforma do anfiteatro.
7. Reforma e adequações de todos os prédios antigos (Quadro 15).
8. Compra de uma nova área de 300 ha.
9. Construção de um prédio de dois pisos para a FCA, nele contendo:
 - 12 laboratórios;
 - 4 anfiteatros para 120 alunos;
 - 6 salas de aula para 60 alunos;
 - áreas úteis no átrio central.
10. Equipamentos entre os anos de 2006 a 2008 (quase R\$ 2 milhões e 500 mil).
11. Reforma de todo parque de máquinas, assim como compra de trator novo e implementos.
12. Projeto de implantação de novo sistema de irrigação na área 2.
13. Novas estruturas na FAECA (14 galpões para animais, dentre outras).

Reformas solicitadas

As reformas, adequação e/ou pintura dos espaços físicos antigos da FCA eram necessários uma vez que existiam prédios com 25 anos e com manutenção precária.

Infelizmente, nem todas as reformas tiveram a oportunidade de serem realizadas, embora tenham sido previamente acordadas com a administração da UFGD. Os itens previstos para reforma e adequação foram:

1. Reforma da casa de vegetação.
2. Ampliação de uma rede elétrica trifásica até a área de Jardinocultura.

3. Reforma de galpão para aulas práticas de Jardinocultura.
4. Reforma e adequação do Laboratório de Química, que seria transformado em Laboratório de Nutrição Animal — essa reforma foi realizada somente após o novo prédio da Faculdade de Ciências Exatas (FACET) ficar pronto e, portanto, o novo Laboratório de Química ser feito.
5. Reforma da sala de aula do quinto ano do curso de Agronomia, que seria transformada no embrião do Laboratório de Nutrição Animal — esta reforma se deu no processo de cessão das salas de aulas da FCA para receber a biblioteca da UFGD.
6. Reforma das instalações hidráulicas e elétricas do Laboratório de Fitopatologia, ampliação da sala de aula prática com aproveitamento de parte da área de circulação externa, adequando novas bancadas, em alvenaria, para os alunos.
7. Ampliação do banco de solos, com área aproximada de 36 m² (este é o primeiro dos três pequenos barracões).
8. Adequação do Laboratório de Microbiologia.
9. Adequação do Laboratório de Microscopia, Histologia, Bioquímica e Bromatologia.
10. Adequação do Laboratório de Processamento de Produtos Agrícolas.
11. Adequação do Laboratório de Fisiologia Vegetal, Zoologia e Parasitologia.
12. Adequação do anfiteatro da FCA, climatizando-o e adequando a parte elétrica e de transferência de dados.
13. Reforma do prédio onde se localiza a cantina/restaurante da FCA após ter sido construído o novo restaurante da UFGD. Nesse espaço será instalado o Laboratório de Pós-Colheita, herbário e sala de preparação de plantas medicinais, bem como 10m de gabinetes para professores.

14. Vedar o vazamento existente no reservatório de água (de campo) da FAECA.
15. Reforma ampla do antigo galpão de máquinas do NCA, incluindo a reforma lateral para implantação de Laboratório de Máquinas Agrícolas (primeira parte já realizada).
16. Retirada da câmara fria do Laboratório de Pós-colheita de campo (galpão grande) e sua implantação no pequeno galpão da área de Olericultura, integrando-o ao Laboratório de Campo localizado ao lado.
17. Reforma e adequação do Laboratório de Pós-colheita de Campo (galpão grande), transformando-o em Laboratório de Anatomia Vegetal.
18. Ampliação do antigo laboratório do pacábulo.
19. Reforma da sala onde será implantado o Laboratório de Anatomia Animal.

Quando da implantação da FCA, os laboratórios existentes para atender as necessidades do curso de Agronomia, assim como os professores responsáveis por cada um deles, podem ser observados no Quadro 23. No entanto, outros faltavam para atender o nosso curso e, considerando-se que outros cursos na grande área de Ciências Agrárias seriam criados e implantados em seguida, outros laboratórios foram projetados e solicitados, os quais estão elencados no Quadro 24.



Quadro 23 - Laboratórios existentes na FCA e os respectivos professores responsáveis.

Laboratórios	Prof. responsável
Fertilidade do Solo	Marlene Estevão Marchetti José Oscar Novelino
Física do Solo	Paula Pinheiro Padovese Peixoto
Tecnologia de Sementes	Antonio Dias Robaina
Zoologia e Entomologia	Honório Roberto dos Santos
Fitopatologia	Walber Luiz Gavassoni e Lílian Maria Arruda Bacchi
Tecnol. Prod. Agrop. e Bioq.	Nauzira Noriko Namiushe
Forragicultura	Beatriz Lempp
Fisiologia de Pós-Colheita	Silvana de Paula Quintão Scalon
Plantas Medicinais	Maria do Carmo Vieira
Pós-Colheita de Plan. Olerícolas	Nestor Antonio Herédia Zárte
Topografia	Yara Brito Chaim Jardim Rosa
Fitotecnia	Manoel Carlos Gonçalves
Hidráulica e Irrigação	Euclides Fedatto
Manejo de Substratos e de Solo	Edgard Jardim Rosa Junior
Cultivo “ <i>In Vitro</i> ”	Yara Brito Chaim Jardim Rosa
Geoprocessamento	Antonio Carlos Tadeu Vitorino e Omar Daniel
Biotecnologia e Ent. Apl. a Agr.	Paulo Eduardo Degrande
Geodésia e Cartografia	Antonio Dias Robaina
Morfologia Vegetal Aplicada	Maria do Carmo Vieira

Fonte: Secretaria da Faculdade de Ciências Agrárias/UFGD.

Quadro 24 - Laboratórios que seriam construídos no novo prédio da FCA e em outras áreas da FCA.

Laboratórios	Prof. responsável
Epidemiologia e Fitopatologia	Lílian Maria Arruda Bacchi
Entomologia Geral/Microscopia Biológica	Honório Roberto dos Santos
Microscopia Estereoscópica	Silvana de Paula Quintão Scalon
Informática Apl. à Agricultura	Cristiano Márcio A. de Souza
Química do Solo e Ambiente	Antonio Carlos Tadeu Vitorino
Bromatologia e Pl. Daninhas	Tarcísio de Oliveira Valente
Alta Tecnologia	José Oscar Novelino
Reprodução Animal	Andréa Maria Araújo Gabriel
Nutrição Animal	Rafael H. de Tonissi e B. de Goes
Desenho e Construções Rurais	Mario Carlos Rodrigues Ayres
Estudos para Animais Vivos	Euclides Reuter de Oliveira
Anatomia e Fisiologia Animal	Fabiana Cavichiolo
Paras. e Microb. Zootecnica	Fabio Juliano Negrão
Etologia	Professor a ser contratado para Zootecnia
Laboratórios de Prod. Animal	Professor a ser contratado para Zootecnia

Fonte: Secretaria da Faculdade de Ciências Agrárias/UFGD.

Deve-se frisar, no entanto, que os professores responsáveis por cada um dos laboratórios elencados no Quadro 24, necessariamente não o são nos dias de hoje, uma vez que houve casos de aposentadoria e falecimento ou alguma simples alteração.

Houve também ganho de recurso humano para a FCA, pois, após a criação e implantação dos novos cursos de graduação, muitos professores e técnicos adminis-



trativos foram contratados para trabalhar, especialmente nos cursos de graduação ligados à Faculdade de Ciências Agrárias.

Além das contratações ocorridas no período inicial de implantação da FCA, que vieram particularmente em função da implantação do curso de Zootecnia, a partir de 2012 foram contratados mais onze docentes e doze técnicos administrativos, já discriminados anteriormente.

Os diretores e vice-diretores da Faculdade de Ciências Agrárias que assumiram o cargo a partir da criação e implantação da UFGD, e da própria FCA, estão listados no Quadro 25. Observa-se, no entanto, que, a partir de 2007, os diretores sempre foram escolhidos por eleição entre os professores, técnicos administrativos e estudantes vinculados à Faculdade de Ciências Agrárias.

Quadro 25 - Diretores e vice-diretores da FCA após sua criação e implantação.

Direção		Período
Diretor: Vice-Diretor:	Prof. Edgard Jardim Rosa Júnior Prof. Antonio Carlos Cubas	2006-2007 (Pró-tempore)
Diretor: Vice-Diretor:	Prof. Edgard Jardim Rosa Júnior Prof. Antonio Carlos Cubas (de 2007 até 30/04/2008) Prof. Rodrigo Garófallo Garcia (após 01/05/2008 a 2001)	2007-2011
Diretor: Vice-Diretor:	Prof. Luiz Carlos Ferreira de Souza Prof. ^a Lílian Maria Arruda Bacchi	2012-2015
Diretor: Vice-Diretor:	Prof. Guilherme Augusto Biscaro Prof. Alexandre Rodrigo M. Fernandes	2015-até presente data

Fonte: Secretaria da Faculdade de Ciências Agrárias/UFGD.

Implantada a Faculdade de Ciências Agrárias, o objetivo era promover as condições básicas para que o ensino, a pesquisa e a extensão, dentro dessa área do conhecimento, fossem as melhores possíveis. Para tanto, muito trabalho e empenho tinha que ser realizado e assim foi e está sendo feito.

Após a criação e implantação da Faculdade de Ciências Agrárias, muita coisa mudou, sempre com o intuito de melhor atender os estudantes e os professores, visando-se a melhoria da qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão.

Dessa forma podem-se listar alguns fatos mais importantes já realizados, como a construção de alguns novos prédios, que podem ser observados na Figura 84a e Figura 84b e a inauguração e apresentação da Revista Científica da Faculdade de Ciências Agrárias (Figura 85).

Figura 84a - Novos prédios para salas de aulas e laboratórios construídos para a Faculdade de Ciências Agrárias.



Bloco de salas de aulas e laboratórios.

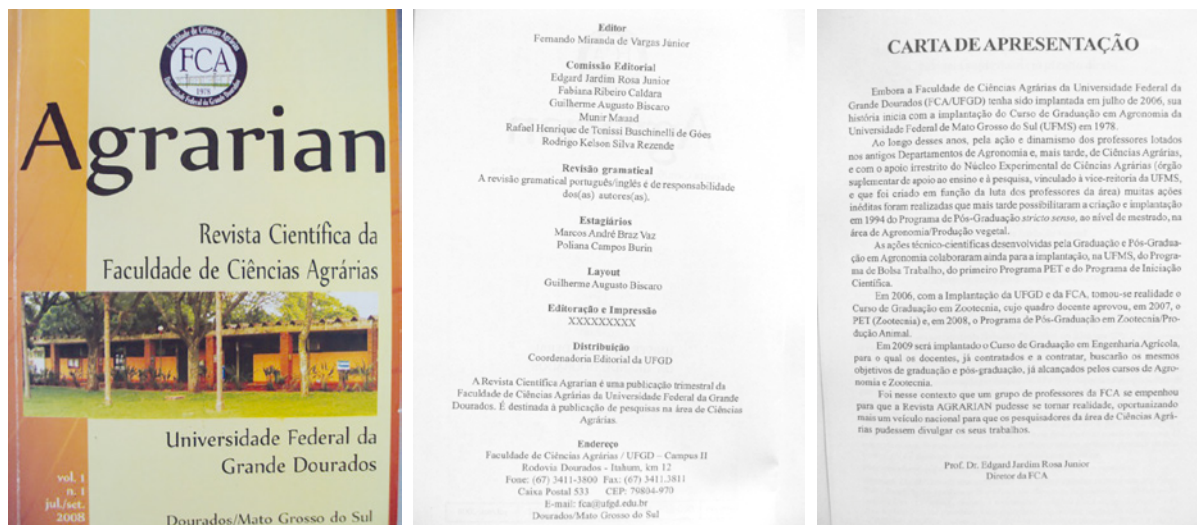


Figura 84b - Novos prédios para salas de aulas e laboratórios
construídos para a Faculdade de Ciências Agrárias.



Da esquerda para direita, de cima para baixo: Laboratório de Avicultura;
Laboratório de Mecanização Agrícola; Inauguração do Complexo de estufas e casa de vegetação;
Reforma e reinauguração do aviário grande da FCA. Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior, 2007.

Figura 85 - Lançamento da Revista AGRARIAN, sua 1ª capa, corpo editorial e sua apresentação oficial.



Fonte: Edgard Jardim Rosa Junior, 2007.

É interessante observar que no período da criação e da implantação da UFGD, o mesmo fato do início da história do curso de Agronomia se repetiu. Da mesma forma que o CPD, e mais tarde CEUD, se instalou nos primeiros prédios que foram construídos para que para Faculdade de Agronomia, a UFGD se instalou de forma plena e completa na primeira área experimental do curso de Agronomia, o antigo NECA.

Vale repetir, que além da UFGD, a sede da UEMS também foi construída nessa mesma área, outrora repleta de pesquisas e de campos demonstrativos para aulas práticas da Agronomia. A Figura 86, uma fotografia feita em 2014, indica a área das novas construções dentro dos antigos limites do NECA/NCA. No entanto, ressaltamos que no ano de 2015 outras construções já constavam nessa área. Dentre elas havia um novo prédio para docentes da FCA, também construído na direção do Prof. Edgard, o qual foi construído na parte de trás do recente prédio de gabinetes de professores da FCA. Esse novo prédio foi construído visando oferecer um local adequado, digno de trabalho, aos professores que ainda iriam ser contratados.

Figura 86 - Vista aérea da UFGD e UEMS, instaladas na primeira área experimental do curso de Agronomia.



Fonte: Arquivo da Faculdade de Ciências Agrárias - UFGD, 2013.

CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS

Depois que começamos a fazer esses relatos, muitas coisas, fatos e pessoas do passado, especialmente alguns que ocorreram durante os primeiros dez anos de existência do curso de Agronomia vieram à minha mente, mas agora eu tenho explicações que naqueles momentos nem sonhara que pudessem existir. O problema é que durante a elaboração desse material, já depois dos meus sessenta anos de idade, a memória não colabora mais como antigamente.

O interessante é que, para qualquer desses fatos que eu tenha relacionado, os seus protagonistas, em nenhum momento, se vangloriaram de terem trabalhado para que o nosso curso de Agronomia fosse implantado em Dourados.

Talvez o caso mais emblemático tenha ocorrido com o ex-deputado e ex-vereador, o Prof. Celso Müller do Amaral, em função de ele ter doado parte da área que fora destinada à Agronomia, pois sua fazenda limitava com as terras do NECA. Ocasionalmente, ele nos visitava e sempre colocava suas terras e seus bens ao nosso dispor para aulas práticas. Não sei se por causa de nossa falta de tempo ou de nosso desconhecimento sobre a origem do terreno, mas jamais tínhamos conversado sobre suas ações passadas e, de igual forma, ele nunca teve a chance de nos informar nada do que tinha realizado a nosso favor. Na verdade, sem razão, chegamos até a ficar chateados com ele em uma dada época, porque ele insistia para que as primeiras construções fossem feitas na área do NECA, particularmente na área que ele tinha doado, ao invés da área doada pela prefeitura de Dourados. Talvez esse livro possa perpetuar a imagem de seu bom coração e de todo seu empenho pela Agronomia no passado. O professor Celso foi um grande lutador e, sem dúvida nenhuma, sem suas ações o curso de Agronomia jamais teria sido implantado naquela época.

Outro fato muito interessante ocorreu na época que eu era administrador do NECA, acredito que no final de 1981, em uma viagem de Dourados a Campo Grande para tentar solicitar melhores condições a serem oferecidas às aulas práticas do curso de Agronomia, junto à administração da UFMS, o Sr. José Cerveira sentou-se ao meu lado no ônibus e de forma enfática e até empolgado, por um longo período de tempo, compartilhou fatos do passado sobre a Faculdade de Agronomia e do povo que por ela lutou, no entanto não citou o seu próprio nome como um dos que tiveram participação relevante nesse processo.

Eu não entendia como muitas das pessoas, com as quais me relacionava em Dourados naquela época, podiam ser tão boas e prestativas quando eu me apresentava como professor do curso de Agronomia. Uma dessas pessoas, que eu não posso me furtar em relembrar, era o Eng.º Agr.º Osmair Antonio Scarpari, com o qual muito me relacionei, ao ponto de nos tornarmos efetivamente amigos, especialmente quando participava da diretoria da AEAGRAN. Osmair sempre se colocava, assim como seus jornais, à disposição dos professores e estudantes da Agronomia para quaisquer publicações que precisássemos. No entanto, nunca expôs qualquer uma de suas ações, que foram muitas, inclusive sua participação na Reunião do COUN/UEMT, quando a universidade reagiu à imposição do governador Garcia Neto de que a Faculdade de Agronomia deveria ser implantada em Dourados.

Durante anos convivi, de forma relativamente próxima, dentro do CEUD, com a Prof.^a Lori Alice Gressler, pessoa com uma cultura acima da média, e grande incentivadora da pesquisa universitária, ministrava a disciplina de Iniciação Científica aos estudantes do curso de Agronomia e sempre foi uma grande incentivadora, via suas ações, quer fosse ao meio acadêmico como na sociedade civil. Apesar da nossa proximidade no trabalho universitário, foi somente depois de quase trinta anos de convivência que

eu descobri, buscando materiais históricos para escrever esse livro, a grande participação dessa professora no processo de implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados. Embora ela tenha trabalhado de forma intensa na elaboração e defesa do projeto de implantação do curso de Agronomia no antigo CPD, Lori Gressler jamais fez referências a seus esforços.

No final de 1979, fui convidado pelos engenheiros agrônomos Domingos Sávio de Sousa e Silva e Egon Krakhecke a participar da diretoria da AEAGRAN. Esse convite tinha um papel emblemático, já que eu era recém-contratado pela UEMT poderia ser um interlocutor entre a AEAGRAN e universidade. Dessa forma, os engenheiros agrônomos da região e os produtores rurais poderiam oferecer, além de estágios, empregos aos futuros recém-formados.

A ação desses dois colegas de profissão foi tão grande que, a pedido da AEAGRAN, ficou acertada por parte do governo do estado a contratação de todos os formandos da primeira turma do curso de Agronomia que desejassem trabalhar na Empresa de Pesquisa e Assistência Técnica e Extensão Rural de MS (EMPAER). Essas negociações ocorreram quando o Sr. Pedro Pedrossian, governador do recém-criado estado de Mato Grosso do Sul, esteve realizando uma visita a Dourados. E assim foi feito. Com essa ação, imagino que o ex-governador se redimiou de algumas de suas ações do passado, como por exemplo, o seu “veto” à que a Faculdade de Agronomia fosse implantada em Dourados naquele tempo.

E, por fim, não se pode deixar de enfatizar a participação do ex-prefeito José Elias Moreira que teve papel fundamental para que o curso de Agronomia fosse implantado, capitaneando, em especial nos anos de 1977 e 1978, as ações da sociedade e dos políticos de Dourados e região em prol dessa luta. Como todos os participantes desse processo de criação e implantação desse curso, as ações de José Elias tiveram sempre

atitudes de um simples agrônomo do campo, com muita humildade e determinação e com uma memória de causar inveja. Dessa forma, muito nos auxiliou nessa obra.

Se, portanto, aquelas comemorações dos trinta anos do curso de Agronomia, em 2008, tivessem ocorrido após todos esses conhecimentos, muitas outras pessoas também deveriam ter sido lembradas e, conseqüentemente, homenageadas, além daquelas que o foram. Dentre elas, estão todas as pessoas que tiveram seus nomes relacionados nesse manuscrito, por terem auxiliado na criação e na implantação da Faculdade de Agronomia em Dourados e, conseqüentemente, trabalharam ou lutaram a favor dessa causa.

Sabendo da participação de cada um desses atores importantes em todo esse processo de luta, de criação e de implantação do curso de Agronomia, hoje da UFGD, não podemos deixar de lhes dar seu devido reconhecimento. Reconhecemos que todos eles lutaram, pois naquele momento histórico, acreditavam que aquela luta era justa e porque a comunidade regional assim os solicitava. No entanto, nunca esperaram algum reconhecimento.

Por último, talvez um desabafo, não consigo entender como os antigos colegas de trabalho, durante uma convivência de quase trinta anos (antes de 2008), nunca nos contaram essa história. A qual é, na verdade, a história da origem do Centro Pedagógico de Dourados (CPD), mais tarde transformado no Centro Universitário de Dourados (CEUD) e depois no *campus* da UFMS em Dourados. Assim, podemos afirmar que a história do curso de Agronomia, hoje da UFGD, é na verdade “a história inicial da própria UFGD”, pois, como alguns escritores já relacionados anteriormente declararam: “É o curso de Agronomia, o embrião da UFGD”. E após ter lido os materiais históricos que tive oportunidade, especialmente os jornais de Dourados e região, e de ter ouvido aquelas pessoas que entrevistei, concluo que o curso de Agronomia efetivamente foi o embrião da Universidade Federal da Grande Dourados.

REFERÊNCIAS

AMARAL, I. M. B. **Entre ruptura e permanências**: a Igreja Católica na região de Dourados (1943 – 1971). 2005. 122 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2005.

BARROS JUNIOR, I. de. Eleger um prefeito é importante? **Dourados Agora**, Dourados, 2012. Disponível em: <<https://www.douradosagora.com.br/noticias/opinioao/eleger-um-prefeito-e-importante-isaac-duarte-de-barros-junior>>. Acesso em: 2 out. 2012.

BIAZOTTO, W. V. Letras UFGD: 40 anos. **Prof. Wilson Valentim Biasotto**. Dourados, 23 nov. 2011. Disponível em: <<http://biasotto.com.br/texto/1050/letras-ufgd:-40-anos>>. Acesso em: dez. 2011.

_____. **Agronomia**: o ideal para o aluno? Texto publicado no Jornal de Notícias, de 10 de maio de 1978. Disponível em: <<http://biasotto.com.br/?mod=texto&cod=627&t=Agronomia:-Ideal-para-o-aluno?>>. Acesso em: dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. **Portaria n. 449/1983, de 21 de novembro de 1983**. Concede reconhecimento ao curso de Agronomia, ministrado no Centro Universitário de Dourados, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Brasília, DF, 1983. Datilografado. Arquivo cedido pela FCA.

_____. Decreto Federal n. 67.484, de 04 de novembro de 1970. Autoriza o funcionamento da Universidade Estadual de Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso. **Diário Oficial da União**, Brasília, 4 nov. 1970. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

CENTRO ACADÊMICO DE AGRONOMIA DE DOURADOS – CAAD. **Ofício 04/01 ao Departamento de Agronomia**. Dourados, 15 set. 1981. Datilografado.

_____. **Ofício ao Excelentíssimo Senhor Doutor Harry Amorim da Costa, digníssimo governador do estado de Mato Grosso do Sul**. Dourados, 1978. Datilografado.

CORREIO DO ESTADO. **Agronomia de Dourados só será aprovada após liberação de recursos**. Campo Grande, 13 dez. 1977.

_____. **Conselho Universitário reúne-se para debater Agronomia em Dourados e violação dos Regimentos**. Campo Grande, 10-11 dez. 1977.

_____. UEMT já reage. Campo Grande, 9 dez. 1977.

_____. Conselho Universitário reúne-se para debate em Dourados e violação dos Regimentos. Campo Grande, 5 dez. 1977.

_____. UEMT: secretário chega e já convoca conselhos. Campo Grande, 30 nov. 1977.

_____. Garcia ameaça demitir conselhos da UEMT se não aprovarem Agronomia. Campo Grande, 29 nov. 1977a.

_____. Garcia ameaça demitir conselhos da UEMT. Campo Grande, 29 nov. 1977b.

_____. Garcia interfere e provoca crise em Universidade. Campo Grande, 27 nov. 1977.

_____. Agronomia para Dourados agora recebe apoio do Ministro da Agricultura. Campo Grande, 28 jun. 1977.

DIÁRIO DA SERRA. Ministério da Agricultura apoia curso de Agronomia para Dourados. Campo Grande, 8 jul. 1977.

_____. Entrevista com o ex-prefeito de Dourados, Sr. José Elias Moreira. Campo Grande, 30 jun. 1977.

_____. Dourados: Vereador Sultan Rassalan, de Dourados, reclama do tratamento dado à Faculdade de Agronomia. 17 jun. 1977.

_____. Dourados: Campanha Pró-Faculdade de Agronomia ganha corpo. Campo Grande, 16 jun. 1977.

_____. Faculdade de Agronomia em Dourados – Se não houver maiores obstáculos, primeiro vestibular em 1978. Campo Grande, 30 maio 1977.

_____. Reitor da UEMT e secretário da educação afirmam: “Faculdade de Agronomia será instalada em Campo Grande”. Campo Grande, 28 maio 1977.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Acadêmicos lutam pela Faculdade de Agronomia. Cuiabá, 15 jun. 1977.

_____. Prefeito visitou 28 municípios. Cuiabá, 09 jun. 1977.

_____. Agronomia: Faculdade será mesmo em Campo Grande? Cuiabá, 31 maio 1977.

FERREIRA, J. T. M. A ferrovia e os distritos de Itahum e Picadinha. **Campo Grande News**, Campo Grande, 17 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/artigos/a-ferrovia-e-os-distritos-de-itahum-e-picadinha>>. Acesso em: 5 out. 2011.

FOLHA DE DOURADOS. Conselho Universitário confirma os [...] e reconhece curso de Agronomia. Dourados, 13 dez. 1977.

_____. **Agronomia**: Vestibular será. Dourados, 29 nov. 1977.

_____. Não existe um local mais adequado para a instalação da Faculdade de Agronomia, que Dourados: Paulo Saldanha. Dourados, 25 maio 1977.

_____. **Faculdade de Agronomia, uma realidade**: pelo decreto Legislativo foi criada a F. A. em nossa cidade. Dourados, 13 jul. 1968.

_____. **Faculdade de Agronomia em Dourados**: Idealismo e dedicação do prof. Celso Amaral. Dourados, 29 jun. 1968.

FOLHA DE LONDRINA. Governador e reitor se desentendem por causa da Faculdade de Agronomia. Londrina, 13 dez. 1977.

_____. Dourados protesta pela não implantação da Faculdade de Agronomia. Londrina, 8 dez. 1977.

_____. Dourados continua lutando pelo seu curso de Agronomia. Londrina, 7 jun. 1977.

_____. Na defesa da Faculdade de Agronomia, vereador chega a perder sua dentadura. Londrina, 14 maio 1977.

GRESSLER, L. A. **Curso de Agronomia em Dourados/MS: contexto histórico**. 2012. 56 p.

_____.; SWENSSON, L. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul**. Dourados. 1988. 163p.

_____.; VASCONCELOS, L. M. **Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos**. Dourados, 209p. 2005.

HISTÓRIA de Dourados. **Ache tudo e região**, [S.l.], 2000. Disponível em: <www.achetudoregiao.com.br/ms/dourados/historia.htm>. Acesso em: jun. 2013.



JORNAL DO COMERCIO. **PP promete**: Agronomia funcionará em 69. Campo Grande, 19 jul. 1968.

LISBOA FILHO, J.; IOCHPE, C.; BORGES, K. **Reutilização de esquemas de bancos de dados em aplicações de gestão urbana**. IP – Informática. Belo Horizonte, v.4, n.1, p.105-119, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.ip.pbh.gov.br/ip0401.html>>. Acesso em: set. 2012.

MAQPARTES COMÉRCIO E SERVIÇOS LTDA. **Catálogo digital de produtos**: mimeógrafo Facit 1908. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.nado.com.br/catalogo_mimeografo.htm>. Acesso em: 9 set. 2018.

MATO GROSSO. Lei n. 2.851, de 30 de setembro de 1968. Cria a Faculdade de Agronomia de Dourados. **Diário Oficial do Estado do Mato Grosso**, Cuiabá, 7 out. 1968a. Documentos cedidos pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

_____. Lei n. 2.843, de 28 de setembro de 1968. Autoriza o Poder Executivo a alienar as ações da PETROBRAS, de propriedade do estado de Mato Grosso, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Mato Grosso**, Cuiabá, 1º out. 1968b. Documentos cedidos pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

_____. Lei n. 2.947, de 16 de setembro de 1969. Autoriza o Poder Executivo a criar a Universidade de Mato Grosso. **Diário Oficial do Estado do Mato Grosso**, Cuiabá, 16 set. 1969. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

_____. Decreto n. 1.032, de 12 de agosto de 1977. Dispõe sobre a implantação do curso de Agronomia na cidade de Dourados. **O Progresso**, Dourados, 13-14 ago. 1977. Arquivo cedido pela FCA/UFGD.

_____. Decreto n. 1.072, de 31 de janeiro de 1970. Institui a Universidade Estadual de Mato Grosso, com sede na cidade de Campo Grande, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Mato Grosso**, Cuiabá, 31 jan. 1970a. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

_____. Lei n. 2.972, de 02 de janeiro de 1970. Dispõe sobre a reestruturação e diretrizes do Ensino Superior do Estado de Mato Grosso. **Diário Oficial do Estado do Mato Grosso**, Cuiabá, 15 jun. 1970b. Documento cedido pelo Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

MAYMONE, H. **Da Farmácia e Odontologia à Universidade**: memórias. Campo Grande: UFMS, 1989.

MELO, A. B. **Prodegran**. Disponível em: <<http://estoriasededourados.blogspot.com.br/2009/02/o-prodegran.html>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MENEZES, A. P. Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND): o trabalho dos migrantes e a intensificação da agricultura no antigo sul de Mato Grosso. In: IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ECONÔMICA & IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <<http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Ana%20Paula%20Menezes.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MOREIRA, R. H. T. *Memória fotográfica de Dourados*. Campo Grande: UFMS, 1990. 176 p.

O PANORAMA. *Eleições na Agronomia*. Dourados, 5 maio 1986.

_____. *Agronomia se manifesta sobre Universidade Estadual em Dourados*. Dourados, 27 set. 1984.

_____. *Agronomia volta às aulas reivindicando*. Dourados, 25 ago. 1984.

_____. *Docentes aprovam paralisação do curso de Agronomia*. Dourados, 23 ago. 1984.

_____. *Alunos de Agronomia paralisam aulas hoje e amanhã*. Dourados, 22 ago. 1984.

_____. *Vendaval destelha prédios da Faculdade de Agronomia*. Dourados, 11 nov. 1983.

_____. *Lista dos alunos aprovados para a Faculdade de Agronomia*. Dourados, 29 jan. 1983.

_____. *Fim da greve dos alunos de Agronomia*. Dourados, 25 jun. 1982.

_____. *UFMS faz “demagogia” com a Agronomia*. Dourados, 13 maio 1982.

_____. *Na Agronomia, prossegue a greve*. Dourados, 21 set. 1980.

_____. *Acadêmicos de Agronomia atuam nas escolas municipais*. Dourados, 19 set. 1980.

_____. *Agronomia: impasse pode ser solucionado hoje*. Dourados, 16 set. 1980.

_____. *Greve paralisa curso de Agronomia*. Dourados, 9 set. 1980.

O PROGRESSO. *Agronomia: alunos pedem apoio*. Dourados, 21 abr. 1988.

_____. *Greve dos alunos ainda prossegue*. Dourados, 12 abr. 1988.

_____. *Greve continua na Agronomia*. Dourados, 8 abr. 1988.

- _____. Agronomia paralisa atividades amanhã. Dourados, 24 set. 1987.
- _____. UFMS recebe recursos de CZ\$ 39 milhões. Dourados, 1º maio 1987.
- _____. Semana Agrônômica no NECA. Dourados, 14 out. 1986.
- _____. Agronomia para hoje. Dourados, 14 out. 1986.
- _____. Alunos de Agronomia pressionam o reitor. Dourados, 10 jun. 1986.
- _____. Um dia paralisação dos acadêmicos de Agronomia. Dourados, 14 maio 1986.
- _____. Alunos do CEUD reclamam de novo de precariedades. Dourados, 11 abr. 1986.
- _____. Agronomiades reunirá 300 participantes. Dourados, 22-23 mar. 1986.
- _____. Reitor é contra o ensino pago na FUFMS. Dourados, 12 nov. 1985.
- _____. Boicote às mensalidades do CEUD. Dourados, 26-27 out. 1985.
- _____. Estudantes de Agronomia em passeata. Dourados, 28 maio 1985.
- _____. Acadêmicos reivindicam. Reitor vai a Brasília. Dourados, 4-5 maio 1985.
- _____. Acadêmicos de Agronomia paralisam atividades e reivindicam na capital. Dourados, 22 ago. 1984.
- _____. Estudantes de Agronomia apontam falhas no NECA. Dourados, 5 maio 1984.
- _____. Plantio Direto: “Uma prática natural de comprovada eficiência”. Dourados, 19 jan. 1984.
- _____. Vestibular 1984: número de inscritos é o menor do que no ano anterior, mas a briga por uma vaga é apertada. Dourados, 10 jan. 1984.
- _____. Vinte estudantes não se formam na Agronomia. Dourados, 15-16 out. 1983.
- _____. Curso de Agronomia é reconhecido pelo MEC. Dourados, 8-9 out. 1983.
- _____. Curso de controle biológico de pragas para agrônomos e estudantes. Dourados, 4 out. 1983.

- _____. Acadêmicos da Agronomia promovem filme para angariar recursos para formatura. Dourados, 14 set. 1983.
- _____. Universidade Federal convoca novos aprovados no vestibular 83. Dourados, 12-13 fev. 1983.
- _____. Na expansão da Universidade Federal, Dourados ganha Núcleo de Agronomia. Dourados, 13-14 nov. 1982.
- _____. Lions Clube apoia a luta dos estudantes de Agronomia. Dourados, 23 jun. 1982.
- _____. Greve no CEUD: estudantes apresentaram reivindicações à Comissão Municipal da Câmara Municipal. Dourados, 18 jun. 1982.
- _____. AEAGRAN posiciona-se nos acontecimentos verificados no curso de Agronomia. Dourados, 16 jun. 1982.
- _____. Sobre a greve. Dourados, 12-13 jun. 1982.
- _____. Estudantes de Agronomia novamente em greve. Dourados, 10 jun. 1982.
- _____. Celso Amaral reivindica ônibus para a Faculdade de Agronomia. Dourados, 10 mar. 1982.
- _____. 700 mil da SUDECO para Agronomia. Dourados, 8 jan. 1982.
- _____. No contato com produtores, várias reivindicações. Dourados, 2 out. 1981.
- _____. Curso de Agronomia de Dourados ganha novos recursos. Dourados, 15-16 ago. 1981.
- _____. Terminam hoje as provas do vestibular. Dourados, 7 jan. 1981.
- _____. Estudantes de agronomia farão uma viagem de estudos à Granja Jeroá... Dourados, 16 out. 1980.
- _____. Alunos do Curso de Agronomia vão visitar amanhã a Granja Jeroá. Dourados, 10 out. 1980.
- _____. Alunos da Faculdade de Agronomia devem voltas às aulas ainda hoje. Dourados, 25 set. 1980.
- _____. Horticultura: a participação do estudante. Dourados, 24 set. 1980.

_____. Estudantes de Agronomia batem o pé e prometem não voltar tão cedo às aulas. Dourados, 18 set. 1980.

_____. Greve nacional terminou, mas Agronomia continua – AEAGRAN manifesta-se contrária. Dourados, 17 set. 1980.

_____. Estudantes de Agronomia do CEUD estão em Greve: diretor do DAG deverá ser substituído. Dourados, 9 set. 1980.

_____. Alunos de Agronomia paralisam aulas hoje. Dourados, 14 maio 1980.

_____. Estado construirá Casa do Estudante em Dourados. Dourados, 19-20 jan. 1980.

_____. Criação da Casa do Estudante de Agronomia. Dourados, 16 jan. 1980.

_____. Hoje a ultima prova do vestibular de Agronomia. Dourados, 9 jan. 1980.

_____. Alunos de Agronomia farão pesquisas no morro do desenho em Aquidauana. Dourados, 30 maio 1979.

_____. Dourados poderá perder o curso de Agronomia. Dourados, 21 mar. 1979a.

_____. Universidade pode aproveitar reivindicações para fechar o Curso de Agronomia. Dourados, 21 mar. 1979b.

_____. Agronomia: calouros recebidos alegremente. Dourados, 6 mar. 1979.

_____. Professores do CEUD não dão aulas até que suas reivindicações sejam atendidas. Dourados, 10-11 fev. 1979.

_____. Solucionado o problema do terreno para a Faculdade de Agronomia. Dourados, 23 nov. 1978.

_____. Um grupo trama contra a Faculdade de Agronomia. Dourados, 15 nov. 1978.

_____. A doação do terreno para a Faculdade de Agronomia. Dourados, 14 out. 1978.

_____. Bolsas de estudos para alunos de agronomia. Dourados, 19 set. 1978.

_____. Alunos da Agronomia falaram com Reitor. Dourados, 15 ago. 1978.

- _____. Agronomia já tem 210 inscritos. Dourados, 20 jan. 1978.
- _____. Agronomia já tem candidatos ao vestibular. Dourados, 11 jan. 1978.
- _____. Concurso vestibular para Agronomia: Edital de convocação para as provas. Dourados, 8 jan. 1978.
- _____. Governador, secretário da educação e reitor marcam a data de vestibular sábado em Dourados. Dourados, 17 dez. 1977.
- _____. Garcia Neto garante: “Faculdade de Agronomia funciona em 78”. Dourados, 15 dez. 1977.
- _____. Faculdade de Agronomia: Edital não será anulado. Dourados, 10-11 dez. 1977.
- _____. Agronomia: Vestibular marcado para 10 a 28/02. Dourados, 8 dez. 1977.
- _____. Reitor fala sexta-feira “o que pensa” da Faculdade de Agronomia. Dourados, 6 dez. 1977.
- _____. Governador dá ultimato ao Reitor: “Agronomia tem que funcionar em 78”. Dourados, 1 dez. 1977.
- _____. Governador dá ultimato ao Reitor: “Agronomia tem que funcionar 78”. Dourados, 29 nov. 1977.
- _____. “Campus” da Faculdade de Agronomia será na “Fazenda Coqueiro”. Dourados, 24 nov. 1977.
- _____. Solucionado o problema do terreno para a Faculdade de Agronomia. Dourados, 23 nov. 1977.
- _____. “Agronomia em 78, uma realidade”, afirma Garcia Neto à Comissão da Maçonaria. Dourados, 12 nov. 1977.
- _____. Governador Garcia Neto recebeu diretor do CPD. Dourados, 6 out. 1977.
- _____. Na colação de grau dos alunos do CPD, governador anuncia implantação da Faculdade de Agronomia. Dourados, 13-14 ago. 1977.
- _____. Uma batalha que ainda não vencemos. Dourados, 27 jul. 1977.
- _____. Prefeito José Elias Moreira recebido por Alyssom Paulinelli. Dourados, 8 jul. 1977.

- _____. **Prefeito José Elias hoje com Rangel Reis.** Dourados, 6 jul. 1977.
- _____. **Prefeito em Brasília.** Dourados, 28 jun. 1977.
- _____. **Não permitam escapular de nossas mãos...** Dourados, 27 jun. 1977.
- _____. **Associação Comercial reivindica Faculdade de Agronomia e Distrito Industrial ao Governo do Estado.** Dourados, 22 jun. 1977.
- _____. **Representante da SUDECO diz que Dourados ganhará sua Faculdade de Agronomia.** Dourados, 21 jun. 1977.
- _____. **Diretório acadêmico V de Abril solicita Faculdade de Agronomia em Dourados.** Dourados, 20 jun. 1977a.
- _____. **Engenheiros Agrônomos de Dourados levaram manifesto a Garcia Neto.** Dourados, 20 jun. 1977b.
- _____. **Bento Porto garante: divisão não muda planos do governo no sul do estado.** Dourados, 20 jun. 1977c.
- _____. **Dourados insiste na Faculdade de Agronomia.** Dourados, 14 jun. 1977.
- _____. **Prefeito recebe técnicos do grupo especial do PRODEGRAN.** Dourados, 11 jun. 1977.
- _____. **“Sou Advogado da Faculdade de Agronomia em Dourados”.** Dourados, 7 jun. 1977.
- _____. **Saldanha contesta entrevista do Secretário de Educação.** Dourados, 3 jun. 1977.
- _____. **Vereadores continuam brigando pela Faculdade de Agronomia.** Dourados, 2 jun. 1977.
- _____. **Faculdade de Agronomia.** Dourados, 31 maio 1977.
- _____. **Paulo Saldanha defende Faculdade de Agronomia de Dourados.** Dourados, 31 maio 1977.
- _____. **Campo Grande acha inviável Faculdade de Agronomia em Dourados.** Dourados, 26 maio 1977.
- _____. **Paulo Saldanha defende Faculdade de Agronomia de Dourados.** Dourados, 23 maio 1977.
- _____. **Prefeito fala sobre a Faculdade de Agronomia.** Dourados, 21 maio 1977.

_____. **Diretório Acadêmico “27 de outubro” entra na luta da faculdade de Agronomia.** Dourados, 14 maio 1977.

_____. **ASSULMAT: a participação de Paulo Saldanha.** Dourados, 31 mar. 1977.

_____. **Curso de Agronomia de Dourados, uma necessidade que se impõe.** Dourados, 13 de nov. 1975.

_____. **Curso Técnico de Agricultura (Agro-Técnico).** Dourados, 14 jul. 1971.

_____. **Deputados do norte apoiam campanha do dep. Paulo Saldanha.** Dourados, 16 maio 1970.

_____. **Faculdade de Agronomia para Dourados em funcionamento em 1968.** Dourados, 20 set. 1967.

_____. **Escola Superior de Agronomia.** Dourados, 08 abr. 1967.

_____. **Escola de Agronomia e Veterinária para Dourados.** Dourados, 17 out. 1964.

_____. **Deputados douradenses prometem apoio às reivindicações de estudantes.** Dourados, 16 set. 1964.

_____. **Escola de Agronomia “Madame Jackeline Kennedy”.** Dourados, 14 jun. 1964.

_____. **Empolga Dourados a grande safra de algodão: a falta de combate às pragas impediu que a produção atingisse cifras ainda maiores.** Dourados, 10 jun. 1951.

PAN RURAL. Estudantes de Agronomia volta às aulas. Dourados, 28 set. 1980.

QUEIROZ, P. R. C. Articulações econômicas e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX). In: LAMOSO, Lisandra Pereira (Org.). **Transportes e políticas públicas em Mato Grosso do Sul.** Dourados: UFGD, 2008.

REDE DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE GOIÁS. **Episcopio.** 19 jun. 2012. 1 fotografia. Disponível em: <<https://acervo.fe.ufgd.br/index.php/episcopio-acervo-instituto-samuel-grahan-isg-jatai-go>>. Acesso em: 9 set. 2018.

ROSA, J. P. da. **As duas histórias da Universidade: 1966-1978.** Campo Grande: UFMS, 1993.

SILVA, J. M. **Fronteiras Guaranis.** 2 ed. Campo Grande: IHGMS, 2003.

SILVA, V. Murro na mesa decide instalação da Agronomia em Dourados. **Contraponto MS**, Dourados, 25 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.contrapontoms.com.br/das-antigas/murro-na-mesa-decide-instalacao-da-agronomia-em-dourados>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

_____. Governador cabra macho, presidente fanfarrão. **Contraponto MS**, Dourados, 6 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.contrapontoms.com.br/artigos/governador-cabra-macho-presidente-fanfarrao-68381d258549d2eea682417e3429afa6>>. Acesso em: 7 maio 2012.

SMANIOTTO, C. R. Programa Kaiowá Guarani. Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI), Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande. 2007. In: BASTA, L.; BERNARDELLI, M. L. F. H. Glória de Dourados - MS: elaboração cartográfica aplicada à realidade do pequeno município. **Revista Geográfica de América Central**, v. II, p. 3. 2011. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Nuevastecnologias/Cartografiatematica/20.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

STEIN, N. R. M. **Universidade Estadual de Mato Grosso 1969-1979**. 18p. 2004a.

_____. **Universidade e política: o caso da Universidade Estadual de Mato Grosso (1962-1979)**. Tese de Doutorado, PUC, São Paulo, 2004b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD. **Projeto de criação e implantação**. Dourados, 27 maio 2004. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/universidade-federal-da-grande-dourados-ufgd>>. Acesso em: 11 set. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS. Conselho do *Campus* de Dourados. **Resolução n. 56, de 07 de abril de 2003**. Dourados, 2003. Arquivo cedido pela FCA.

_____. Centro Universitário de Dourados. **Ata de instalação do Departamento de Agronomia**. Dourados, 6 jul. 1979.

APÊNDICE – Os formandos do curso de Agronomia da UEMT/UFMS/UFGD.

1981 - PRIMEIRA TURMA	
Carlos Eduardo Marques	José Nilso Laitarte da Silva
Cássia Regina Ide	Liliane Aico Kobayashi
Edsom Jordão Figueirinha	Luiz Antão Sgarbi
Inez Aparecida de Oliveira	Luiz Carlos Gondin Brandão
Ivete Arakaki	Luiz Fernando Baggio Néia
Jorge Teruhiro Sumida	Sonia Beatriz Bissacoti
José Alves Vieira	Valdeir Ferreira Leonel
José Domingos Baldasso	
1982	
Antonio Eduardo da Silva	José Gonçalves Filho
Carlos Alberto Menegati	José Roberto Maroto
Carlos Alberto Portela	Lane Almeida Xavier
Cristino Antonio Martins	Luiz Albeerto Staut
Daniel Pires Passos	Luiz Carlos Bonelli
Élbio Insaurralde	Maria Estela Siviero
Gilmar de Matos Marques	Nidia C. E. Kobayashi
Gomercindo C. G. Rodrigues	Paulo Iwao Kubota
Hari Frank	Paulo Roberto Migotto



1982	
Irineu Anselmo Urban	Solange Maria Radaeli
Jairo H. de Almeida Lara	Wilimar Huck
João Duarte Nogueira	
1983	
Adair de Oliveira	Gunther Hepp
Adelar Ferreira Almeida	Joao Gilberto Marques Caldeira
Ademir Santini	Leda de Almeida Xavier
Airton Cittolin	Luis Antonio Serrou da Silva
Antonio Carlos da Silva Lima	Luiz Carlos Bonelli
Carlos de Almeida Portela	Maria Cristina Desiderato Vieira
Carlos Jose Amaral Damore	Marilda Fonseca de Quevedo
Edecio Burgues de A. Junior	Marta Tenorio Barros Correa
Edith Lopes de Alencar	Orlando Edmundo O. Henriquez
Elaine Eva de Oliveira Munarin	Ronaldo Costa
Elio Luiz Perin	Salatiel Souza da Silva
Fatima Elisabete Luiz	Tercio Queiroz de Souza
1984	
Ademir Ruella	Jose Luis Pereira Buturi
Antonio Alves Vieira	Jose Luiz Pereira Buturi

1984	
Antonio Lino Barbosa Neto	Marco Antonio Amaral Braga
Aparecido Pereira da Silva	Mauricio Rodrigues Peralta
Carlos Guilherme Green	Roberto Antonio G. Jacques
Cristina Mayumi Ide	Rogério Kapteinat
Edimilson Volpe	Rosa Elena Staut
Edson Luiz de David	Rui Jackson Zanetti
Eduardo da Silva Ramalho	Sebastiao Ramao de Freitas
Evaldo Rodrigues Higa	Valter Martins Pessoa
Joel Tomaz de Assis	
1985	
Achiles Penayo de Campos	Ivolim Monteiro de Carvalho
Ademar Terumassa Matsuda	Izabel Cristina Baldasso
Alessandro Carlo Angeli	Joao Alberto Stefanello da Silva
Alfredo Carlos Lopez Barbero	Joao Bosco Sarubbi Mariano
Angela do Carmo Silva de Souza	Joao Carlos Krug
Antonio Carlos Gimenes Bertipaglia	Joao Oswaldo Barcellos da Silva
Arleneo Machado de Freitas	Jose Benjamim Duran
Ben Hur Queiroz de Souza	Lenise Bernadete Raffel
Carlos Alberto Viviani	Marcelo Ramos de Almeida
Clair Adolfina Dieterich Cavalcante	Marcio Mouzar de Miranda



1985	
Darcy Ribeiro de Campos Lazzarotto	Orlando Carlos Martins
Denise Soares de Souza	Paulo Germano Ayres Ribeiro
Denise Soares de Souza Richter	Renato Jose da Silva
Edson Pereira Borges	Rene Jacques
Ernandes Ferreira Flavio	Severino Surek
Evaldo Vildemar Karkle	Tercio Jacques Fehlaue
Fabio Garcia Borges	Valdenise Carbonari Barboza
Helio Takao Goto	Virginia Takayassu
Ione Rocha Cardoso	Waldemar Carrilho O. Lima
1986	
Abraham Malulei Neto	Marcos Aurelio Farinazzo
Antonio Correa de Oliveira Filho	Marcos Rogerio Pagani
Arcelei Lopes Bambil	Maria das Dores Zocal
Clair Adolfini Dieterich	Maria das Dores Zocal Krug
David Lourenco	Mauro Koiti Shioji
Eduardo Rojo Flores	Milton Ferreira dos Santos
Elvis Gutierrez Ribeiro	Newton Yomei Fujii
Enio Rieli Toniasso	Nilson Roberto Teixeira
Fernando Cesario C. Rodrigues	Oswaldo de Oliveira Franco
Gilberto Bortolin	Oswaldo de Souza Carbonari

1986	
Ibrahim Youssef	Paulo Alberto Konrath
Ivo Flavio Santos Sabala	Paulo Guilherme F. Cabral
Jair Furlan Junior	Paulo Peitl
Joao Bosco Araujo Teixeira	Robson Luis de Moraes
Joao Carlos Lima Bortolin	Rozilene Bertipaglia Gimenes
Jorge Shuichi Abe	Sergio de Matos Lopes
Jose Carlos Biscola Tavares	Valdeci de Souza Dias
Leonor Cristina de Oliveira	Valdenise Carbonari
Manoel Avelino de C. Oliveira	Valteci Ribeiro de Castro Junior
Marcio Chaves da Silva	Verane Silva de Souza
Marcio Luiz Giurizzato	Wilson Geraldo Pereira Junior
1987	
Alvaro Luiz Athayde Ortega	Gisele Garcia de Sousa
Angelo Cesar Ajala Ximenes	Irene Naoko Hoshino
Antonio Heiji Kusano	Jose Egidio Peccini
Ayala Cesar dos Santos Pires	Leocadia Ribeiro E Silva
Constancio R. dos Santos	Luciano Ros Carpanez
Dirce Silva de Campos	Maria Izabel Kruger
Dirson Artur Freitag	Orlando Barbosa Cintra
Edmundo Tiburcio Oliveira Lopez	Paulo de Almeida



1987	
Edno Martins Vicentini	Roberto Hissao Arakaki
Fernando de C. Bittencourt	Roberto Yuiti Kaneko
Flavio de Oliveira Ferreira	Sergio Massuda Junior
Flavio Takemassa Suzuki	
1989	
Alvaro Fontoura Silva Junior	Marise Ayumi Iguma Fujii
Augusto Nogueira Guerra	Nelson Vicente de Almeida Filho
Jose Pedro Grattao	Nilo Sergio Nogueira
Jose Raul das Neves Junior	Ramona Jorginia T. de Araujo
Marisa Reiko Siotane	
1990	
Adalberto F. Greco Martins	Julio Yamashita Imagava
Aginaldo Albert Afif	Luciano Marcatto Bassan
Ana Cristina Araujo Ajalla	Marcelo da Costa Nogueira
Carlos Augusto Higa	Marcos Andre Menegati
Carlos Tamotu Yasunaka	Mauro Montiel de Carvalho
Carlos Tsutomu Ito	Milco Braucks
Glauber Silveira da Silva	Omar Akira Kai
Helio Lopes da Silva	Romulo Fujito Kobori

1990	
Ivan Mello Guerra	Roseli Gomes Muniz
Jairo Massatoshi Kuwana	Sebastiao Lucio da Silva Lemes
Joao Bosco Rocha Guimaraes	Vivian Carolina Acha Azero
Joceneide Farias Chaves	Wolmar Vieira de Aguiar
Jose Afonso de Oliveira	Yara Regina Machado Bueno
Jose Artemio Staudt	
1991	
Armando Cesar Pinheiro Lima	Luiz Carlos de Matos
Augusto Zanella	Marcelo Bitencourt do Amaral
Dilermando Primo do A. Junior	Marco Aurelio Carneiro
Domingos Marcato	Mario Onishi Shirakawa
Edson Grava Pimenta dos Reis	Nilton Dezotti Junior
Edson Hiydu Mizobutsi	Olyntho Correa Borges Neto
Eduardo Gasparim	Orivaldo Cristianini
Elda Grava Pimenta dos Reis	Paulo Antonio Araujo Dorsa
Elimar Goncalves Silveira	Paulo Cesar Kanashiro
Gerson Roberto Doreto	Pedro Haluyoshi Sumida
Gisele Polete	Robson Levy Espindola Dias
Helvio Rech	Rogério Romanini



1991	
Humberto Cesar Saad Lorensini	Rubem Cesar Staudt
Ivo Adao Karasek	Sandro Henrique Polloni
Jean Aguinaldo Karkle	Valdemar Perez Junior
Jose Humberto Barros	Valeria Cristina Palmeira Zago
Laercio Arruda	Valter Bende Rodrigues
Lidio Guerra Sobrinho	Zenil de Souza
1992	
Ana Claudia Tomaz da Silva	Leopoldo Chiapetti Neto
Behrooz Tolooi	Luis Otavio Britto Fernandes
Carla Batistoti	Marcelo Marques Caldeira
Deusly Farias Chaves	Marcos Gino Fernandes
Edson Domingos da Rocha	Maria Cleonice dos Santos
Edson Rodrigues	Maria Lissa Tomonaga
Erico Hiromi Shirota	Marisa Yuriko Nishimura
Fernando Rios Leme	Norma Gorett Araujo Jimenes
Giancarlo Luiz Vicente Guidoni	Osmair Alves Nogueira
Ivan Barbosa Lopes	Ricardo Daidou Abe
Jose Eduardo Alves Mendes	Sandra Christina Gressler
Julio Cesar Raposo de Almeida	Sergio Queiroz de Souza

1993	
Admir Vitorio Guidini	Kelcilene Azambuja Martinez
Alexandre Zamboni	Leonir Laerte Pedrini
Anamari Viegas de A. Motomiya	Lucia Keiko Ogima
Antonio Alves da Cruz	Luciene Sueko Yoza
Antonio Eugenio Bergo D. Junior	Luiz Alberto do N. Boller
Carlos Roberto Martins	Luiz Augusto P de Campos
Carlos Teixeira	Marcio Mikio Miura
Celso Menezes de Souza	Marilucia Canisso Vales
Celso Pereira dos Santos	Mauro Takao Suzuki
Cely Midori Yamaguti	Miguel de Oliveira Dutra
Claudio Anselmo Caramori	Miguel Subtil de Oliveira Filho
Cyntia Adriana Gimenes Kobus	Octavio Marques
Douglas Adriano Silvestre	Patricia de Fatima P. G. Vitorino
Edilson Jose Beltramin	Paulo Cesar de Oliveira
Edmar Lopes Dantas	Paulo Eduardo Martins
Eduardo Yoshiharo Shingu	Paulo Roberto Dal Maso
Edu Bernardo Sandri	Reinaldo Massao Yasunaka
Elda Marques Evangelista	Renilda Alves Francisco
Fernando Ferreira de Oliveira	Roberto Jocelito Toniasso
Frank Toshimi Tamba	Rosani Giotti



1993	
Gelario Tukasa Ito	Rosimeire Pereira Gassi
Ivo Antonio de Mello Nogueira	Rudimar Caprini
Jefferson Marcus Ruella	Sandro Marcelo Caravina
Joao Alexandre Simioli Medeiros	Sergio Mitio Kussano
Jorge Egashira	Silvana Regina Sarri
Jose Edgard de Castro Filho	Silvio Terukazu Oshiro
Jose Edmilson Garcia De Paula	Thais Barbosa De Azambuja
Julio Savio Ximenes	
1994	
Adalberto Morceli	Eloi Panachuki
Aderbal Quequeto	Jose Marcelo Tomazini
Aderlan Fernandes de Oliveira	Leticia Yoshico Iwahata
Adriana Maria de O. Barbosa	Marcial Cano da Mota
Aldione Garcia de Oliveira	Moacir Carlos Stolte
Celia Correia Malvas	Paulo Cesar Berwanger
Celso Yoshikazu Yamaguti	Ralfo de Oliveira Lima Junior
Claudia Aparecida M. Rangel	Renato Donzelli Neto
Claudia Regina de L. Marsiglia	Ricardo Pozzi
Claudio Augusto Guerra	Rikitaro Shibata Urano
Cregio de Queiroz Venancio	Sarvin Yari

1994	
Dinara Meotti	Sonia Maria Pereira
Douglas Franco	Vania Cristina Pessin
Elias Jose Bungenstab	Wilson Granado Peres
1995	
Andre Tessari Freire	Marissol Ferreira
Andre Vieira Azambuja	Patricia Andrey Gimenes Kobus
Antonio Marcos F. da Silva	Renivaldo Aparecido dos Santos
Arlene Fernandes de Oliveira	Ricardo Dias Peruca
Augusto Cesar Maia Bordin	Ricardo Zanatta
Cristiano Fidelis Peres	Ronivaldo Teles de Menezes
Fabia Trentin	Roselia da Silva Azambuja
Helena de Oliveira Franco	Rosilene Antonio Ribeiro
Jeder Luciano Maier	Sergio Aparecido Ponce
Jose Carlos Silva Dias	Sergio Lemes de Oliveira
Luis Otmar Bello	Vilson Luis Kraemer
Marco Aurelio F. Barros	Yoshie Lidia Hirata
1996	
Antonio da Costa Junior	Luzia Haruko Hirata
Antonio Jose Meireles Flores	Marcelo Rocha Correa



1996	
Antonio Silvio Luiz de Moura	Maria Angelica M. Correia
Claudia de Souza Zanella	Mario Sergio da Silva
Claudio Lucio Linhares	Nelei Jose Kraemer
Cleber Flavio Beretta	Raquel Araujo Rodrigues
Clovis Pereira de Lima	Rejane Santos Ribeiro
Daisa Bigaton	Renato Pieretti Camara
Edgar de Souza Vasconcelos	Rene Groot
Elza Alves	Rodrigo Amorim Barbosa
Joao Gilberto de Siqueira	Sandro de Lima Constantino
Joao Rodolfo Simplicio Geraldini	Selma Nogueira
Jurandir Xavier Duque Junior	Thelma Saara Inoue
Luis Renato Peixoto Cavalheiro	
1997	
Alessandra Corbalan Gusman	Marcelo de Alcantara Silva
Andre da Silva	Marcelo Rigotti
Carlos Pancini Sanches	Mario Augusto Rodrigues Rangel
Charles de Araujo	Marisa Bento Martins Ramos
Clovis Ferreira Tolentino Junior	Monica Missio
Ediney Teixeira Furtado	Ovidio Cabecas Junior
Elismeia de Lima Borges	Paulo Henrique dos S. Soares

1997	
Elvis Martins Correia	Railson Nantes Escobar
Emerson Tiago da Maia	Renato Alves de Freitas
Emilhano Stefanello Lima	Rosania Balasso
Fabio Augusto Palermo	Sheila Cristina F. Cersosimo
Felipe Goncalves Krakhecke	Silvio Marques Rodrigues
Flavio Bataglin Neto	Stefany Rodrigo O. Santana
Francisco de Assis Teixeira	Valadares Correa dos S. Filho
Giovannia Soares Xavier	Valmor Nazario Martins
João de Deus Gomes dos S. Junior	Vania Martins Balta
Karlla Barbosa Godoy	Viumar Joenck
Lovaine Fiel de Quevedo	Viviane Queiroz Cusinato
Luiz Guilherme Reis Beretta	Waldir Ramos Rozo
Mamede Joaquim Borges	
1998	
Alessandra Mayumi Tokura	Fabio Luiz de Queiroz Xavier Da Silva
Alexandre Giordano Garib	Gianpablo Andrade de Melo
Alexandre Yoshiaki Hasegawa	Glaucia Eloiza da Silva Saravy
Alves Alexandre Alovisi	Jander Ernesto Miltos Franco
Arides Moura do Amaral Junior	Leandro Mazzochin



1998	
Claudio Massayuki Hirata	Leticia Tomaz Borges
Cornelia Cristina Nagel	Lucilene Kerches de Menezes
Daniel Antonio da Silva	Luiz Ricardo de A. Canavarros
Eba Teixeira da Silva	Marcelo Oliveira E Silva
Elaine Reis Pinheiro	Realdo Felix Cervi
Eliane Ferreira de Souza	Rodrigo Dias Campos
Eloir dos Santos Leite	Ruy Fagundes de Almeida Neto
Emerson Shirota	Vani Conti
Fabio Guimaraes de Campos	
1999	
Abel César Siqueira Ortiz	Luciene Kazue Tokura
Aguiar Lopes Pael Junior	Manoel Alcides Fracasso Junior
Alexandre Hernandez Garcia	Marcio Correia Pereira
Alziro Pozzi Neto	Marcos Antonio C. da Silva
Angela Raquel Cassol	Marcos Antonio dos Santos
Carla Janice Coelho	Marcos Roberto Pimpinati Aranda
Denis Augusto da Silva	Marcos Roberto Soares
Eliane Carlos de Oliveira	Mario Sergio Gonzales
Eulã Lia Soler Sobreira	Mauro Pedroso Pellegrin
Glaucy da Conceição Ortiz	Nilbe Carla Mapeli

1999	
Graciela Decian Zanon	Paulo Takashi Hirata
Gustavo Martinez de Oliveira	Roberto Carlos Gomes Rebussi
Haroldo Cornelis Hoogerheide	Roberto Reche Paro
Henrique de Faria Santos	Volnei Vasconcelos Vieira
Juliano Lopes	Walquíria Bigatão Ramos
Justino Sidrônio Franco Ribeiro	Willian A. Araujo de Oliveira
2000	
Alexandre Antônio S. de Souza	Jairo L. de Souza Aguilar
Alexandre Augusto F. Ferro	Jannaina Velasques da C. Pinto
Alfredo de Oliveira Cunha	Juliana Shinzato
Andréia Minuzzi	Marcelo Fabricio H. da Costa
André Luiz M. Paes de Barros	Marcos Satoru Morita
Claudia Spanhol	Ozeas da Silva Júnior
Clovis Borborema Santana Filho	Paula Rosane Uemura
Cristiane Gonçalves da Silva	Pedro Melillo Ferreira Pinto
Eliane Bomfim de Oliveira	Regyane Martyna G. S. Arendt
Eliza Kiyomi Beppu Hasegawa	Roberto Neimer Gomes
Ernane Vogt Rodrigues da Silva	Rodrigo Ferreira Leite
Fábio Cunha Fernandes	Ronaldo de Lima Flores
Fábio Rogério Uemura	Silvano Gomes Fortes



2000	
Fernando Cunha Fernandes	Stefano Ricardo Bezerra Gonela
Flávia Duarte Jorge	Tomáz Alves de Souza
Gustavo Adolfo Lugo Soto	Vitor Koschinski Junior
2001	
Ademar Santana Junior	Hellen Elaine Gomes
Adriano Takechi Sumioka	Ivonete Martins Guevara
Airton Quequeto	João Mauro Galiza Ansaldi
Alcione Nicoletti	Juliano de Andrade Pizzatto
Alex Lenzi	Junior Milhorança
André Gustavo Ajiki	Lucia Mayumi Hirata
Carmo Toledo Ferraz Junior	Luiz Antonio Gomes Cunha
Carolina Tirloni	Marcelo Gancedo
Cassiano Cremon	Marcos Antônio Ortolan
Cesar Augusto Bacin	Marcus Ryuma Fujinaka
Danilo Carvalho Brandão	Maurício Correia Viana
Eduardo Henrique N. Marques	Paulo Henrique F. Yoshihara
Eliana Caetano D. Krewer	Paulo Jacinto Batezini de Souza
Eliezer Bianchi Rocha	Raquel Griep
Elizandra Regina Defante	Renata Kerry dos Santos

2001	
Eneida Gonçalves Vasconcelos	Ricardo Facina
Eulene Francisco da Silva	Roberto Antonio Ortolan
Fabiano Nava	Rodrigo Zanoni
Fabio Oliveira Oshiro	Rogério Tiago Grando
Fabio Shunhiti Kimura	Roone Maycon G. Martins
Fernanda Moreno Martins	Rui Henrique Maroso Gessi
Florino Wielemaker	Ruth Lavandoski dos Santos
Genilson Zanini	Tatiane Almeida Sandre
Geovani Altissimo	Tiago Miguel Franco
2002	
Adriano Jose Defante	Guilherme Clementino Furtado
Alberto Pippus Junior	Jean Carlo Granville Calgaro
Alexandre Pessatto da Silva	Joana Darqui de Sousa Cassol
Alysson Ferreira Beker	João Augusto Azambuja
Anderson Rodrigo C. Gusman	Leonardo Antônio Alves
Andre Luis Faleiros Lourencao	Luciano Franque Perrupato
Angelo Arruda Minhos	Marli Berres Cavalheiro
Arsil Silva Garcez Junior	Martin Weismann
Benoit Knibbe	Michael Araujo de Oliveira



2002	
Celso Hirozo Hirata	Murilo Bonilha Botelho
Cleudivani Aparecida dos Santos	Myrian Marcia F. da Silva
Danieli Rondina Gomes	Oscar Carpes Neto
Douglas Mochi Victor	Quirino Henrique Lima Garcia
Elder Simm	Ricardo Barros
Eudiney Ferreira Bachiega	Ricardo Michelan
Fábio de Lima Constantino	Rogério Ortoncelli
Fausto Zanin	Vanderleia Spanhol
Flavia Araújo Matos	Wladimir Marcelo de Luca
Grasiella Peruchin Basso	
2003	
Alexander Bruno Pegorare	Leonardo de Assis Ferreira
Bruno Andrade Tomasini	Leonardo Rocha Moraes
Cicero Rodrigues Caramori	Luimar Gonçalves
Clariane Carvalho Maximovitch	Marco Aurelio Pereira Leal
Clinio Palombo	Marcos Alberto Martelli
Cristiana Suekane	Marcos Antonio da Silva Ferreira
Cristiano Koiti Matsubara	Mateus Alves de Freitas
Diego Bissacotti Bonilla	Mauricio Batezini de Souza

2003	
Edison Cassuci Ferreira	Maycon Marques Lima
Elvis Mitsuyassu Oba	Michelle Jimenez da Costa
Evelin Medeiros Pael	Milton Masao Hirata
Fabio Moraes Faria	Rafael Belló
Fernanda Elize Berndt	Rafael Bratti
Getulio Moreno	Regiane Alves Stefanés
Giancarlo Bassanezi	Rejane Narciso Justi
Gino Di Raimo Junior	Renato Ceruti Facco
Gustavo José Venturini	Roberta Alves
Helena Sanches da Silva	Rodrigo Carvalho Stábille
Jerusa Cariaga Alves	Rogério Ortoncelli
Junior Luciei Segato	Washington Borges Costa Junior
Katherine Chirata Tosta	Zacarias Ragagnin Osmari
2004	
Alipio Neves de Andrade	João Franco Ribeiro
Anderson Luiz Lisboa Rodrigues	José Carlos Capuano Junior
André Luiz Santana Ardel	Juliana Ferreira Simões
Antonio Carlos P. de Oliveira	Kety Regina Recalde
Benedito de Arruda Canavarros	Lilian Vargas Macedo



2004	
Cássio Toshitaka Yasunaka	Lindomar da Silva Sousa
Daniel Cesar Nepomuceno	Manuel Augusto Folgosi Ledo
Daniel Da’Maso Junior	Marcelo Augusto Fanti de Barros
Daniel Leme Di Raimo	Marcelo Bervian
Danilo Gomes Fortes	Marcelo Penzo da Silva
Elisa Feltrin	Marcos Darlan Ulrich
Elissandra Pacito Torales	Milson Evaldo Serafim
Evandro Gelain	Paulo Henrique Lima Catelan
Fabiano Deotti	Priscila Reginato
Flávio Cesar de Carvalho	Ricardo Werner Zocolaro
Francimar Perez M. da Silva	Roberto Baldo
Frederico Stoffel	Rodrigo Otavio de Lima Rodrigues
Hirslei Marcio R. dos Santos	Samuel Arendt
Jean Cácio Francisco	Silvio Eduardo Altomar
Jean Lima da Silva	Thiago Cardoso Moraes
Jeferson Vital Tomquelski	Valdomiro Antunes M. Junior
2005	
Ademar Pereira Serra	Grazieli Frotas dos Reis
Alencar Jacob Wilbert	Hugo Soares Corado

2005	
Alex Marques Salla	Igor da Silva Stefanello
Augusto Cesar Monteiro Medina	Jackeline Matos do Nascimento
Augusto Manoel A. Ribeiro Neto	João Lucio Fanti de Barros
Beatriz Morinegos	Kleberson Caparroz Moraes
Carlos Adriano Santana Gomes	Lucas Calani Seron
Cristiane de Oliveira Veronesi	Marcela Machado de Resende
Daniel Augusto Sehnem	Marcelo Cervi
Daniel Rodrigo Schneider	Marcelo Migliavacca
Diego Alex Zatti	Marcelo Zanin
Elise Helena Leite Galvão	Márcio Benites Flor
Euler Emannuel F. Bachiega	Mario Adriano Silva Moreira
Evandro Yochitaka Shirota	Miguel Ferreira Soria
Everton Tiago da Maia	Reinaldo Ioachim Huijsmans
Fábio Casanova Gerhard	Roberto Alexandre Ajul Rezende
Fábio Estevão Marchetti	Robson Santos Gutierrez
Fábio Fernando Stefanello	Suelen Alves Vianna
Felipe Bissacotti Brandão	Thiago Alexandre V. Fernandes
Geraldo de Souza Carvalho Neto	William Roberto Arnt
Giovani de Biasi	



2006	
Alexy Damiani Medeiros da Silva	Keila Cortez de Lucena
Anderson Antonio da C. Sartori	Leandro Giacobbo
Carlos Eduardo Brasil Gonder	Leandro Luiz Batistella
Cristian Carlos Felippi	Luciano Correia dos Santos
Cristiano Souza Gimenez	Luciano Wust Pedroso
Custódio da Silva Junior	Luis Antonio Torro Sequeira
Devair Dalmora	Luiz Carlos da Silva Junior
Dijovano Dal Castel	Marcelo Decian
Diogo Tirloni	Marcelo Fernandes Pinto
Eduardo Xavier do Nascimento	Marcio Antonio Maria
Evandro Marcos Zamperlini	Marcio Takeshi Murakami
Fabiano Roda Sales	Marcos Antonio Mariani
Fábio França	Marília Marcelino Duarte
Fábio Henrique Bezerra	Paulo Machado Lobo
Fernanda Faleiros Lopes	Rafael Bonifácio Sabino Doreto
Gelson Lino Braga	Rafael Cristianini
George Nelson Rodrigues Pereira	Rafaella Saturnino
Gervã Sio Cocaroli	Raquel Bonacina Vitorino
Gilmarez Leal Junior	Rodrigo Andrade de Melo
Gilson Rodrigues	Rodrigo Fernandes Nogueira
Gustavo Moreira Fernandes	Rogério Luiz Beladelli

2006	
Heitor Luiz Meurer Rinaldi	Ronaldo Ilkiu Decian
Ítalo Massambone	Simão Basso da Silva
Jandir Fabris Junior	Tamaris Sacoman Favilla
José Alex Sandro de Carvalho	Thiago Bissacotti Giuliani
Juliano Takashi Kodama	Vinícius Dutra Jorge
2007	
Ademir Freire Júnior	Juliana Medeiros Castro
Alexsandro Zandonadi Ramos	Juliano Montagna
André Stradiotto	Leandro Araujo Dotto
Arnaldo Gaspar Neto	Leandro Zanin
Artur Renan Giuliani	Lilian Aparecida Ceobaniuc Alves
Carlos Alberto C. Quaresma	Marcelo Helmich
Daiana Silva Coimbra	Márcio de Oliveira
Daniel Franco Pereira	Maurílio Rezende Silva Neto
Diogo Luiz Ranzolin	Paulo Ricardo Leite de Andrade
Diogo Martins da S. Echeverria	Rodrigo Moreno Machado
Elizangela da Silva Kubo	Rubens Sobroza
Evandro Targanski S. Pereira	Sylvana Carla V. Landivar
Everton Geraldo Chiquito	Thiago Ferreira Bertoncello
Fabiane Kazue Arai	Thiago José dos Santos



2007	
Fabiano Moré	Thiago Rodrigues Catapatti
Fábio Benedito Ono	Thiago Santin
Fernando Martins de M. Junior	Thobias Pezzoni
Flávio Tomporoski Perez	Tiago da Silva Goulart
Franciele Bortolanza Insabrald	Tiago Vincenzi Weber
Hawlyson Alves de Castro	Vera Carolina Arrabal
Huddy José Notaro Moretto	Vinicius de Vito Ros
Hugo Leonardo Sehnem	Walmes Marques Zeviani
Izidro dos Santos de Lima Junior	Walter Watanabe Filho
Jorge Augusto de F. Pavarina	Wilmer de Matos Célio
José Carlos Pezzoni Filho	
2008	
Aline de Oliveira Matoso	Leandro Cecilio Matte
Anderson A. dos S. Rodrigues	Leandro Luiz Montoro Roos
Anderson Miguel da Silva	Leandro Ramao Paim
Anderson Souza de Almeida	Lucas Pablo Beltramin
André Koakoski	Marcelo Euclésio Schwingel
Bruno Cezar Alvaro Pontim	Marcio Leizer Zaccaron
Carla Eloize Carducci	Marcos Vinnicius B. M. De Queiroz

2008	
Cedrick Brito Chaim Jardim Rosa	Marllon Ferreira Valenzuela
Cristiano Marques Fontoura	Marlon Rodrigo Bernardi
Danielly Menani Batista	Maurício Sperotto Junior
Débora Menani Heid	Maykom Ferreira Inocencio
Diego Costa Potrich	Milena Soto Maggioni
Ednel de Sena T. Rodrigues	Neriane de Souza Padilha
Eduardo Leonel Bottega	Osmar Rosa Espirito Santo
Fábio Velloso Vilela	Paulo Cezar Tertuliano
Fabricio de Moura Santos	Paulo Rogerio B. da Fonseca
Fernanda Ferreira Pedroso	Pedro Rogério Almeida Gomes
Fernando Martins de Almeida	Renato Suekane
Gleicieli Caparroz Moraes	Rodrigo Carvalho Guimarães
Guilherme William Fengler	Rômulo Franco Ueno
Jairo Luiz de Oliveira	Simone Priscila Bottega
Jose Carlos Sorgato	Tales Lima Alves
Josemar Stefanelli	Tiago Martelli
Joventino Viana dos Santos	



2009	
Adriana Marques dos Santos	Jose Assis de Lara Junior
Adriano Martins Terra Monteiro	Juliane Sales Abrão
Adriano Torraca Penzo	Kaloã Ramos Martins Vidal
Alessandra Espinola Marques	Kamila de Almeida Monaco
Aline Baptista Borelli	Kooper Couto Filho
Alisson Frantz	Lafaiete Teixeira Lopes
Ana Helaíde Amadori	Leandro Bassi Moreno
Angelo Savério Pignataro	Leonardo de Souza Damalia
Antônio Inácio de Almeida Neto	Lucas Gonçalves de M. Simões
Bruno Rodrigues L. de Paula	Luciano Amado Buainain
Camila Moreira Batista	Lucio Henrique Leite de Andrade
Carla Regina Baptista Gordin	Luiz Fernando R. de Oliveira
Carlos Henrique Christianini	Luiz Carlos de Souza Júnior
Carlos Phelippe Zocolaro Noia	Magno Fernando Storch Klamt
Caroline Leite Paes	Maickon Decian
Cassio Kodama	Marcos Paulo Piccioni
Diego Nunes Barbo	Marianne Sales Abrão
Diogo Batista	Mateus Henrique M. Nascimento
Douglas Costa Potrich	Maximiliano K. Pagliarini
Eber Augusto Ferreira do Prado	Maycon Macêdo Braga
Eduardo Beraldo Barbosa	Nicolas Alves Cornacioni

2009	
Elton Saldan	Priscila Gonzales Figueiredo
Erika Mieko Souza Kato	Rafael Cavalheiro Ranzi
Everton Pires	Rafael Mahmoud de Araujo
Everton Rossi Rigoni	Raphael Satoshi Fugisawa Ota
Fabio Busanello	Renata de Azambuja S. Miranda
Fabio de Sousa	Renato da Silveira
Fabio Kenji Ueno Gil	Renato de Quevedo Sgarbi
Fábio Minoru Kawaquita	Renato Lugo Cervantes
Fabio Yomei Tanamati	Renato Resende Botelho
Fernanda Moraes Faria	Rodrigo Cardoso França
Fernanda Peixoto da Luz	Rodrigo de Menezes Dias
Fernando Marangoni Gaspar	Rodrigo Eduardo Dib
Flávio Costa Pereira	Rodrigo Rosa Martins
Guilherme Rebouças Moraes	Rosangela Juliana Marques Rosa
Henrique Essi Brumatti	Simone Candido Ensinas
Humberto Santos de Souza	Simony Alves Mendonça
Irineu Fiori Mendes Junior	Tiago Zotti
Jerusa Rech	Vinicius Gomes Abreu
João Freitas Brandão Neto	Vinicius Pereira Stefanello
Jorge Luis Salomão	William Pimenta Richers



2010	
Allan Michel Pereira Correia	Lucas Lanner Freitas
Ana Karolina Teixeira Ferreira	Luiz Abilio Ferreira Neto
Antonio Luiz Viegas Neto	Marcos Vinícios Garbiate
Daniel Comiran Dallasta	Marcus Vinícius S. Migliorança
Diego Marin	Mariana Freire
Diego Menani Heid	Mariana Zarzur D. de Figueiredo
Fabiano Wust Pedroso	Monica Franco Nunes
Fernando Pavani G. Dias	Natasha Torro Reuter Sequeira
Islaine Caren Fonseca	Rafael Heinz
Ives Venuto Soares Silveira	Simone Wohlenberg
Jorge Henrique P. Yamakawa	Thais Cremon
Marcos André Braz Vaz	Thais Helena Pereira
Paulo Sergio Iglessias Filho	Thiago Moreira Azambuja
Thiago Silva Montanha	Walter Gargioni Adames Junior
Afonso da Silva Pesqueira	Willian Dias Araujo
Anderson Alvares Román	Willian Ricardo Choptian
Gisele Carneiro Fujii	Fernando de Sena T. Rodrigues
Guilherme Silva Michels	Gustavo Siqueira Pereira
Henrique Celestino de Oliveira	José Rubens Jefery Filho

2010	
Joil Vilhalva Silva	Luana de Fátima Ceciliano
Juliano Ferri de Oliveira	Mario Luiz Pereira Junior
Karina Laís Leite Sarath	Pedro Ojeda Freitas
Klaus Andrei Zimmer	Rodrigo Alonso Ortiz
Leandro Henrique de Sousa Mota	Rodrigo Neuhaus
Leonardo Cerutti Facco	
2011	
Adolpho Vaz de Lima Filho	Igor Murilo Bumbieris Nogueira
Alberto Enrique de O. Tulli	Ivo Benites Junior
Allan Volobueff Noriler	Juslei Figueiredo da Silva
André Trento Luciano	Larissa Barbosa Landefeldt
Antonio Luiz Neto Neto	Leandro de Castro Fonseca Melo
Bruno Zuntini	Maira Cristina Pedrotti
Derek Brito Chaim Jardim Rosa	Marciel Pereira Mendes
Eduardo Crespo Mantuani	Marie Caroline Ferreira Laborde
Elaine Costa Galdeia	Murilo Veloso Gomes
Estenio Amaro de Queiroz Blini	Rafael Afonso Scholz
Everton Kodama	Rafael Kronbauer
Fábio Salvadego	Rafael Massaru Kotsubo



2011	
Fabício Correia de Oliveira	Renan Kobayashi Leonel
Fabício Marsura de Melo	Ricardo Gancedo
Fernanda de Carvalho e Silva	Rodrigo César Sereia
Gabriel Negri Franco	Thiago Cuoco Gutierre
Geovani de Souza	Thompson da Cruz Peixoto
Gilberto Bonfanti Júnior	Vanderlei Carlos Tenorio
Guilherme Rodrigues Fabris	Wellington Borges Rodrigues
Guilherme Thomazin	Willian Vieira Gonçalves
2013	
Amanda Fortes Pereira	Laura Caroline Farell Coelho
Anderson Keiti Nasu	Leonardo Centenaro Foroni
André Carlesso	Leonardo Darbello Torres
Bruno César Mori Fujita	Luís Fernando de S. Ermenegildo
Carlos Magno de Paula Oliveira	Marcio Beukhof
Cesar Antonio Odorizzi	Marco Antonio Augusto Santos
Cesar Pedro Hartmann Filho	Marilza Silva Souza
Daniel Luan Pereira Espindola	Marina Lange Rubin
Diomar Nakamura	Matheus Andrade Martinez
Dione Aparecido M. Zeviani	Matheus Comiran Dallasta
Douglas Roman	Michele Lopes Yoshiy

2013	
Fabiane Cargnin Faccin	Natália Andressa Salles
Felipe Lopes Escobar	Noeli Ribeiro de Souza
Fernanda Pezzarico de Souza	Pedro Henrique Cerutti Bueno
Frederico Henriques Basoti	Priscila Akemi Makino
Gabrielli Nayara de A. Cavalli	Rodrigo de Almeida Marques
Gilmar Augusto Marques Junior	Rômulo Pereira Lemos
Giorgio Izidoro C. Santiago	Silvana Batista da Silva
Graziane Maria Giacon	Tatiane Martinelli
Heverton Ponce Arantes	Thamilly Goes de Lima
João Aparecido E. dos Santos	Wélliton Henrique de Oliveira
Katiúça Sueko Tanaka	Yuiti Helder Noda
2014	
André Makio Kusano	Laira Rodrigues Ferreira
André Ricardo Buoro	Luiz Fernando Alves Faganello
Arthur Kenji Mendes Maeda	Maria Isabela Vieira de Olival
Carlos Tutida Menegatti	Matheus Gambatti
Cássia Kelly Bonfada	Mauricio Pesarico de Jesus
Cássio Luiz Caetano	Meire Mayumi Tiba
Claudio David Blanck S. Junior	Natália Soares Andrade



2014	
Edi Barbosa de Souza	Paschoal C. Mitidieri P. Júnior
Fernando Henrique M. dos Santos	Paula Sarturi Pereira
Francisco Kmiecick Neto	Pedro Henrique Altomar
Gabriel André Ody	Rafael Vieira B. de Oliveira
Géssica Geize Gomes Gonçalves	Rodolfo Fujinami P. Takeshita
Guilherme Cardoso Oba	Rodrigo Suzuke
Helder Henrique Teruel	Ronan Sordi Maier
Henrique Soares de Moraes	Vanessa do Amaral Conrad
Hugo Henrique Mussury Silva	Vinícius Cestari Justiniano
Ivan Arcanjo Mechi	Vinícius Rotermel Grando
Jaqueline Clara Longo Casemiro	Vinicius Souza Patricio
João Batista N. Ferraz de Araujo	Wésley Souza Prado
2015	
Alcides Junior Gallo Moreira	Leandro Roque Jardim
Anna Luiza Farias dos Santos	Leonardo da Silva Ramos
Beatriz Barbosa da Silva	Luana do Nascimento S. Dorneles
Caio Fernando Queiroz da Silva	Lucas dos Reis Vieira
Crislayne Cintia Alves dos Reis	Mailson Vieira Jesus
Delson Salazar Freitas	Murilo Henrique Rojas dos Santos
Diego Franco	Paulo Henrique N. de Souza

2015	
Eduardo Freitas Rodrigues	Rafael Azevedo da Silva
Emanoel Sanches Martins	Rafael Santana S. F. de Oliveira
Fábio Figueiredo Del Corona	Renan Miranda Viero
Fernando Chiavoloni de Lima	Ricardo Fachinelli
Gabriel Choiti M. Takahashi	Rodrigo Keiti Arakava
Gian José Miranda	Suzana Targanski Sajovic Pereira
Gustavo Gasques Chaves	Tarik Cazeiro El Kadri
Helena Sampaio Aranha	Tatiane Sanches Jeromini
Jeferson Araujo Leal	Viviane Neves da Silva
Jefferson de Oliveira Barizon	William Leonello Estevão
Leandro dos Reis	
2016	
Afonso Vitali Granado Vieira	Juliana Pereira R. de Mattos
Anderson Capelett Weber	Kenia Teixeira de Almeida
Anderson Rodrigo V. Rodrigues	Leandro Afonso Varela
Asthus Moura Bittencourt	Lucas Borin
Aureliano Severino Neto	Lucas Martinho Lopes Francisco
Brunno Bonelli	Luís Felipe Mancino de Lima
Carine Gonzatto	Luiz Antonio Portugal Roseghini
Dalal Abu Ali	Mário Sérgio Doná Dias



2016	
Eduardo Pimenta dos Reis	Matheus Delabrio Bonato
Evandro Fortuna	Meriane Melissa Taques
Evandro Puhl de Melo	Mizael Tadeu Cassol Terra
Evelyn Yumi Naste Shirado	Murilo Soares Martins
Fernando Galant Dalastra	Rafael Fernandes Breure
Fernando Naoki Tomonaga	Rainer Scherwinski Belarindo
Franscesco N. da F. Caneppele	Renato Albuquerque da Luz
Geandro Vila Maior de Souza	Robson Ifran Vilalba
Guilherme Eduardo S. Loureiro	Simone Galvão e Silva
Italo Marcondes Roman	Tarcisio Rosado Valente
Izaías Rodrigues da Silva Junior	Thiago Claas Karst
Jéssica Aline Linné	Vitor Augusto Colato Granato
João Victor Pereira Stefanello	
2017	
Aline de Oliveira	Luiz Felipe Nasorri
Ana Paula de Oliveira Silva	Magno Cano Marques
André Christofoleti Ventura	Marcelo Luiz Schmidt Junior
Caio Rodrigo Folini	Maria Madalena A. J. de Carvalho
Carlos Eduardo Carducci Gomes	Mateus Augusto Estevão

2017	
Edilson Cardoso de O. Junior	Mateus Fuchs Leal
Edvânia Aparecida S. Cardoso	Matheus Anghinoni
Fagner Frota	Matheus Dalla Cort Pereira
Felipe Alberto Perini	Natalia Silva Gomes
Felipe Ceccon	Natanael Borges Soares
Felipe Ferreira	Natielle Medeiros Oliveira
Felipe Luis Gomes Borges	Priscila Silva Souza
Felipe Prestes Nantes	Rafaela Silva Santana
Ian Felipe Bernal de Carvalho	Ricardo Oliveira dos Santos
Isabella Souza Ribeiro	Rodrigo Vargas Macedo
Jhone Portela de Souza	Thales Henrique de Carli
José Lucas Gonçalves Greiter	Thiago Giovanny Minhos Nelvo
Karina Maraschi Pereira	Tiago Becker Erani
Leonardo Flores Azambuja	Tiago Vacaro Flores
Lincoln Gabriel Santos Vieira	Vadim Milani de Souza Carbonari
Lorraine Venâncio Gomes	Vanessa Secretti Garlet
Lucas Yoshio Nitta	Vinicius Estevão Wilkomm
Lucas Yuji Shirota	Willian Fritschi da Silva
Luiz Felipe Balbueno Leite	

Fonte: Dados obtidos das atas de colação de grau dos formandos do curso de Agronomia, fornecidas pela Secretaria Acadêmica da UFGD.

Organizado por: Edgard Jardim Rosa Junior.

